

A INQUIETUDE QUE ME BALANÇA

RUPDÁ



SÉRIE DEMÔNIOS REAIS - VOLUME 3

ELIE ANJO





Rudá

DEMÔNIOS REAIS

INQUIETUDE QUE ME BALANÇA

LIVRO TRÊS

Copyright © 2020 Elie Anjo

Capa: **Cenna Nunes**

Diagramação: **Islay Rodrigues**

Revisão: **Carolina dos Santos**

Todos os direitos reservados. Este e—book ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do e—book.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/ 98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

RUDÁ — Livro 3

Demônios Reais

Elie Anjo

1ª edição — 2020

Todos os direitos reservados.



PRÓLOGO

Elie anjo - Demônios reais

Anos antes...

No século XIX, o piano estava em alta, me lembro dessa época em que decidi aprender a tocar piano, tive a oportunidade de contemplar vários virtuosos utilizando suas técnicas formidáveis e que valia a pena cada segundo que passava ouvindo suas notas mais que perfeitas, com certeza se *Franz Liszt* estivesse vivo não aprovaria sua obra sendo interpretada por tamanho desleixo e falta de técnica de um pianista barato, embora os demais clientes estejam adorando, eu não vejo a hora dele parar de me atormentar com seus dedos perturbadores.

Podem ter passado muitos anos desde que vi *Franz Liszt* tocar *Rapsódia Húngara n° 2*, entretanto, me lembro perfeitamente da sua habilidade e é vergonhoso ter que ouvir esse humano estragar algo tão belo.

Pressiono minhas têmporas massageando-as vagarosamente tentando

amenizar os sintomas da minha irritabilidade.

— Você está bem, Rudá?

— Não — respondo para minha engenheira.

Paola é uma das veteranas da equipe de engenheiros do meu projeto, decidimos jantar depois de passar algumas horas em reunião, mas me arrependi dessa decisão, já que é impossível aproveitar uma refeição com esse barulho me atormentando.

O som cessa e o ambiente é tomado por aplausos e finalmente consigo me apoiar na cadeira, pois estava abatido há mais de oito minutos.

— Não gostou da comida?

— Certamente estaria boa, se o fundo musical fosse melhor.

Paola Caroline de Nóbrega mastiga devagar me analisando com seus olhos castanhos escuros, pode ser considerada uma mulher atraente, seus cabelos têm finos cachos soltos na altura dos ombros, eu nunca a vi sem estar vestida com elegância, geralmente sempre de terninho. Paola foi criada por um pai militar e tem hábitos bastantes rígidos que particularmente nela, isso fica bastante atraente.

— Você não se conforma em apenas comer Rudá.

Pego minha taça de vinho que ainda nem provei, sinto o cheiro dele antes mesmo de direcionar a minha boca e depois que bebo, deduzo que o teor alcoólico deve ser um pouco mais de 8%.

— Não pretendo voltar nesse restaurante, mal consegui comer. Mas mudando de assunto você acha que até o final deste mês meu projeto ficará pronto?

— Estamos a todo vapor.

Paola corta seu bife e eu a observo, gosto muito de carnes, pode ser crua, cozida, assada... não sou exigente quando o assunto é carne.

— Vou confiar isso a você, já fiz o que pude, agora vou me ausentar desse projeto para me dedicar mais a minha vida pessoal.

Vejo um misto de curiosidade e surpresa isso com um sorriso no canto da sua boca.

— Você nunca fala da sua vida pessoal. Não deve ter tantos problemas

assim...

Sei que ela está querendo colher alguma coisa, mas antes de me levantar apenas digo:

— Inúmeros e me perseguem durante séculos. Acredite.

— Já vai?

— Tenho que resolver um assunto. Até breve Paola.

Me despeço com um olhar, não soa nada cavalheiro abandoná-la no meio da refeição, mas realmente preciso ir.

Minha *Mercedes-Benz* que está comigo desde 1966 é bem conservada, pois malmente a uso. Posso dizer que coleciono coisas que ninguém mais possui e meus tesouros são muito cobiçados, porém jamais me livro deles.

Atualmente moro em uma cobertura em Chicago, mas antes de voltar para meu recanto passo em uma floricultura para comprar algumas flores.

Vejamos...

O que será decente para uma jovem moça que completa seus dezoito anos?

Com certeza, ninguém nunca lhe deu flores e não quero passar a imagem que estou cortejando-a, só quero presentear-lá.

Melhor desistir da ideia...

Mas será muito vergonhoso aparecer por lá sem nada...

Compro rosas mesmo passando imagem de romantismo. Jogo as flores no outro banco do carro e dirijo até a cobertura.

As luzes da cidade iluminam toda a minha sala, passo por ela indo até meu quarto, coloco as flores na cama com cuidado.

Tomo o banho e visto-me, leva alguns minutos para escolher minha roupa ideal. Um terno feito sob medida e para finalizar uso um sobretudo.

Espero que ainda dê tempo, mas no convite estava escrito que seria, a partir das 22:00 horas e isso é ótimo. Nunca chego atrasado. Detesto atraso.

Zapo do meu quarto até a pequena cidade de Santa Maria, na zona rural cercada por pastos e fazendas onde minha fêmea vive com seu pai desde que dei a fazenda para ele administrar, em troca pedi para que cuidasse de

Dandara.

E gasto uma fortuna na sua educação e tem que ser excelente, desde os quinze anos ela estuda em um colégio interno, devo admitir que me sinto extremamente ansioso para ver o resultado.

Piso no chão cercado de grama e sou surpreendido com o fedor de fezes de animais, encaro meus pés me dando conta que meus sapatos estão enterrados em um monte de fezes e pelo cheiro, fezes bovinas... Meu Oric... Que infortúnio, enojado saio de cima do monte de bosta e arrasto o pé na grama verde limpando a parte mais grossa das fezes.

Espero que os anos com excelentes ensinamentos tenham moldado a fêmea dos meus sonhos, pois tenho tantos planos para nós dois, se estou aqui hoje é porque já tinha planejado encontrá-la quando completasse a maior idade.

A minha futura rainha, a única fêmea capaz de arrebatrar meu coração, a quem darei de tudo, terá tudo. O mundo aos seus pés. Minha preciosa.

Eu nunca estive empolgado por alguma coisa, desejo conhecê-la mais profundamente, quero saber quem ela escuta mais *Frédéric Chopin* ou *Franz Liszt*, *Ludwig van Beethoven*...

Se ela aprecia uma boa valsa ou algo mais envolvente como o Tango, ou qualquer dança de salão que não seja apenas esfregar um corpo no outro, mas que tenha sintonia e não coisas esquisitas desse século, como usar a traseira para chamar atenção. Nunca me atraiu e não vejo sensualidade nesses ritmos.

Saio de perto dos odores rurais usando minha visão noturna para não bater em alguma coisa, não é lá muitas coisas, porém enxergo seis vezes melhor que os humanos.

Os bois e vacas começam a fazer barulho para mim. Interessante eles identificarem um predador...

Enfio a mão no bolso e consigo ouvir o barulho de dentro da casa, jovens barulhentos e sinceramente estava esperando algo mais reservado, como um jantar, afinal de contas combinei com o pai dela que hoje ela saberia que é minha destinada. Até ela se acostumar com a ideia, então passarei a cortejá-la.

Passo por perto de um celeiro e capturo os barulhos de vozes vindo de dentro dele e pelo que ouço as coisas estão picantes, e sinto algo estranho me incomodar o que me motiva a dar passos apressados para o celeiro.

Não sou enxerido. Isso passa longe de mim...

Mas essa voz...

A porta está um pouco aberta e tudo o que faço é abri-la. Leva segundo para processar a cena, dois jovens se atracando entre o feno como dois animais, ao me notar, se levantam, e ver o órgão genital do garoto apontando para mim, isso me faz querer vomitar.

E é o que faço. Deprimente. Humilhante. Porém tenho um lado possessivo difícil de controlar não gosto que toquem em minhas coisas, simplesmente detesto que toquem no que é meu!

— Quem é esse velho? — pergunta o rapaz.

Eu vou estripar esse moleque por ter tocado em algo que não devia. Dandara abaixa o vestido, ela usa uma bota até os joelhos.

Jamais me esquecerei dessa cena.

— É o amigo do papai. O senhor está bem?

Levo a mão ao peito e deixo as rosas caírem. Essa garota é corrompida pelos hábitos dessa geração de depravados!

Aponto o dedo para o rapaz:

— Como ousa seu moleque!

— Dandara corre — diz o moleque cuja voz nem engrossou.

Não adianta tentar correr, ela vai aprender da pior maneira possível, ergo o corpo do garoto do chão e espremo seu pescoço sem precisar usar as mãos.

Dandara avança em cima de mim com uma pá, porém a jogo sobre o feno onde há poucos minutos estava se entregando para esse humano.

— Solta ele velhote!

Onde está a educação dessa garota?

Dandara começa a berrar já que não consegue se mover. Preciso olhar na cara desse garoto antes de matá-lo, mas ao me aproximar constato algo

que me abala completamente. Conheço esses olhos, fui apaixonado pelo olhar da mãe dele por muito tempo.

— Você é filho da Dora. — O deixo cair ao chão, ele estava se sufocando. — Não vou matá-lo em consideração a ela, mas... — Aproximo dele e fixo meu olhar no seu, ele está completamente amedrontado. Não quero ver as lembranças desse moleque com certeza irão me traumatizar, mas faço o que tem que ser feito. Blefo: — Não se lembrará de nada do que aconteceu, você nunca teve qualquer atração por essa garota. Você me entendeu?

— O que você fez com ele? O que você fez com o Ted?

— Infelizmente ele vai ficar bem...

Ele desmaia no feno, pego Dandara pelo braço e a arrasto comigo embora esteja se debatendo e gritando quase seminua, pois está sem calcinha e sutiã, ficaram jogados no feno e isso serei incapaz de esquecer.

Ela não consegue me deter, abro a porta da mansão que dei para o pai dela e a jogo ao centro sob o olhar de todos os convidados.

— Onde você está Agenor? — Os outros jovens passam a gritar. — A festa acabou, saiam.

Saem correndo, apenas arrasto uma poltrona até o centro da sala bagunçada e me sento nela.

— Seu louco!

Dandara insiste em me ofender não sabendo ela que a maior ofensa já cometeu no minuto em que estava se entregando para aquele moleque.

— Eu sei que está atrás do sofá Agenor... — Continuo olhando fixo para a garota que acaba de se levantar do chão, arrasto uma outra poltrona usando a telecinese e depois mais outra deixando juntas na minha frente. — Vamos. Não seja covarde teremos uma reunião em família.

Agenor é tão patético ao se levantar detrás do sofá e sentando na poltrona, cruzo as mãos no meu colo e encaro os dois.

— Sente-se Dandara — Agenor pede, tremendo, há uma pança que deixa claro que usufrui muito bem de tudo que lhe enviava. — Eu sinto muito se as coisas não saíram do jeito que o senhor pediu...

— Ah, não saiu? — Dandara permanece em pé, esta é a primeira vez que de fato reparo na sua aparência e devo estar fazendo uma cara de desprezo, pois minhas expectativas foram reduzidas a nada, não há possibilidade dessa garota se tornar tudo aquilo que eu sempre quis. — Sente-se.

Não me obedece. Ainda tem audácia de me menosprezar.

— Deixei a garota sobre seus cuidados, pedi uma dama. Não... — Balbucio e antes de voltar a encará-la. — Uma leviana!

— Papai o senhor vai deixá-lo falar assim? — Dandara cruza os braços, ela está mais encorpada, os cabelos mais castanhos e pele bronzeada, seus olhos amendoados brilham em rebeldia. — Velhote mal-amado e psicopata! Papai o senhor por acaso me vendeu para um demônio? Ele nem é humano papai!

— Claro que não! Ele só pediu permissão para cortejá-la quando estivesse maior de idade.

— De que século ele é? Tenho que voltar para procurar o Ted. — Ela parece atordoada, talvez pelo fato de ter visto o corpo do garoto flutuar do chão. — Se você machucou Ted, vou cravar uma bala na sua testa.

Está sentada de pernas abertas, nenhum homem por mais chucro e sem classe que seja senta-se dessa maneira. Não há elegância em nenhum dos seus gestos.

Massageio minhas têmporas tentando manter a calma... Minha perna permanece cruzada em cima da outra. Não posso deixar isso passar sem lhe aplicar um castigo. Vingança. Ela precisa sentir na pele as consequências dos seus atos.

— Continue sentada.

— Meu senhor perdoe os modos dela.

— Isso é culpa sua! Tínhamos um trato o que aconteceu com o colégio interno?

— Ela não quis ir...

Meu tom permanece baixo, difícil levantar o tom da minha voz, hoje extrapolei o limite de perda de controle e antes que as coisas piores determino:

— Quero vocês fora dessa fazenda hoje, agora.

— Mas não temos para onde ir... Por favor, Dandara vai se comportar... Peça desculpas ao senhor Chandler.

— Mas desculpas por que papai? Por estar transando com meu namorado?

Essa garota é o oposto de tudo o que quero, se ela estivesse sido criada em um colégio interno pelo menos teria tido outra educação, paguei professores de etiqueta tentei transformá-la, mas não se pode enfeitar uma maçã podre, de poder pode, mas o resultado é esse.

Dandara é a minha maior decepção, pois desde que vi uma garotinha pobre e sendo levada por aí pelos pais, achei que conseguiria controlá-los com meu dinheiro.

— Eu só pedi uma coisa. Uma coisa. Que você permanecesse intocável!

— Meu deus! Intocável ou não, jamais ficaria com você velhote tem mais que o dobro da minha idade!

— Fora. Quero vocês dois fora da minha propriedade! A partir de agora não terá minha ajuda para nada. Não levará nada dessa casa. Nem as suas dignidades.

Levanto-me e ajeito a lapela do terno, a garota fica pálida como papel e aposto que está pondo na balança tudo o que ela perdeu por uma decisão estúpida de se entregar para qualquer um.

Teria a vida de rainha agora não terá absolutamente nada jamais vou aceitá-la depois do que ela fez, estragou todos os meus preciosos planos que venho arquitetando durante anos.

E para quê?

Para ser humilhado desse jeito, ludibriado e deixado para trás.

— Papai eu não estou me sentindo bem.

Ela segura sua barriga, o vestido que veste está cheio de evidências do seu crime.

— O que você tem querida?

Reviro os olhos diante da cena lamentável.

— Eu vou dá um minuto para saírem daqui...

— Meu bebê. Papai, por favor, estou grávida do Ted.

— Desde quando Dandara? Dandara você quer matar esse pobre velho?

— Algumas semanas. Papai eu estou perdendo meu bebê.

Ela se contorce e caí em prantos na minha frente.

Fui pego desprevenido pela notícia, ela realmente está com sintomas sôfregos, curvo meus lábios em um sorriso vitorioso, me divertindo da situação digo:

— Como ato de generosidade vou levá-la ao hospital.

Se ela pensa que está grávida é porque esta noite não foi a primeira vez deles.

Chamo uma ambulância e armo todo o cenário dramático. Não me sinto comovido com a situação dela.

Ela desmaiou e peço para deixarem a garota desacordada enquanto converso com o médico que a atendeu.

O mesmo médico que dá a notícia falsa que ela perdeu a criança.

Não há bebê, nossas fêmeas são estéreis para qualquer outro macho, essa garota desenvolveu sintomas de uma gravidez psicológica.

Mas isso ela nunca vai saber, pois que conviva com a culpa! Conviva com a perda de algo que ela nunca teve. Tudo não passou de uma ilusão, mas que irônico muito se assemelha comigo.



CAPÍTULO UM

Elie anjo - Demônios reais

Ligo o liquidificador e deixo batendo o abacate com iogurte natural, ao fundo toca Mozart sonata para piano 16, giro o botão do liquidificador e depois de acrescentar os demais ingredientes um pouco de mel, e leite deixo batendo mais um pouco, depois de pronto derramo tudo em uma tigela e para finalizar acrescento granola com castanhas.

Ainda estou com o meu roupão de banho, quando acordo me exercito na academia que fica na parte superior da mansão, ou passo pelo menos meia hora nadando na piscina.

Uma vez na semana uma equipe cuida da limpeza da mansão e minhas roupas são enviadas para a lavanderia. Sigo para meu escritório com a tigela nas mãos, acho que agora que minhas tarefas pessoais foram reduzidas posso passar mais tempo em casa, talvez devesse contratar uma empregada permanente...

Não é uma boa ideia já que esta mansão recebe visita de criaturas

frequentemente, o chão está polido e tudo em seu devido lugar, isso é o resultado de não ter mais ninguém por perto.

O teto tem uma moldura de madeira feita no século XX, puxo minha poltrona de couro com rodinhas macias para não arranhar o piso, e coloco minha tigela em cima da mesa de vidro onde fica o meu controle da TV, computador portátil, celular e controle da climatização do escritório.

Todos os dias o coloco na mesma ordem.

Caminho até minha mini adega de escritório, já que a mansão, logo abaixo no porão há um dos meus tesouros — vinhos de várias épocas diferentes em uma adega de última geração.

Embora a cozinha também tenha uma adega que abasteço quando faço algum evento especial na mansão e sem sombras de dúvidas que encomendo mais vinhos. Não tão raros assim. Não sou avarento, mas meus tesouros não foram feitos para serem consumidos de um dia para o outro. Preciso poupá-los. Seria uma tolice esbanjar toda aquela preciosidade para demonstrar algum tipo de ostentação.

Pego uma taça e volto para a mesa e antes de ligar a TV, despejo o vinho sentindo seu aroma de fruta madura e lá no fundo sinto cheiro da amora, passo a taça próximo ao meu nariz me saudando com um bom dia.

E nada como começar o dia degustando um *Norton*, da reserva de *Cabernet Sauvignon* de 2009 não é tão velho assim. Velho sou eu. Meu paladar ao longo dos séculos já degustou diversas iguarias. Provo o vinho sentindo o leve defumado, ligo a TV e do outro lado Paola está atrás do balcão na sua cozinha preparando seu café da manhã.

— Bom dia. — Ela é a primeira dizer do outro lado da tela.

— Bom dia Paola.

Pego o controle para mover a persiana e deixar a luz do sol entrar, no centro do escritório há um espaço vazio, clico em mais um botão do controle e o chão se abre dividindo-se em dois e aos poucos uma mesa onde fica a minha maquete começa a se elevar.

— Você não cansa de comer abacate batido?

— É o que leva menos tempo para ser feito. — Provo o meu abacate batido, me deliciando da crocância da castanha. Reparei que hoje Paola está

vestida com sua roupa para pratica de Yoga. — Como estão as contratações das firmas?

— Pensei que tinha deixado as coisas para eu resolver, que iria continuar recluso na mansão. — Ela me encara com um olhar perspicaz.

— É, não está sendo fácil para mim...

— Confiar em mim?

— Não. Eu confio em você. Não está sendo fácil não me envolver com o projeto, foram muitos anos planejando isso. — Enfatizo o, muitos, pois para ela sou apenas um herdeiro excêntrico, quando na verdade o único a construir esse império fui eu ao longo de décadas. — E como estão os investidores?

— As pessoas mais reservadas do mundo? Estão me enchendo o saco como você.

Não é fácil conduzir um projeto sendo ela uma humana sem saber que os investidores e únicos beneficiários nem são humanos. Me levanto da poltrona passando o olhar pela maquete que toma todo o centro do meu escritório.

— Para Rudá. Tenho medo toda vez que você fica parado olhando essa maquete, já se passaram dez anos e você ainda não aprovou...

— Aprovei.

Encaro para a tela da TV e vejo Paola revirar os olhos.

— Até você decidir que o hospital não tem que ser um hospital, mas uma simples clínica perto das escolas para crianças e uma maternidade de ponta. Vocês não vão ficar doentes? Se preocupam com o nascimento, mas não com a saúde delas... — Uma pergunta entre inúmeras que ela faz, minhas respostas continuam sendo vagas. — Oito anos trabalhando para o projeto Valhala e me pergunto quem vai querer morar em um lugar que não vai haver hospital.

Estreito os olhos e foco no ambiente principal, na rua do centro e em suas casas embora a maiorias das residências sejam luxuosas e planejadas de acordo com o gosto de cada demônio envolvido.

Os mais pobres vão ter que se contentar com algo mais simples e padronizado, porém confortáveis.

Não posso fazer nada se muitos não tiveram o controle ao longo dos anos.

Se não fosse por mim meus irmãos caçulas estariam entre eles, pois nunca se preocuparam em poupar. Bom, exceto o Jandir que sempre optou por um estilo de vida mais simples.

— Rudá! — exclama Paola. — Afs, são essas horas que começa a me ignorar para namorar Valhala.

— Desculpe, não foi minha intenção. — Aperto o dispositivo na mesa e vagarosamente ela volta para o seu lugar, abaixo do chão e em questão de segundos tudo é coberto novamente pelo piso de mogno. — Você será minha companhia na reunião trimensal dos investidores, certo?

— Sim...Já preparei minha máscara.

Desde que ela se tornou meu braço direito no projeto, Paola me acompanha nos eventos, foram muitos anos e mantemos um relacionamento profissional. Mas ela é uma mulher madura e atraente, nos envolvemos em algumas viagens de negócios. Coisa de algumas noites apenas para nos proporcionar prazer.

Infelizmente não tenho o luxo de ter uma secretária. Seria difícil esconder dela muitas coisas que os humanos não podem saber.

Encerro a chamada de vídeo com Paola e vou lavar a louça, a música clássica ainda toca, a casa tem som ambiente fiz muitas mudanças desde que peguei de volta do Agenor.

É, eu tento, mas é difícil esquecer que fui enganado por aqueles dois.

Volto ao meu escritório e sinto um olhar sapeca em mim. Gael agora com dez anos aprendeu a zapar por aí.

— Eu sei que está aqui Gael.

— Aqui aonde?

— Atrás do divã.

Ele é determinado, pois de várias maneiras hábeis tenta esconder sua presença de mim.

— O senhor é bom tio.

Sai detrás do divã e senta-se nele.

— Avisou sua mãe que veio me visitar?

— A essas horas ela deve estar sabendo, deixei um bilhete em cima do travesseiro.

Ele ainda usa seu pijama.

— Quer ler?

A criança se diverte lendo meus livros e muito me admira sua inteligência em interpretar determinados textos.

— O que o senhor me indica?

A última vez me fez conversar com a Grace sobre as escolhas dos livros infantis, ele simplesmente detesta.

Sorrio de maneira singela para o garotinho loiro passando a mão em sua cabeça.

— Venha comigo.

Zapo com ele para minha biblioteca e sou seguido por ele pelos corredores com altas prateleiras, tivemos certo trabalho na hora de transportar meus antigos móveis para cá, já que quando doei esta mansão para o pai da Dandara levei tudo comigo.

Todas estas terras e aquele homem foi incapaz de construir algo produtivo.

— Que tal Dom Quixote?

— Não me lembro de ter lido esse.

— Porque não leu. E tenha cuidado com ele, me devolva sem danos algum.

Ergo a mão para a prateleira e o livro voa em direção ao garoto.

— Bom — ele anui encarando o livro — sabe tio, eu li que os tigres têm uma marca na testa que é parecido com um caractere chinês para a palavra "Rei."

Finjo não saber e digo:

— Achei interessante.

Isso vai motivá-lo a pesquisar mais coisas para me contar depois, infelizmente Raony se sente entediado quando ele começa a falar sobre esses

assuntos.

Eu não me importo de ouvi-lo falar. E Raony simplesmente detesta que eu e seu único filho tenhamos algo em comum.

— Então o senhor é um rei?

Desta vez faço o caminho de volta sendo seguido por ele.

— Ainda não. Quer tomar café?

— Não gosto de abacate.

— Tem razão que tal zapar para a casa do seu tio Jandir agora e ler seu livro, se deliciando do café especial que ele fez? — Sugiro em um tom lacônico.

— Sim, pode ser. Obrigado tio, até breve.

Ele desaparece com um sorriso de satisfação em seu rostinho. Suspiro e me planejo para voltar para o escritório. Paola que me perdoe, mas acho que ainda falta algo naquela maquete preciso verificar isso o quanto antes.

Depois de mais de uma hora analisando o projeto me pergunto a quem quero enganar, me sinto entediado, piores férias de todas.

Quando todas as faixas terminam eu saio da mansão e vou para a piscina me sento em uma espreguiçadeira.

Decidi não ter mais notícias de Dandara, tinha muita coisa para dar prioridades e um dia fiz dela minha prioridade, pensei em dar conforto e um futuro melhor, ela não soube aproveitar nada que lhe ofereci.

Sei que ainda está viva, embora ela não faça ideia garanti que ela continuasse sob o meu auxílio.

A última notícia que tive dela é que estava em uma viagem de férias logo após concluir a faculdade.

Acesso o tablet verificando os últimos e-mails enviados por um detetive barato, isso foi há quatro meses atrás, várias fotos tiradas em boates, hotéis... Acompanhada de alguma amiga e do seu último namorado, em todas ela parece feliz e aproveitando sua vida.

E toda vez que ela trocava de namorado, mais desprezo e raiva sentia por ela, por isso decidi parar de ter informações sobre ela.

Meu objetivo é concluir o projeto Valhala, enquanto ela envelhece e

quando enfim ela morrer, será minha vez.

Já decidi que será assim.

Suspiro e observo o sol, mais adiante os picos das montanhas com nuvens bastante escuras. Vai chover e não é pouco.

Acordo com o som da campainha e da chuva caindo forte lá fora, Zapo do meu quarto até o hall de entrada, e mesmo antes de abrir a porta sinto o cheiro floral que me persegue as noites e infelizmente não é em meus sonhos, mas em meus piores pesadelos.

A chuva deve ter ocultado seu cheiro.

Abro a porta e diante de mim não há mais uma garota, mas uma mulher com curvas avantajadas e cabelos abaixo dos ombros, desço o olhar até suas coxas grossas em uma calça jeans.

Dandara está na minha frente, sustenta seu olhar no meu com determinação e neste momento não passo de um enjaulado em sua beleza graciosa, frustrado e surpreso.

Não há vestígio de desconforto nela por estar diante de mim depois de tudo o que ela fez, do seu crime irreparável. O que ela quer? Perdão? Dinheiro? Ou os dois...

— Dandara.

Ela ainda não fala nada, parece estar calculando o que dizer. Eu caí no sono e nem senti essa garota entrar em minha propriedade.

Antes fui consumido pela raiva e sentimento de vingança, ela era meu veneno.

— O que faz aqui?

Ela já é uma mulher com todos os traços de maturidade, mesmo não tocando é perceptível como sua pele é bem cuidada, não usa maquiagem, há algumas sardas marrons cobrindo suas bochechas.

As gotas de chuvas molham todo seu corpo, seus cabelos estão escorrendo... E a visão da blusa encharcada está me incomodando bastante, ela deve sentir frio.

Eu não entendo porque meu coração bate forte.

— Eu perdi tudo... Na verdade abri mão de tudo para estar aqui —

pressiona os lábios. Seus cabelos castanhos caramelos estão em um tom mais escuro por estar encharcado. — Aqui é o único lugar que quero ficar, por favor, me deixe ficar aqui.

Sou pego desprevenido pelo seu pedido.

O que aconteceu?

Ela realmente parece desesperada. Infelizmente ao contrário do que os meus irmãos pensam eu não leio mentes, às vezes quando quero, consigo ler as pessoas. Mas não sei ler Dandara, não sei o que se passa nessa mente imprevisível.

— Alguém está lhe perseguindo? Alguém a obrigou a vir me procurar? — E o suspeito número um na lista é o meu pai. — Me diz Dandara.

Continuo a analisar seu rosto bonito. Quando ela estava na faculdade fez algumas fotos para uma revista de moda *Plus Size*, simplesmente maravilhosa, guardei todas aquelas imagens para me torturar, acho que ela deixa explícito tudo o que nunca vou ter.

— Não. Estou aqui porque quero. Então, vai me deixar entrar ou não?

— E você me dá escolha? Pelo menos até descobrir o que está acontecendo. Entre, saia da chuva.

Ela passa por mim arrastando suas malas até o hall, persigo sua fragrância. Percebo os dedos pressionados com força nas suas malas de rodinhas que deixam um rastro de lama no meu chão polido.

— Pode me acompanhar, por favor. — Limpo a garganta. Eu não faço ideia do que a motivou a voltar depois de tanto tempo, mas vou descobrir. — Eu não quero você aqui e você sabe disso.

— Eu sei...

— Você sabe que o que fez foi grave... — Não deixei que soubessem da sua existência, mas meu pai já deve ter descoberto. Não serei respeitado se não consigo pôr limites em minha própria fêmea. Mas o que posso fazer? Amordaçá-la e obrigar a ficar comigo? — Eu jamais a perderei.

Ela anda calmamente até o centro da sala.

— Não vim aqui por isso. Quero um abrigo não um casamento arranjado. E não cometi crime algum.

Sinal de que não há remorsos e se ela voltou é por qualquer outro motivo que não seja eu.

E eu ouvi a palavra abrigo. Abrigo? O que está acontecendo?

Agora que ela fica de costas posso ver o quanto sua calça é apertada desenhando com perfeição a sua bunda volumosa. Desvio o olhar e contínuo:

— E por que acha que vou lhe dá abrigo?

— Me deve isso.

— Poupe-me. Vai me dizer o que está acontecendo ou vai acabar com o meu tédio diário e me fazer investigar minuciosamente sua vida.

— Você não pode simplesmente ajudar uma mulher fodida? — Odeio linguajar chulo. Cruza os braços e me encara, vejo em seu olhar a mesma rebeldia de dez anos atrás. — Será por pouco tempo.

— Certo, deixo você ficar aqui com uma condição.

Eu não terei outra chance de ter a Dandara perto de mim, esta pode ser minha única chance para conquistá-la.

— Qual?

— Case-se comigo.

Ela ri, gosto da forma como seus lábios são desenhados. Delicados. E suas bochechas ganham duas covinhas.

— Você é louco mesmo.

— Ou me dê a chance que você não me deu há dez anos atrás para conquistá-la...

— Eu tenho um namorado.

— Então é melhor pedir ajuda a ele.

Franzo o cenho, esta garota não vai me envolver em nenhum joguinho, não vou deixar que ela me torture.

— Ele não pode... por favor, qualquer outra coisa que não envolva relacionamentos. Você me deve isso.

— Devo?

Repito suspendendo a sobrancelha levemente.

— Você sabe o que você fez!

Seu tom se torna acusatório, e me encara cheia de convicções.

— Preciosa, você pulou alguma parte da história.

— O meu bebê. — O bebê que nunca existiu, tenho certeza que ela não descobriu nada sobre isso me certifiquei que ela nunca soubesse. — Por culpa sua eu perdi aquela criança senhor Chandler.

Mas o certo seria: Por culpa minha ela se apegou a ideia que estava grávida.

— Isso não é culpa minha.

Nesse momento percebo seu abalo, ela fica triste na minha frente eu disse que ela é imprevisível, porém exala sinceridade em suas expressões.

— Eu não entendo porque fez aquilo, mas não vim aqui para ouvir suas explicações ou pedido de desculpas. Só preciso ficar aqui, posso ajudar com a fazenda.

— Não preciso da sua ajuda para nada.

Nem pode me oferecer migalhas da sua atenção, mas não posso deixá-la simplesmente ir sem saber o que está acontecendo, tenho que manter Dandara segura até porque ainda tenho meus planos e não posso morrer agora.

— Um mês.

Determino, ela suspira aliviada e não vou descansar até descobrir o que a motivou se rastejar até mim, pois esse tempo todo fez questão de passar na minha cara o quanto não se importa comigo.

— Obrigada. Posso deixar as coisas no meu antigo quarto?

Encaro suas malas com um sorriso no canto da boca, subo o olhar até ela e dou a notícia:

— Mas que quarto querida? Pode passar a noite em qualquer quarto de hóspedes, mas amanhã o celeiro te espera. Como parte da minha generosidade vou deixar que leve a mobília do seu antigo quarto para ele.

Está tudo lá, suas roupas, seus pertences, seu cheiro... Aquele quarto assombrado vive trancado. Estou sendo consumido pelo meu lado vingativo. Mas ela mesmo que disse qualquer coisa? Portanto, qualquer coisa. Da próxima vez saiba escolher suas palavras e saiba fazer suas escolhas.



CAPÍTULO DOIS

Ele anjo - Demônios reais

Acordo bem cedo e arrasto minhas malas para fora da mansão, não pude dormir no meu antigo quarto, mas devia imaginar que não seria fácil, que aquele homem é algum tipo de louco só pelo estilo de vida que leva, não é de se admirar. Está feito. Estou aqui, engoli todo o meu orgulho e voltei para o meu antigo lar.

Mesmo que papai tenha sido negligente nos cuidados da fazenda, não merecia aquilo.

Se não fosse pela minha tia Betina, irmã da minha falecida mãe, as coisas seriam bem piores. Ainda assim foi humilhante. Sair daqui sem um centavo no bolso e apenas com a roupa do corpo.

Não pude me despedir dos meus amigos quando saí do hospital, bati na porta do Ted e ele nem sabia quem eu era.

Ele sabia que eu estava grávida, das minhas suspeitas e tudo mais, tive a confirmação quando tudo aquilo aconteceu. Minha menstruação estava atrasada, enjoo, cansaço eu listei todos os sintomas, mas não tinha feito o teste ainda.

Entretanto, perdi nosso filho e ele simplesmente não estava lá comigo porque aquele homem apagou tudo. Nossas preciosas memórias.

Eu e ele éramos almas gêmeas do tipo que ele sabia tudo sobre mim, amigos inseparáveis e o conhecia desde que me mudei para a fazenda e estudava na cidade, tinha a mãe dele como segunda mãe já que perdi a minha um pouco antes do papai aceitar o acordo com o Demônio. Enfim, amava a Dora.

E voltar para esta fazenda me faz lembrar de tudo. Um turbilhão de memórias. Dez anos, dez anos e aquela noite em que perdi tudo ainda me persegue e lembro com clareza. Incluindo o detalhe que senhor Chandler não é humano.

Chego ao celeiro trancado, as portas estão presas por grossas correntes, o celeiro é a única coisa que restou da antiga fazenda, além da mansão que na

época em que morava aqui não era tão luxuosa assim.

Ele reformou tudo, demoliu todas as minhas lembranças, meus animais. Tudo foi substituído por um campo de golfe que se estende até uma linha em que meus olhos não conseguem mais alcançar.

Encaro novamente a porta do celeiro trancada com alguns arranhões inusitados. Parecem garras...

Sopro o meu hálito fresco tudo o que deu tempo de fazer foi tomar banho, escovar os dentes e mudar as roupas. Lili me ligou várias vezes durante a noite, mas não quero discutir mais sobre a minha decisão...tão pouco ouvir sobre Gregório meu ex-namorado que terminei algumas semanas antes de vir para cá.

Namorei, namorei, aproveitei minha vida e não me arrependo, simplesmente tenho raiva desse homem por ter tirado o meu primeiro amor de mim.

Acho que ele já entendeu que não o quero.

Ainda teve a cara de pau de falar em casamento, tive que mentir e dizer que ainda estou namorando. Poderia simplesmente dizer não, mas gosto da ideia do senhor Chandler pensar que estou com qualquer outra pessoa que não seja ele.

Como ele demora para acordar, eu acho que ele está dormindo. Deixo as malas frente ao celeiro e decido dar uma caminhada pela fazenda, o sol começa a se elevar sobre os morros, o lugar está todo cercado por cercas de madeira. Novas e bem pintadas.

Ao lado da mansão tem a construção de outro prédio, uma garagem de dois andares, sei disso porque a parede da frente é de vidro, os carros ficam em exposição e há vários modelos de épocas diferentes. Uma vitrine.

Depois de andar mais alguns minutos alcanço o pé de manga que costumava escalar. Ainda bem que ele teve a "generosidade" de não destruir.

— Generosidade... — digo em voz baixa enquanto começo a escalar o pé de manga. — Maldita generosidade.

Não perdi o costume de escalar as coisas porque praticava escalada com a Lili. Gosto de chegar em cima. De ficar por cima sem contar que sou inquieta e detesto ficar parada, ao pensar sobre isso sinto uma leve pressão

em meu peito. Afasto os meus pensamentos obscuros e dou atenção as mangas.

Estico os braços e meus pés deslizam um pouco. Minha saia é arrastada com o vento e gruda em um galho pequeno, deixo-a para focar na manga verde à minha frente.

Vou pedir um pouco de sal para o senhor Chandler, pois essa manga verde com sal será meu café da manhã.

Salivo e consigo arrancar a manga.

Maravilha.

— O que está fazendo Dandara?

Sou surpreendida pela voz grossa dele, não ligaria tanto se ele não pudesse ver minha bunda exposta lá de baixo.

— Cego você não é. Bom dia senhor Chandler.

— Bom dia.

Ele respondeu meu bom dia de maneira mansa, não tem nem graça ser grossa com ele.

Encaro ele que está totalmente confuso, afasta-se desconfortável, então continuo:

— Já que está aí pode me ajudar? Acho que uma não será o suficiente.

Mesmo tão cedo esse homem se veste de maneira impecável de terno e com uma mochila preta nas costas, espio antes de jogar a manga em sua direção, ele não pega a manga que vai direto para o chão.

— Era para eu pegar?

— Se deixar a próxima cair, a terceira vou mirar em outro lugar.

— Não precisa ser malcriada.

— Sei que você é velho, mas não precisa me tratar como sua filha.

— Parei de envelhecer com trinta e nove anos...

Não entendi...

— E eu não parei de envelhecer com vinte e sete, o que é ruim né? — Me divirto ao notar a confusão nele. — Já que tenho vinte e sete e envelheço todos os dias.

— Você respondeu muito bem para mim que tem vinte e sete anos.

— E você trinta e nove.

Reviro os olhos engatinhando no galho mais grosso. A todo tempo sendo seguida pelo seu olhar curioso.

— Não. Trinta e nove quando parei de envelhecer...

— Então deixa isso para lá. Não adianta discutir.

— Então acredita no que eu disse?

— Que você é o Edward de Crepúsculo? Claro. — Pai, dá-me paciência.

— Quem é Edward de Crepúsculo? Nunca ouvi falar...

— Não lê muito não é senhor Chandler?

Ele continua sem entender só responde:

— Leio sim. Bastante.

— Parou de ler os livros de que época? — Continuo zombando dele.

Ele faz tudo perder a graça quando continua tendo um diálogo sério comigo.

— Então é uma obra deste século? Desculpa, não li esse. — Permanece intrigado.

Suspiro, sentindo pena. Não sei porque.

— Ele era um vampiro imortal.

— Entendi, você fez uma comparação. — Meu Deus ele realmente está levando a sério o papo de que acredito que ele é imortal. Se bem que ele não mudou nada nesses dez anos. — Vivo mais que os humanos, mas não sou um vampiro.

Desisto.

Ele se agacha elegantemente e pega a manga, olhando para minha manga verde como se estivesse resolvendo uma equação matemática.

Depois me fita com seus olhos tom topázio, azuis e cintilantes, os cílios negros e curvos sombreiam suas pálpebras inferiores, seus cabelos cor de carvão mineral são sedosos e as laterais dele são cortadas de maneira mais curtas e no meio mais longos. Perfeitos a ponto de sentir desejo de passar as

mãos neles e alisar. Sua barba rala cobre todo seu maxilar alinhado rudemente, as maçãs do seu rosto são marcadas e desenhadas por uma sucinta profundidade. Queixo anguloso, e o seu nariz há uma sutil saliência charmosa no dorso dele, porém tão sutil que dependendo do ângulo passa a ideia que ele é completamente reto. Sim, ele é covardemente lindo.

Analiso ele de maneira disfarçada enquanto arranco mais mangas e jogo em sua direção, ele pega todas sem se incomodar. Merda. Charmoso, detestável e cavalheiro.

— Você vai limpar o meu pé de manga?

Suas palavras são ditas com suavidade embora ele tenha uma voz grossa.

Naquela noite ele parecia muito irritado e decepcionado. Perdeu o controle, mas sua voz permanecia controlada. Parecia não querer me assustar.

— Já terminei. Vou pagar por elas.

Depois de jogar a última manga desço devagar, satisfeita por aterrissar com classe ao chão, me aproximo dele segurando as mangas nos braços como se estivesse segurando um bebê.

Ele não teve dificuldade nenhuma para pegá-las;

Dobro a barra da minha blusa formando uma cama para depositá-las.

— Não precisa pagar por elas.

— Pode jogar aqui, por favor?

Ignoro ele para focar nas mangas em seus braços, ele faz o que pedi e coloca uma por uma na minha camiseta dobrada.

— Vim lhe entregar a chave do celeiro.

— Obrigada, o senhor é muito gentil... — Limpo a manga que tinha caído no chão na lateral da saia. — Pode me dá um pouco de sal também? Só para completar o pacote matinal de gentileza.

Sua testa enrugada, não é só a aparência que está impecável. Seu cheiro também, uma fragrância fresca e amadeirada.

Ele não me responde apenas faz o percurso de volta e para frente ao celeiro me aguardando, abre o cadeado e empurra a porta.

Fica encarando a escuridão que domina o lado de dentro, percebo sua

pele ganhar uma leve palidez, parece desconfortável a ponto de desviar o olhar de imediato.

Deixa a chave no cadeado e avisa:

— Terei que fazer uma viagem, mas à noite estarei de volta. A casa permanece aberta caso precise usar a cozinha e o banheiro...

— E o meu quarto?

— Seu antigo quarto permanece trancado — fala impaciente.

— Andei pensando, esta manhã... e decidi que não vou ficar. Não se preocupe quando você voltar não vou estar mais aqui.

Ele me olha insatisfeito.

— Você é imprevisível, mas não é louca. — Áspera, muito áspera suas palavras e seu tom. — Melhor me dizer o que está acontecendo Dandara. O que fez você mudar de ideia? O celeiro? Pensei que gostasse do seu leito de amor e depravação.

Aha! Ele não esqueceu o que viu, ele é engraçado e doido, para ter algum tipo de obsessão por mim. E se me quer nesse celeiro é para pôr em prática algum tipo de vingança.

— Não. Gosto do celeiro tenho boas memórias, sabe? — Provoco. Ele alinha seus lábios tentando continuar indiferente. — É que as coisas não são mais como antes, me dei conta que nada que eu goste está mais nesse lugar.

Estreitas os olhos refletindo sobre tudo o que eu disse.

— Então você voltou para lembrar os velhos tempos?

Ele é bom.

— Não exatamente. Aqui não tem mais nada que eu gos...

— Não precisa repetir eu entendi perfeitamente que está me provocando com suas palavras, enfatizando que eu não estou incluso na sua lista de coisas que você adora nessa fazenda. — Encara o relógio com bravura, não está bravo com as horas, mas comigo. — Estou quase atrasado para meu compromisso.

— Adeus!

— Não vá à lugar nenhum até eu voltar.

— Não vou esperar por você. Não temos nada a tratar.

— Ah, mas pelo amor de Oric! Se todo esse tempo se manteve longe de mim é porque me despreza, mas se voltou é porque precisa da minha ajuda. É sobre isso que vamos conversar.

— No celeiro?

— Não. Na mansão... — Impaciente, o sininho da impaciência toca novamente. — Me espera.

— No meu quarto? — Não custa nada tentar.

— Não vai entrar lá — suspira alto — está trancado, mudei a porta e só eu tenho o código.

— Meu deus! São as minhas coisas que estão lá.

— Deixaram de ser desde o dia em que foi expulsa — curva os lábios, ele não sabe sorrir, só sabe fazer isso. — O que tem naquele quarto preciosa? Foi por isso que voltou?

— Tem coisas que eu gosto, têm álbuns da minha infância e dos meus amigos...

— E do seu antigo namorado.

Ele viu? Esse homem remexeu meu quarto! Olha esse cara extrapolou o limite.

Continua com sua expressão contida, embora me analise o tempo todo.

Me sinto encurralada e se continuar assim ele vai chegar em uma resposta que não quero compartilhar:

— Você tirou tudo de mim. — Aquele velho drama sempre tira o foco dos machos, mas realmente ele tirou tudo de mim.

— E aquele quarto vai lhe devolver tudo de volta?

— Algumas coisas...

— Então você nunca vai entrar naquele quarto.

Ele se vira de maneira brusca e minhas pernas começam a segui-lo.

— Qual o seu problema com meu passado? Com minhas coisas, minhas lembranças? Isso não lhe prejudica em nada!

— Ah, preciosa é aí que você se engana.

Não entendi o que ele quis dizer.

— Então por que manteve guardadas esse tempo todo?

— Imaginei que algo traria você de volta, mas não o mantive por isso.

— Para de caminhar e me deixa acompanhá-lo. — Quando eu voltar conversaremos.

— Eu não vou estar mais aqui.

— Sim, vai.

— Não mesmo.

— Prepare o jantar querida. E não aceito manga verde com sal.

Ele desaparece na minha frente, fico petrificada. Merda. O que ele é? Minha imaginação não pode estar brincando comigo.

— Senhor Chandler? — Chamo por ele mantendo a voz baixa carregada pelo medo.

Levo a mão ao peito que bate de maneira descontrolada, não tenho dúvidas que agora não é mais apenas a antiga fazenda, mas algum tipo de inferno onde este demônio vive recluso. Escondido dos humanos.

E por que eu, Deus? Nunca fui devota, mas nunca me arrisquei em compactuar com as sombras.

Entro na mansão ao som de uma música clássica, deixo as mangas no balcão da cozinha e aproveitando que estou sozinha corro para o meu quarto.

E o pior de tudo é que ele disse a verdade, está trancado com uma porta metálica como um cofre, digito várias senhas: a data do meu aniversário, o dia em que ele me expulsou da fazenda, mas nada.

Frustrada retorno para a parte inferior, passo por cada cômodo e o que me chama atenção é o piano em uma sala vazia, apenas com uma lareira.

A sala é a mais iluminada com janelas que se estende em uma parede. Teclo algumas notas sem produzir som algum.

Volto para a cozinha e descasco a minha manga demorei um tempo para encontrar o sal, corto em um prato e como a manga verde, deliciosa sempre amei isso aqui.

Um tablet em cima do balcão começa a tocar, deslizo o dedo para atender a chamada de vídeo com um número não salvo. Espero que seja

alguma mulher dele. E que me veja comendo manga verde na sua cozinha. Acho que isso vai deixá-lo puto... Rio.

No entanto, me decepção ao ver o senhor Chandler do outro lado, atrás dele há uma estante com alguns troféus.

— Olá preciosa. Ainda está tomando café? — Encara o relógio. — Faz mais de uma hora que saí daí. — Reviro os olhos. — Me mostre as mangas por favor.

Pego o tablet e viro para o lugar em que elas estão no balcão.

— O que é?

— Então decidiu ficar para o jantar querida? — Ser insuportável. — Não aceito mangas, pedi para vê-las por que não leva uma hora para comer uma manga, então? Inspecionou tudo? Descobriu a senha?

— Não sei do que o senhor está falando. — Óbvio que me finjo de desentendida. — E errado, levo muito tempo saboreando minha manga com sal.

Ele continua com os lábios curvados em um sorriso dissimulado.

— Eu levo o jantar.

— Já disse que não vou estar aqui.

— Vai estar sim, tem alguém que quer muito te ver.

— Quem?

Ele vira a câmera e na outra cadeira vejo alguém que não esperava:

— Oi filha.

Meu pai está sentado com um terno velho. Consigo ver o quanto está desbotado, com alguns rombos na manga, a aparência do meu velho é de dá pena.

— Papai o que faz aí?

Mordo um pedaço da manga com força.

— O senhor Chandler me ligou ontem marcando uma reunião hoje comigo. Não é a primeira vez que ele vem me visitar aqui na fazenda da sua tia...

E papai é um sem noção por receber esse homem como se nada tivesse

acontecido, a minha situação é totalmente diferente estou aqui por um motivo. E precisei engolir todo o meu orgulho, mas fui estúpida, pois ficar sob o mesmo teto desse homem não será fácil. Melhor desistir, mas se eu fizer isso...

Suspiro.

— Mas que maldito. — Brado. — Como chegou aí tão rápido?

— Onde você está querida? Como vai a Lili?

Papai não sabe que não estou mais morando com a Lili.

— Papai olha... — A câmera é virada novamente para o senhor Chandler.

— Ele está preocupado com você.

— O que disse para ele?

— Conversaremos no jantar, vai ser muito bom ter a família reunida novamente.

Desliga a chamada. Esse demônio vai se arrepender amargamente por envolver meu pai nisso. Ah, se vai.



CAPÍTULO TRÊS

Ele anjo - Demônios reais

Enquanto Dandara dormia no quarto ao lado eu passei a noite revirando na cama, pela primeira vez depois de muito tempo estou envolvido em uma inquietude irritante, então marquei uma reunião com o seu pai fora da mansão, atualmente ele mora em uma outra fazenda no Texas com a tia de Dandara, bom, meu rancho no Texas que fica aos cuidados de Betina, desde que conheci a criança com a marca mantenho a família sobre meu controle de alguma forma. Às vezes quando queria prolongar a viagem para desgastar a mente pensando em assuntos de família viajava de jato, nem sempre zapo por aí.

Depois zapei para meu escritório em Chicago, fica em um prédio gerenciado por criaturas místicas cada um exerce uma função e trabalham em pró do nosso objetivo maior:

A construção de Valhala.

Há uma sala secreta em meu escritório, não há um circuito de segurança com câmeras aqui. Isso porque nada do que fazemos aqui dentro necessita ser gravado.

A cada dez anos mudamos de endereço, e contratamos mais uma equipe de humanos para trabalhar no nosso projeto, entretanto, temos muitos especialistas do nosso povo envolvido também. Evitamos aproximação, fotos... Não é difícil se camuflar nesse mundo. Entretanto, não temos a liberdade que almejamos ter.

A maioria dos funcionários são machos. Machos de negócios como eu. E nenhum deles tem secretária e o que tiver de fazer, nós mesmos fazemos.

Abrimos exceção para Paola e outros engenheiros e arquitetos humanos para entrarem no prédio. Hoje por exemplo teremos uma reunião com eles e que vou participar.

Assim que entro na sala de reunião os machos presentes se levantam para me cumprimentar, a cadeira do centro é onde costumo sentar e era para estar vazia, hoje minha presença foi repentina, dou um breve aceno para Paola não se incomodar com a minha presença.

Ela começa a liderar a reunião e eu estou apenas com o corpo presente, meus pensamentos estão em outro lugar.

Pego meu celular e procuro o número do detetive, mandei um e-mail mais cedo para ele investigar o que motivou Dandara abandonar sua vida de farra para retornar para aquela fazenda.

— Bom dia senhores! Desculpem o atraso. — O demônio mais folgado chegou, Reuel Pantera Negra, meu primo por parte de mãe é excêntrico o suficiente para colocar o seu animal místico como seu sobrenome.

Levanto a cabeça e cumprimento ele com um olhar, senta-se ao meu lado.

Seus cabelos estão na altura do maxilar, de óculos e chapéu, ele nunca raspa o maldito bigode castanho escuro.

A única que acha ele parecido comigo é Paola.

— Ora, mas que cheiro peculiar primo. Você cheira a mangas. Fora as mangas, como vão as coisas?

Encaro ele dando batidinhas na mesa com os dedos inquietos, ele não tem nada a ver comigo.

— Bem.

— Algo me diz que é mais que bem. Sabe, como o evento será em breve estava pensando em visitar a fazenda. Faz tempo que não jogamos golfe — folgado se convidando praticamente.

— Tudo bem Reuel, mas tenho visita. — Não é a primeira vez que jogamos golfe lá.

— Hum... O que anda escondendo de mim naquela mansão além dos seus preciosos vinhos? — Alisa seu bigode perfeitamente alinhado.

— Não escondo nada.

Paola limpa a garganta e nos repreende:

— Senhores? Querem compartilhar alguma coisa?

— Nada querida, continue — Reuel diz. — Vou levar o Jacó também.

Mais tumulto quando tudo o que quero é paz. Porque todo mundo decidiu dá as caras? Primeiro a Dandara e agora isso! Quando na verdade era para estar de férias.

Passo a reunião toda sem tirar a atenção da fazenda e de Dandara. Ela é tão inquieta e ousada que não vai demorar muito para se sentir entediada e querer partir. Preciso fazer com que ela fique, que encontre algo interessante na fazenda e ela deixou claro que não aprecia minha companhia.

Mas o quê?

Pego minha bolinha terapêutica no bolso do meu terno e começo a pressionar entre a mão. Isso me relaxa.

Dandara falou que a fazenda não lhe agrada, mas isso porque não é mais como antes. O que tinha antes?

Me lembro perfeitamente que em um dos relatórios enviados pelo detetive é que ela cursou Zootecnia.

Sim! Me lembro!

Dandara pode se manter ocupada naquela fazenda se eu usar o motivo certo.

— Está decidido. Vou virar fazendeiro! — falo em voz alta fazendo Paola se calar e me indagar com um olhar.

— Rudá. Você está de férias... Melhor pensar sobre ser fazendeiro em sua casa descansando em alguma espreguiçadeira.

Alguns riem. E basta encarar com mais atenção a todos para se calarem.
— Desculpa. Você tem razão, me manda o relatório da reunião.

Me levanto e volto para o meu escritório, me jogo no sofá refletindo de vários ângulos diferentes sobre a ideia que acabei de ter. Se será bom ou não.

É algo arriscado colocar uma garota que acabou de se formar para administrar uma fazenda, ela praticamente vai começar do zero.

Porém não tenho intenção de ter retorno financeiro nesse negócio, dinheiro é o que não me falta, o meu objetivo é manter ela ocupada e melhor ainda perto de mim, me dando chance de conquistá-la.

Em quebra se ela me procurou porque está precisando de dinheiro lhe darei um bom salário. Perfeito.

Estou confiante que ela vai aceitar meus termos...

Preciso de um contrato, acordo verbal com o pai dela não deu muito certo no passado. Zapo para mesa do meu computador e começo uma longa jornada de redigir um contrato.

Concluo no final da tarde e saio para almoçar com Paola, volto ao meu escritório e releio várias vezes o contrato analisando cada detalhe minuciosamente.

De volta à fazenda, não apenas com a mochila, também com a pasta do contrato na mão, a primeira coisa que vejo é minha garagem com os portões abertos. E todos os meus carros empilhados frente a minha mansão.

Mas o que está acontecendo?

A porta da mansão está completamente escancarada da mesma forma as janelas, olho mais adiante e os portões da fazenda também.

Óbvio que Dandara não está mais aqui, entro calmamente na mansão e zapo para meu escritório, existem três lugares nesta mansão que Dandara jamais conseguirá entrar sem o meu consentimento: Seu antigo quarto, meu escritório e minha adega.

Coloco o contrato que levei horas fazendo sobre a mesa.

Esta mulher adora esgotar minha paciência. Pego minha bolinha no bolso e começo a apertar.

Como ela roubou minha Ferrari não será difícil de rastrear o carro.

Mas antes...

Melhor preparar o jantar.

Tomo um banho vagorosamente, ligo o som ambiente e deixo *Mozart* tocar pela casa.

Ergo as mangas do meu suéter e começo a selecionar o cardápio.

Escolho fazer risoto de camarão.

Pego o vinho branco na minha adega, despejo em uma tigela com camarões deixando descansar por mais de vinte minutos.

Ela não pretende voltar para devolver minha Ferrari?

Encaro o tablet no balcão onde o *GPS* da Ferrari apita estacionada na cidade.

Enquanto isso os camarões ficam dourados na panela.

Deixo tudo preparado, a mesa impecável para um jantar a dois, não posso considerar que é um jantar romântico apenas de negócios.

Novamente o *GPS* apita e a Ferrari começa a se movimentar fazendo o trajeto de volta para a fazenda.

Uma fêmea rebelde e imprevisível.

Porém Dandara gosta de um desafio e fiz isso quando disse que traria o pai dela para o jantar. Puro blefe, não quero aquele homem atrapalhando meus planos ou estragando nosso jantar a dois.

Então o jeito é aguardar ela voltar.

Me sento em um divã no canto da sala de jantar, bebo um pouco de vinho e não demorou para ouvir o arranque do carro na estrada.

Sou tomado pelo cheiro da minha fêmea brava.

— Onde você está seu demônio maldito! — Grita da sala.

Zapo até ela.

Sabendo que logo ao lado a sala de jantar está com tudo preparado para nossa noite.

— Não precisa roubar meu carro para chamar minha atenção querida. Você já tem toda ela para você.

— Onde está papai?

— Infelizmente tive que desconvidá-lo para o nosso primeiro jantar.

Ela ainda usa a mesma roupa de mais cedo, isso quer dizer que pôs o plano de fugir com minha Ferrari desde que desliguei a chamada.

— O que fez você voltar preciosa?

— Para de me chamar assim. Não sou sua preciosa, não sou nada sua!

— A gasolina estava acabando e não tem dinheiro para encher o tanque?

Ela pega meu vaso de porcelana e arremessa em mim. Me desvio e ele se quebra ao colidir com a parede.

— Você perdeu o controle. Se acalme!

Não entendo porque está tão irritada. O que eu fiz? Só fiz uma pergunta óbvia, ela está sem dinheiro algum.

Dandara funga e por último me lança um olhar envolto em puro desprezo, me sinto desprezado desde que ela escolheu estar com qualquer um que não seja eu.

— Maldita hora que pensei em pedir sua ajuda! Como sou burra!

Ela me deixa para trás, avança para a porta, desce os degraus correndo indo em direção à Ferrari estacionada.

— Dandara não seja infantil. Vamos conversar, então admite que precisa da minha ajuda... Já é um começo só precisa me dizer em quê? Eu ajudo.

— Me pergunto a que preço — murmura. Pega suas malas do carro e sai arrastando pelo chão de paralelepípedo. — Não quero sua ajuda.

Esta mulher vai acabar me enlouquecendo.

— Eu tenho uma proposta para lhe fazer.

— Não quero saber.

— Não tem carro para levar você para a cidade! — Tento argumentar.
— E você nem deve ter dinheiro para ficar hospedada em algum lugar...

— Por que acha que não tenho dinheiro? Acha que estou aqui pelo seu dinheiro?

— Isso está claro para mim...

Ela para de andar e eu também, vêm até mim arrastando apenas uma mala, bem próxima ao meu rosto ela diz:

— O que está claro para você?

Algo mudou, seus olhos joviais ganham uma confiança que não estava ali.

— Dandara, eu posso ajudar você e não se sinta envergonhada de me pedir ajuda, de quanto precisa?

Franze o nariz e toca em meu peito com seu dedo indicador:

— Você é muito convencido. O que vou encontrar depois daquele jantar? Um contrato? Aposto que em uma das cláusulas é que me case com você, não é? — Como ela sabia disso tudo? Fico petrificado e com a boca seca. — Eu não preciso do seu dinheiro, pois já tenho o meu.

Pisco aturdido, me sentindo desarmado, Dandara tira o dedo acusatório do meu peito para abrir sua mala vermelha, despeja tudo o que tem dentro no chão.

— Olha só quanto dinheiro senhor Chandler!

Não vejo dinheiro, mas apenas roupas, sapatos, coisas de higiene pessoal tudo espalhado no chão e nada de dinheiro.

— Dandara...

— E, o que é? Mala errada! — Vai até sua outra mala e despeja no chão também, aflita e não sei o motivo, ela perdeu completamente o juízo? No chão cai sacos transparentes com notas de dinheiro e outros contendo moedas. — Aha! Meu dinheiro!

— De onde tirou tudo isso?

Não é muita coisa, mas o suficiente para ela pagar uma hospedagem em qualquer lugar longe de mim e isso me desespera.

— Adivinha, estou juntando isso desde que tinha dez anos, mas infelizmente quando fui expulsa da fazenda não pude levar.

— Mas como... O quarto? — Estou desestabilizado sobre o sorriso convencido dela. Eu não entendo. — Como conseguiu entrar no quarto?

— Pela janela. — Confessa como se estivesse falando a coisa mais óbvia e seria se o quarto não fosse no segundo andar. — Arrombei sua janela.

Depois eu pago, mas não vou pagar pelos meus álbuns de fotografia...

— Como conseguiu escalar aquilo tudo?

Puxo meu cabelo para trás completamente desestruturado, nunca ia imaginar isso.

— Sou gordinha, mas isso nunca me impediu de fazer nada — fala orgulhosa.

Analiso seu corpo, pernas curtas e seios bem grandes, seu quadril é largo, mas nada que deixe ela desproporcional, pelo contrário tudo combina nela. Seus cabelos tem um tom champanhe, castanhos bem claros.

— Você arrombou minha janela e roubou meu dinheiro!

— Errado. Meu dinheiro!

Começa a catar as coisas no chão e jogar de qualquer jeito na mala.

Essa diaba me enganou.

— Não pode sair daqui com esse dinheiro.

— Me impeça — me desafia com um olhar. — Não ia pegar e juro que só estava querendo minhas lembranças, mas você fodeu tudo quando deu uma de macho escroto e foi atrás do meu pai. Não envolva meu pai nisso.

E achando que eu era vingativo. Imagina se um dia ela descobre que a enganei no passado. Isso não pode ser revelado para ela em hipótese nenhuma.

Por que com ela tudo tem que ser mais difícil?

Fico mudo vendo-a guardar suas coisas.

Tantos planos naquele pedaço de papel que mal pude ler para ela, estava quase prestes a fazer dela minha.

E agora o que eu faço?

— Adeus senhor Chandler deixei uma manga no congelador para você.

Não posso forçá-la a ficar aqui e fazer com que me odeie ainda mais, também não quero vê-la me deixar novamente então zapo sem me despedir.

Agora será mais dez anos sem vê-la? Quanto tempo mais meu Oric!

Estava conformado que ela não seria minha, em deixá-la envelhecer e morrer como uma humana.

Por que ela tinha que voltar?

Criar esta confusão toda em minha mente!

Eu não a mereço, talvez seja por isso que o destino fez com que ela sempre me odiasse, sempre fosse embora levando consigo minha esperança de ter uma felicidade.

Faz alguns minutos que ela se foi, abro a porta da geladeira e pego a manga que ela deixou para trás ao lado uma colher de sal.

O meu problema todo é que me apego as coisas facilmente, faço planos, crio tantas expectativas embora, da mesma forma me desapego facilmente se eu mantiver ela longe de mim. Foi assim há dez anos atrás, mas agora quero que seja diferente.

Quero contemplar, quero vislumbrar um futuro com Dandara, ela não pode partir sem me dá uma chance sequer.

Zapo na estrada que leva para a cidade.

Tum, tum, tum...

Sinto o meu coração disparar ao encontrar ela arrastando as malas.

— Dandara eu proíbo você de ir embora novamente! — Nem que eu seja o vilão da história. — Se você não voltar comigo e se sentar naquela mesa e ouvir minha proposta...

— Você não vai fazer nada! Não vou assinar contrato algum para viver em seu celeiro.

— Não era isso que estava no contrato.

— Então havia um!

Deixa as malas para cruzar os braços.

— Tinha, mas se acha melhor não terá mais, eu apenas não quis cometer o mesmo erro que cometi ao confiar em seu pai.

Sustento meu olhar nos seus.

— O que você quer de mim?

Nesse momento ela está irritantemente atraente com todo vigor da sua juventude a florado, tudo estaria perfeito se tivesse a certeza que ela ficaria comigo.

Que ela vai ficar bem, pois suas ações não são reflexo de alguma explosão emocional momentânea. Não. Há algo acontecendo que a trouxe aqui e estou desesperado para saber, para tirar suas preocupações.

Sei que boa parte do que ela sente é por acreditar que perdeu uma criança quando tinha apenas dezoito anos, carga demais para ela carregar.

Aproximo-me dela e toco em seu rosto corado, febril e como havia imaginado sua pele é macia.

Por alguns segundos ela permite que massageie sua bochecha.

Não vou mais insistir para que ela me conte o que está acontecendo, pelo menos quero me redimir por ter sido tão vingativo com ela.

Mas se eu revelar a verdade agora não terei mais chances com Dandara.

— Quero que fique comigo Dandara. Pode conviver em seu antigo quarto.

Ela parece pensar em algo, tira minha mão da sua bochecha.

— Prefiro o celeiro. E tenho minhas condições...

— Você não tem direito de impor nada preciosa.

Suavizo a expressão admirando o sol refletindo em seus olhos.

— Não quero mais ouvir esse papo de casamento!

— É tão ruim a ideia de se casar comigo?

— É péssima!

Garota perversa.

Antes que ela se vire para pegar suas malas, pego seu braço e puxo-a para mim, ela se surpreende e tenta se desprender do meu aperto, com minha boca próxima da sua boquinha exigente digo:

— Então também tenho minhas condições. Você não pode ir embora até que tudo termine.

Ela ri, já deve saber que seu sorriso me cativa.

— Tudo o quê?

— Eu vou dá essa fazenda para você administrar, mas faça melhor do que seu pai fez.

Pronto isso vai mantê-la ocupada, vai mantê-la próxima a mim.

A solto, deixando-a de boca aberta no meio da estrada.

Zapo para mansão.

Nunca estive em uma batalha tão travada quanto esta, e sinto que isso é só o começo não será fácil negociar com Dandara.

Não será fácil conquistá-la.

Encaro a mesa de jantar pronta e o contrato sobre ela. Ligo a lareira a gás e jogo o contrato.



CAPÍTULO QUATRO

Ele anjo - Demônios reais

Voltei para a fazenda com o orgulho ferido, mas voltei. Odeio esse homem, pior ainda que ele pensa que pode me manipular com o seu dinheiro ou com a fazenda. Me deu a fazenda para administrar? Como se eu fosse aceitar.

Entro no celeiro bagunçado. Impossível dormir aqui.

Pelo menos as ferramentas ainda estão aqui, deixo minhas malas em um canto, o celeiro é amplo e será minha nova casa, com esse dinheiro das economias vou deixá-lo o mais confortável possível.

Ainda tenho meu cartão de crédito, vou estourar ele.

Começo a limpar, arrastando tudo com o gancho para fora do celeiro, faço um montante de coisas que não vou precisar mais usar.

Pego meu isqueiro e taco fogo criando uma fumaça que rodeia a mansão.

Ufa. Que calorão!

Faço a volta no celeiro onde fica a torneira e começo a me lavar, jogo água em meu rosto e meu busto na intenção de refrescar e o fogo continua flamejante, ardente.

Senhor Chandler corre até o meu fogo com extintor de incêndio.

— O que pensa que está fazendo senhor Chandler?

Ai, droga de velho chato.

— Eu pergunto a você. Está criando caos em minha propriedade a essa hora da noite! Criando fogo sem a minha permissão.

Apaga o fogo rapidamente.

— Certo homem da caverna. Dandara quer fogo. Quer tacar fogo no lixo. Você deixa Dandara queimar?

Ele lança um olhar esquisito para mim.

Não compreendendo nada.

— Dandara, você pode dormir lá dentro.

Desce o olhar até meu busto encharcado, que deixou o tecido da minha blusa. Imediatamente cubro meus seios com os braços e ele volta a encarar meu rosto.

— Não quero. Prefiro o celeiro, já disse. Só me dê algum tempo para ajeitar ele.

Coloca o extintor de incêndio debaixo do braço, ele está com um roupão aveludado azul, apenas de chinelo e com os cabelos desgrehados.

— Você sabe que horas são para ficar no meio da madrugada procurando birras? — Ele dá meia volta. — Entre nessa mansão, amanhã você decide o que faz da sua vida.

Não tem jeito, corro até o celeiro e pego minhas malas, entro na mansão não encontrando ele em lugar nenhum, estou faminta será que ele comeu a manga que deixei na geladeira?

Não encontro mais a manga, mas um recipiente com o meu nome na tampa dele.

Bufo antes de pegar a vasilha, abro e o cheiro está ótimo, ligo o micro-ondas e deixo a comida esquentar.

Estou fedendo a fumaça.

Vou até o quarto de hóspedes e tomo um banho, troco de roupa uso uma blusa larga e o short de algodão do meu pijama de unicórnio. Lili comprou esse para mim.

O senhor Chandler não cansa do seu fundo musical que está em toda casa.

Desço até a cozinha para pegar minha comida.

A comida está ótima.

Como tudo raspando a vasilha, lavo o prato, bebo água e retorno para o quarto.

Acordo mais tarde do que pretendia, também passo mais tempo no banheiro.

Pego minhas malas e suspiro antes de abrir a porta do quarto.

Ele não está no corredor. Ótimo.

Chego ao hall e abro a porta fazendo o menor barulho possível.

— Não vai tomar café? — Senhor Chandler aparece atrás de mim.

— Que susto!

Me viro e ele está encostado no pilar segurando uma xícara e pelo cheiro delicioso é café, percebi que ele não faz barulho quando anda, tem um andar sutil como de um gato.

— Não estou com fome. Tenha um bom dia. — Empurro minha mala, desço o último lance de escada da entrada. Preciso de um carro para ir na cidade então pergunto: — Será que o senhor pode me emprestar um dos seus carros para eu ir na cidade?

Ele aparece ao meu lado, encarando a pilha de carros que deixei fora da garagem.

— Só se você guardar eles na minha garagem novamente.

— Ok.

— O que vai fazer na cidade?

— Não é da sua conta.

— E sobre a proposta de cuidar da fazenda?

— Não quero!

Ele me segue enquanto entro no primeiro carro, depois de guardar ele no segundo andar da garagem, volto a pé.

— Teve muito trabalho para tirar todos eles daí...

— Foi divertido.

Digo em um tom levemente irritado, prendo meus cabelos em um coque e todo tempo sob a análise dele.

Ele não sai em nenhum momento, fica em pé, parado me vendo guardar os seus brinquedinhos que tirei da caixa.

— Geralmente odeio quando tocam em minhas coisas, mas estou adorando a ideia que você esteve em todos eles. — Reviro os olhos e o ignoro. — Tem o seu cheiro neles agora.

— É? Nossa!

Deixei a chave da Ferrari para usar e sigo até ela, pego minhas malas e coloco uma por uma no banco.

— Não precisa levar suas malas.

Tem razão por que eu trouxe as malas?

Mas pensando bem por acaso ele tem medo que eu desapareça levando seu carro?

— Eu não vou roubar seu carro é um empréstimo.

Ele abre a porta do carro e joga as malas no chão, senta-se no banco e bebe mais um gole do seu café. Cheira o ar e diz:

— Acho que vou usar mais a Ferrari por esses dias — fala, mas seu rosto continua congelado em uma cara de paisagem. — Sabe o que eu acho Dandara? Acho que você está com medo. Não quer administrar a fazenda porque nunca fez isso na vida.

Realmente eu nunca fiz isso, mas não vou fazer porque estou com medo, meu tempo nesse lugar talvez seja curto demais.

Permaneço parada em silêncio, senhor Chandler usa um outro roupão, seus cabelos estão um pouco úmidos.

Por alguns segundos trocamos um olhar, que para mim não teve

significado algum.

— Preciso ir na cidade, quando eu voltar conversaremos.

Ele nada diz, apenas desce do carro e minhas malas flutuam para o banco novamente.

Dirijo pela estrada e só paro frente à loja de móveis, compro uma cama e um armário para guardar minhas roupas isso é tudo que preciso por enquanto.

Deixo o carro estacionado na loja e volto andando pelas ruas.

Aqui não tinha uma boate.

Esta cidade era mais parada e gostei muito da evolução dela, e vai ser nessa boate onde vou me distrair um pouco.

A loja de doces permanece no mesmo lugar, mas agora acho que Grace administra a loja.

Nunca me aproximei dela, fazíamos parte de uma outra turma, Grace Jane sempre foi o exemplo ideal de boa moça. Para começar nunca pisei o pé em uma igreja.

Passo pelo parque e paro frente à loja da Dora logo acima fica sua casa. Ao contrário de ontem, hoje tomo coragem e entro na loja e assim que ela me ver abre um sorriso:

— Dandara! Oh minha querida...

Me adianto para abraçá-la.

— Como a senhora está Dorinha?

Ela vira meu corpo me analisando.

— Olha como você está linda! Eu estou indo bem, minha querida. Ah, Ted aquele garoto tolo não foi capaz de segurar você. — Ela não faz ideia do que aconteceu naquela noite e ao lembrar dele, ouvir o seu nome, me sinto um pouco desorientada. — Mas onde você esteve todos esses anos?

— Ah, são tantas coisas Dora... — A loja era do marido dela, o pai do Ted que faleceu logo após o nascimento dele e Dora passou a cuidar.

Uma garotinha morena com os cabelos bastante cacheados em um Black sai de trás do balcão e abraça Dorinha.

— Esta é Bia, minha netinha.

Ela é tão linda quanto a mãe e o pai.

Júlia e Ted eram os meus amigos mais próximos, quando penso sobre isso eles levaram uma vida que poderia me pertencer. Entretanto, tudo foi bagunçado desde que aquele demônio estragou tudo.

— Oi, você é amiga do papai e da mamãe, vi fotos suas.

Confirmo balançando a cabeça, porém fico mais sem jeito ao ver Ted entrar na loja com um saco de pão.

Os cabelos em um corte militar e com a barba rala, pele morena como ébano, olhos claros como da mãe, lábios carnudos e me lembro do quanto ele beija bem, de como amava a maciez dos seus lábios.

Sua filha tem a mesma covinha em seu rosto. Ainda mais lindo do que naquela época, tento me manter confiante, me preparei mentalmente para esse encontro.

— Dandara. — Ele semicerra os olhos em um olhar especulativo, mas logo seu sorriso se abre. Vem até mim e me abraça, retribuo, sentindo falta de tudo nele, de como me sentia protegida em seus braços. — Pequena levada, onde estava todo esse tempo?

— Oi Ted, por aí, você sabe apenas por aí... — Droga. Acabo ficando com os olhos marejados, agora eu que guardo todas as nossas lembranças. — E como está e a Juli?

Tento me manter indiferente, como se eu também não me lembrasse do nosso passado, mas é difícil, pois é tão ruim perder aquilo que lhe faz tão bem, aquilo que você acredita que será seu para sempre.

Ele afasta o abraço, é inconfundível o que sinto por ele. Coisas que nunca senti por outro homem. Ele foi o meu primeiro amor, disso eu nunca tive dúvidas.

Ele passa a afagar Bia e diz:

— Você não deve saber, nós nos separamos faz alguns anos. Ela... Se mudou. — Sinto o rosto arder de vergonha por estar feliz por isto. — Ela nunca foi de família, não gostava dessa cidade.

Engulo em seco minha cabeça começa a martelar. E se esta for minha

segunda chance para conquistá-lo? Para tê-lo? Encaro Bia, com olhos graúdos e curiosos.

Não vou me iludir.

Aquele demônio jamais permitiria que isso acontecesse, não posso bagunçar a vida do Ted. Agora ele tem uma filha, alguém que ele ama acima de qualquer coisa.

— Eu sinto muito Ted. Foi bom ver vocês novamente, eu preciso ir agora.

Me despeço com um olhar inseguro, saio da loja às pressas.

Só não imaginei que ele iria me seguir.

— Dandara, espera! — Segura meu braço e seu toque áspero me faz arrepiar. — Você está bem?

— Estou sim. — Sorrio.

— Onde vive? Soube que seu pai perdeu a fazenda.

— Sim, mas o homem que comprou me deu um emprego recentemente. Eu cursei zootecnia.

Droga, isso quer dizer que estou a um passo de aceitar a proposta do senhor Chandler.

— E eu sou um veterinário. Estou com um emprego novo, trabalho em um lar para adoção, o dono do lugar também é sócio da boate.

Aponta para o prédio. Assobio e digo:

— Legal isso, vou saber aproveitar esse lugar, na nossa época não tinha nada disso — rio —, mas a gente sempre achava outras formas de se divertir.

— Sim, infelizmente isso não é mais para mim. Tenho a Bia. — Seu sorriso fica mais simples.

— É, eu entendo e preciso ir.

— Apareça mais vezes.

— Com certeza! Até breve Ted.

Me despeço confiante, mas tudo se evapora quando entro no meu carro e disparo pela estrada, esfrego o dorso da mão no rosto limpando minhas lágrimas.

Eu nunca me conformei por ter perdido ele daquele jeito, é injusto ele não se lembrar do que vivemos.

Mas ainda se lembra de mim...

Como isso é possível?

Saio do carro com meus pensamentos arrebatados e sem ânimo para entrar em uma nova discussão com o senhor Chandler.

Um homem de cabelos grisalhos sai da mansão.

Quem é ele?

Me olha como se me conhecesse, mas eu nunca o vi na minha vida. Ele vai em direção ao campo de golfe e desaparece.

Entro na casa e vou até a cozinha bebo um copo de água. Existem quantos desses demônios no mundo?

Um garotinho loiro entra na cozinha segurando um livro.

— Quem é você? E onde está o meu tio?

— Não sei...

— Você é a nova empregada dele?

— Digamos que sim.

— Sabe que ele nem é um humano, não é? Qual é o preço para trabalhar para ele?

Esperto e tagarela nada a ver com o tio dele. Tudo bem que senhor Chandler é inteligente, mas sempre vive compenetrado.

Retorno para a sala com ele no meu encalço.

— Bom, de qualquer forma diga que estive aqui e devolvi o livro, depois escrevo um resumo para ele sobre o que achei. — Ele sorri. — Ah, que grosseria minha esqueci de me apresentar, sou o Gael e qual a sua graça?

Rio alto, ele anda passando tempo demais com o velho do tio dele.

— Meu nome é Dandara, lindo.

— Danda foi um prazer conhecer você.

Desaparece na minha frente. Ótimo agora sou a tia Danda de um demônio.

Descanso um pouco na espreguiçadeira da piscina, pensando em Ted e em nosso encontro.

Ouçó o som de uma melodia sendo tocada pelo piano.

Sinal que o demônio voltou.

Retorno para casa e percebo que o som não está sendo produzido por uma caixa de som, persigo o som vindo da sala onde fica o piano solitário.

Senhor Chandler toca no piano com toda devoção, me encara dessa vez adotando uma postura mais rígida do que de costume.

— Desculpa não queria incomodar.

— Sente-se.

Não há mais lugar para se sentar a não ser no chão ou ao seu lado no banquinho, optei por sentar no chão ao lado do piano.

— Onde esteve? — Ele continua a tocar.

— Por aí...Comprando alguns móveis.

Percebo que as notas se tornam mais tempestuosas, porém agradáveis. Seus dedos dominam o piano, flutuam, leves e de maneira rápida, como se fossem feitos de papel, é quase impossível de acompanhá-los e o som produzido é simplesmente perfeito.

Ele usa chinelos e uma camisa social branca desabotoada, revelando alguns pelos negros que cobrem seu peitoral, acima do piano tem uma pasta, é como se ele estivesse acabado de vir de algum lugar desagradável e está despejando tudo no piano criando uma melodia cheia de significados, desesperos e que não faço ideia quais sejam.

Permanece em silêncio se entregando ao que faz, ele tem tudo de charme, inteligência, beleza, habilidades... Dinheiro. Então por que essa obsessão por mim?

Algo que nunca fez sentido algum para mim, ele não passa a imagem de um homem que implora pela atenção de uma mulher.

— É uma valsa, já toquei inúmeras vezes se chama *Mephisto*, reza a lenda que é a história de um homem que vendeu sua alma ao diabo e em troca ele teria tudo, mulheres, dinheiro... Quem sabe vida longa — fala em um tom mais baixo conduzido pela frieza que também sobrepuja sua expressão

contemplativa —, mas depois o diabo vem buscar sua alma e não tem como ele fugir, ou como lutar.

Fico em silêncio ao lado dele que toca avidamente expulsando suas tormentas em cada nota, depois de muito remoer tenho coragem de perguntar:

— Qual seu demônio?

— Ele acabou de sair por aquela porta.

Conclui parando de tocar, levanta-se repentinamente, pega sua pasta em cima do piano estende a mão para mim, e permito que ele me toque só a solta quando fico de pé.

— Não quero mais você próxima daquele humano.

— Como sabe que estava com o Ted?

— Pelo seu cheiro.

Ele sai da sala e começo a segui-lo pela casa.

— Seu sobrinho esteve aqui...

— Eu sei.

Ele sobe as escadas e o sigilo também é muito difícil acompanhar seus passos apressados, parece com raiva e se contendo.

— Eu não vou mais procurar o Ted.

Não quero que ele desconte nada nele como fez há alguns anos atrás.

— No momento não estou preocupado com isso.

Digita a senha da porta sem se importar que eu veja.

— Quem era aquele homem?

— Meu pai.

Percebi que ele não tem problema nenhum em responder minhas perguntas e na maioria das vezes responde humildemente.

Entro no escritório. Assobio admirando o lugar.

— Ele é seu demônio — digo.

Ele já se sentou na mesa.

— E eu sou o seu.

— Ainda bem que você sabe — mordo o lábio — e sobre a proposta

decidi aceitar.

— Por que?

Abre a gaveta da sua escrivaninha e pega uma bolinha e começa a apertar.

— Porque ninguém me desafia então eu aceito. Também preciso de uma distração para ficar aqui...

Ele continua me analisando.

— E deve estar maquinando algum plano para se vingar de mim. — Maneia a cabeça para o lado em sua poltrona. — Qual é seu plano? Não se importe em compartilhar comigo juro que não vou tentar lhe deter.

— Você acha que vou tentar seduzi-lo aproveitando que sente atração por mim? Depois sair por aquela porta levando tudo de valioso que encontrar? Inclusive os vinhos da sua adega...

— Como sabe dos meus vinhos?

— Não foi a única coisa que invadi, mas juro que não roubei nenhum.

Ele ri, e não um sorriso como costuma sorrir. Não. Ele sorri mostrando os dentes. Desde que converso com esse demônio esta é a primeira vez que vejo ele sorri desse jeito, um lindo sorriso, as marcas das suas expressões contornam suas bochechas e ao redor dos olhos. Maldição. Estava torcendo para que seu sorriso fosse sem graça. Porém, produziu um calor iminente em minha cara.

— Eu vou adorar esse plano. — Se levanta e caminha até onde estou, exalando malícia em cada músculo do seu corpo e seu corpo denuncia que ele malha. — Que tal começar por em prática agora?

— Sai fora.

Coloco a mão bloqueando sua aproximação, mas ele desaparece e fica por trás de mim, envolve minha cintura, a fivela do seu cinto roça em meu quadril sem me dá chance de escapar.

— Depois eu deixo você levar até minha alma Dandara. — Roça seu maxilar em minha bochecha com os pelos da sua barba grossa torturando meu rosto febril. — Vamos lá, me use em seu plano.

Seus lábios permanecem próximos a minha pele e sua respiração quente

na minha bochecha, preciso afastá-lo de mim, engulo em seco e viro meu rosto quase encostando no seu.

Seus olhos azuis cobertos por cílios negros e espessos estão a me fitar. Recupero minha consciência a tempo de me afastar abruptamente.

— Não me toque senhor Chandler.

— Mas... — Se cala confuso.

— Se você não me entendeu vou deixar uma coisa bem clara para você. Eu tenho asco de imaginar que o homem que fodeu com minha vida possa sentir algum tipo de atração por mim.

— Chega. — Volta adotar seu semblante frígido. — Entendi, a partir de agora não vou tocar em você, só se você quiser. Agora saia.

Deixo um demônio frustrado e com orgulho ferido. Não sei o que será de mim, mas me mantereí firme no meu propósito ainda vou ver o sol nascer muitas vezes nessa fazenda antes de partir. Saio do seu escritório levando um pouco de sensatez e dignidade comigo.



CAPÍTULO CINCO

Ele anjo - Demônios reais

Já esperava sentir o gosto amargo da rejeição de Dandara. O mais importante é que ela está aqui sob minha proteção não posso me dá por vencido e tão pouco exigir alguma coisa. Ela me disse que sente asco quando eu a toco então não mais a tocarei sem a sua permissão.

Ligo a música e deixo tocando baixo, começo a montar o café da manhã.

A equipe de limpeza fez o serviço durante a madrugada restando apenas duas pessoas para limpar meu quarto e o de Dandara quando ela acordar.

Encho uma jarra com leite, outra com suco de caixa, coloco os pães que meu fornecedor trouxe, há uma pessoa na cidade responsável para fazer minhas compras e manter minha dispensa sempre cheia, eu mesmo listo tudo o que preciso e envio uma mensagem para ele trazer, isso quando estou em casa, depois eu mesmo reponho as coisas na minha dispensa.

Comprei um bolo pudim na loja da Grace esta manhã e me desviei de todas as perguntas que ela fez sobre a minha nova moradora, isso porque Gael deve ter compartilhado com ela.

Deve ter estranhado minha presença na loja também, pois geralmente não compro nada lá para comer.

Coloco também geleias, mel, queijos e presuntos fatiados, iogurte, torradas, patês...

Preparo ovos mexidos, tiro da frigideira e coloco em um prato na mesa. Pronto.

Acho que isso já é o suficiente.

Me sento na cadeira e sirvo o meu café, lendo as notícias através do tablet, ligo para Paola e transfiro a chamada para a TV na cozinha.

— Bom dia novo fazendeiro. — Seu bom dia caloroso está coberto de especulações: — Que mesa mais farta? Está com visitas?

— Bom dia... Isso é novidade eu sei. — Suspendo a manga do meu moletom cinza em conjunto com a calça, depois de tomar café pretendo andar um pouco pela fazenda. Vou para atrás do balcão com minha xícara e analiso a mesa de um ângulo mais distante revendo se precisa de mais alguma coisa. — O que você colocaria nessa mesa?

— Uma rosa. — Ela ri. — É uma mulher, não é?

— Sim, mas é uma que tem asco de mim. — Ela se perde na conversa. — E como vão as coisas?

— Bem. Já comecei os preparativos para a reunião trimestral. Fechei com o buffet e também com a equipe de decoração do evento, será simples como nos meses anteriores, enviei os convites, alguns já confirmaram presença... — Ela passa a mão no cabelo e prossegue: — Com suas acompanhantes. Eu ainda serei a sua acompanhante ou a garota que tem asco de você roubou o meu lugar?

Ela não é minha secretária, mas adora se envolver nos eventos, embora acrescente isso em seu salário. Sem levar suas palavras muito a sério digo:

— Não é um lugar onde Dandara se sentirá confortável.

— Então o nome dela é Dandara..., mas por que ela se sentirá desconfortável?

— Ela é jovem e tem gostos do século presente.

Ela me encara preocupada, deixando seus cereais que comia em uma

tigela de lado.

— De fato um evento com máscaras é um tanto estranho, mas se eu não o conhecesse diria que está se envolvendo com alguma garota mais jovem e...

Para de falar, resignada.

— E?

— Interesseira.

Antes que eu fale alguma coisa que explique um pouco melhor minha situação, Dandara aparece na cozinha toda largada, reparo nas olheiras, porém seus cabelos estão úmidos com um cheiro fresco do banho.

— Bom dia — fala ignorando a televisão.

Boceja e vai até o balcão e joga a pasta nele.

Dou uma última olhada para a TV antes de dizer:

— Depois falo com você Paola. — Desligo a TV e me volto para Dandara — Bom dia, pode comer o que tem na mesa. Não gosta?

— Com certeza gosto. — Pega a pasta novamente e caminha até a mesa e a sensação de missão cumprida me envolve, começa a se servir pegando um pouco de tudo, deixando seu prato em um montante. — Obrigada pelo café da manhã. Trouxe isso para o senhor.

Coloca a pasta em cima de uma cadeira me inclino e a pego, abro enquanto ela come um pedaço de bolo pudim que acabou de cortar.

Não entendo muito bem a princípio, pois é um desenho feito às pressas embora pareça muito bem calculado pelas anotações feitas na parte inferior do papel.

— O que é isso?

— O novo celeiro.

Coço minha nuca e me sirvo de um copo de suco, lendo uma tabela desenhada por uma caneta com as idades dos animais, dimensões do local e como não entendo muita coisa peço:

— Você pode me explicar melhor?

Ela levanta-se e limpa a boca com um guardanapo, deixa-o na mesa antes de vir até a borda da mesa onde estou sentado.

Não imaginei que ficaria tão próxima a mim, se apoia em minha cadeira curvando seu corpo, e traça o dedo indicador no papel, suas unhas estão com um esmalte desbotado cor de café e um pouco roídas.

— É o planejamento de um galpão que é um celeiro, no meu projeto o galpão é um *lousing-housing* com espaço adequado para os animais: bem ventilado, com sombra, espaço de cocho para alimentar eles...

Observo tentando absorver o máximo de informações possíveis para perguntar:

— E estas categorias?

— Vai ter vários animais, porcos, vacas, bovinos e quero ter uma égua e um cavalo.

— E tudo no mesmo galpão?

Ela me encara com olhos desafiadores.

— Sim, não vai haver problema desde que estejam separados, cada um com seu espaço, o galpão vai ser grande o suficiente para isso.

Faço um esforço para focar em suas palavras com ela tão próxima a mim com seu olhar inteligente me perscrutando, sentindo seu hálito doce e seu cheiro, fico em silêncio dando atenção mais ao meu olfato do que a minha audição, até porque ela parou de falar.

Gosto de ouvi-la, sua voz feminina é agradável.

Dandara me encara inquisitiva, me desvio dos seus olhos caramelos, limpo a garganta e digo:

— Pode continuar.

— Essa é a tabela de dimensões dos locais construídos: bezerros até quatro meses em baias individuais por 0,6 x 1,4 metros, se for em baias coletivas 1,5 metros por quadrado, piquetes... — Seu dedo desliza para a última casa na tabela que agora que ela explicou tudo está muito bem organizado. — Espaço por comedouro 0,5 metros por quadrado. E assim por diante... — Move o dedo para baixo indo para o início da outra tabela. — Bezerras de cinco a doze meses e novilhas de doze a dezoito meses. Alguma dúvida, senhor Chandler?

Pisco tentando processar as informações não porque não tenha

entendido, mas a sua aproximação me desestabiliza, tira todo meu foco. Balanço a cabeça e respondo:

— Sim, essa parte eu entendi. Então você quer transformar aquele celeiro nisso aqui. Onde vai dormir?

Ela curva os lábios em um sorriso antes de dizer:

— Vou aceitar ser sua hóspede, mas me prometa que me deixará fazer as coisas sobre o projeto da minha forma.

— Sim, tem liberdade de fazer o que quiser com aquele celeiro. Talvez assim eu consiga entrar lá.

— O quê? — Sorri.

Engulo, não tirando o foco dos seus lábios. Ela imaginou isso tudo durante a noite? Nunca tive dúvidas do seu potencial.

— Ainda tem mais coisas para me dizer sobre seu projeto? — Mudo de assunto.

— Sim, são muitos detalhes, por exemplo, o piso de terra batida, a cama deles tem que ser de material seco e macio, nesse caso a areia distribuída em 10 cm, o corredor tem que ser concretado e frisado no sentido longitudinal...

Estou adorando vê-la desse jeito, um lado que jamais conheceria. Me debruço na mesa apoiando meu cotovelo e o punho no maxilar enquanto ela continua falando concentrada em suas ideias.

Acho que ela nem percebeu as suas caras e bocas e que simplesmente não consegue ficar parada, mas inquieta contornando a mesa andando de um lado para o outro.

Ela é uma garota que esconde seu potencial, sei disso porque acompanhei sua trajetória na faculdade, seu excelente desempenho em uma turma em que ela era a única mulher.

— E sem contar no telhado flexível e pintado de branco...

— Por que... — Incentivo que ela continue a falar.

— Para haver menor incidência de radiação solar se possível a ventilação central, seja por meio de abertura e lanternins — ela começa a apontar na direção — leste, oeste no sentido longitudinal do telhado. Vai haver um galpão de sombreamento para repouso coletivo com uma cama e

bem próximo será construído uma estrutura apenas para fornecimento de alimentos! E ainda vai haver uma área de solário...

Suspira e sorri, elevada em seus próprios sonhos e isso para mim está criando uma bela sonoridade, perfeita em todos os sentidos.

— Perfeito — digo, embora não entenda muito, ela se volta para mim, pressiona os lábios se contendo.

— Sim, será o projeto da minha vida. Bem se você concordar, claro.

— Já concordei, vou fazer uma conta para você e seu projeto. Com os valores que vai precisar utilizar não precisa me enviar relatórios sobre valores gastos, apenas sobre o desenvolvimento do seu projeto.

Ela desvia o olhar em um misto de surpresa e claro toda sua inquietude.

— Me surpreende confiar em uma interesseira.

Reflete mágoa em seu tom, ela ouviu a conversa já devia imaginar...

— Não considero você interesseira Dandara, e a Paola só estava preocupada comigo, ela não te conhece.

— Exato, ela não me conhece para fazer essa especulação tão sórdida. Peça para sua amante ficar bem longe de mim com elas — pega a pasta de volta —, tenha um bom dia senhor Chandler.

Essa mulher aparece na minha casa tirando todo o meu silêncio e bagunçando minha rotina.

Agora age como se eu estivesse acabado de magoá-la quando estou tentando fazer o oposto, estou tentando agradá-la e fazer que sua presença nessa mansão seja permanente.

Dandara se tranca no quarto.

Guardo as coisas da mesa e saio para fazer uma corrida em volta da fazenda. Ao voltar percebo que ela continua em seu quarto.

Não sai mais de lá até o final da tarde, quando estou em meu escritório fazendo sua conta e transferindo uma boa quantia de dinheiro.

Sinto sua presença no corredor zapo até ela e antes dela descer as escadas a detenho segurando o seu braço.

— Vamos conversar.

— Não estou a fim.

Noto que está toda arrumada com um vestido colado no corpo desenhando a traseira que ela possui, curto o suficiente para atrair atenção para suas coxas grossas e firmes, decotado mais que o suficiente para qualquer marmanjo fantasiar com seus seios notáveis, usa uma bota cano curto, cabelos soltos e maquiada. Linda demais para sair por aí sozinha.

— Onde vai?

Revira os olhos e diz:

— Preciso dizer que não é da sua conta...

Zapo com ela pela primeira vez, ela se assusta ao estar no meu escritório e não mais no corredor.

— Ai que porra é essa?

— Não vai levar muito tempo para se acostumar.

Me aproximo da maquete no centro do meu escritório e ela me segue, surpresa ao notar a grandeza do meu projeto.

— Que maravilha! Não me disse que estava envolvido em um projeto desse porte. Nossa, uma cidade é muita coisa... — Circula a mesa observando os detalhes da maquete. — O meu é bem mais simples.

— Mas é eficiente. Se chama Valhala.

— O meu nem tem um nome... — Dá um toque na testa com a mão. — Por qual razão não pensei nisso ainda?

— Ainda está em tempo de escolher, se quiser. — Acrescento analisando-a.

Ela revira os olhos pensativa, gira a cabeça à procura de um nome, vasculha minha sala com seu olhar, depois foca para o lado de fora da janela aberta e observa a paisagem do pôr do sol. É uma belíssima paisagem.

— Paraíso.

Seus olhos devaneiam por alguns segundos antes de se afastar de vez da maquete, da paisagem, e de mim.

— Por que paraíso?

— Por que Valhala? — Deixo continuar com sua explicação: — Os

nórdicos acreditavam que atravessariam os portões de Valhala quando morressem, também é um tipo de Paraíso, eu penso que é a mesma coisa.

— É?

Devo admitir que ela me diverte e é inteligente.

— Você está construindo sua cidade e com certeza é para seres da sua espécie, e eu vou construir um paraíso para os meus animais.

Impossível não apreciar sua companhia.

— Como sabe que é para outros como eu?

— Porque eu faria a mesma coisa. Quero fazer isso com os meus animais, imagino o quanto deve ser horrível dividir o mesmo espaço com seres totalmente diferentes, e pior ainda seres que provavelmente nunca vão aceitá-lo pelo que você é.

Ela é fascinante.

— Humm, mas infelizmente seus animais serão abatidos e será a refeição de algum humano ou até mesmo a minha. Adoro carne bovina.

Provoco-a intencionalmente. Gosto de ver suas reações e respostas audaciosas.

— Que horror! — Ri. — Mas infelizmente eu sei disso, pelo menos antes de serem sacrificados terão uma boa vida em um paraíso. — Suas palavras se aprofundam mais na melancolia. — Preciso ir.

Não pergunto mais para onde ela vai, Dandara sai da mansão dirigindo a minha Ferrari.

Não a impeço, não posso mantê-la trancada em algum lugar, tentei fazer isso no passado e não deu certo.

Tento me ocupar dentro de casa, depois da janta tomo um banho e deito na minha cama, começo a folhear um livro, encaro o relógio na tela do meu aparelho e já passa de uma da manhã.

Não queria fazer isso, mas não tenho muita escolha, pego o aparelho e ligo para...

— Oi, Raony.

— Não precisa me explicar o motivo da sua ligação, ela está bem aqui jogada no balcão da minha boate, e completamente bêbada.

Pressiono meu cenho me levantando da cama.

— Além dela há mais humanos na boate?

— Certamente não, apenas a sua humana, sua fêmea.

Desligo a chamada e zapo apenas com meu pijama só lembrei de calçar meu chinelo.

Ao me ver ela ri, cercada por machos que tentam convencê-la a sair do local com eles.

O silêncio deles é iminente, apenas o som da música eletrônica que toca ao fundo. Os machos se afastam.

— Ah, mas que estraga festas — fala de maneira errada, completamente bêbada.

— Vamos Dandara. — Toco em seu ombro e ela se afasta tentando se levantar, mas falha e tropeça nos saltos. — Por que bebeu tanto?

— Porque estava a fim de ficar bêbada.

Seguro sua cintura violando a promessa que eu fiz de nunca mais tocá-la sem sua permissão.

Zapo com ela até o quarto de hóspede.

— Consegue tomar banho sozinha?

— Amanhã... Agora me deixa.

O cheiro forte de álcool contamina o ambiente, poderia apenas deixá-la sozinha, porém não consigo e ao invés disso zapo até a cozinha e pego uma jarra de água e um copo, deixo na mesa em seu quarto.

— Por que você fodeu com tudo? Por que fez aquilo com a minha vida?

Chora, enquanto se vira na cama.

Me aproximo dela e tento tocá-la, porém suas palavras ditas ontem ressoam em minha mente me impedindo de tocar em seu ombro para confortá-la, suas mãos estão apertando o travesseiro com força.

— Dandara...

— Ainda está aqui? Saia. Me deixe em paz! — Levanta-se recobrando um pouco seus sentidos, embora ainda chore desesperadamente. — Te odeio senhor Chandler! Te odeio por ter tirado de mim a vida que eu sempre quis

ter!

Não, ela não me odeia, não a ponto de me mandar embora. Ela pode guardar mágoa, se sentir triste, mas só pelo fato de conseguir ficar ao seu lado isso quer dizer que ela não me odeia.

Suas palavras saem com ímpeto e cortantes como uma lâmina afiada, eu senti seu desprezo durante esses dez anos, não tive coragem nem sequer de tentar uma aproximação dela porque tudo o que envolve Dandara me deixa impotente, inseguro.

Pelo fato da vulnerabilidade da nossa situação, eu preciso dela para existir desde que a encontrei, ela não pode me mandar partir e sua mágoa me contamina, me adoece.

Algo que escondi, mas cada dia que passa me sinto enfraquecido, preciso dela ou esse lugar vai ser meu túmulo e o dela.

Mas como fazer Dandara se apaixonar por mim?

Andei pensando bastante sobre isso, e preciso renunciar, preciso que ela veja por conta própria que o destino sempre vai encontrar formas de trazê-la para mim.

— Essa mágoa nunca vai ter fim?

— Deixa eu ver... Se você me devolver o Ted, meu filho, minha família!

— É tudo o que você quer? — Ela anui em silêncio, me sento na cama ao seu lado e suspendo seu queixo, eu poderia dizer que isso não é possível, que não podemos fugir do nosso destino, mas essa resposta não a fará feliz e não fará com que ela entenda de uma vez. — Então volte para sua vida Dandara. Volte para ele.

— É, mas só que agora é tarde demais! Ele nem se lembra do que vivemos...

Passa a mão no rosto fungando e borrando mais ainda sua maquiagem.

— Eu diria preciosa que é tarde demais para mim e sobre ele não se lembrar mais de você, acontece que não foi isso que... — ela me olha perdida, eu vacilo —, acontece que eu não...

— Isso quer dizer que não vai mais machucá-lo? — Me corta. — Caso

eu me aproxime dele... Você não vai machucá-lo?

— Não. Você tem a minha palavra — melhor ela ver por contra própria, não vou amortecer a decepção das suas expectativas —, mas não precisa partir, pode terminar seu projeto. Você me disse que tinha um namorado. É algum tipo de relacionamento aberto?

— Não. Eu menti, terminei com ele antes de vir para cá. — Ela mentiu para destruir minhas chances. — Boa noite senhor Chandler.

Se deita novamente.

Tiro suas botas e cubro seu corpo, abro as janelas vendo que ela dormiu zapo até o meu quarto e me sento na poltrona sem me restar uma gota de sono, meu pior erro bateu na minha porta para me atormentar. Meu pior erro foi ter invadido a vida dela e deixado um fardo muito pesado para ela carregar. Preciso me redimir. Dandara jamais vai me perdoar pelo que eu fiz e eu jamais vou tê-la pelo que eu sou.



CAPÍTULO SEIS

Ele anjo - Demônios reais

— Você passou longe dessa vez Reuel! — Alerta Jacó.

Ele é amigo do Reuel e é comum fazer estas visitas para jogar golfe isso quando não é na mansão deles. Jacó passa a mão na testa em sua pele negra, deixa a mesma mão nela para criar sombra e observa a bola fazer uma curva passando longe do buraco no campo.

— Já foram duas tacadas. Minha vez — digo me pondo na frente deles.

E ajeito minhas luvas antes de tirar meu taco de golfe da minha bolsa, escolho um bastante especial me posiciono para dar minha tacada. Coloco a bola em um bom ângulo que planejei enquanto Reuel errava seu alvo. Não sou o Tiger Woods, mas me considero um bom jogador.

— O senhor exibido entra em ação — diz Reuel. — Me pergunto em

que você não é bom. Sérico chega a ser tedioso.

Reuel acende um charuto está calor demais para ele se vestir todo de preto.

— Boa sorte Rudá — fala Jacó.

— Ele não precisa disso, nasceu com a bunda curvada para a lua tendo tudo aos seus pés.

Se não o conhecesse mais tempo poderia acreditar que ele está com despeito, mas não. Reuel adora me provocar e possui um estilo de vida totalmente diferente do meu, a única coisa que temos em comum é o golfe, a classe e o parentesco.

Em uma jogada com movimentos precisos e confiantes, consigo alcançar o meu alvo a bola fica curvilínea dando a impressão que errei feio, mas ela consegue encontrar seu caminho na areia e de maneira vagarosa percorre para dentro do buraco.

— Senhores temos aqui uma jogada mais que perfeita — falo convencido. — Vamos para o meio do campo, para perto do lago.

Um lago artificial que atravessa o campo de golfe. Eles me seguem e do outro lado da cerca conseguimos ver o celeiro, onde Dandara está conversando com alguns antigos funcionários da fazenda que demiti quando a expulsei daqui.

— Quem é a linda? — pergunta Reuel se encostando na cerca.

— A linda não é assunto seu.

— Aham... Compreendo meu caro, Rudá. — Continua ele.

— Compreende que é a fêmea dele — diz Jacó tocando em meu ombro como se estivesse me felicitando. — Parabéns! — É, e ele está.

— Obrigado, mas não é bem isso. Primeiro que ela deixou claro que tem asco de mim.

Nós três observamos além da cerca, pelo visto o golfe vai ficar para outro dia. Não consigo me concentrar com Dandara por perto, embora ela não esteja dando atenção para a gente minha atenção é toda dela, ela usa a mesma bota de ontem, mas com uma saia longa presa por um cinto e camiseta de malha preta bem colada ao corpo.

— Eu também teria asco de um velho como você. Aposto que ela lhe chama de senhor Chandler. — Reuel estica o bigode analisando minha fêmea. — Muito jovem e não é compatível com você.

— Eu sei disso.

Deixo meus ombros caírem um pouco desconfortável por revelar a eles minha fraqueza, algo que nunca consegui conquistar.

— Tenho certeza que vai conseguir conquistá-la. — Jacó sempre foi mais positivo entre a gente.

— Não com estas atitudes.

— E o que você quer que eu faça Reuel? Ela ainda gosta de um humano, seu primeiro amor, a mantenho por perto para a construção desse celeiro.

Faço círculos no gramado com o meu taco. Reuel deixa de se apoiar na cerca e me encara analítico, depois de deixar uma baforada do seu charuto conclui:

— Para começar a proíba de chamar de senhor. Fale para ela que se chama Rudá. Já é o começo para uma possível intimidade.

— Não preciso dos seus conselhos amorosos.

— Vai por mim primo, você precisa sim. Lembra da Dora? Eu disse que aquilo não ia dar certo, que ia acabar se ferindo e ela te deixando por um humano. — Passa na minha cara o meu passado. — Agora ela está velha e com netos e você tem uma queda pela sua verdadeira fêmea.

— Não tenho.

— Tem sim. — Jacó brinca tamborilando os dedos na cerca ainda observando Dandara.

— Chega senhores. Vão ficar aqui o dia todo?

— Mas que expulsão repentina Rudá. — Brinca Jacó.

— Claro que têm, impossível não ter uma queda por esse espetáculo de mulher... — Reuel coloca o taco sobre os ombros.

— Lembrando que ela ainda é a minha fêmea.

— Sim. Eu falei espetáculo de mulher com todo respeito do mundo primo, acredite. — Cínico. — Você sabe que para ter o trono precisa da sua

fêmea para gerar herdeiros. — De repente ele fica mais sério.

— Eu já abri mão disso.

— E quem vai ficar no seu lugar? — Não digo nada, pois no fundo todos sabemos a resposta. — Não pode fazer isso com aquele garoto!

— Isso não é assunto seu.

— Vamos Jacó, acho que apertamos demais a mente dele, pois fala besteira. — E antes de desaparecer Reuel lança um olhar de decepção para mim.

Dane-se.

— Boa sorte Rudá. Até breve. — Jacó desaparece também.

Suspiro e pego minha sacola, as deles também. Atravesso o campo indo ao encontro de Dandara.

Ela dispensa os homens e vem até mim, um pouco corada e com um sorriso pleno em seu rosto e imagino que seja pela conversa de duas noites anteriores, sobre ela poder ter liberdade de voltar a namorar o Teodoro. A deixei livre, pois sei que isso não será possível.

— Oi — diz —, veio conhecer os homens?

— Não. — Meu tom sai um pouco ranzinza. Não é uma boa hora para conversar com ela, no calor do momento. — Depois conversamos Dandara.

A deixo para trás contaminado por algo que nunca senti com esta intensidade. Ciúmes. Nunca gostei que tocassem em alguma coisa minha, algo que deixei limpo e no lugar que escolhi. Odiava quando meus irmãos mais novos faziam bagunça em meus quartos e na maioria das vezes para me provocar.

— Senhor Chandler! — Ela chama por mim antes de subir os degraus da mansão. Paro e deixo que ela me acompanhe. — Está tudo bem com o senhor?

— Sim. — Coloco as sacolas deitadas nos degraus da escada e admito: — Para ser franco não. Dandara quero que pare de me chamar de senhor Chandler, sou o Rudá. Me chame pelo meu primeiro nome, Rudá, já é o suficiente. Estamos entendidos?

— Ok. — Ela morde o lábio.

— Bom. O que queria falar comigo?

— Sobre o projeto eu preciso de uma equipe de profissionais em determinadas áreas, por exemplo para montar alguns equipamentos e não consegui encontrar na cidade, estava pensando em trazer de fora, talvez, nas cidades vizinhas, mas aí tem a questão das despesas da hospedagem. Não sei nem onde eles podem ficar.

— Contanto que não seja na minha mansão. Não se preocupe com isso, eu resolvo, vou mantê-los em meu hotel na cidade com todas as despesas e vou providenciar uma condução para eles virem trabalhar todos os dias.

— Nossa o senhor... Quer dizer você tem um hotel?

— Comprei faz tempo não achei que seria tão útil.

— Eles vão fazer as refeições lá também certo?

Ela demonstra preocupação com qualquer um até para quem nem chegou a conhecer ainda, e para mim não me resta uma fagulha de afeto.

Pressiono os cenhos fazendo uma massagem. É, não tenho direito a ter férias pelo visto tenho que ajudar Dandara em muitas coisas, ou ela vai acabar ficando sobrecarregada.

— Tudo bem o hotel vai cobrir isso. Não vai sair do bolso deles.

Ela sorri genuinamente. Se tudo que faço será pago com esse sorriso valerá a pena.

— Só isso?

— Não. Também quero conversar sobre aquela noite que eu estava bêbada...

— Eu não vou voltar atrás Dandara não se preocupe com isso.

Meu Oric. Pego as sacolas novamente, e subo as escadas com ela me perseguindo.

— Eu sei senhor Chandler. Desculpa. Vai levar um tempo para me acostumar, Rudá.

Enquanto ela semeia mais palavras eu abro a porta e entro no hall, deixo as sacolas na mesa no centro dele.

— Então o que é?

Minha cabeça está fervendo, talvez tenha sido o sol excessivo.

— Eu não quero mais que o Teodoro se lembre de mim daquela forma.

De repente um risco fino de esperança desabrocha para mim.

— E por que não? — Começo a descalçar minhas luvas.

— Eu não quero bagunçar sua vida como antes, não tenho esse direito. Ele tem uma filha e se as coisas acontecerem entre a gente tem que ser a partir de agora. E também tenho medo de me envolver com ele...

Sua expressão está embaralhada demais para eu ler.

— Eu não estou entendendo Dandara. — E não quero entender, não quero ser seu conselheiro amoroso, mas se me redimir significa entregar a minha fêmea nos braços de outro homem, isso também fará com que ela entenda que não vai ter como escapar de mim, para isso terei que dá fim ao meu orgulho. — Você não o ama?

Ela firma seu olhar nos meus, totalmente confusa e isso que eu não entendo.

— Eu amei aquele Teodoro e aquele Teodoro me amou, mas se passaram dez anos eu mudei e ele também. Não sei se ele vai me amar como sou agora e tenho medo disso.

Eu sei, eu entendo porque que ela fala essas coisas, pois para ela tenho apenas uma atração algum tipo de obsessão sem profundidade nenhuma. Ela não tem ideia do que significa para mim, preciso ter paciência.

— Compreensível, mas você é quem você é. Se ele vai aceitá-la como é só vai descobrir quando estiverem juntos, precisam conversar seja mais direta com ele e deixe claro sua intenção. Agora tenho que ir.

— Você tem razão. Hoje à noite vou procurá-lo e seja o que Deus quiser.

Não vou poupá-la, triste saber que ela se importa com alguém que a deixou para trás mesmo sabendo que nessa história ela é a única inocente.

Zapo até meu quarto e tiro minhas roupas de maneira apressada, não almoço já passa do meio dia quando saio da mansão, pego meu notebook e coloco em minha pasta.

Não encontro Dandara na mansão, mas senti sua presença perto do pé

de manga, ela se encontra sentada debaixo do pé de manga se lambuzando com uma manga madura.

— Você não almoçou?

— Não tinha nada para comer. Mas quando voltar pode me trazer alguns macarrões instantâneos?

— Farei melhor. Trarei alguém para preparar sua comida, esses dias nós dois vamos estar ocupados.

Deixo-a chupando sua manga em paz.

Ela não sabe cozinhar e já devia saber, pego meu carro, dessa vez um Jaguar. A caminho mando uma mensagem para Ructon perguntando se ele está disponível e claro que ele recusou informando que está na Rússia, me mandou até fotos ao lado do seu ex-namorado e atual amante... Entre muitos que ele tem.

Não consigo pensar em mais ninguém além da Grace Jane, mas ela é uma fêmea ocupada, mesmo assim vou perguntar se ela pode...Ou acho que terei que me organizar durante a madrugada e preparar nossa refeição.

Estaciono frente ao hotel que não é muito grande. Entretanto, é o suficiente. Converso com a gerente e fecho um acordo com eles, embora eu seja o dono do hotel gosto de tudo organizado, informei que assim que a grade de funcionários que irão trabalhar na construção do celeiro estiver disponível vou pedi para providenciar crachás para a hospedagem ao hotel e acesso a minha fazenda.

Como se eu quisesse qualquer um entrando e saindo da minha jaula.

Passo na loja da Grace a única que pode me ajudar nesse momento.

Assim que abro a porta o sininho toca.

Desirée me cumprimenta com um olhar e volta a contar suas notas no caixa.

— Boa noite Desirée, onde está Grace Jane?

— Boa... Na cozinha.

Pelo que eu sei ela divide entre sua vida de artista e de atendente na loja da Grace é uma ajudando a outra, tanto nos negócios como no cuidado dos filhos.

Passo por ela e abro a porta da cozinha e ao me vê Grace dá um sorriso receptivo, ela é a única que não se importa em guardar mágoa de alguma coisa. Bom, pelo menos nisso o Raony é feliz. Ela é boa demais para ele.

— Boa noite Grace Jane, desculpa incomodar...

— Larga disso cunhado! — Ela toca em meus braços mantendo o sorriso gentil. — Parabéns, ainda não tive o prazer de conhecer sua fêmea porque ainda não recebi o convite para visitá-lo. Você não é como Marlon... Não temos muita intimidade sabe?

— Compreendo. Ainda não é o momento de fazer as apresentações prefiro manter tudo como está.

— Então ela não sabe que é sua fêmea.

— Ainda não. E eu vim aqui porque preciso de um favor seu, claro se puder ajudar... — Fico desconsertado em pedir isso. — Se algumas vezes na semana você pode me ajudar a cozinhar... Ela vai estar ocupada e eu também.

— E ela não deve saber também — Grace fala pensativa. — Esses dias estou cuidando dos gêmeos, você sabe que eles não podem sair por aí e serem vistos pelos humanos. Bom... pelo menos o Wilker. Ructon inventou de fazer uma viagem, minha rotina também ficou pesada — suspira — eu adoraria, mas posso fazer comida em quantidade e pedir para o Gael levar, ou ela pode almoçar com a gente.

Essa parte de almoçar na casa do Raony não é uma boa ideia, então digo:

— Melhor pedir para o Gael levar. E quanto vai ficar?

— Deixa disso! Somos família. — Novamente toca em meu ombro.

— Tudo bem e obrigado.

Ela franze o nariz, e em silêncio me acompanha até a saída, me despeço dela e da Desirée.

Vejo as horas em meu relógio de pulso e me lembro que Dandara não comeu nada, ao lado tem um restaurante, paro para comprar nossa janta e me programo mentalmente sobre o que fazer sobre nossas refeições.

Eu realmente terei que cozinhar durante a madrugada, terei mais tempo livre que Dandara, pelo menos nas minhas férias. Darei apenas suporte já que

ela está na linha de frente.

Mas quando voltar das minhas férias estarei totalmente concentrado no projeto Valhala.

Saio com a sacola do restaurante e volto a pé, deixei meu carro estacionado no estacionamento do hotel, na avenida principal onde fica o comércio da cidade, passo por um beco e sinto o cheiro que o vento me traz, não apenas o cheiro como a presença marcante de Dandara.

Ando mais um pouco perseguindo-o, passo pelo parque chegando na loja da Dora sem que ela me note através da vidraçaria, logo atrás da loja encontro um casal. Óbvio que reconheço quem é de imediato. Estão em silêncio e Dandara chora, isso é péssimo, mas já tinha previsto que esse moleque ia fazê-la chorar.

— Eu sinto muito Dandara, mas não... Preciso pensar sobre isso antes de me envolver com alguém, pois tenho a Bia e não posso deixar qualquer pessoa entrar na vida dela.

— Jamais faria algo com ela.

— Você sumiu há dez anos, nem se despediu dos nossos amigos direito. Além do mais seu estilo de vida deixa a desejar, soube que estava caindo bêbada naquela boate, Bia é fácil de se apegar a uma pessoa e ela já sofreu demais com a partida da mãe dela.

Estou me odiando nesse momento, nunca bisbilhotei a conversa de ninguém, mas estou aqui me sentindo incapaz de deixar de ouvir. Só não estou entendendo o motivo do meu coração apertando em meu peito, deveria estar feliz com Teodoro dando um fora nela, não são as minhas emoções, mas as dela. Dandara está sofrendo e isso me faz sofrer.

— Eu entendo. Sinto muito por essa proposta idiota. Não tenho o direito.

— Desculpa eu nunca serei capaz de ter apenas um caso com você. — Aposto que não foi isso que ela propôs, mas esse idiota entendeu tudo errado. Bom para mim. — Eu me sinto atraído por você, você é linda, mas...

— Mas o quê?

— Nunca levou nada a sério.

Ela se afasta dele, neste momento não sei o que faço, mas eu... algo que

nunca contei para ela, naquela noite eu não apaguei suas memórias, apenas apaguei os acontecimentos daquela noite sobre mim, sobre meu aparecimento no celeiro, tudo anterior a isso sempre esteve em suas memórias. Posso intervir na conversa? Posso, mas não farei isso.

— Você está enganado sobre mim.

— Não estou Dandara, eu achei que você era diferente sabe? Da forma que se importava com a fazenda, com nosso namoro....

Tarde demais para desfazer esta confusão. Que Teodoro decidiu seguir em frente sem ela, com todas as suas memórias.

— O que disse? Ted, você se lembra? Se lembra do nosso namoro?

— Por que não lembraria? Me lembro de tudo, inclusive do dia que saiu do hospital e disse que tinha perdido nosso filho. Fiquei muito magoado, e nem me disse como! Um acidente?

O que ela poderia dizer? Que um demônio apareceu na sua vida e causou todo o caos. Caos baseado em uma mentira.

— Desgraçado! Eu fui naquela noite na esperança que você se lembrasse de mim, contei sobre ter pedido ele e você só ficou calado! Indiferente, você só me mandou ir embora! — Ela começa a chorar descontroladamente. — Pensei que não se lembrava de nada...

— Dandara melhor você ir descansar. Está falando coisa com coisa? Você bebeu? — Ele usa um tom incrédulo. — Claro, não muda. Não cresce... Eu cresci Dandara sou pai, não sou mais aquele cara que curte trepar em um celeiro.

— Por que você fez isso? Depois de tudo o que a gente viveu por que você me deixou sozinha?

Ela dá um tapa em seu rosto, não se contentando com isso começa a despejar sua raiva nele. Me apresso em ir até ela e segurar suas mãos nervosas.

— Chega Dandara. — Consigo tirar ela de cima dele, ela nada diz.

Seguro ela pelo braço e a levo até onde estacionei o meu carro. Sinto os tremores do seu corpo.

— Eu não acredito! Estou cercada por filhos da puta. — Ri em

descrença. — Como me encontrou aqui? — Joga a cabeça para traz e diz: — Esquece não quero saber. Pode me dá uma carona, por favor?

Entra no carro e eu também, suspiro com a cabeça fervendo viver ao lado dela é como viver pendurado em um paraquedas desgovernado.

Dandara segura as lágrimas sei que quer chorar, como anda fazendo nas últimas noites, e minha raiva é também ser o causador do seu sofrimento, eu vi outras versões da Dandara, cheia de vida e arrebatada em seus planos. Eu me envergonho do que fiz, mas isso não é o suficiente.

— Como chegou até aqui? — pergunto.

— Peguei uma carona na estrada. Esqueci até da sua garagem cheia de carros.

Semicerro os olhos perfurando seu rosto corado e olhos inchados.

— Nunca mais faça isso. É perigoso. Você é imprevisível, mas não é...

— Louca! Eu sei. — Ela revira os olhos e passa a mão no rosto esticando a pele.

— O que está fazendo?

— Tentando relaxar.

Ligo o som do carro na faixa que toca Mozart.

— Assim está melhor?

— Música clássica não me relaxa — bufa —, isso pode funcionar com você, mas sabe o que me relaxa Rudá?

— Comer manga verde com sal?

— Não. Trepar no celeiro! Porque isso é tudo o que sei fazer.

Jogo o jantar e a minha pasta no banco de trás e dou partida no carro.

— Você é muito mais que isso. Não leve a sério o que ele disse.

— E nem o que você diz! Você mentiu para mim. Você disse claramente que ele não se lembraria do que vivemos... Eu ouvi suas palavras.

— Passe o cinto de segurança antes de começar a discutir comigo. — Ela me encara incrédula, revoltada, porém faz o que eu peço. — Eu menti, o único momento que deletei da memória dele foi o que compromete quem eu sou, só fiz ele acreditar que sou um humano, se eu tivesse apagado você das

memórias dele o Teodoro seria uma pessoa muito diferente agora, pois parte do que ele se tornou é porque você esteve em momentos importantes da vida dele. Da sua construção, não podia fazer isso com a mãe dele.

— Grande filho da puta é o que ele é! E você também seu cretino. Foi bom ter brincado com minha vida esse tempo todo? E o que a Dora tem a ver com isso?

— Isso não vem ao caso agora, sinto muito por isso, em minha defesa quero deixar claro que não tenho culpa das ações do Teodoro, nem das escolhas dele, e ele não escolheu você.

— Sabe o que falo em minha defesa? Vá se foder! Tomar no seu cú!

Extremamente possessa pela raiva ela cruza os braços.

Ela me mandou....

Dirijo pensando sobre isso o caminho todo.

Ninguém nunca me mandou...

— Preciso que você me perdoe só assim poderemos seguir em frente.

— Perdoar você? Isso tudo é uma droga, não brinco com a vida de ninguém e descobri que estava brincando todo esse tempo com a minha... Eu quero seguir em frente porque eu preciso — fala com amargura. — Eu estou em uma situação que preciso seguir em frente, que preciso deixar isso tudo passar.

— Vou entender isso como um perdão...

E algo me diz que a situação que ela se refere foi que a fez voltar.

Seguimos em silêncio até chegar em casa, aviso sobre o jantar e ela não me dá atenção. Com Teodoro fora do caminho esta é a chance que tenho para conquistá-la.



CAPÍTULO SETE

Ele anjo - Demônios reais

O deio ser enganada. E todo esse tempo estava sendo enganada sobre minha situação e a de Teodoro. Ele me expulsou da sua vida não porque não se lembrava de tudo o que vivemos, mas por uma atitude totalmente egoísta.

Hoje acordei e não encontrei Rudá em lugar nenhum, tudo indica que ele saiu bem cedo.

Depois de tomar um banho desço para preparar meu café da manhã, começo a montar meu sanduíche adicionando várias fatias de queijo. Pego um suco de caixinha na geladeira e começo a comer, não me contentando com um sanduíche preparo outro.

Eu sempre gosto de começar o dia comendo bastante, porque no restante do dia quase nem toco em comida. Tenho péssimos hábitos alimentares.

Vou até o celeiro onde deixei a enxada, ao lado os antigos funcionários

da fazenda já fizeram uma limpa no celeiro, doeí parte das ferramentas velhas para eles, e combinei deles virem hoje demolir o celeiro. Já o pagamento vai ficar por conta do dono da fazenda que justo hoje resolveu dar um sumiço.

Espero que ele não esteja chateado por tê-lo mandado tomar naquele lugar, estava irritada e agi por impulso, mas sentia à vontade de mandá-lo se foder há muito tempo.

— Bom dia senhores! — Cumprimento os trabalhadores já com suas ferramentas de demolição. — Sobre essa porta, eu quero mantê-la, deixe ela por aí.

Quero manter algo do antigo celeiro e escolhi a porta arranhada com essas garras.

Deixo os homens fazendo seus trabalhos, e pego meu celular finalmente tenho coragem de ligar para Lili.

— Oi Lili.

Ela vive colada no celular o dia todo, postando fotos em suas redes sociais e francamente nunca tive paciência para isso até que um dia um amigo me pediu para posar para suas fotos o que eu não entendi, pois Lili é muito mais bonita que eu, mas dessas fotos fui parar em uma revista de moda plus size.

— Sua vadia! Como ousa me dá um gelo e me deixar preocupada? Me diz onde está e vou buscar você. O que deu em você Dandara? Ficou louca?

— Não é para tanto...

— Não é? Não se desaparece de um dia para o outro sem dá notícias. — Ouço ela fungar do outro lado da linha. — Me diz se está tudo bem.

— Estou bem Lili e voltei para a antiga fazenda...

Eu preciso ligar para o meu pai também.

— Mas o demônio não tinha te expulsado?

— Amiga se acalma, olha ele me deu um emprego na minha área e estou construindo um celeiro para ele... — Me mantenho calma diante da agitação de Lili.

— Até aí entendi, mas não entendi a parte de ter terminado o namoro e ido embora sem nem se despedir direito.

— Eu me despedi!

— Uma mensagem sentada em um ônibus não é uma despedida.

— Sinto muito por isso.

— Quando vou poder te ver de novo?

— Quando for a hora. Tenho que desligar Lili. Fique bem. Beijos —
falo apressada.

Desligo a chamada na cara dela, pois tenho certeza que ela faria mais perguntas, e no momento não tenho condições de responder nenhuma.

Arrasto a enxada até o gramado, o sol já começa a ficar escaldante. Como o clima está quente vou poder usar meus shorts curtos e camisetas, é o que estou usando no momento, preferi deixar meus cabelos presos em duas tranças.

Encontro um bom lugar para cultivar minhas abóboras, meu pai as vendia na feira e agora sei que o motivo não era para ter dinheiro, pois ele sempre esteve usufruindo do dinheiro que o senhor Chandler lhe enviava.

Gostava de enfeitar elas no Halloween, era divertido. As sementes que comprei estão em meus bolsos, tive que cancelar a compra da minha cama e armário já que decidi ser hóspede na mansão.

Depois de um tempo batendo enxada na terra, passo a mão na testa escorregadia pelo suor.

Avisto o carro do senhor Chandler atravessar a cerca, os portões da fazenda.

Acho que ele tem visitas, pois abre a porta do carro para uma mulher. Deixo isso de lado e continuo a preparar o terreno para plantar minhas abóboras.

— Dandara! — Chama por mim, me recomponho vendo que ele está vindo ao meu encontro deixando a mulher perto do carro. — O que pensa que está fazendo?

Eu não entendi a sua insatisfação.

— Plantando algumas abóboras.

— No meu campo de golfe?

Afs.

Bato a palma da mão na testa tinha esquecido completamente desse detalhe, que entrei em uma zona proibida e o lugar é tão propício para minha plantação.

— Eu sinto muito. Vou deixar tudo como estava.

Ele olha para o chão com turrões de grama para todo lado, unindo as sobrelanceiras criando três rugas no meio da testa, ainda assim esse homem exala charme. Tão diferente de mim.

— Isso não vai funcionar e quer saber deixa para lá. Você está entediada percebe-se.

— Não estou, não. Adoro esse lugar.

— Ainda assim está entediada a ponto de plantar abóboras. Venha conhecer a Paola, pedi para ela me ajudar a montar uma equipe para seu projeto, ela é engenheira. Fui buscá-la na pista de pouso.

Desde quando aqui tem uma pista de pouso?

— Não quero!

O interrompo, arrasto a minha enxada até o celeiro deixando apenas uma broca no campo de golfe dele.

Quando ele não estiver mais aqui continuo minha plantação, quando se der conta vai ter abóboras crescendo em seu campo de golfe. Solto um fraco risinho imaginando a cena.

— Você precisa de uma equipe de profissionais para tirar seu projeto do papel.

— Sim, mas você disse que ia me ajudar. Não ela. Como você disse ela nem me conhece...

Deixo a enxada encostada em uma das paredes do celeiro, o barulho da marreta indo de encontro às paredes não cessam.

Faço o percurso de volta para a mansão, sendo seguida por ele. E Deus eu simplesmente não consigo ficar quieta em um canto.

— Quer parar quieta! Vamos conversar.

Paro ao notar que Paola nos observa de longe.

— Você a trouxe para isso?

Passo a mão nas tranças ajeitando-as. Droga. Pareço patética, pois ainda coloquei dois lacinhos nas pontas delas.

— Não. Ela veio me ajudar na preparação de um evento que vai acontecer na fazenda nesse fim de semana, conversei sobre seu projeto no meio do caminho.

— De qualquer forma obrigada, mas não quero.

Antes de deixá-lo ele segura em meu braço me mantendo no mesmo lugar.

— Isso tudo foi porque ela fez aquele comentário infeliz sobre você?

— E se disser que sim? Sim foi! Não quero trabalhar com uma mulher que me chamou de interesseira sem me conhecer. — Confesso indignada.

Esse homem tem o poder de tirar minha paciência. Mas agora essa tal de Paola, sua amante enciumada, pois seu comentário foi maldoso típico de mulher despeitada. Não me conformo, devia ter falado alguma coisa para lavar minha alma.

— Isso é besteira — diz calmo, a defendendo claro. — Não achei que fosse tão infantil.

Ah, mas oras! Não sou obrigada a ouvir isso.

Como ele não me solta aproximo-me mais dele e fico na ponta do pé, com um sorriso provocativo no canto da minha boca, seguro minhas duas tranças e balanço em suas bochechas.

— Oh, sou infantil é? — Faço minha voz de menininha. — O quanto eu sou infantil senhor Chandler?

— Rudá. — Me corrige.

Reparando bem... Quando esse homem não está bem vestido e cheiroso?

Passo a brincar com o lenço no bolso do seu terno e volto a encarar seus olhos azuis.

— Essa garota infantil acabou de deixar você sem jeito...

— Não estou.

— É? — Paro de brincar com seu lenço e desço a mão até abaixo do seu cóis. — Aí em baixo denuncia que está acontecendo outra coisa...

— Exatamente, não estou sem jeito, estou com vontade de fazer outra coisa e Dandara... Se continuar me provocando não vou poder cumprir a promessa de não tocá-la.

Verdade ainda tem isso. Acho que peguei pesado demais na brincadeira. Me afasto e peço:

— Desculpe por ontem também, por mandar você para aquele lugar...
— Faço minha melhor cara de arrependida.

— E você não está nem um pouco arrependida, inclusive de ficar me provocando — pega uma das minhas tranças —, admita que você gosta de me provocar e outra coisa também, você me proibiu de tocá-la, não o contrário, portanto fique à vontade querida.

Um formigar percorre meu rosto e não sentia isso faz tempo ao conversar com um homem, por esse breve momento esqueci completamente quem ele é. Fiz algo estúpido demais!

Ele deve ter notado meu desespero, pois curva os lábios em um sorriso cheio de más intenções, e caminha sozinho para a mansão.

Eu tenho que parar de ser tão impulsiva, ele não é meu amigo, não posso ter esse tipo de comportamento.

Estranho, muito estranho e cada dia que passa eu sinto que algo me atrai para ele e tudo o que consigo fazer é provocá-lo.

Odeio agir como se estivesse com ciúmes dele e de Paola. Quando não tenho motivos para ter. Eu não gosto dele. Mesmo sendo atraente, inteligente, cheiroso... maduro e charmoso ele está em um patamar que eu não vou alcançar. Não que me interesse.

Ele e Paola pedem um almoço. Já eu me contento comendo besteiras. Passo a tarde debaixo do pé de manga comendo salgadinhos, e sempre que alguns homens precisam tirar alguma dúvida sobre a demolição falam comigo.

Já no final da tarde um deles vem até onde estou para pegar o pagamento.

— Isso é com o senhor Chandler, eu vou falar com ele.

— De qualquer forma amanhã vamos estar aqui novamente com a carreta para tirar os entulhos — O representante fala.

— Certo! Amanhã farei o pagamento sem falta. Obrigada pelo seu trabalho.

Final da tarde retorno para a mansão, preciso de um banho e descansar um pouco, mas antes que me esqueça, tenho que conversar com ele sobre o pagamento dos funcionários.

Eu não quero incomodá-lo, entretanto, bato três vezes na porta do escritório como não atendem abro a porta. A TV está ligada passando um vídeo 3D sobre o seu projeto, ele está sentado no sofá com Paola ao lado dele, com a cabeça encostada em seu ombro.

Ele faz um sinal para eu fazer silêncio.

— Eu sinto muito não quis incomodar — sussurro, ele acaricia o cabelo dela e fala algo baixo em seu ouvido.

Paola se levanta parecendo acordar, percebo que a camisa dele está completamente desabotoada, cabelos desgrehados e antes de desviar o olhar não tinha como não olhar seu abdômen definido.

— Tudo bem ela acabou dormindo cansada da viagem — diz ele, encosta a porta do escritório atrás de si, imagino que não queira me manter perto da sua amante. — Do que precisa?

— É que precisamos fazer o pagamento dos homens.

— Criei uma conta esqueci de te passar. Espera aqui que vou pegar os dados. — Ele entra novamente no escritório deixa a porta entreaberta, dando espaço para observar Paola se recompor do lado de dentro, ao contrário dele, ela continua vestida. Senhor Chandler sai em seguida da sala com um envelope vermelho. — Aqui, basta acessar sua conta...

— Eu preciso de dinheiro em espécie, pois amanhã cedo eles vão vim vir buscar. Mas eu posso falar com eles para pagar depois de amanhã...

— Vai ser melhor assim, pode pegar o valor no cofre ou no banco.

— Tudo bem e novamente sinto muito por incomodar.

Me viro para atravessar o corredor indo em direção ao meu quarto e sou surpreendida com o seu toque em meus ombros.

— Você almoçou?

— Sim.

— Você cheira a manga. Eu sinto muito esqueci de pedir seu almoço, é o costume de toda vez que Paola está aqui pedimos... — Ele se cala sem jeito.

— Não tem problema, minha alimentação é responsabilidade minha.

— Você não gosta ou tem preguiça de aprender?

— Eu não sou preguiçosa.

— Sobre cozinhar. Você não sabe. Isso é ruim.

— Quer parar de apontar seja lá o que for, que não vou considerar isso um defeito. Me poupe. Melhor voltar para sua amante e me deixar em paz, da minha vida cuido eu.

Continuo a dar passos apressados até o meu quarto e antes de abrir a porta, sua mão grande bloqueia segurando a maçaneta, cobrindo minha mão na sua.

— Sobre isso precisamos conversar. Não somos mais amantes.

— Isso não é problema meu. — Mordo o lábio e encaro de uma vez o demônio, que está muito próximo a mim de maneira estranha estou me acostumando com sua aproximação. — Mas não parecia nada disso...Pareciam ainda muito íntimos.

— Isso foi porque nos beijamos.

Desço o olhar até sua camisa desabotoada com todo o cinismo em minha cara digo:

— Tem certeza?

— Isso porque passou dos limites.

— Não precisa me dá explicação. A não ser que queira compartilhar comigo suas aventuras sexuais...

— Não é nada disso Dandara. Você finge não levar nada do que eu digo a sério e isso está me deixando impaciente. O que estou tentando dizer é que somos dois adultos e isso era algo que fazíamos, hoje foi diferente Paola me beijou e avançou mais um pouco, a impedi a tempo.

— Ah, impediu a tempo...Cara só foi um beijo, e isso é problema seu, já beijei dois caras desde que cheguei aqui e isso é problema meu!

— Você esteve com dois caras? Um dos trabalhadores?

Rio alto.

— Sou profissional, não vou sair por aí "cortejando" meus funcionários.
— Continuo rindo, como gosto de provocar ele melhor ainda quando ele continua sério. Faz tudo perder a graça. — Foi na boate antes de ficar bêbada, então beijar é normal.

Reviro os olhos, dois caras na boate não é o meu limite.

— É normal? Você não é normal! É tão, tão... — Aperta os lábios como se quisesse conter um palavrão.

— Leviana?

— Não. Irresponsável não sabe nem quem beijou naquela boate.

— Dois homens de um clube de motoqueiros, e gatos.

Ele semicerra os olhos, um tanto enfurecido.

— Não. Dois demônios, querida.

É tudo o que diz antes de me soltar e sair.

Nossa... beijei dois demônios.

Essa cidade agora é deles?

Tomo um banho e aproveito para lavar meus cabelos, meu estômago ronca e acho que vou ter que preparar mais um sanduíche.

Desço até a cozinha e encontro o senhor Chandler descalço e várias vasilhas de vidro espalhadas pela mesa, dá para sentir o cheiro da comida de longe.

— Oi. — Ele fala ao me ver.

— Oi, só vim preparar um sanduíche.

— Sente-se e coma alguma coisa, estou preparando seu almoço da semana vou estar bastante ocupado esses dias.

— Não precisava disso!

— Precisava não pode ficar com fome. E também tem a Paola, caso ela também queira comer alguma coisa.

Ele organiza algumas panquecas em uma refratária de vidro, tampa e a geladeira se abre sozinha e a refratária com as panquecas começam a flutuar até ela.

— Uau...

— Desculpa é o costume.

— O que você é? Um tipo de bruxo imortal?

Começa a lavar alguns tomates.

— Não...

— Obrigada, eu posso te ajudar é só dizer o que fazer. Cozinhar não é meu forte, mas mesmo assim posso ajudar colocando a comida nas vasilhas. Ou algo que você queira que eu faça.

— Não precisa. E desculpe por mais cedo, não quero que pense que sou um machista daqueles que pensam que mulheres precisam cozinhar e estas coisas...

Fico mais próxima dele, observando seu trabalho.

— Fui criada pelo meu pai, e ele sabia cozinhar, uma vez entrei em um debate na faculdade com um colega da minha sala, ele disse que o machismo está enraizado na criação da família tradicional.

— É? Por que?

— Por exemplo, a mulher fica responsável pela criação do filho, mas esse foi um comentário de um homem não levei muito em conta, é como se ele quisesse dizer que nós mulheres colocamos na cabeça do garoto e da garota que: A garota tem que lavar os pratos, fazer comida, lavar roupas. E o garoto? Coçar o saco o dia todo.

— Isso é ruim... — Ele me escuta atentamente. — E o que você acha disso? Até agora são palavras do seu colega.

— Acho que odiaria ter alguma sogra me dizendo como tenho que ser, as mulheres colocam na cabeça o modelo ideal de mulheres que querem para seus filhos e a maioria, donas de casas ou seu pobre filho vai morrer de fome, não vai passar, lavar... "Porque isso é tarefa da mulher."

— E você não sabe fazer nada disso...

— Não e eu estou fodida cara! — Rio. — Oh, desculpa você não gosta de palavrões, nunca ouvi você falar um.

— Não costumo falar. Mas quero que entenda que não penso como seus colegas ou como você, você não precisa ser dona de casa, mas precisa

aprender a fazer as coisas para a sua sobrevivência básica.

— Existe comida de restaurante e serviços que trazem comida na sua casa. — Retruco.

— Entendeu o que eu quis dizer...

Ele é charmoso com um avental branco e suéter com as mangas dobradas, revelando seus braços musculosos.

— Ok...Sobrevivência.

— Independência também. Não vai precisar de ninguém para fazer sua comida, isso é bom, em resumo aprender a cozinhar e a fazer tarefas é bom tanto para os homens como para as mulheres.

— Uau... Nunca vou ser capaz de entrar em um tipo de briga com você.

— A intenção era brigar? — Curva as sobrancelhas.

Eu solto um fraco risinho.

— Você disse que não é machista, mas é um tanto conservador...

Para o que está fazendo para só então me observar, quando fica intrigado aparecem duas rugas no meio da testa, já me acostumei com isso também.

— Eu sou? Por que acha isso?

— Não lembra? Me chamou de leviana por não ser mais virgem!

Ele deixa a faca e o tomate de lado em um gesto ligeiramente irritado.

— Você faz com que tudo se torne mais difícil, quando dou um passo em nossa aproximação, me dou conta que na verdade estou dando três para trás.

— Eu não entendi.

— Por que insistir em falar do passado?

— Ele existiu e não foi nada agradável para mim. — Droga. Já estamos discutindo novamente.

E não foi minha intenção.

Rudá me lança um olhar perdido.

— E o que posso fazer para me redimir?

— Nada. Não precisa, só fiz um comentário. Você que levou a sério demais.

Próximo de mim, muito próximo a ponto de me fazer dá alguns passos para trás, mas isso não o impede. Então minhas costas tocam no alicerce de vidro de uma pequena adega que fica no meio da cozinha.

— Porque eu levo você a sério. E quero dizer que naquele dia o problema todo foi ver alguém tocando em algo que existe para ser apenas meu.

Fico paralisada, com ele me cercando e me deixando completamente subjugada por seu olhar predatório.

— Não entendo. Não sou sua.

Estou o conhecendo o suficiente para saber que ele não é louco. Há algo a mais sobre nós e não sei o que é.

— Me deixe tocá-la Dandara, e faço você entender com toda clareza e detalhes, detalhes que tanto fantasio durante anos — fala ao meu ouvindo, seu tom é persuasivo e sedutor.

— Senhor Chandler eu...

— Me chame assim novamente e não vou pedir permissão para devorar essa boquinha linda.

O que está acontecendo com meu corpo? Uma coceira percorre meu pescoço, bem no lugar do meu sinal de nascença assim como um calor varre toda a minha moralidade.

— Eu não sei...

— Diga que sim.

Me sinto tentada de todas as formas, e estou com muita vontade de fazer isso, e não coloco bloqueio em minhas vontades da mesma forma ninguém me impede de fazer o que eu quero.

— Só um beijo, nada mais que isso, sem sentimentos ou algo envolvido.
— Depois eu penso nas consequências do beijo. — Lembra o que conversamos mais cedo? Só um beijo...

Não espera eu terminar, pois toca em meu rosto com o polegar e me puxa pela cintura fazendo nosso espaço reduzir a nossos corpos unidos.

— Só um beijo.

Diz antes de me beijar me arrebatando do chão para sentir toda fugacidade da sua língua vasculhando minha boca à procura de algo, sua respiração é de alívio como se estivesse recuperando algo que ele sempre teve, retribuo o beijo com a mesma intensidade. *É só um beijo. É só um beijo*, repito para mim mesma. Merda. Ele beija tão bem...

Eu beijei muito nessa vida e amo sexo, mas o que encontro em seu beijo eu nunca encontrei em outros beijos. Um sentimento de pertencer.

Nos beijamos como dois insaciados.

Preciso que ele tome mais de mim, leve consigo todos os meus pensamentos perturbadores. Ele aprofunda cada vez mais, morde, suga meu lábio provando da minha entrega. O beijo despertou uma atração que estava latente, ou eu tentei me enganar..., mas acabo de constatar que temos desejos bastante compatíveis.

Todo tempo seu polegar massageia minha bochecha apaziguando toda minha inquietude, depois de alcançarmos esgotamento ele descansa sua testa na minha, o hálito fresco sai da sua boca entreaberta.

— Quero que seja só minha. — Ele diz, me fazendo acreditar que é impossível dizer não.

— Nesse momento acabo de descobrir que também sinto desejo por você.

Eu não sou nenhuma garotinha inexperiente, sou uma mulher que já fez sexo inúmeras vezes. Por que com ele será diferente? Não vai ser.

Passo os braços em torno do seu pescoço, ele acompanha o gesto, eu estou dando toda liberdade para que ele continue, mas Rudá fica parado me analisando.

— O que foi? — pergunta.

— Não vai continuar?

— Como assim?

— Me levar para sua cama e aplacar de vez essa atração. A melhor forma é fazendo sexo.

Ele fecha a expressão e solta meu rosto, minha cintura e por fim me dá

uma última olhada antes de tirar meus braços em volta do seu pescoço.

— Agora eu que pergunto, o que foi?

Fico completamente confusa ao ver o homem que me deu o melhor beijo da minha vida se afastar.

— Melhor comer e ir descansar.

Eu acabo de deixar esse homem chateado e nem sei o motivo.

— Pelo amor de Deus. O que foi?

— Não vou transar com você, não vou levar você para aquela cama enquanto não tiver um significado maior que apenas sexo!

Meu deus. O homem é um romântico...

— Tudo bem, sem beijos, sem sexo. Sinto muito, mas o que está me pedindo é impossível, pois o que eu sinto não passa de atração assim como você. Mas sabe o que acho?

— O que você acha Dandara? — pergunta impaciente.

Rodeia o balcão e começa a guardar as verduras.

— Que você não vai me levar para aquela cama porque você quer que as coisas sejam do seu jeito, se não for do seu jeito não presta!

Sua testa enrugada, espero que ele revide, porém passa por mim e diz:

— Em parte você tem razão — desprende o avental, não me encara nos olhos, se oculta na sua carranca —, já terminei por hoje. Boa noite.

Desaparece me deixando com um tesão absurdo. Para que diabos foi me beijar? Miserável.



CAPÍTULO OITO

Ele anjo - Demônios reais

É inaceitável que Dandara pense que vou levá-la para cama sem um envolvimento mais profundo que apenas atração, isso da parte dela, pois ela não tem noção do que nossa ligação significa.

Não posso culpá-la, sabia que não seria fácil, pois ela ainda guarda mágoa pelo que eu fiz no passado e as coisas vão piorar caso ela descubra que passou todo esse tempo acreditando que perdeu uma criança que nunca existiu.

Paola me ajuda com os preparativos do café da manhã, e também me ajudou com a bagunça que deixei na cozinha ontem à noite.

— Vai me levar para conhecer esta cidade, hoje?

— Você nunca teve interesse em conhecer Santa Maria. — Não quero deixar transparecer meu mau humor.

— Não sei, mas me sinto curiosa.

Levo o suco para a mesa e ela algumas torradas que fez, nos sentamos com a mesa farta, desde o dia em que Dandara passou a viver nessa mansão faço questão de mantê-la assim.

O meu café da manhã era algo muito rápido.

— Não sei se vou poder. E você, não vai estar ocupada?

— Sim, durante o dia todo, já à noite estou livre. Podemos levar Dandara com a gente.

— Não é uma boa ideia. Melhor combinarmos assim: à noite eu levo você na cidade.

Leio as notícias pelo tablet e não toco no café da manhã, Dandara não aparece, sinto a presença do Reuel zapar perto da minha piscina.

Ele não se preocupa com a presença dos humanos, já perdi as contas de quantas vezes tive que limpar a memória de Paola.

Ouçó risos na piscina. Me levanto e vou até o corredor tomado por uma porta de vidro, Dandara nada na piscina e Reuel se aproveita da visão, ele fica deitado na espreguiçadeira com uma mala ao lado.

Dandara sai da piscina com um biquíni branco e minúsculo que mal cobre seus seios. Desde que chegou na fazenda ficou mais bronzeada, linda, com uma marca de biquíni mais largo por baixo do que ela usa. Isso na parte de cima, a de baixo é tão fino que as laterais são amarradas em dois laços. Provocativo demais!

Martelo os dedos na minha testa tentando manter a calma com esses dois.

Ele fala algo que a faz ri, e nem quero concentrar minha audição para ouvir o que tanto ele fala para ela.

Alguma cantada boba. Algum elogio desnecessário, não que ela não mereça, mas os elogios têm que partir de mim. Não dele.

Me sinto perdido, nem sei por onde começar. Suas belas curvas deixam qualquer macho sem reação.

— Está tudo bem Rudá?

Coço a nuca e me viro para Paola que segura uma xícara, ela espia o movimento na piscina.

— É só o Reuel...

— Reuel! — Paola grita por ele.

Ambos nos percebem, Reuel me encara nada surpreso, já Dandara fecha a cara de imediato, pega a canga jogada na espreguiçadeira e prende na cintura, entra pela outra porta, que vai dá acesso ao hall.

Faço o que tem que ser feito, vou atrás dela. Ela permanece chateada por ontem.

Mas antes que ela suba as escadas chamo a sua atenção perguntando:

— Não vai tomar café?

— Bom dia.

— Bom dia.

— Estava esperando vocês terminarem...

— E resolveu tomar um banho de piscina?

— Pois é, hoje eu acordei com fogo. Por que será?

Ela revira os olhos, e refletir sobre a palavra fogo me leva à várias conclusões, a que mais gosto é combustão viva de certos corpos, ontem me senti assim quando nos beijamos, foi difícil recusar sua sugestão de abrandar essa combustão.

Entretanto, me lembrei de tudo o que ela fez, o que ela faz com os homens e isso foi o suficiente para dizer não.

— Você só quer sexo. E isso pode ser com qualquer um.

Não que eu fosse mais permitir. Isso mudou desde que ela entrou por aquela porta, desde que permitiu que eu a tocasse pela primeira vez, sentisse seu sabor. Ela vai ser minha. Só minha.

— Exato. Exato. — Ela continua subindo as escadas.

E só consigo acompanhá-la.

— Isso para mim é...

— Rudá! Esquece isso, eu entendo você faz o tipo romântico...

Seguro seu pulso escorregadio, seu cabelo ainda está respingando água da piscina.

— Então me dê liberdade para conquistá-la.

— Não. Eu já falei para você esquecer isso...

— Você tem medo de se apaixonar por mim.

Ela ri com o menosprezo estampado em sua cara.

— Isso não vai acontecer. Continue com seu romantismo, continue reservando a outra parte que eu gosto para Paola.

— Mas que diabos! — Acabo perdendo o controle. — As coisas com você são diferentes, não...

— Não faço o seu tipo, não é? Em nada, não entendo um homem que é capaz de transar com outra mulher sem compromisso algum, e não pode fazer o mesmo comigo!

Ela puxa o braço, indignada, e eu acabo libertando-a.

Não gosto da maneira como ela fala, poderia muito bem levá-la para a cama, mas não quero.

— Você não faz o meu tipo Dandara, assim como não faço o seu, mas isso não quer dizer que não me sinto atraído por você...

— Não o suficiente para me levar para cama. — Me corta, porém, sinto mais que raiva, passa longe de ciúmes, ela é uma mulher resolvida, sexo para ela é como ir brincar em algum parquinho, sem apegos, mas há algo que não consigo identificar. — Não faço seu tipo, sou o oposto da mulher que deseja entre seus lençóis.

— Não sabe o que está falando...

— É só comparar sua amante e eu, entendi tudo.

— Esqueça Paola, não inclua ela nessa conversa. — Não entendo que tipo de comparação ela se refere. — Não quero apenas sexo com você, essa é a questão.

— Não entendo você.

Todos esses anos namorou com vários homens na mesma linha de idade que a sua, ficava com eles como se estivesse colecionando brinquedos.

E sempre terminava o namoro após algumas semanas. E ela não faz ideia do tipo de caras que se envolvia, das coisas que eles tentaram fazer para se vingar ou ameaçá-la, mas continuava brincando com a vida como se não valesse nada.

E nos últimos meses sua depravação piorou a ponto de não querer mais encobrir, proteger ou saber de qualquer coisa vindo dela.

Eu não serei mais um na sua lista de brinquedos.

E sinceramente ela não é como nada que coleciono, ela pode me considerar apenas uma foda. Mas ela é minha destinada e pelos menos isso tem que ter um valor maior.

— Não vou mais insistir. Desisto — digo — o dinheiro dos funcionários fica no meu cofre, alterei a senha essa manhã. — Tiro o celular do bolso. — Me dá seu número.

Me encara confusa, mas apenas diz, envio a senha para ela e salvo o seu número.

— Só isso?

— Outra coisa também... Esse fim de semana haverá um evento na mansão fique à vontade caso queira participar.

— Não tenho interesse, mas obrigada pelo convite.

Deixo-a ir para seu quarto e vou recepcionar Reuel que já está no hall de entrada, com uma corrente de prata transpassada em seu pescoço, um chapéu e como a maioria das suas peças de roupas esta também é preta.

Ele é uma pantera negra descolada que se adapta muitos bem as mudanças da humanidade.

— Bom dia, meu querido primo. Cheguei a tempo do café da manhã, pelo cheirinho está uma maravilha. Oh! — Pisca cruzando os dedos, como se estivesse guardando um segredo. — Oh, oh, oh... Quase tive um orgasmo com esse cheiro de comida caseira.

— Quer parar de palhaçada Reuel! E o que estava falando para Dandara?

— Apenas a verdade, que ela é uma deusa, citei que: A beleza da mulher deve avaliar-se não pelas proporções do corpo, mas pelo efeito que estas produzem...

— Essa é de...

— Peguei no Google. — Toca em meu ombro. — Poderia falar estas coisas para ela, pois você é uma enciclopédia ambulante de poemas

shakespeariano.

— Essa fala é de Anne Lambert uma atriz australiana nascida em 1955...

— Calado, tinha me esquecido o quanto você é chato. Bom, vou levar minhas malas daqui a pouco desço para me juntar a vocês no café da manhã, depois vou jogar golfe com a Dandara, ela está entediada.

Ela aceitou jogar golfe com ele? E desde quando ela sabe jogar golfe?

Depois do café da manhã ajudo Paola com o planejamento do evento, a equipe de decoração começou a mover meus móveis de maneira cuidadosa.

Embora volta e meia fico na sacada de uma das salas apenas para ouvir o que se passa no campo de golfe, Reuel ensinando minha fêmea a jogar golfe.

— Boa querida, você quase acertou a lua — diz ele fazendo Dandara gargalhar.

Muito solta e age de maneira mais livre e até mesmo infantil, quando está comigo ela adota uma postura diferente.

Então creio que o problema esteja comigo, o meu jeito esteja afetando seu comportamento de alguma forma. Ela gosta de sorrir, e rir com graça de maneira tal que o som da sua risada é bastante chamativo. Ela não sorri assim comigo.

Me sinto deixado para trás principalmente à noite quando os dois decidem ir para a boate, me contento em levar Paola para jantar em um restaurante na cidade, algo mais simples do que ela costuma frequentar.

O cardápio é o mesmo quase sempre, e só compro comida aqui em alguma circunstância emergencial.

Depois caminho pelas ruas com ela se apoiando em meu braço, meus passos vagarosos seguem para a boate do Raony, não consegui desviar o pensamento da Dandara se divertindo com o Reuel.

— Não sabia que uma cidade tão pequena tinha uma boate desse porte — comenta Paola, tentando se manter firme em seus saltos finos.

— É do meu irmão mais novo.

— Só podia ser, não é o único na família que gosta de coisas grandiosas

— ri —, grandes, pesadas, redondas...

— Ao que você se refere?

Novamente ri, e eu não compreendo onde ela quer chegar com seu comentário, embora notei algo muito maldoso em seu tom, só não consigo enxergar o que é.

— Eu vi a forma que olhava para aquela garota. Não sabia que gostava de gordinhas... desenvolveu algum tipo de fetiche?

De repente consigo ligar suas palavras, e sinceramente são palavras detestáveis, depressíveis, principalmente ela sendo uma mulher. Eu não entendo o comportamento das fêmeas humanas com as outras.

— Tenho certeza que Dandara é muito mais que isso. Mas o que é um fetiche? Segundo um dos significados do dicionário é: Qualquer objeto ou parte do corpo que pode ser erotizado para satisfazer os desejos de alguém. Sendo que isso é muito pouco para definir Dandara — me calo ao lembrar dela naquele biquíni, sua pele bronzeada, seu cheiro fresco, e posso imaginar que ela é acostumada a tomar sol. Paola limpa a garganta indicando desconforto, então apenas concluo: — Sua beleza transcende qualquer palavra, ou definição que os mais célebres poetas usaram para descrever suas musas.

— Uau... Você nunca falou algo assim para mim. Desse jeito vou ficar enciumada. — Ela ri, mas percebo sua postura ficar mais tensa ao meu lado. — Quero ir na boate.

Deixo apenas Paola me guiar, ainda com os pensamentos focados no que Reuel disse, preciso me expressar mais. Dizer o quanto a considero linda.

Encaro o corpo magro de Paola ao meu lado, talvez, a presença de Paola realmente esteja incomodando Dandara, eu disse que ela é minha ex-amante.

Eu nunca foquei muito no peso da massa muscular de uma fêmea, entretanto, Dandara pode pensar que eu me importo com isso. E deve ser por isso que ela disse que "ela não faz meu tipo", disse para eu comparar Paola com ela...

Por Oric... não.

O comentário maldoso de Paola expandiu minha visão para outra coisa. Não quero que ela se considere menos bonita aos meus olhos por causa disso.

Eu simplesmente detesto esses lugares, mas se Dandara se encontra aqui não tem porque eu não me sentir curioso para entrar.

Logo de cara o aglomerado de corpos e o barulho da música eletrônica me incomoda. É péssimo. É um som grotesco, desordenado e soa como se estivessem profanando algo lindo e puro que é a melodia. Isso é um depósito de lixo.

Paola vai até o bar sendo acompanhado por mim, já passei por Dandara sentada em uma mesa bebendo com Reuel, e ela está bêbada.

Dandara vai para a pista de dança.

E eu me aprisiono na cena dela dançando com outras garotas, mesmo bêbada e fora de controle, se exhibe com suas curvas chamativas.

— Ela gosta de chamar atenção. — Paola pediu uma garrafa de *Black Label*.

— Porque ela pode fazer isso.

Eu mesmo sirvo meu corpo com Whisky, sento-me no balcão inclinando meu corpo, não tirando os olhos da minha fêmea, no meio da pista.

— Como assim ela pode?

— Ela é solteira e livre para fazer o que quiser...

— E isso te irrita? Você parece irritado.

— Sim, verdade, isso me deixa irritado.

Só o fato dela chamar atenção dos outros machos para si, Dandara passa longe de ser uma mulher comum. Impossível ela não chamar atenção.

Mas para eles é só o corpo, eles só enxergam isso e esse pouco tempo que estamos juntos a conheço o suficiente para dizer que ela é muito mais que isso. Ela é inteligente, bem-humorada, risonha, inquieta, honesta, criativa, não sabe cozinhar, não tem modos, classe, gosta de manga com sal, e é muito vingativa...

— Rudá? Você fica assim quando olha para o projeto Valhala, está namorando a Dandara agora...

— Não. Por que me trouxe aqui?

— Para beber! Aquele restaurante é um tédio.

— Aqui também é, aqui não tem nada que eu goste.

— Tem certeza? — Aponta para Dandara.

Suspiro me dando por vencido, pego o lenço no bolso do meu terno e enxugo minha testa. Não amenizando o calor, tiro o meu terno e desprendo alguns botões da minha camisa social branca.

Noto um demônio chamar Dandara para dançar, Reuel está cercado por mulheres e deixou Dandara completamente de lado. Irresponsável.

Certo, estou desatualizado sobre esse lado da sociedade, não costumo frequentar esses lugares barulhentos. Evito ao máximo.

O demônio se torna mais ousado em tocar na cintura dela, ela não se importa e continua dançando, fecho meus punhos em cima do balcão e termino de beber o Whisky de vez.

Me sinto abafado neste lugar, enxugo o suor novamente com meu lenço, transpirando como nunca.

— Eu quero ir embora Paola. Vamos?

— Mas...

Me levanto com o terno repousando no braço, ando em direção a saída do lugar, mas antes de sair dou uma última olhada para Dandara, ela tenta afastar-se dos toques exigentes do demônio, e em uma dessas tentativas se desequilibra em cima dos saltos e cai.

Ando às pressas até ela, controlando a vontade de simplesmente zapar.

— Se não quisesse dançar comigo era só falar! — o demônio diz, ajeitando a jaqueta.

Dandara o chuta antes de tentar se levantar, ele faz pior, pois devolve o chute o que me faz ser dominado por uma fúria, e sentimento de vingança, sem pensar duas vezes soco sua cara o derrubando no chão.

Raony vem até mim, mas não chega a tempo suficiente de me impedir de pisar nos joelhos dele, na mesma perna que usou para chutá-la, coloco o peso de um tigre de mais de 400 quilos.

Acabo de alterar todo meu estilo de vida ao machucar um subalterno, uma escória.

Dandara olha horrorizada para a cena, ainda sem conseguir se mover do

lugar, estendo minha mão e ela se afasta.

— Vai, eu limpo essa bagunça e mantenha essa garota longe da minha boate! — fala Raony.

Seguro-a pelos ombros, apoio seu corpo e a tiro a força.

— Me solta! Você acabou de...

— Quieta. — Tento apaziguar minha mente para me lembrar onde estacionei o carro.

— Você me deixou com um puto de um medo agora.

— Não. Não ficou com medo. Acredite. Eu sinto isso. O efeito causado em você é outro, sua mulher demoníaca.

Ela esbugalha os olhos surpresa, ri descaradamente, atravesso a rua e vejo meu *Jaguar*.

— Não vou entrar...

— Entra logo no carro, Dandara! Hoje você esgotou o limite da minha paciência!

Ela se assusta um pouco, mas entra.

Esqueci completamente de Paola. Quando me lembrei dela já estava bem distante da cidade.

Dirijo veloz pegando a estrada.

Dandara se manteve quieta e isso foi ótimo, evitou que eu usasse grosseria com ela.

Quando estaciono na mansão, ela sai do carro mancando e gemendo um pouco.

— Espera, por favor... — Tento acompanhá-la. — Seu joelho vai ficar bem?

— Sim, nada que uma boa noite de sono não resolva.

Se apressa em alcançar a mansão.

— Ainda não terminei com você.

— Não quero falar com você. Essa gorda, bêbada quer apagar da memória aquela cena macabra, o joelho de um homem sendo esmagado. Como você fez aquilo? Meus Deus! Não. Melhor não saber, deixa isso para

lá...

— Não me restou um pingô de remorso.

— E isso é o que me assusta.

Ela consegue subir as escadas mesmo mancando. Recusa meus toques, e só estou tentando ajudá-la.

— Quem lhe chutou nunca mais vai fazer isso com outra mulher.

— Só se usar a outra perna. — Ela ri. — Droga. Desculpa, sou contra qualquer tipo de violência e não queria que soubesse que gostei.

— Não se preocupe com isso, ele não é um humano, vai se regenerar.

Ela se agacha para arrancar as sandálias me deixando a visão da sua bunda.

— De qualquer forma obrigada. Foi exagerado. Mas obrigada. O soco já era o suficiente.

— Ele levaria apenas o soco se não chutasse sua perna.

Ela ri de novo.

— Você é louco! — Abre a porta e entro logo depois dela. — A festa acabou mais cedo para mim, boa noite. Obrigada.

Seguro seu braço e peço:

— Fique, quero lhe falar algo.

— O quê?

— Algo de William Shakespeare...

— Urruu... — Finge ficar empolgada.

Mesmo assim preciso ter coragem para dizer, pensei nisso o dia todo desde que Reuel falou aquilo, e hoje a noite tive a certeza que ela precisa ouvir isso de mim:

— Você é linda.

— Shakespeare disse isso? — Curva os lábios para rir novamente.

— Eu estou dizendo, você é linda, e quero citar Shakespeare para tornar tudo mais poético. — Limpo a garganta e continuo: — Se eu pudesse descrever a beleza dos seus olhos e enumerar teus atributos em épocas vindouras... Diriam: O poeta mente! A terra jamais foi acariciada por tal

toque divino.

Percebo o quanto ela fica sem reação, um pouco tensa, pisca e diz:

— Isso tudo para dizer que tem tesão por mim.

— Você torna tudo mais chulo.

— E você tudo mais complicado — suspira. Ri mais uma vez e estou adorando saber que consigo fazê-la rir. — Eu amei, achei lindo, obrigada. E também te acho atraente e se eu pudesse descrever o que sinto ao ver toda essa beleza, digo: ela me deixa com um baita tesão. Então ultimamente quero experimentar ser acariciada por todos os seus toques divinos — pisca, tão brincalhona...

Enquanto tento conquistá-la ela quer me convencer a levá-la para cama, e estou a um passo de fazer isso.

Não sou de ferro para resistir por muito tempo, mas... Tudo fácil na vida dela se foi e não quero ser mais um. Quero ser o único.

Então me aproximo mais dela, separo uma mecha do seu cabelo castanho, deixando o seu ouvido livre para sussurrar:

— Também gostei da sua versão, mas ainda vou guardar meus toques divinos para o momento certo.

Gosto do som do seu riso, mas antes que eu mude de ideia deixo um beijo demorado na sua testa, e zapo para o meu quarto, depois de tomar banho e aplacar meu calor. Lembro de ligar para Paola, porém ela não me atende.



CAPÍTULO NOVE

Ele anjo - Demônios reais

Não consigo dormir porque eu não consigo esquecer aquela cena, tomo um banho e já é bem tarde da noite quando desço para a cozinha e cruzo com Reuel no corredor, ele trouxe Paola e sinceramente estava odiando a forma como aquela mulher me olhava enquanto dançava.

Pego meu celular e olho a mensagem da Lili, e as ligações do papai, desde que cheguei aqui decidi esquecer que tenho um celular.

De maneira sutil caminho até o escritório do senhor Chandler e digito a senha da porta, vejo o cofre dele em cima do frigobar e não estava aí quando eu entrei aqui no outro dia.

Digito a senha que ele havia me enviado e pego uma quantidade de dinheiro no cofre.

Desço as escadas torcendo para não fazer algum barulho, encho uma xícara com café da cafeteira e começo a contar as notas, separando os valores

que vou dar para os funcionários.

Deixo todas separadas nos meus envelopes.

Dobro a manga do meu moletom, a madrugada está fria.

E a paisagem noturna é incrível com a lua ocupando parte da negritude do céu.

Uma das coisas que acho incrível nesse lugar é o céu.

Abro a porta da cozinha e respiro um pouco da brisa noturna. Depois de um tempo sinto meus músculos ficarem rígidos, minha pele esfria.

Tenho que esquecer as coisas ruins, ou não vou conseguir levar a vida adiante.

Corro para o banheiro com o estômago revirando, levanto a tampa e coloco tudo para fora.

Escovo os dentes tentando me manter firme, ou simplesmente aérea. Deito-me na cama e depois de algum tempo durmo.

Acordo quase meio dia. Droga! Hoje é o dia do pagamento dos funcionários, conversei com eles e era para ser hoje.

Merda. Merda. Merda.

Corro para o banheiro, tomo banho e visto a primeira roupa que vi pela frente.

Onde deixei o dinheiro?

Procuro nas minhas coisas e não encontro nada, então me lembro que tinha deixado em cima da mesa da cozinha.

Corro até ela, mas é tarde demais a mesa montada com o café da manhã indica isso.

Paola ajuda Rudá a dobrar a manga do suéter em uma postura muito íntima.

— Bom dia! — Digo um pouco apavorada por não ver o dinheiro em lugar nenhum.

— Bom dia — Rudá responde e passa a me analisar, detesto quando ele faz isso, me sinto uma criminosa.

Será que ele guardou o dinheiro?

— Bom dia — Paola diz também.

— Vocês encontraram algo sobre a mesa?

— Eu não vi nada na mesa. — Ele arqueia a sobrancelha, e se afasta um pouco de Paola. — O que seria?

É, algo me diz que me ferrei.

Pressiono os lábios e deixo os ombros caírem me dando por vencida, confesso:

— Eu esqueci o pagamento dos funcionários ali, ontem à noite peguei do seu cofre me lembro que contei e deixei separados em envelopes bem aqui. — Aponto para o lugar.

— Vi que pegou o dinheiro, mas imaginei que estaria com você, esta manhã não havia envelopes aqui. — Ele fala com toda calma do mundo.

Meu deus como ele consegue me irritar com isso. Acabo de informar que o dinheiro dele sumiu e ele não ajuda em nada agindo com calma.

Me faz temer as consequências, levo a mão na cabeça em um gesto ligeiramente desesperado. Estou com raiva de mim nesse momento.

— Eu sinto muito, me desculpa.

— Tudo bem Dandara, Reuel pode ter guardado. — Ele tenta me acalmar.

— E por que ele faria isso? Não. Isso não faz sentido esse dinheiro era para estar aqui.

Meu tom saiu impaciente.

Controlo meu temperamento ao perceber Reuel entrar na cozinha assobiando, ele não parece que acabou de acordar.

— Bom dia a todos. — Abre os braços cheio de empolgação e autoconfiança, coisa que não estou tendo neste momento, engulo em seco e não respondo nada. — Que falta de entusiasmo. Em um lindo dia como esse...

— Reuel você viu envelopes nessa mesa? — Rudá corta sua empolgação.

— Não. O que aconteceu?

Tomo a frente e explico:

— Aconteceu de ter deixado todo o pagamento dos funcionários nos envelopes nessa mesa, e agora todos eles sumiram.

Ele afina seu bigode com o ar especulativo.

— Não se culpe, temos um rato entre nós, querida, não é culpa sua. Eu meio que senti o dia todo sendo observado, no campo de golfe, enquanto mijava em uma árvore, e ontem à noite quando cheguei. Não levei muito a sério...E o que você acha Paola?

Reuel encara Paola.

— Não tenho nada a ver com isso!

— Não foi nenhum de nós, alguém entrou aqui, hoje pela manhã a porta da cozinha estava aberta.

Pisco aturdida e confesso:

— Meu deus como fui estúpida eu abri a porta, e esqueci aberta...

— Não se culpe você estava bêbada. — Paola se pronuncia. — Embora isso seja muito estranho...

— Eu não estava bêbada! Quer dizer, ontem eu bebi, mas já estava bem melhor... E o que está especulando? Que roubei?

— Se acalme Dandara...

— Como consegue ficar tão calmo o dinheiro era seu! — Ando de um lado para o outro. — O que eu faço agora?

Lhe lanço um olhar suplicante.

— Vou pegar outro valor para pagar aos trabalhadores, depois conversaremos sobre isso. Tome café e me espere lá fora.

— Não estou com fome.

— Bom, eu estou morrendo de fome — diz Reuel. — Paola querida aceito sua companhia.

— Só se depois você me ajudar com os preparativos para o evento de amanhã à noite.

Rudá sai da cozinha, ele usa uma calça jeans, a primeira vez que o vejo vestindo uma calça que não seja de algodão ou social.

Faço como ele pediu, o espero do lado de fora, sento na escada com as pernas inquietas, e começo a roer meus cotocos de unhas.

Leva um tempo para ele retornar:

— Vamos, acho que isso será o suficiente. Me ajuda a dividir o valor?

Ele para na escada ao meu lado, me levanto e o sigo.

— Eu sinto muito por isso. E eu não estava bêbada, eu me senti mal e fui para o banheiro...

— Tudo bem Dandara, acredito em você.

— Como pode ficar tão calmo?

— Por que estou indo pegar o ladrão...

— Mas como assim?

— Senti o cheiro de humano, a presença de um humano durante a noite. Vou rastrear.

— Acha que é uma das pessoas que contratei? Não teria sido mais fácil ter nos roubado enquanto estávamos fora? Na verdade, foi fácil de qualquer jeito, pois facilitei deixando a porta aberta.

— Sim... Você disse para eles que faria o pagamento ontem, mas depois disse que seria hoje, tempo suficiente para alguém tentar alguma coisa, e conseguiram. Temos um ladrão na sua equipe. Mas confesso que cheguei a pensar que você tinha levado alguém ontem à noite.

— Um cara?

— Obviamente.

— Meu Deus! Você me viu chegar sozinha — questiono um tanto chateada.

— Eu sei..., mas você é imprevisível. Mas sei que não trouxe ninguém, pensei isso por um breve momento... Ontem.

— Me explica melhor que não estou entendendo. Acha que estou envolvida nisso? — Avisto os homens terminando de carregar o restante dos entulhos.

— Não. Claro que não. Não me refiro a isso, mas ontem se eu não tivesse chegado aquela boate, você sairia dela acompanhada com qualquer um, não é?

— Ah, andou pensando sobre isso durante a noite? — Bufo. — Acha que vou sair transando com qualquer um?

— Você fez isso muitas vezes.

Adianto os passos para acompanhá-lo, ele não me engana por trás dessa calma toda.

— Estava me espionando? E eu não estava transando com qualquer um. Só não estava transando com você, esse é o ponto!

— Não é momento para conversarmos sobre isso.

— Você que começou! Ainda tem o problema do dinheiro...

— Ok. Fique quieta e deixe que eu resolvo.

Prendo meu cabelo em um coque, sentindo minha nuca formigar.

— Só não fode com os joelhos deles. São homens de bem.

— Se fosse não me roubaria. — Ele toma uma postura mais fria, o que me faz recuar um pouco.

— Você nem sabe se foi algum deles. E esses homens estão sob minha responsabilidade, não tem o direito de machucá-los.

Não sei como meu dedo foi parar em sua cara. Ele foca no meu dedo, escondo a mão de imediato.

Ele me ignora, e chama um deles pedindo para reunir todos para o pagamento, ficam enfileirados enquanto Rudá os observa de maneira bastante intimidante.

Ajudo a separar o dinheiro que ele carrega em uma bolsa de couro, dando a cada um a sua parte, eu fico com a parte de separar, e ele de entregar.

Porém Rudá se aproxima mais de um deles, cheirando-o, o homem tira o boné extremamente nervoso.

Rudá continua com os braços para trás, sério, como um general no exército.

— Você não vai receber pagamento e sabe o porquê.

Como ele sabe que é ele? Pelo cheiro? O que ele é? Isso me faz lembrar as garras na porta do celeiro...

— Mas eu trabalhei, quero o meu pagamento!

— Nesse momento estou com uma enorme vontade de quebrar seus ossos por invadir minha propriedade e me roubar, mas você tem até hoje antes do pôr do sol para me trazer. Caso o contrário não ficarei apenas na ameaça. E nem tente fugir de mim. — Rudá pega o boné dele. — Caso isso aconteça eu vou caçar você.

Toca no ombro do homem que sai da fila. Estou emotiva utilmente, mas sinto um enorme alívio que esse homem saiu daqui com vida.

Depois de terminar de pagar a todos me afasto dele. Onde caralho fui me meter?

Corro para o campo de golfe, o mais rápido que posso, perto de um lago artificial, não é muito grande. Há uma cascata feita de pedras colocadas de maneira planejada, a água é transparente e consigo ver o fundo dele com areias brancas e algumas carpas, ando na borda, me equilibrando nas pedras maiores, cuidadosamente.

Fecho os olhos e começo a fazer um exercício de respiração.

— O que está fazendo?

Perco a concentração, me desequilibro, ele bem que tentou me segurar, mas fui mais rápida em cair no lago.

— Qual é o seu problema? Por que não me teletransportou?

— Você disse que não era para fazer mais isso...

Bato na água não tão funda assim, mas é o suficiente para cobrir minha cintura.

— Sei que fez isso de propósito.

A água está um pouco fria, mas agradável.

Ele vem até a borda, ficando de joelhos e me estendendo o braço.

— Venha aqui.

— Não preciso da sua ajuda. — Resmungo.

Me locomovo até a borda com alguns peixes me cercando.

Ignoro seu braço e tento subir sozinha, difícil quando estou escorregadia e a barreira de pedra na borda do lago é bastante alta, mesmo assim ele tenta me puxar, com raiva faço o que já devia ter feito — puxo seu suéter o derrubando no lago também.

— O que... — Ele balança os braços, com o tecido do suéter pesado por ficar molhado.

— Ops... Você poderia ter simplesmente zapado. Não é assim que se fala?

— Poderia se você não tirasse todo o meu foco. Com essa sua blusinha colada aí, linda. — Ele sorri no canto da boca, não disfarçando a malícia ao me olhar. — Você está bem?

— Ah, agora ficou preocupado?

— Estou preocupado desde que vi você correndo no campo de golfe, esperei os humanos partirem para vir procurá-la.

Ele desliza a mão do meu pescoço até o meu ombro. Me arrepio.

— Cansei das suas provocações.

— Eu te provoco?

— Sim!

Sem minha permissão envolve minha cintura, amo os seus olhos, são lindos, da forma que os seus cílios negros e curvos formam uma cortina cobrindo a sua íris azul.

— Você que faz isso o tempo todo...

Ele é bem persuasivo com essa voz próxima ao meu ouvido. Um tanto hipnotizante.

Rudá passa de leve a mão em minha nuca, criando um formigamento gostoso que atravessa meu corpo.

— Me toque.

— Já estou fazendo isso.

Ele fica uma graça com um olhar risonho. Devo admitir que não precisa de muito, e de palavras bonitas para deixar uma mulher sem fôlego.

— Não desse jeito. Me beije...

— Humm...Não sei se devo, pois, você disse que não queria que eu fizesse isso.

Sei que está me provocando.

— Não pense que vou implorar.

— Não quero isso, só acho que da mesma forma que você disse que não era para tocar em você, com toda aquela rispidez... Quero ouvir com toda essa voz meiga que mudou de ideia.

Desgraçado.

Ah, mas ele não sabe que do jeito que estou topo qualquer coisa, qualquer toque. Envolvero seu rosto com a mão bem próxima ao seu lábio.

— Se não me beijar, eu beijo.

— Muito orgulhosa...

Ele me beija de maneira vagarosa, numa doçura diabólica, amplificando minha fome, minha vontade de saber o que há além dessa postura paciente, um tanto pirracenta.

Suas mãos estão em meu rosto, me tocando de maneira tenra, eu nunca fui tocada desse jeito, com tamanho cuidado, como se eu fosse algo frágil, avança sua língua na minha boca, envolvendo de maneira cautelosa, sua respiração se contém por alguns segundos, então percebo que ele está se controlando.

Produzo um som penoso contra seus lábios, estou praticamente suplicando para que ele me mostre mais do que tem. E com certeza ele tem, mas confesso que esse carinho todo me deixa excitada também. Bastante.

Ele interrompe os movimentos que fazia com seus dedos em meu rosto, movendo a mão até minha cintura, por último ficam sob o meu quadril.

Seu beijo se torna mais ardente, sinto a textura da sua língua ocupando minha boca, em movimentos desordenados, mais febril, inquietante, até que começo a tocá-lo também, em sua nuca, em seus fios grossos, sem me importar que estamos completamente molhados, pois tudo fica mais escaldantes ao sentir o volume perto do meu ventre.

Ficamos sem fôlego até que Rudá separa a boca da minha.

— Melhor a gente parar por aqui — sua respiração está entrecortada, a pupila cresceu um pouco, bem parecidas com a de um felino quando fica no escuro —, ou vamos mais adiante...

— Olha sei que disse que não queria que me tocasse, mas sabe que mudei de ideia, sei que disse que quer esperar "o momento certo". Mas não podemos esquecer o que queremos, só hoje?

Espero que isso seja o suficiente para convencê-lo, ou eu mesma agarro esse homem aqui!

Rudá mordisca meu lábio inferior, ele é muito controlado. Não entendo como consegue ficar assim, pois sei que está atizado, por um momento sinto vontade de tirar todo esse controle dele, quero ser o motivo da sua falta de controle.

— Vem aqui. — Segura minha cintura e me guia até a borda do lago, segura pela minha cintura, ergue meu corpo com facilidade. — Sente-se aqui.

Enquanto me sento escancaro bem as pernas! Deixando óbvio que o quero entre elas. Mas claro que isso só se eu começar a gozar pela boca, porque salivando já estou!

O suéter molhado está grudado em todos os seus músculos definidos.

Suspende minha blusa até a altura do meu sutiã, desabotoa meu short Jeans, observa minha barriga e pergunta:

— Que cicatriz é essa?

Eu tenho uma cicatriz ao lado da minha cintura.

— Uma longa história, foi na minha formatura, uma mulher louca me cortou com alguma coisa na saída. Eu sei lá, sabe? Nem senti tanta dor, mas depois que ela sumiu vi o estrago.

E procurei aquela mulher, mas ninguém sabia quem ela era.

— Um corte profundo Dandara. — Encara preocupado. — Tem certeza que foi isso mesmo? Ou alguém machucou você e não quer me contar?

— Acredite se quiser, não importa, não é? É difícil de acreditar no que eu falo.

Acho que estraguei o nosso clima. Novamente. Grande novidade. Brigando de novo.

Cerra os olhos, ainda parecendo pensar sobre minha cicatriz.

— Vamos continuar?

— Você é impaciente...

— Não. Eu só estou com fogo na xana! Quero solucionar isso logo!

Ele puxa meu corpo mais para si, me curvo o suficiente para meu rosto ficar rente ao seu, sua cabeça fica inclinada para cima, pois estou sentada em um lugar mais alto, mas ele consegue se enterrar na minha nuca, sorve meu cheiro e diz:

— E muito barulhenta.

Toma meus lábios em um beijo abafado, me sufocando até restar apenas os meus fracos gemidos, desce a mão até meu cócs e o puxa, movendo meu short pela minha coxa, a todo tempo tocando nela com seus dedos enrugados pela água.

Afasta-se o suficiente para terminar de tirar o short, arrasto mais minha bunda para trás, facilitando para ele tirar minha calcinha. Logo minha pele fica por cima da pedra fria.

Gosto de vê-lo daqui de cima, passo a mão em seus cabelos.

Rudá acaricia meu quadril, olhando para entre minhas pernas, ainda estou bem depilada, ele perde toda sua racionalidade, ao se deparar com a visão.

Sua boca fervorosa toca minha virilha.

Fico com os joelhos dobrados e com os meus calcanhares apoiados na borda do lago.

De maneira delicada toca com os dedos na minha boceta, separa e lambe suas laterais. Não diz nada, fica explorando como seu novo brinquedinho.

Quando ele parte para o interior dela ondula a língua nas minhas paredes vaginais, em um movimento habilidoso ele passa a chupar toda a carne envolta dela, tal como meu clitóris. Gemo, jogo a cabeça para trás atordoada, o céu azul toma minha visão.

Ele começa a fazer sons, se lambuzando cada vez mais.

— Apetitosa. Adoro seu cheiro.

Mordo os lábios com o peso do meu corpo nos cotovelos apoiados entre o gramado e as pedras.

Introduz os dedos dando algumas estocadas bruscas, ainda me chupando com movimentos repetitivos, toca no monte do meu clitóris, e meu corpo se

rende a uma volúpia difícil de explicar.

— Oh... Estou quase lá, não para.

Minha boceta palpita de maneira incrível, sinto os tremores que tanto sentia falta me dominar, ele separa os lábios para me olhar de relance.

— Eu sei. — Há um sutil sorriso de satisfação.

Passa seu rosto e barba na parte interna da minha coxa.

— Venha aqui minha diabinha. — Desaparece, e reaparece em pé ao meu lado, noto o volume na sua calça. — Deite-se.

Por que ele parou? Oh merda estava quase lá!

Faço o que ele pediu, me deito no chão e meu cabelo fica espalhado na grama.

Ele se ajoelha ao meu lado, passa as pernas pelo meu quadril, ficando por cima de mim, com os joelhos apoiados no chão.

Não sei o que ele vai fazer...

Toca em meu lábio de leve, e novamente me arrebatada com um beijo, sinto o gosto salgado.

Mas o que me deixa mais extasiada ainda é o seu volume roçando em meu ventre a cada curva que nossos lábios fazem. Me encaixo nele movimentando meu quadril, o tecido grosso da sua calça me incomoda um pouco.

Quero tanto que ele tire essa maldita calça.

Como ele não faz, tento fazer isso, ele libera um riso entre meus lábios, une meus pulsos em cima da minha cabeça, reclamo, quero muito liberar toda essa explosão sexual que ele me causou.

Rudá dá voltas com o seu polegar em meus lábios, me olhando com luxúria.

— Me escute atenciosamente. Nunca mais. Nunca mais... aponte o dedo para mim daquela forma. Me entendeu?

— Sim.

— Você quer gozar, não é?

— Muito!

— Mas não vai ser dessa vez.

Sai de cima de mim, se pondo de joelhos ao meu lado e se levanta.

— Desgraçado!

— Ah, e obrigado por isso!

Mostra a minha calcinha lilás em sua mão, cheira ela antes de me deixar pelada na grama.

— Mas que... Raiva! Vai me pagar por isso!

Ele ri mais ainda, primeira vez que ouço um som mais potente do seu riso.

O que me resta é levantar e vestir meu short, sem a minha calcinha.

— Até breve preciosa.

— Vai para o inferno! Se for se masturbar com minha calcinha, faz um vídeo e manda! Pelo menos assim eu gozo! — Berro.

Mordo o lábio antes de estourar em uma gargalhada. Era para estar irritada, mas não estou.

Só me restou mais fogo na xana ainda, merda, preciso de um chuveiro, de uma dedada!

Rudá desaparece no meio do campo.

Volto para mansão e encontro Paola e Reuel recepcionando algumas pessoas, há um carro e algumas pessoas carregam comida para dentro da mansão.

Elas me olharam estranhando minha situação.

Entro na mansão com os lábios ardendo dos seus beijos, e com a boceta em chamas e, claro, com menos uma calcinha na minha gaveta!



CAPÍTULO DEZ

Ele anjo - Demônios reais

Poderia considerar esta manhã rotineira, Gael zapou na minha biblioteca para devolver algum livro. Grace me ligou e conversou comigo sobre não poder me ajudar com o almoço, mas que Dandara pode almoçar na casa dela quando quiser.

Ela e Desirée são fêmeas independentes, cuidam das crianças sem ter a chance de deixá-los sob o cuidado de alguém mesmo o Raony e o Marlon sendo pais dedicados. Porém nenhum deles estão dispostos a parar a própria vida para cuidar das crianças por tempo integral.

Não somos movidos em regalias por sermos seres superiores aos humanos. Não fugimos de nossos deveres, e como sempre nos adequamos a vida ao lado dos humanos.

Hoje vai acontecer o evento aqui na mansão e terei que suportar a presença de Mathayus, meu pai. Atualmente o Supremo de todo clã de demônios.

Ajusto a manga da minha camisa, antes de entrar no local do evento, escolhemos a sala que dá acesso a piscina. Paola está à frente da organização e não para quieta um segundo.

— Precisa de alguma coisa? — pergunto para ela.

— Rudá! Chegou em uma boa hora, pedi a encomenda de alguns vasos decorativos em uma lojinha na cidade. Eu adoro suas relíquias, mas estes são para outras finalidades e você não vai deixar que eu use um arranjo de flores em seu vaso de mais de cem anos...

— Jamais! — Corto ela antes que continue. Não que tenha o poder de me convencer. — O que tenho que fazer?

— Você pode buscá-los para mim?

— Sim... pode ser. Onde os encomendou?

— Na loja Aquarela.

— Sei onde é.

Me viro deixando-a com seus afazeres. Hoje é um péssimo dia para encontrar com a Dora.

Tivemos uma história.

Naquela época algo nela me atraiu, não foi uma longa história, mas foi o suficiente para cometer meu maior erro. Disse quem eu era. Não apaguei sua memória sobre isso, deposei e ainda deposito muita confiança nela.

E ela me deixou, não por medo, mas por encontrar em um humano algo que eu nunca poderia lhe dá — um filho, sou estéril para qualquer outra fêmea que não seja a minha. Ela quis ter uma família e não a condeno. Ela nunca mais se interessou por nada que envolvesse meu mundo.

Antes de entrar no carro espio Dandara perto da construção do celeiro, que fica bem distante da mansão, caminho calmamente até ela, depois do que aconteceu entre a gente no campo de golfe Dandara evita cruzar comigo.

Tudo bem, admito que perdi completamente o controle. Sou de carne e osso e tudo nela me atrai.

— Bom dia — falo e ela me retribui o cumprimento, só por educação.
— Estou indo na cidade, quer ir comigo?

— Não sei se devo.

— Humm... Eu ia apreciar muito a sua companhia.

— Estou com fome, não tomei café. Vai me deixar comer alguma coisa por lá?

É, com minha cozinha sendo ocupada pelas coisas do evento, não consegui preparar nada para a gente comer.

— Vamos tomar café na loja da Grace.

— Ótimo.

O clima entre a gente é de pura tensão, abro a porta do carro para ela, e já fora dos portões da fazenda puxo assunto:

— E como vão as coisas?

— Eu vou precisar de uma equipe, portanto vou aceitar sua proposta de pedir ajuda para Paola.

— A reunião está marcada para daqui a três dias. No meu escritório em Chicago.

Me divirto com sua expressão um tanto confusa, um tanto surpresa.

— E como sabia que eu ia aceitar?

— Porque já conheço você o suficiente para saber que é determinada. Nada vai lhe impedir. — Dandara usa uma saia jeans e uma camiseta estampada com uma caveira. — Por que usa estas roupas?

— Gosto — diz sucinta.

— Não são um pouco curtas?

Não sei. Eu sinceramente descobri que aprecio quando ela está com raiva de algum comentário babaca, e estou fazendo isso de propósito.

— Você não tem assunto para conversar com essa mulher vestida com uma minissaia, porque está acostumado a conversar com mulheres que usam casaquinho da Chanel. Me pergunto que tipo de assunto há entre vocês quando não falam de negócios...

— Não muitos. Mas isso é do seu interesse? — Meneio a cabeça levemente notando o desconforto em seus gestos.

— Não.

— Pensei que estava com ciúmes.

— Me poupe.

— Vou poupar você de sentir ciúmes. Não se preocupe, sou fiel.

Meu celular vibra no bolso da frente da minha calça. Não uso calça jeans. Porém ultimamente encomendei algumas.

Visto calça social a maior parte do tempo. Não tenho bermudas... Acho que tenho que providenciar isso também.

— Você quer atender esse celular pelo amor de Deus?

— Pode pegá-lo no meu bolso para mim, por favor, querida? Estou com as mãos no volante. — Poderia simplesmente pegar, mas ao invés disso piso o pé no acelerador — preciso chegar logo na cidade.

— Entendi. Onde está?

— No bolso da frente.

Ela ajeita seu cinto de segurança antes de inclinar o corpo, estou tirando proveito da situação, ela tateia o meu bolso da frente.

Tira o celular e diz:

— Paola.

— Pode atender por favor?

— Não. — A ideia para ela parece abominável.

— Então desliga.

— Mas se for algo urgente?

— Então atenda.

— Você é um abusado.

Solto um riso ao vê-la deslizar o dedo na tela e atender:

— Oi.

Coloca a chamada no viva-voz.

— Rudá?

— Sou eu Dandara.

— Mas como assim...

— Ele está ao meu lado dirigindo, pode falar.

Dandara coloca o celular mais próximo de mim.

— Oi Paola — falo sem empolgação alguma.

Ela acaba de estragar um momento só nosso.

— Ah, sim só liguei para pedir alguma coisa para eu comer.

— Eu entendo, vou levar.

— Você sabe o que eu gosto né?

Usa uma voz mais meiga do que o de costume. Dandara estreita os lábios, segurando um riso, tendo uma expressão especulativa.

— Perfeitamente. Até breve Paola.

Dandara aguarda meu consentimento para encerrar a chamada, dou um olhar silencioso para ela fazer isso, volto minha atenção apenas para estrada.

E novamente esse silêncio fica no meio da gente.

Ela se acomoda no banco e passa a prestar atenção na paisagem.

— Vou preparar as coisas para sua estadia em Chicago — digo.

— Quanto tempo?

Limpo a garganta e respondo:

— Dois dias.

— Isso tudo?

Eu a quero em Chicago para usufruir do programa que fiz para a gente. Quero poder levá-la ao meu restaurante favorito entre outras coisas...

— Sim? Tem mais alguma coisa para fazer?

— Você sabe que não.

Depois disso não falo mais nada e nem ela.

Chegamos na loja Aquarela, ela permanece sentada sem destravar o cinto de segurança.

— Não vem comigo?

— Melhor ficar aqui.

— Eu entendo. — Tamborilo os dedos no volante do carro — Você sabe que eu não tenho mais nada com Paola, não é?

— Mas já teve e tenho receio que esta mulher sinta ciúme de mim, e acabe atrapalhando meu projeto.

— Isso não vai acontecer, Paola é uma mulher madura...

— E eu não sou.

— Não. Você é... embora seja muito peculiar... — Abro a porta e antes de sair digo: — Não vou demorar.

— Tudo bem.

Saio do carro e a deixo com o humor bem diferente. Idiota é quem pensa que entende a mente de uma mulher, principalmente se esta mulher for Dandara, ainda não sei o que a motivou a voltar para a fazenda, tenho certeza que ela esconde algo de mim.

Dora me atende com a mesma educação e simpatia de sempre, faço o pagamento e sua neta me mostra onde estão os vasos.

Com cuidado levo os primeiros três e deixo no porta-malas, acho que não vão caber tudo nele, terei que usar o banco de trás.

Entro novamente na loja, só não imaginava que Dandara ia fazer o mesmo.

— Bom dia Dorinha! — diz numa empolgação que não estava lá há poucos minutos atrás. — Como vai a senhora?

Beija Dora e a abraça.

— Bem, e com você?

— Indo...

— Soube que trabalha na fazenda. E como anda a convivência com o tigrão? — Ela pisca para Dandara. — Imagino que não esteja nada fácil.

— Vamos Dandara, já terminei. — Quero ela longe da Dora, longe de saber que tivemos algo no passado.

— Muito mandão. — Dandara abre um sorriso.

Não estou com paciência para suas brincadeiras então a deixo para trás.

Sem me despedir de Dora.

Coloco os outros vasos maiores acomodados no banco de trás do carro.

Entro no carro e espero alguns minutos por Dandara.

Ela atravessa a calçada, abre a porta e acomoda-se no banco:

— É impressão minha ou senti um clima estranho lá dentro?

— Foi só impressão.

— Foi nada. Vocês se conhecem?

— No passado.

— Já se pegaram!

Como ela descobriu? Dora disse alguma coisa?

— Dandara não foi bem um rela...

— Não se preocupe Tigrão. — Pisca para mim. — Não me importo com isso, como você disse é imortal e eu no seu lugar faria a mesma coisa. Acho que já teria um monte de filhos também...

Ela rir.

— Não vejo graça nisso.

— Estou brincando. Não quero ter filhos.

Estaciono frente à loja da Grace, preocupado com o que ela disse insisto no assunto:

— Em nenhum momento?

— O que eu queria ter perdi.

Eu estou muito arrependido por ter mentido para ela todos esses anos, e ter feito de tudo para manter essa mentira.

— Sinto muito.

Ela não diz mais nada, entramos na loja, o sininho toca.

Dandara começa a escolher as guloseimas. Me esquivo dos olhares especulativos de Desirée.

Entretanto, é impossível fugir da Grace. Grande Oric!

— Rudá meu cunhadinho querido!

— Oi Grace.

— Dandara minha... Querida! — Grace nos observa com o sorriso aberto.

— Não imaginei que se lembraria de mim, Grace Jane. — Dandara para de encher a sua cesta e continua: — Você não era bem da minha turma.

— Ah deixa disso! Minha avó comprava ingredientes com seu Agenor,

leite e ovos... Eu me lembro. Mas por que foi embora? — Dandara esquiva o olhar para mim, assim como Grace, e depois Dandara balança a cabeça confirmando alguma coisa. — Sério?

— Humm rumm...

— Minha nossa! Eu imaginei isso, sabe?

— Sério? Por que?

Grace não se importa com minha presença, pois continua:

— Que no passado você encontrou o senhor M e ele fez M...

— Dasquelas bem grandes. Depois te conto. — Do que elas estão falando? Algum tipo de linguagem em código? — Pois é..., mas que história é essa de cunhado?

— Sou casada com irmão mais novo do senhor M. Ele é dono daquela boate ali.

Grace não demonstra nenhum tipo de exibicionismo, conversa normalmente tentando introduzir Dandara sobre os assuntos da família de qualquer jeito.

— Uau garota! Mandou bem! — Faz um gesto de aprovação com o dedo e pisca.

Mas como assim? O que o Raony tem que eu não tenho?

Disfarço meu interesse na conversa e me sento na mesa, Desirée se apressa em me atender. Pego o cardápio e leio, elas mudam o cardápio toda semana.

— Quero esta torta com castanhas e um Cappuccino, depois qualquer suco para levar com esses biscoitos de gotas de chocolate. — Espero que Paola se contente com isso.

— Tudo bem. — Desirée anota e vejo outro cliente entrar na loja.

Depois entra também Raony e Gael usando uma luva de beisebol, chapéu e camiseta que ganhou do Marlon no último aniversário.

Grace nos proibiu de dar presentes caros. Coisas que ela considera desnecessárias para uma criança, embora tenho certeza que um dia ele vai me agradecer pela mansão que lhe dei.

Dandara coloca a cesta em cima da mesa e depois volta para pegar um

prato.

— Seu irmão mais novo é uma...

— Não continua!

— Estou feliz pela Grace, e agora entendo porque achei seu sobrinho parecido com alguém... — Dandara começa a comer um pão recheado. — Hum... Delícia.

— Desirée, eu também quero esse pão recheado.

Ela me ouviu e confirma o pedido mostrando o polegar.

— E eu quero alguma bebida pode ser chá gelado, por favor — pede Dandara.

— Que história é essa de senhor M?

— Mandão.

Tenho até medo de perguntar sobre o segundo M, porém pergunto:

— E o segundo M?

— Merda. Traduzindo, senhor Mandão fez merda.

Ela sabe como me deixar zangado, tento não me importar com isso e dou atenção para Gael que tenta chamar minha atenção balançando a sua mão com a luva.

— Oi tio. Estava aprendendo beisebol, achei demais! Um dia vou ser profissional, e bem famoso, vai ver.

O Raony tenta manter o garoto ocupado.

— Sinto muito Gael, mas isso nunca será possível— digo em tom seco, para destruir suas esperanças. Mas Dandara interrompe sua mastigação para me lançar um olhar duro. — O que foi?

— Você é péssimo! Não se destrói os sonhos de uma criança assim.

— Concordo Dandara. — Raony se aproxima da mesa. — Prazer sou Raony, não tive chance de me apresentar naquela noite um tanto turbulenta. E Rudá não se envolva nos sonhos do meu filhote.

— Você como pai não deveria alimentar suas ilusões. Fama e holofotes é algo que precisa ficar longe da nossa existência.

Raony lança um olhar incisivo para mim antes de se virar e dizer:

— Vamos filhote!

Mandei convite para meus irmãos participarem do evento, às vezes eles participam, levam suas esposas e elas não se sentem à vontade com toda atenção que recebem.

— Dandara você precisa ir a esse evento, vai ser na mansão. Não entendo porque não quer participar.

— Eu já disse que não vou. — Ela dá mais uma mordida. — Por que disse aquilo para seu sobrinho? Ele te adora...

— Não foi para magoá-lo. Foi para preveni-lo. Não somos humanos, não podemos nos misturar dessa forma. Vivemos sempre nas sombras. E ele não me adora...

— Claro que sim. Caso contrário jamais iria te visitar, uma pessoa tão ranzinza, e ele é um doce...

Comemos e depois retornamos para a fazenda, entrego o café da manhã para Paola e os quadros, Dandara se queixa de dores nos joelhos e se tranca no quarto, e eu em meu escritório. Me sentindo incomodado com a presença de tantos humanos cercando minha propriedade.



CAPÍTULO ONZE

Ele anjo - Demônios reais

Pessoas com máscaras que cobrem o rosto por completo começam a chegar no evento, fiquei sabendo que o hotel na cidade ficou cheio. Não vou mentir que estou curiosa sobre o evento de hoje e muito entediada trancada nesse quarto.

Depois de um banho e de muito revirar na minha cama, decido dá uma olhadinha no evento, mas não posso ir lá vestida de qualquer jeito, então reviro o meu armário à procura de uma roupa mais chiquezinha e encontro um vestido, ele é preto e com um tule que vai colado até meus pulsos.

O tecido de malha que há por baixo do tule desenha um bore, se não fosse pelo tule preto ele seria apenas isso, um bore. E para o tule ficar apertado em minhas coxas há dois laços que o prende bem formando uma barra franzida acima dos meus joelhos.

Este é o vestido mais longo que tenho, embora isso não conte nada já que ele revela muita coisa. Adoro o decote de coração no meu busto eu tenho

seios grandes claro, pois sou GG.

Me maquio, coloco dois argolões dourados, saltos altos pretos e prendo meus cabelos em um rabo de cavalo.

Dou uma última checada no espelho do banheiro e pronto.

Desço para o evento na intenção de passar despercebida, me engano redondamente, pois assim que piso os pés no salão atraio a atenção de alguns. Pelo menos há algumas mulheres, mas a maioria dos homens estão conversando entre si, isolados no canto das salas.

Nítido que são homens de negócio, vou para perto de uma mesa do bufê dando uma olhada nas iguarias. Comida chique e sem graça, um homem barbudo aproxima-se de mim, ele é muito elegante em um terno, embora esteja mais desleixado que os outros e ele não usa máscara.

— Que diabos é aquilo? — O homem me pergunta, apontando para uma abóbora no centro da mesa.

— Camarão na moranga. Parece apetitoso.

— Parece vômito. Alguém comeu e vomitou camarão — ele retrai a expressão com nojo. Rio. — Prazer sou o Jandir.

— Dandara.

— Só para me apresentar melhor sou o irmão do Rudá. — Pisca para mim. — E você é muito linda, gostei muito desse vestido é um maiô aí por baixo desse tecido transparente? E esse tecido transparente é algum tipo de tela? Fino como um mosquito...

Rio, nem um pouco ofendida com a comparação dele, deixa claro sua inocência ao analisar meu vestido e sua falta de intenção de ofender.

— É um tule, por baixo um bore. E afinal, quantos irmãos o senhor Chandler tem?

— Somos quatro, e um filhote de raposa que adotamos. — Ele pega um pratinho. — Não tem cupcake da cunhada Grace. A propósito, você tem o dom de fazer comida gostosa também?

Faço uma cara azeda para ele:

— Não. Sou péssima, juro.

— Então você vai matar o Rudá de fome. — Ele solta um riso grosso.

— Embora ele coma igual a um pinto. O que acha desse?

— Parece peixe com uma calda doce — respondo, acompanhando-o na mesa, e sinceramente estou morrendo de fome, pego um prato também e começo a me servir.

— Deve ser horrível. E são poucas coisas que considero horríveis, mas o cheiro é enjoativo.

— Te entendo. — Passo longe do peixe com a calda. — E parece cru.

Percebi o peixe inteiro mergulhando em uma bandeja com calda.

— Ah, eu adoro peixe, mas com essas coisas não gosto. — Eu estou adorando o irmão dele mesmo que até agora nós estejamos apenas conversando sobre comida e vestido. — Vamos procurar algum lugar para sentarmos, acho que meus irmãos mais novos não virão.

Pego mais um canapé em meio a vários. Jandir vai na frente e escolhe uma mesa perto da piscina.

— Por que tem um cisne dourado no meio da piscina? — Ele me pergunta ao se sentar à mesa.

— Decoração?

— Não importa só vim aqui pela comida. Meu jantar. Hoje não fiz nada para comer.

Ele pega o garfo e a faca, e corta um canapé com elegância, os cabelos soltos estão na altura dos seus ombros, são castanhos claros, e as pontas tem mechas em tons quase loiros, com aspecto de bem cuidado.

— Hum... Isso é bom. — Provo um canapé de salpicão.

— Eu sei fazer isso aí. Vi a receita na internet.

Mas que homem prendado. Embora o senhor Chandler também saiba cozinhar. Já tentei cozinhar, mas sou péssima troco sal por açúcar numa facilidade absurda.

Vi Rudá por aí junto com Reuel, e às vezes sinto o olhar dele sobre mim. Como sei disso? Não faço ideia, vai lá que esteja desenvolvendo alguma habilidade sobrenatural.

— Esse que você pegou é de salmão. Adoro também — digo.

— Mas são tão pequenos não são? Eu não entendo porque perder tempo

fazendo comida em miniatura. — Resmunga enquanto come. — Não sabia que o Rudá era tão sovino.

Ele ri. Droga. Acabo rindo também.

— Vou pedir vinho, quer?

— Por favor, espero que as taças não sejam em miniatura também.

Lanço um olhar para o garçom que serve as bebidas, ele caminha até nossa mesa.

— Por que eles estão com máscaras Jandir?

— Isso é porque eles são bobos da corte. E com certeza alguns deles são mal-educados o suficiente para ouvir nossa conversa. Nesse momento.

Eu percebi sim, o olhar de alguns deles sobre a gente.

— Nossa. Mas aposto que essas máscaras têm outro significado também.

— Sim. Eles são figuras importantes em algumas cidades, preferem manter sigilos de alguns humanos sobre fazerem parte desse evento.

— Humm.

Permaneço intrigada e o garçom serve o vinho.

— Deixe a garrafa por favor — Jandir pedi ao garçom, ele reluta então Jandir completa: — Essa comida está um pouco salgada e quando terminar vou ter muita sede.

O garçom deixa a garrafa sobre a mesa, rio com a boca na borda da taça. Não foi uma má ideia ter deixado o quarto, pois conhecer Jandir fez valer a pena.

— Onde mora?

— Nas montanhas. Mas pode me visitar quando quiser, vou lhe mostrar como se faz comida de verdade.

Acho ele muito inocente ao fazer esse convite para uma mulher que acabou de conhecer, ela poderia entender errado. Primeiro que ele é um homem lindo, e com uma conversa agradável, me fez sentir confortável, mesmo a maioria desses machos me olhando como se eu fosse uma coisa de outro mundo.

— Vai ser um prazer Jandir.

— Por favor vá. Minhas visitas são o Gael e o Ructon, às vezes os gêmeos, embora eles vivam mais reclusos. Bom, vai ser um prazer passar um tempo com você.

Ownnnn. Infelizmente a aproximação de Rudá faz o clima mudar um pouco.

— Então resolveu participar. — Ele diz, com a mão no bolso.

— E seu irmão me fez com que eu não me arrependesse dessa decisão.

Ele usa um *Smoking* com uma faixa cinza transpassada na cintura, e a parte de trás mais longa.

— Oi Jandir. — Se volta para o irmão. — Espero que esteja apreciando a festa.

— Só a companhia de Dandara, a comida não.

— Que bom que gostou dela. — Rudá troca um olhar cheio de significados com o irmão. — Sinto muito pela comida, Paola que organizou tudo. E que bom que está aqui hoje. Vocês dois.

— Nosso pai também pelo que percebi.

— Sim. Cuide da Dandara, preciso falar com ele.

Bufo. Como assim cuide da Dandara?

— Vou pegar alguma coisa doce para comer. E você quer mais alguma coisa Jandir?

— Por favor, se não for muito incomodo pode me trazer o que você escolher.

Curvo os lábios sorrindo, e deixo ele na mesa sozinho, atravesso o salão passando pelas mesas, a piscina está iluminada, há uma orquestra que toca música clássica. Sinto vontade de ir ao banheiro, então antes de pegar algo no bufê vou à procura de algum.

Não vou até o segundo andar, procuro o banheiro dos fundos e para isso atravesso o corredor que dá acesso a sala de piano.

Rudá conversa com outro homem lá dentro, o mesmo homem de cabelos grisalhos que vi no outro dia. O homem parece bastante irritado.

A expressão do Rudá permanece contida, até falar algo e receber uma bofetada em troca. Rudá não se move, a porta que estava entreaberta é escancarada de vez por uma ventania repentina.

— Você nem conseguiu ensinar o básico de modos para essa fêmea! — diz o homem.

Ele me incluiu na conversa também, mas só estava de passagem. Eu não quero ficar aqui.

Por que eu não consigo mover minhas pernas? Não é um assunto meu.

— Volte para a festa Dandara — diz Rudá mantendo o tom indiferente, isso não funciona comigo, sei que ele quer sair desesperadamente de perto desse homem.

No lugar dele eu ia querer isso, já não gosto desse homem. Não por ele ter esbofeteado o senhor Chandler, pois eu não sei o que ele disse para o homem, se ele ofendeu de alguma forma.

Mesmo assim ignoro o que ele disse e vou até ele, passo a mão em torno do seu braço e digo:

— Não sem a sua companhia querido.

— Dandara...

— Vamos querido aceite a companhia de uma sem modos.

Eu encaro o homem na minha frente. Ele continua com a cara feia.

— Eu vou levá-la, pai.

— Droga. Lembrei que ele é o seu pai.

— Chega. — Me conduz para fora da sala, continuo segurando seu braço. — Você é impossível! Não tinha nada que entrar lá!

Percebo seu tom mudar de vez.

— Até parece que você não gostou.

— Não se aproxime mais dele. Não se envolva em minha vida, não é porque compartilhamos alguns momentos que faz de você alguém especial.

— Falou o cara que me chama de preciosa o tempo todo. — Desgrudo do seu braço. — Você só ficou com raiva por eu ter visto a cena, desculpa ferir seu orgulho. Mas vá desgastar sua raiva tocando piano...

— Calada!

Pela primeira vez vejo senhor Chandler falar mais alto...

— Perder o controle uma vez na vida não vai lhe deixar vulnerável sabia...

Aperta meu braço e me leva novamente para a sala de piano, e não há mais ninguém lá dentro.

— E o que você quer que eu me torne? Uma você na vida, que sai por aí desgastando suas emoções de cama em cama!

Começa a despejar as coisas, porém ele está tentando atingir o alvo errado. Eu não tenho culpa de nada que esteja acontecendo na vida dele. Eu não quero ter. E seu olhar ameaçador e fora de controle, rugas na testa me faz dá dois passos para trás e dizer:

— Você é um babaca.

— Como se a maioria daqueles caras que você dormiu não fosse. Só queriam seu corpo.

— E eu os deles. Quer saber. Se está tentando me ofender está indo pelo caminho errado, nada que você falar da minha vida vai me fazer sentir desvalorizada dei para...

As portas se fecham sozinhas. A merda.

— Chega Dandara. Você não sabe as coisas que fala!

— Você que começou. Estava tentando ajudar você, não tem o direito de tentar me magoar, quando minha intenção não era essa.

Me sinto uma boba por querer defendê-lo.

— Por favor.... Não pense que sou idiota, tudo o que faz é para me provocar!

Se cala, acho que se deu conta que estamos discutindo.

— Você merece mais que um tapa.

— Saia! Não quero você nesse evento, enterrando minha reputação, fique trancada em seu quarto até que tudo termine.

Ele segura meu braço, zapa, me leva ao meu quarto, totalmente fora de controle.

— Não vai me deixar aqui!

Não me dá ouvidos, sai do quarto e me tranca. Bato na porta e tento abrir. Ranjo e começo a me despir, mas ele que se ilude achando que uma porta vai me manter trancada nesse quarto, pois ainda tem a janela. Visto uma camiseta e calça. Pego dinheiro, cartão de crédito e coloco na bolsa...E saio escalando a janela.



CAPÍTULO DOZE

Ele anjo - Demônios reais

Não tive mais paciência para lidar com os convidados, me sinto sufocado pela minha própria soberba e orgulho eu não devia ter a tratado assim, se antes já não tinha chance alguma com ela tão pouco agora. Fico na sala de piano sem ter coragem de me despedir dos convidados. Maldita hora que Dandara decidiu aparecer.

Reuel zapa na sala e avisa:

— Todos já partiram, não se preocupe me incumbir das despedidas. — Ele fuma um charuto, com o terno sobre os ombros relaxados — Onde está Dandara?

— Não sei, ela saiu.

— Sim vi quando pegou emprestado sua Ferrari. Vocês discutiram?

— Algo que quero esquecer, que me faz me sentir envergonhado, Dandara não me merece em todos os sentidos.

— Fala como um homem arrependido e apaixonado — se aproxima da janela. Eu ainda me lamento tocando uma melodia melancólica no piano, lacrimosa de Mozart, colocando nela toda minha devoção e arrependimento.
— Eu diria meu caro que está perdidamente apaixonado e fora de controle.

— Não é apenas isso. Ela me viu com o meu pai...

— Ah... Orgulho ferido. — Se vira para mim — te conheço o suficiente para dizer que essa atitude infantil foi fora do comum, a pobre mulher não ver o nosso mundo como ele é. Ela não faz ideia.

— Ela não quer saber. Dandara não se preocupa com nada que envolva a gente, ela sabe que não sou humano e até agora não fez nenhuma pergunta...
— Suspiro — estou esperando a atenção dela para isso, se eu falar alguma coisa agora tenho medo que eu posso afastá-la.

— Ela não faz o tipo que aceitará ser rainha de um reino de criaturas místicas e gerar um herdeiro, essas coisas que o seu pai deve estar pressionando você.

Levanto-me do piano, já é madrugada e ela não voltou.

— Ela não vai voltar a menos que eu vá lhe implorar que ela volte.

— Sim.

— É melhor eu ir então. Vou procurá-la e pedir perdão e trazer Dandara de volta.

— Melhor fazer isso quando ela estiver mais calma.

— Quando ela estiver mais calma vai ficar interessada em outra coisa que não seja essa fazenda e a mim.

Reuel ri e diz:

— Pode ir então. Eu ajeito as coisas com Paola.

Sinto a presença dela a quilômetros da fazenda, zapo até um quarto de hotel, e reconheço o padrão dos quartos. Meu hotel na cidade. Dandara dorme despreocupadamente, pelo visto o único preocupado com a discussão sou eu.

Entretanto, sinto cheiro de álcool há garrafas de cerveja e várias sacolas plásticas de salgadinhos, pego sua bolsa, suas coisas.

Não vou me arriscar conversar com ela aqui. Zapo com ela adormecida até seu quarto a transferindo para a cama. Depois volto ao hotel e fecho a reserva. Peço para levarem a Ferrari para a minha fazenda.

Retorno e ela ainda dorme um sono profundo, tomo um banho e visto meu conjunto de roupa de ginástica.

Me exercito em volta da fazenda, faço uma rápida corrida em torno dela mesmo assim isso é muito pouco para exaurir minhas forças.

Penso em formas de pedir perdão a ela, e sei que a primeira coisa que vai sentir quando acordar vai ser irritação e confusão ao ver que voltou para o mesmo quarto que ela fugiu embora eu tenha deixado a porta destrancada, depois de despejar sua revolta em mim vai sentir muita fome.

Ainda sobrou muita coisa do Buffet então começo a montar a mesa do café da manhã acrescentando algumas coisas, faço ovos mexidos e até mesmo zapo até o pé de manga que ela tanto gosta e colho algumas mangas, não escalo como ela faz, apenas faço com que as maduras caiam e salto ao redor do pé de manga pegando uma por uma.

Volto andando, pois Paola pode ter acordado e acertei. Ela é a primeira a acordar.

— Bom dia Rudá.

— Bom dia Paola, tem café pronto.

— Eu senti o cheirinho dele. — Ela ainda usa uma camisola por baixo do

robe preto de seda, usa também uma toca na cabeça. — Ah, como vai ser um desperdício jogar toda essa comida fora.

— Não jogue, hoje as pessoas que vão arrumar a casa vão apreciar esses quitutes. — Alguns ainda estão embalados na minha geladeira.

— Sim uma boa ideia. Ontem você sumiu.

— Desculpa por deixá-la sozinha tive algumas coisas para resolver.

Ela senta-se na mesa, tomo meu café na esperança que a qualquer momento Dandara possa aparecer, mas depois que Paola se retira e fico sentado no vazio da cozinha me dou conta que esse é último lugar que Dandara vai vir depois de tudo.

Pego uma bandeja e coloco algumas coisas, incluído o suco de manga que fiz para ela.

Zapo até seu quarto e não a encontro mais na cama onde a deixei dormindo, ouço a água do chuveiro cair coloco o café da manhã em sua cama e zapo imediatamente do seu quarto.

A intenção é que ela coma alguma coisa.

Fico no meu escritório, deitado no sofá apertando a bola na mão, sem conseguir descansar a mente por um segundo e não é apenas Dandara que ocupa meus pensamentos.

Mathayus não vai sossegar enquanto não tiver a garantia que terá um herdeiro para o trono. Não apenas isso embora esteja fazendo tudo o que ele quer, construindo a cidade para ele administrar até que ele finalmente morra, creio que isso não está sendo o suficiente.

Não posso falar para ele que compartilho a ideia do Gael ser o sucessor, porém, o garotinho ainda não está pronto para pagar o preço pelo trono, ele não merece isso.

Ontem o ofendi por ter mencionado minha mãe em nosso diálogo.

Levanto mais o meu tronco e espio por trás do sofá ao sentir o cheiro dela, deixei a porta escancarada nessa intenção:

— Bom dia.

Ela não responde apenas adianta os passos, sento-me no sofá pronto para receber uma enxurrada de fúria da parte dela.

— Por que me trouxe sem o meu consentimento?

Ela vai logo ao ponto.

— Para conversamos.

— Depois de tudo o que me disse ainda faltou mais alguma coisa para acrescentar?

Fica com a mão na cintura, usando uma minissaia e moletom, seus cabelos soltos e sinto o cheiro do seu shampoo.

— Para me desculpar por ontem. Eu sinto muito Dandara, você não merecia ouvir nada daquilo.

— Realmente não merecia, mas isso é tudo o que você pensa de mim!

— Não penso!

— Pensa sim, com seus pensamentos retrógrados sobre como uma mulher tem que ser!

Pressiono cenhos, massageio e volto a encará-la:

— Você tem razão eu tenho pensamentos antiquados, e não me orgulho disso, mas...

— Não tem, "mas" Rudá!

Ela circula a mesa de centro e senta-se ao meu lado, com as mãos repousando

em seus joelhos, apenas fico calado ouvindo o som da sua respiração agitada.

— Eu sinto muito por isso.

— Você tem que entender que um hímen não faz uma mulher.

— Eu sei... Mas é que...

— Se um dia você tiver uma filha gostaria que fosse tratada assim? Não somos produtos a gosto de cada homem entende?

— Perfeitamente — estou sem energia para discutir. — Me perdoa por ontem e não abandone seus planos nessa fazenda por causa disso.

— Eu não vou. Não vou a lugar nenhum até que tudo termine.

Pego sua mão sobre seu joelho, trazendo para mim.

— Obrigado.

— Você está meio para baixo o que aconteceu?

— Além de discutir com a pessoa que mais me importo no mundo? — Ela me encara confusa, curvo os lábios sorrindo. — Muitas coisas Dandara e não quero perder meu tempo falando sobre isso.

— Certo.

— Amanhã vamos para Chicago.

— Eu andei pensando sobre essa viagem e não acho que seja uma boa ideia.

— Claro que é. — Me aproximo mais dela, esfrego o meu polegar em sua bochecha. — Eu preciso de você lá comigo e também quero mimá-la, conquistar você, ainda não desisti de você — encosto a testa na sua me deleitando da calma que ela me traz.

— Então seu plano é me seduzir? — Ela me lança um olhar de descrença.

— Tenho muitos planos para nós, mas quero que você guie também.

Envolvo sua cintura, eu me sinto atraído por cada milímetro desse corpo sedutor toco em seus lábios e faço o caminho com a língua para dentro do meu recanto onde posso esvaziar minha mente e focar apenas em explorar nossos beijos.

É perfeito mergulhar em seus lábios receptivos, provar do seu beijo.

As coisas fluem de maneiras rápidas como uma queda d'água descontrolada, ela envolve sua mão em minha nuca retribuindo tudo com muita experiência.

Ela separa o beijo me olhando aturdida, porém o brilho do desejo permanece refletindo em seu olhar:

— Eu não sei... não era para isso está acontecendo entre a gente.

— Shiii... — Belisco a ponta do seu queixo — não vamos interromper, por favor, vamos deixar as coisas acontecerem.

— Mas isso que é o grande problema, não pode se apaixonar por mim, eu não posso...

— Você mesmo disse que é uma mulher livre, eu também sou um macho livre. Então por que não podemos?

Eu não quero que ela volte a colocar uma barreira entre a gente.

— Acontece que eu vou partir depois que tudo estiver pronto e não posso me apegar a você.

— Eu farei você mudar de ideia, me deixe conquistá-la, o que aconteceu ontem não vai mais acontecer.

Ela se afasta mais ainda de mim, se levanta e perfura minhas esperanças com tais palavras:

— Eu me odiaria se você se apaixonasse por mim. Nunca. Isso não pode

acontecer.

— Ainda é pelo que aconteceu no passado? Sobre o filho? Não será capaz de me perdoar?

— Não. Eu não o culpo mais. Eu acho... seria ilógico culpar você por aquilo.

Dandara só teve uma apendicite, e ela fez uma cirurgia. Todos esses anos eu a enganei com aquele relatório falso, todos os ginecologistas que ela passou sabia da sua situação, pois fiz questão de sustentar essa mentira.

— Há algo que se eu lhe contar você será incapaz de me perdoar.

— Então melhor não me contar, eu vou focar na construção do celeiro, quero esquecer o que aconteceu.

— Sabe que não vou desistir de você.

Ela se vira, noto seus olhos mais tristonhos.

— Faça o que quiser.

— Então eu vou conquistá-la.

— Depois não diga que eu não avisei.

Ela me deixa intrigado depois que sai, pelo menos me deu esperança, *não vou desistir*.



CAPÍTULO TREZE

Ele anjo - Demônios reais

Paola bebe champanhe sentada na cadeira na minha frente, estamos voando para Chicago, Reuel dorme em uma das poltronas com uma máscara de dormir nos olhos e fones nos ouvidos. Já Dandara não sai da minha cabine de descanso e percebi as minhas emoções inconsistentes desde que ela entrou no jato.

Sei que essas emoções não são minhas, mas com certeza posso senti-la de maneira mais profunda, é incrível como sinto que estou criando uma conexão com ela cada dia que passo ao seu lado.

Encho a taça de Paola, e pego uma uva em uma cuba de cristal.

— Será que Dandara está bem? Ela não saiu da sua cabine.

— Eu vou checar se ela está bem. Com licença, já volto.

Dou dois toques na cabine e ela responde com a voz baixa, mesmo falando *não entre*, não obedecendo, abro a porta e depois de entrar tranco.

Dandara continua na cama coberta nos lençóis.

— O que quer? Eu disse que estava tudo bem e não era para entrar.

Descobre o rosto do lençol, está um pouco pálido e morde os lábios com força.

— O que tem?

— Cólica. — Ela se arrasta para sentar na cama com as pernas cruzadas. — É sério, só cólica.

— Você não sabe mentir muito bem, querida. — Não quero entrar em mais uma discussão com ela. Sento na cama ainda a observando, reparei que ela esqueceu a porta do banheiro aberta, e ela exala medo, agonia e desespero. — O que mais?

— Tenho medo de avião — diz finalmente.

— Por isso ficou trancada aqui?

— Não quero compartilhar meu medo com ninguém, mas também sinto cólica. — Ela aperta mais a barriga e respira com sofrimento. — Então se possível me deixe quieta...

— Trouxe algum remédio para cólica?

— Não.

Se vira na cama, me ignorando completamente não gosto de ver a minha fêmea sofrer, vou até o banheiro e fecho a porta. A deixo na cama, volto para Paola que aguarda notícia, passo a mão na nuca antes de perguntar:

— Você por acaso tem algum remédio para cólica?

— Sim. Vou pegar na minha bolsa.

— Obrigado.

Aguardo ansioso pelo milagroso remédio, a viagem vai ser longa e não quero que ela sinta dor. Paola me entrega uma cartela, pego uma garrafa de água e volto para o quarto.

Sento-me na borda da cama:

— Dandara. Aqui, bebe isso. É para cólica.

Ela continua em silêncio, mas se vira na cama e percebo que desde que eu saí a sua situação só piorou.

— Um não vai resolver me dê logo dois, por favor.

Tiro outro comprimido da cartela.

— Abre a boca querida. — Ela abre a boca e coloco os remédios, em seguida bebe água. — Certeza que isso é só cólica?

— Cólica e medo de avião — fala e volta a se deitar, tampo a garrafa e coloco em cima do pequeno armário embutido na cama. — Obrigada.

Toco em seus ombros, afasto seus cabelos deixando-os cair completamente para trás.

— Não gosto de ver você assim. — Tiro meus sapatos e fico apenas de meia, me deito ao lado dela na cama também, ela não me afasta. — Eu vou ficar aqui.

— Eu acho que o remédio vai me fazer dormir.

— Mesmo assim fico aqui. Dorme.

Beijo sua testa, acaricio seu rosto e acompanho em silêncio por alguns minutos até ela ficar sonolenta, por fim dorme.

Eu também sou vencido pelo sono, não dormi na noite em que discutimos.

Sou acordado com ela se movimentando ao meu lado, tentando sair da cama sem me acordar. Como se isso fosse possível.

— Está melhor? — pergunto ainda sem abrir os olhos.

— Sim, desculpa não queria acordar você. — Sua voz é risonha, sinal que ela melhorou.

Abro os olhos para vê-la sentada com o tronco curvado perto de mim.

— O que foi? Está se dando conta de alguma coisa?

— Que tipo de coisa?

É, muito bom vê-la com seu sorriso fácil no rosto.

— De que rejeitou um partidão.

— Partidão? — Ela ri. — Quem no mundo fala isso?

Me ajesto na cama, e fico de lado com a cabeça apoiada no cotovelo. Ela usa uma bermuda de linho e camiseta que parece que ela pegou emprestada do Ructon.

— Só acho que você não quer admitir, da mesma forma que não quis admitir que tem medo de avião.

— Obrigada você acabou de me lembrar que estou em um avião. — Leva a mão ao peito. — Estava mentalizando que estou em algum quarto de hotel exótico e luxuoso.

Brinco com uma mecha do seu cabelo.

— Quer comer alguma coisa?

— Acho que estou bem assim, nem sei quanto tempo dormi.

— Cerca de uma hora — afirmo —, estamos quase chegando.

— Bom. Me sinto um pouco nervosa para apresentar o projeto.

— Vai se sair bem.

— Se eu não sair a culpa é sua, você que inventou isso! Não precisava de tanto...

Envolvo sua cintura em um gesto íntimo, e massajeio com o polegar.

— Precisa. Todos têm que conhecer você.

Ela me olha um pouco confusa.

Prende uma mecha de cabelo atrás da orelha, abrandando a expressão, mas ainda sinto um pouco da sua palidez, entretanto, a tensão e o medo diminuíram.

— Você é estranho, algo me diz que esconde alguma coisa de mim.

Estamos finalmente chegando onde quero. Ela já pode "achar" alguma coisa sobre mim, se sentir curiosa sobre mim.

— Engraçado que desde o dia em que bateu na minha porta penso o mesmo, sobre você.

— Gosto dos seus cabelos, tenho vontade de alisar. Se você alisa o meu posso fazer o mesmo com o seu, não é?

— Humm. Você é orgulhosa. Não precisava pedir desse jeito bastava apenas dizer que quer afagar o gato. Tigre seria mais apropriado.

— Não. Por favor, não inventa moda. Seja você mesmo, partidão. — Pisca.

Rimos, me levanto furtivamente e roubo um beijo dela, mas diferente

das outras vezes ela retribui de maneira mais rápida, em segundos estamos na cama com nossas bocas se atracando, nosso beijo é compatível e paira em nós uma energia de pura luxúria. Estou sentindo que estamos nos aproximando de uma maneira natural.

Ela já me tem excitado, e duro por ela. Dandara bagunça meu cabelo esfregando sua mão enquanto ainda mergulhamos no beijo, tenho um corpo flexível então de maneira ágil a deito sobre a cama afastando o beijo.

— Pode me afagar quando quiser.

Nossos rostos ainda estão próximos, mansamente deito minha cabeça em seu peito ouvindo as batidas do seu coração.

Ela começa a acariciar meus fios, a sensação é boa.

— Isso é bom?

— A intenção é me domar? — Toco em seus seios sobre a blusa. — Pois deve estar sentindo minha rigidez, então o caminho é outro. — Brinco.

— Uau. Quanto poder eu tenho...

Eu não quero perder Dandara por um erro que cometi no meu passado. Cada linha de pensamento me guia para seu abandono quando ela descobrir que estou guardando uma mentira por tanto tempo, nada vai fazê-la ficar.

Nós descemos em um aeroporto em Chicago e pegamos a condução para minha cobertura, apenas eu e ela. Já Paola voltou para casa, Reuel também.

Ela trouxe apenas uma das suas malas.

A sala é um ambiente amplo, as janelas de vidro se estendem nas paredes de ponta a ponta, gosto de vislumbrar o sol banhar a cidade abaixo de mim, a noite as luzes da cidade formam um painel na minha parede. Não é apenas a sala de estar, a sala de jantar integrada com uma cozinha americana compartilha do mesmo cenário.

Acima há um deck totalmente exposto, e uma piscina não tão grande quanto da mansão, enquanto lá me contento com a paisagem natural espetacular. Aqui de cima o concreto, prédios colossais formam a paisagem.

— Uau... — Dandara sobe um degrau da escada, admirada com a paisagem da cidade. — Você quase não tem privacidade aqui, certo?

— Eles não conseguem nos enxergar.

— Isso quer dizer que posso andar pelada por aí e ninguém vai tirar uma foto minha.

— Certamente não. Bom, só se você permitir que eu tire.

Ela ri, sobe as escadas e acompanho ela. Já guardamos nossas malas, e pelo cheiro dela também já se banhou.

— Olha isso aqui meu Deus! — A ventania, o frio na barriga, tudo isso senti quando toquei nessa cobertura pela primeira vez, com apenas o céu acima de mim. — Fantástico!

Abre os braços, e os picos dos prédios iluminados cercam nosso olhar.

Ela corre até a borda onde tem um bloqueio de vidro.

— Eles parecem formigas lá em baixo.

— Não parece que tem medo de altura, mas tem medo de avião.

— Coisas diferentes.

— Hum... — Enfio a mão no bolso da calça e aviso: — Vou preparar o jantar. Vou zapar até a mansão e trazer ingredientes.

— Se consegue zapar por aí, por que viemos de jatinho?

— Por causa de Paola, e dos humanos. Precisamos manter as aparências. — Antes de descer as escadas digo: — Não fique muito tempo aqui em cima a noite está fria.

Faço algo rápido para jantarmos, um espaguete à bolonhesa e também escolho vinho branco, Francês de uva Chardonnay.

Dandara aparece na cozinha e me ajuda a montar mesa.

— Eu lavo os pratos! — Diz. — Já que não o ajudei a cozinhar. Sinto muito, da próxima vez me orienta que ajudo.

— Tudo bem. Tenho medo dessa sua ajuda lhe custar um dedo.

— Hei! — Ela bate em meu ombro. — Sei descascar manga tá! Embora eu ache que sou melhor na enxada.

Ela me diverte. Nos sentamos a mesa e ela prova o macarrão produzindo sons de prazer.

— Você arrasa!

— Eu sei. — Sirvo sua taça com vinho.

— Esse molho está tão cremoso. — Lambe a borda da boca com a língua, depois bebe um pouco de vinho. — Eu amo comer.

— Sei... — Provo o vinho, e o sabor não me surpreende, pois já esperava ser suave, delicado. — Como vão as coisas para sua apresentação?

— Bem, espero que não seja uma plateia muito grande.

— Não se preocupe serão apenas as pessoas que vão estar à frente da construção. Vão ficar responsáveis pela mão de obra. Quero tudo do bom e do melhor no seu projeto.

— Eu também quero estar presente...

— E vai querida, o projeto é seu, mas não quero que a tarefa se torne muito cansativa para você.

— É, você tem razão nisso, vou precisar. — Sua respiração se torna longínqua.

Depois de jantar ligo o som e deixo tocar uma música lenta. Descanso no sofá degustando um vinho enquanto Dandara lava os pratos, recusou minha ajuda disse que é o mínimo depois do jantar delicioso.

É muito bom tê-la mais à vontade ao meu lado, sem nenhum escudo ou arma apontada para mim, o mesmo para mim. Não estou com escudo ou arma apontada para ela.

Não sei se isso é aceitação, mas o ritmo das coisas muito me agrada.

Ao terminar de lavar os pratos ela vem até a sala.

— Obrigada pelo jantar, vou descansar um pouco.

Deixo a taça sob a mesa de centro e ando até Dandara.

— Não vá. Fique só mais um pouco e embalo você no sono.

— E posso saber como vai fazer isso? — Descrença percorre a sonoridade da sua voz.

— Dança comigo.

— Não sei fazer isso. — Gesticula com as mãos para que eu me afaste.
— Sério, eu vou quebrar os dedos dos seus pés.

Ignoro ela e a envolvo, seguro sua cintura.

— Só me acompanhe devagar preciosa.

— Ok. Mas sei que vai me mandar parar depois da terceira pisada.

Seu corpo fica unido ao meu, o cheiro do vinho nos envolve, nos primeiros minutos ela pisou um pouco nos meus pés, mas ela entendeu, confiou em mim para guiá-la. Beijo sua bochecha e me enterro em seu pescoço.

Essa fêmea tem toda a minha atenção, eu consigo ser eu mesmo. Não me ocultar em uma carranca de indiferença, eu nunca fui indiferente ao sofrimento dos meus irmãos. Mas sou o irmão mais velho tenho que ser o último a me desesperar. Alguém precisa tomar as decisões difíceis.



CAPÍTULO QUATORZE

Ele anjo - Demônios reais

— Nesse projeto a estrutura do setor de suinocultura possui um total de quatro galpões: unidade creche, unidade de crescimento e terminação, unidade gestação, fábrica de ração. — Dandara prossegue um pouco nervosa, na tela acompanhamos as imagens que ela passa apertando o botão do controle. Além de mim na sala, Paola e mais três pessoas acompanham o que ela fala. — Sendo que na maternidade é necessário ter escamoteador lateral para evitar o esmagamento...

— O que seria isso? — pergunta Paola.

Na imagem há filhotes suínos deitados em um tipo de câmara...

— É um aquecedor para os filhotes suínos.

Dandara se volta para a tela, eu não sei onde ela conseguiu esse terno que vai até seu quadril embora a saia que ela usa é muito curta bem acima do seu joelho, cabelos soltos, levemente maquiada e estou considerando ela lindíssima, sexy e mesmo gostando de ouvi-la falar, estou torcendo para que a reunião acabe logo para podermos ficarmos a sós.

Ela me encara incerta então digo:

— Pode continuar querida.

Eu, um possível rei de uma nação de criaturas místicas estou intrigado com a construção de uma fazenda, isso tudo para agradar minha fêmea certamente um rei fazendeiro não é o que os meus irmãos de raça esperam, mas o que não faço por ela?

Brinco com uma caneta entre os dedos.

— Bem — limpa a garganta — continuando, eu tenho todas as medidas que vou passar para os senhores.

—Podemos fazer uma maquete do galpão. — Sugere Paola. — Deixa com a gente, em algumas semanas vamos levá-la para você, assim com os funcionários que darão início a construção, mas fora o galpão vai haver alguma outra área externa?

Notei que minha fêmea está um pouco pálida, não sabia que ela era tão tímida assim:

— O comedouro dos bovinos...

— Um pasto? — pergunto.

— Sim, eles saem para comer e depois voltam para o galpão.

— Adeus campo de golfe — falo e ela ri, Dandara relaxa mais.

— Não vai ser tão grande assim... — O controle em sua mão cai, acho que quebra alguma coisa, no entanto, ela fica com inércia, olhando para o controle ao chão. — Me desculpa.

— Tudo bem Dandara... Você só está um pouco nervosa — fala Paola.

Me levanto, pego o controle e pergunto:

— Quer dá uma pausa?

— Não, eu vou continuar. — Ela respira, mas sinto o tremor vindo do seu corpo e medo, a vontade que tenho é de tirá-la dessa sala.

— Dandara...

Ela me ignora e continua:

— A estrutura é praticamente essa: Unidade Creche é uma unidade de crescimento vai possuir 48 baias, 1 metro com piso vazado de plástico,

comedouros tipo semiautomáticos, e bebedouros tipo chupeta. Unidade de crescimento possui... — ela encara o controle na minha mão — você pode por favor, passar a imagem para mim? — Faço o que ela pediu, passo a imagem.

Ela continua explicando sem praticamente se mover, depois de um tempo gesticula a mão na tela mostrando algumas coisas.

— É importante que no galpão suíno a temperatura seja ambiente, que tenha circulação natural do ar, a instalação desse galpão tem que ser instalada na principal direção do vento.

— Mais alguma instalação? — pergunta Calebe, ele faz parte da equipe de Paola.

— O aprisco. — Ela me olha com um sorriso sutil, virei seu assistente agora, passo a imagem.

Como não há mais imagens eu pergunto:

— E você já tem uma média de funcionários que vão cuidar disso tudo?

— Sim esses funcionários vão ser divididos para cuidar dos setores de Bovinos, suínos e caprinos, vão ficar responsáveis pela alimentação dos animais, cuidar do manejo nutricional, higienização do local onde os animais ficam. — Ela franze a sobancelha e completa: — Em torno de cinquenta funcionários.

Meu Oric.

Paola ri, um riso que se estende.

— Desculpa, só acho isso um absurdo.

Dandara fica séria, como vou explicar isso a ela...

— O que eu não estou sabendo? — Me indaga com um olhar.

— Primeiro que Rudá é antissocial para ter tanta gente transitando em sua fazenda, mesmo que esse celeiro seja a quilômetros de distância. — Paola ri de novo. — Segundo que é muito investimento para uma cidade no fim do mundo, cinquenta funcionários, isso é para a fazenda funcionar a toda vapor...

Dandara simplesmente ignora Paola e continua a me fitar.

— Você disse que era para fazer melhor que o meu pai fez, isso é o

melhor...

— Vamos conversar sobre isso depois.

— Vamos conversar sobre isso agora! Ficaram cerca de quinze funcionários desempregados quando a fazenda foi inativa, eles tinham famílias para sustentar, seus filhos cresceram e continuam procurando uma forma de sobreviver naquele fim de mundo, esses cinquenta empregos podem ser motivo de piadas para vocês. Para mim não. — Ela fala irritada com uma chama no olhar que envia ondas de puro desejo, tesão. — Se é retorno financeiro que quer ter você vai ter que confiar em mim. — Ela morde o lábio e declara: — Precisamos ter um abatedouro, não na fazenda, em outro lugar...

— Rudá! Você não pode investir desse jeito. — Paola interrompe indignada.

— Paola, você não é minha consultora financeira, nem, minha contadora. — Encaro Dandara. — E você Dandara, tem que me falar sobre essas coisas com antecedência, o plano era a criação de animais agora você quer ter um abatedouro, ou seja vamos comercializar carne, nesse ponto concordo com Paola isso é um investimento muito grande.

— Por favor, você vai ser o rei da carne! — Ela tenta me convencer... De rei de demônios para o rei da carne. Prendo o riso. Ela é divertida. — Vai dá certo, você vai ser o principal fornecedor de Santa Maria, e das cidades vizinhas, e de Valhala.

Pisca para mim. Desse jeito concordo até em vender minha alma.

— Foque na construção do galpão, eu cuido desse abatedouro. Não vou mandar construir, vou comprá-lo pronto. — Desligo a tela.

— Já não dou minha opinião você nunca foi tão impulsivo, acho que a reunião acabou. Já ouvi absurdos demais. Até mais senhores. — Paola sai da sala indignada.

— Obrigada por virem ... — Dandara se despede dos outros.

Suspiro enquanto Dandara acompanha eles até a porta, só restando nós dois na sala digo:

— Satisfeita?

— Desculpa por tudo isso.

— Eu acredito em você, meu povo aprecia carne... não é de fato uma ideia ruim.

— Vocês vão criar uma cidade, não tem medo de serem descobertos?

— Um passo de cada vez. — Me aproximo dela e pego sua mão, percebo a frieza e a tensão. — Vai me dizer o que está acontecendo?

— Como assim?

— O motivo do seu nervosismo não é timidez, então o que é Dandara?

— Que bobagem! Vamos?

Ela esconde algo de mim, fecho a porta do escritório, Dandara já tinha pegado suas coisas, subimos de elevador até meu escritório.

— Sabe andei pensando em fazer um galpão apenas para as galinhas.

— Ah é? — Rio, tenho uma fêmea indecisa e ainda bem que sou rico.
— E quando pensou nisso? Humm, tenho uma ideia de quando foi isso, enquanto esperava a porta do elevador se abrir não foi?

Ela ri.

— Não é uma má ideia.

— Tenho certeza que não. Mas a questão toda é que você não pode imaginar algo e querer que seja providenciado assim...

— Não fale em um passe de mágica. — Dá o primeiro passo para fora do elevador. — Mas já que você vai ter um abatedouro, vamos ter todas as carnes em nossa fazenda.

Me atentei ao "nossa fazenda" ela fica empolgada com a construção do galpão, e eu estou mais empolgado com o retorno disso tudo, que é Dandara perto de mim.

— Não me convenceu.

Abro a porta para ela e minha mão pousa em seu quadril em um gesto íntimo.

— Ah, vai, deixa eu ter um super galinheiro... — Ela envolve sua mão em meu braço que segura seu quadril.

— Quase me convenceu, mas sabe o que vai me convencer de verdade?

— O quê?

— Um jantar só nós dois e já fiz a reserva. — Envolve seus braços ao meu redor, me dando um abraço inesperado. — Isso é um sim?

Passo a acariciar seu cabelo, beijo sua bochecha.

— Sim, vamos jantar e obrigada por acreditar em mim.

— Só para lhe agradecer... — Brinco com ela, pois acima de tudo acredito no seu potencial.

— Nenhum homem chegou tão longe para me agradar. — Ela ri. — Então vamos zapar? Espero que dê tempo de comprar alguma coisa para poder vestir no nosso jantar.

Novamente "nosso", e por isso eu não esperava, vê-la preocupada com o que vestir, isso soa como um encontro de um casal, não apenas de negócios.

Meu peito se estufa de esperança ao imaginar que Dandara começou a desenvolver algum sentimento por mim.

Depois do nosso almoço que Dandara pediu pelo telefone, ela me deixou sozinho na cobertura e retornou depois de quase três horas, com sacolas de compras.

Se trancou no quarto, dormiu à tarde toda.

Espero ansiosamente por ela na sala, tento me convencer que é apenas um jantar, mas é inútil estou curioso para saber como ela vai estar vestida e não me decepciono quando finalmente ela sai do quarto.

Escolheu um vestido em tom verde, com um decote V que vai até abaixo dos seus seios, deixando a divisão deles expostos, sua cintura é pressionada por uma faixa criada pelo próprio tecido do vestido. Há uma fenda na lateral direita que sobe acima dos joelhos, a cor do vestido não ofusca a cor da sua pele dourada.

Um espetáculo de mulher.

— Vamos? — Sorri para mim. Ainda me sinto preso em sua imagem, cabelos ondulados e partidos, repousando no ombro direito, fora um simples brinco na orelha ela não possui joia alguma. — Rudá?

— Desculpa, vamos. — Estendo o braço para ela, o som do seu riso perto de mim, faz o meu coração perder o controle, sua fragrância, e tudo nela está se tornando o meu vício. — Você pode me achar brega, ou seja, lá o

que for, mas ver você assim tão linda me veio as notas de Garota de Ipanema, juro que se estivesse com um piano tocaria ela para você.

Ela continua com um sorriso faceiro no rosto.

— Obrigada pelo elogio exagerado.

— Não é exagerado, sua beleza talvez seja exagerada para uma humana.
— Entramos no elevador. — Você me enganou, está me enganando Dandara, talvez não seja só eu que seja uma criatura mística, estou diante de uma ninfa, de uma deusa. — Beijo sua mão.

Ela vira o rosto deslizando os lábios um no outro.

— Assim você me deixa sem jeito...

— Deixe-me mimar você.

Passo a mão em seu pescoço, sem ornamento, e isso é um crime minha fêmea merece as mais preciosas joias do mundo.

O motorista que contratei nos aguarda frente a cobertura, mas antes de irmos para o restaurante eu altero o roteiro.

Paramos frente a uma joalheria.

— Não precisa disso.

— Por favor, aceite Dandara. — Pego um conjunto de esmeralda. — Você acha que esse ficará bom?

— Acho que sim...

— Acho que não. Diamantes por favor. Aquele conjunto ali. — Aponto para o vendedor.

— Meu Deus! Você é impossível.

Ela me deixa na loja, e enquanto caminha de volta para o carro atrai a atenção de muita gente.

Belíssima.

Entro no carro com a caixa, ela fica com os braços cruzados em um gesto desconfortável, colocando uma barreira entre a gente.

— É só um presente.

— Caro, excêntrico.

— Você comprou esse vestido lindo, precisa de uma joia. — Beijo seu

ombro. — Vire-se um pouco para eu colocar.

— Você já comprou mesmo...

Revira os olhos e fica de costas para mim, com cuidado suspendo seus cabelos, tiro os brincos dela, e guardo no bolso, coloco os de diamantes, depois o colar. Beijo a curva do seu pescoço.

— E como ficou? — Ela pergunta.

— Um mero enfeite diante da sua beleza.

— Você é um fofo.

— Quero voltar para a cobertura e tirar todos esses enfeites — digo, sem controle. — Eu quero você Dandara, que seja essa noite ou amanhã, depois... se possível todas as noites.

— Um convite para uma transa? Aceito.

Jantamos no melhor restaurante, na verdade no meu restaurante predileto. Conseguimos manter uma conversa agradável, Dandara é bastante divertida, meiga e inteligente.

Mas no final acaba me pregando várias peças, fazendo com que todos esses anos de experiências com mulheres seja absolutamente nada.

Na volta para casa, ela quis parar na praia. Dispensei o motorista para acompanhá-la em uma caminhada na beira da praia, anda com os saltos em uma mão, a outra segura a minha.

— Agora penso que não é uma boa ideia andar com diamantes na beira desta praia desértica...

— É essa sua preocupação? — Viro a cabeça para o lado e rio. — Vem aqui linda.

A abraço antes de zapar direto para a cobertura.

— Amei. Amo ser surpreendida.

— É? Então no final da noite me diga o que achou das minhas surpresas...



CAPÍTULO QUINZE

Ele anjo - Demônios reais

Rudá me leva de volta para a cobertura não separando nossos lábios, deixo as sandálias caírem ao chão assim que toco os pés descalços nele, seus beijos são demorados e quase sufocantes, sou pressionada contra a janela de vidro beirando a cidade lá embaixo, suas mãos se movem em minha cintura sem me dá chance de fugir da sua pegada, e que pegada.

Nossas respirações, o deslizar do tecido forma um ruído delirante. Quero tirar suas roupas. Quero sentir mais da sua pele cheirosa.

— Dandara...

Rudá me puxa mais para si, se é que isso é possível, pois sinto toda a sua luxúria na saliência formada em sua calça.

— Vamos fazer isso, por favor.

Espero ele me dizer algum "*não é bem assim sou romântico*", alguma

objeção, ou um olhar nada empolgante, encorajador, mas ele continua com os lábios úmidos próximos aos meus, com seus olhos safira me fitando com um brilho de puro desejo.

— Se é o que você quer... — fico paralisada por alguns segundos — é o que eu quero, te quero.

Ele torna a me beijar, quebrando o limite imposto pela gravidade, erguendo meu corpo que desliza contra o vidro como se eu fosse uma pena.

O tecido fino do meu vestido é cortado, logo na lateral, murmuro o quanto isso foi foda e excitante.

Ele emudece as minhas palavras com um beijo, cedo mais ao delírio, desce a mão até minha bunda abro as pernas e envolvo o seu quadril.

— Isso linda. Leu meus pensamentos.

Sua língua quente percorre a curva do meu pescoço, até meu busto, o decote separado e meus seios saltam para fora do vestido já que não uso sutiã.

Também não fico parada, tento tirar seu terno e ele ri contra minha pele, desisto e consigo desabotoar alguns botões da sua camisa, o suficiente para passar a mão em seu peitoral e sentir a textura da sua pele quente e com alguns pelos.

Sua mão delicadamente puxa meus cabelos, deixo a cabeça vacilar para trás, perco completamente o equilíbrio quando ele passa a língua no bico do meu seio, depois começa a dá seguidos puxões, arquejo.

— Vamos para o quarto... — Suplico com o calor que irradia e fervilha toda a região íntima, estou com muito tesão por esse demônio, quero ele dentro de mim, me fodendo como se o mundo fosse acabar. — Por favor...

Ele nada responde, continua a chupar meu seio no intuito de provocar e me deixa mais lazarenta ainda, pois a cada chupada cuidadosa, vagarosa, me deixa mais ensandecida. Puta merda.

— Rudá! — Não suporto mais e exijo.

— Você não curte uma preliminar...

— Adoro, mas isso que você está fazendo é castigo, depois eu deixo você fazer... Juro.

Ele me leva em um passe de mágica para outro lugar, um quarto e não é

o meu. A cama, os objetos, tudo é diferente, embora as janelas abertas para a cidade sejam parecidas com o restante do apartamento.

Me deixa no chão próxima a sua cama.

— Deite-se na cama. — Ele ordena.

Seu tom é mais frio, rouco, e eu apenas faço o que ele pediu com um sorriso de empolgação no rosto.

Encaro o teto por alguns segundos e há o que parece um gancho nele, desvio o olhar para ele novamente que já tirou seu terno, agora desabotoa sua camisa vagarosamente.

Paciente... e me perscrutando como um predador pensando qual a melhor forma de devorar sua presa.

Adoro.

Fica apenas de calça, senta-se na cama e tira os sapatos. Me reviro na cama e tento tirar o que sobrou do vestido, ficando apenas de calcinha.

Acho que ver meu corpo desnudo colaborou, pois ele estreita os olhos e me devora em um olhar. Eu nunca tive vergonha do meu corpo.

— Você me dobra com sua beleza. — Ele diz engatinhando até mim, a cama com lençóis de algodão é bastante espaçosa. — Eu não vou ser rápido minha intenção não é essa, então não espere ter uma transa de joventinho inexperiente, linda, vou provar cada parte sua sem pressa alguma. Você me entendeu?

— Perfeitamente.

Ele dá um meio sorriso, fica por cima de mim e mergulha em meu mamilo, abro mais as pernas, segura meu quadril, toca na lateral da calcinha, tento ajudá-lo a tirar a porra da calcinha, mas ele me lança um olhar de repreensão e acabo ficando quietinha.

Sai de cima de mim e senta-se sobre os joelhos, desce a calcinha pela minha coxa, meus joelhos, e por fim tira, cheira e diz:

— O mesmo cheiro da anterior.

Meu rosto esquenta em saber que ele fica cheirando minha calcinha e quem sabe batendo uma. Com os lábios entreabertos, Rudá percorre a nudez do meu quadril.

Sua respiração toca na minha virilha, beija, lambe e faz todo percurso de volta até o meu seio, toma um com a mão, e ele é grande o suficiente para não caber na palma da sua mão...

— Seu corpo é lindo, tem o melhor cheiro e o melhor sabor.

Ele fricciona meu outro mamilo com o polegar, arqueio mergulhando mais minha cabeça no travesseiro, depois ele dá um chupão violento, passeia nele com a língua o deixando completamente umedecido.

— Rudá... — Não posso colocar pressa, mas pelo amor de Deus!

Respiro com irregularidade. Demônio pirracento...

— Quero fazer o mesmo aqui em baixo. — Dá um leve toque com o dedo em meu clitóris, apenas isso para me fazer gemer alto. — Lindos...

Rudá encontra a pele quente e úmida entre minhas coxas.

— Sim...

Continua a tocar com os dedos e percebo o quanto está molhada.

— Veja como eles estão duros. — Olho para o dedo dele tocando em meu mamilo. Me sinto abalada e perto de gozar, que caralho é esse? Esse demônio está fazendo algo comigo. — Você me quer aqui? — Dá outro toque suave em meu clitóris.

— Sim... Por favor.

Ele curva a cabeça em meu pescoço morde o lóbulo da orelha antes de sussurrar:

— Vai me ter aqui, mas antes goze para mim, poderei me embebedar de você antes de fazer qualquer coisa. — Faz círculos em volta do meu triângulo, separa as dobras dela e começa a esfregar com os dedos para cima e para baixo, — Goze linda e partiremos para a próxima etapa.

Volta a devorar meus lábios enquanto me toca.

Seguro seu ombro afastando o seu beijo por falta de ar. Merda. Estou gozando enquanto minha boca fica trêmula nas suas, a minha mente sendo dominada pelo prazer, estremeço e ele enfia o dedo dentro de mim, faz um movimento circular e tira.

— Isso nunca foi assim... Tão bom.

— Tudo tem a sua primeira vez — leva o dedo até a boca e os chupa —

agora merece um prêmio, vamos para a segunda fase.

Ele tira o peso em cima de mim, e acompanho ele sair da cama, Rudá tem um abdômen definido, peitoral largo. *Lindo*.

— Aonde você vai?

— Já volto, não saia daí.

Merda.

Tenho força para me sentar na cama completamente sensível lá em baixo.

Por acaso ele vai sumir de novo e me deixar na mão?

Mato ele.

Ele retorna depois de alguns minutos trazendo algo nas mãos.

— O que é isso?

— Algo que vou usar em você.

Ele sobe na cama e prende o metal no gancho do teto. Monta o objeto, e me dou conta que se trata de um balanço sexual, com duas alças laterais que podem ser usadas tanto para a pessoa se segurar, como para ficarem presas como duas algemas.

— Isso torna tudo mais empolgante — digo saindo da cama. — Mas é seguro?

— Se não fosse eu jamais usaria com você.

— Já usou ele com outras?

Faz um olhar inquisitivo.

— Não. Esse é novo, sente-se Dandara. — Me sento ficando elevada alguns centímetros do chão, com o assento mal suportando minha bunda, mas não é tão desconfortável, estou empolgada demais com a ideia para deixar qualquer desconforto falar mais alto, ele pega a minha mão e coloca na alça, faz o mesmo com a outra. — Segure-se, e não solte para nada.

Há mais duas fivelas que não faço ideia para o que serve, mais flexível, no entanto. Ele as passa pelas minhas coxas. Faz com que as minhas pernas fiquem abertas, suspensas no ar na altura do quadril dele.

— Está tudo bem aí?

— Sim.

— Ainda lhe devo aquele toque aqui em baixo. — Ele ri dissimulado, toca em minha boceta. — Não sabe como está gostosa assim Dandara.

— Estou gostando continua, não sabia que usava linguajar chulo.

— Entre quatro paredes, sou alguém completamente diferente.

— Estou percebendo senhor dos balanços. — Rio.

Ele desafivela o cinto, e tira a calça, joga na cama ficando apenas de cueca.

Fica de joelhos na minha frente beija minha coxa antes de tocar a língua na minha umidade.

— Oh... meu deus eu pensei que você ia meter. — Murmuro mordendo o lábio.

— Paciência preciosa, gosto de degustar bastante antes de devorar por completo.

Demônio pirracento. Mas estou adorando a pirraça, ele envolve sua mão na parte exterior da minha coxa e as puxa fazendo com que o balanço me guie diretamente para sua boca, ele passa a me lambe, chupar avidamente, aperto mais a mão nas alças do balanço gemendo com toda a excitação que ele me causa.

Minha mente oscila entre o prazer e a necessidade de querer ele dentro de mim, palpitante, com o calafrio que percorre minha espinha, minha boceta necessitada.

— Sim, Rudá mais por favor... quero você dentro de mim.

Ele apenas enfia sua língua, me fode com a língua, o seu polegar percorre meu clitóris fazendo pressão, provoca tanto com a língua como com o dedo, e cada vez mais agito o balanço tento me controlar para não machucá-lo de alguma forma.

— Você gosta disso. — Constata enquanto me penetra com os seus dedos. — Está pingando em meus dedos.

Quanto tempo fiquei sem sexo para ficar tão necessitada e fácil desse jeito?

Não é isso, estou totalmente rendida a esse demônio, quero que ele

prossiga e termine com o meu tormento.

Me sinto com calor, o teto parece girar.

— Oh... Céus, sim.

— Vamos lá garota fogosa, deixa essa boceta dormente para mim...

Movimento um pouco o quadril, meu coração estrondeia de maneira única quando sou invadida mais uma vez com um orgasmo, ele se afunda entre minhas pernas e toma tudo de mim.

Tento me soltar para poder tocá-lo de alguma forma, entretanto, não consigo.

Continuo gemendo com os tremores do meu corpo, ele se levanta com a expressão de satisfeito, observo ele tirar a cueca tendo a visão completa do seu pau, espesso e com a cabeça com gotas de pré-sêmen.

Ele envolve o pau com a mão, espetacular, merda esse demônio é sexy, gostoso e deve saber disso.

Segura novamente minhas coxas e me puxa mais para perto de si até seu pau tocar na minha entrada...

— Espera! Precisa usar camisinha eu não estou me prevenido — digo torcendo para que tenha uma maldita camisinha em algum lugar.

— Não tenho, mas não se preocupe não tenho doenças e sou estéril.

— O quê?

Ele lança um riso misterioso.

— Posso continuar?

— Vou confiar em você.

Não posso raciocinar direito, minha mente se entregou a vontade de tê-lo dentro de mim, nunca senti isso por nenhum outro homem é como se cada vez que ele me toca algo em mim se conecta a ele. E isso é um grande problema, pois não posso me apaixonar, eu simplesmente não posso fazer isso com ele.

Meus pensamentos são bloqueados ao sentir ser invadida por ele, nossos corpos escaldantes emanam puro desejo um pelo outro, gemo com a invasão dele, sentindo o quanto ele é grosso e grande, ele ainda não colocou seu pau por completo engulo um pouco receosa.

Definitivamente ele não é humano.

Se aconchega dentro de mim dando voltas profundas em sua respiração, seu olhar crepitando percorre meu corpo, me devorando, satisfeito ao me ver dessa forma, pedindo por ele em todos os meus gestos, umedeço os lábios com a língua.

Rudá cerra os olhos e projeta um movimento com mais força para dentro de mim, grito:

— Ai...

Rudá solta um grunhido animalesco e se movimenta, a princípio se acostumando com o modo que investe, mas o balanço colabora bastante ajudando em nosso ritmo, seguro as argolas com força sabendo que fora o movimento do balanço estou imobilizada por ele.

Continua a me foder, agora de maneira mais dura, bravia e delirante...

Ele pronuncia em voz baixa o quanto sou linda, ascendendo algo dentro de mim, nesse momento ele está exuberante, másculo, seus músculos em sintonia com seus movimentos. Gemo, berro como uma desvairada, chamando por ele, falando coisas que nem eu entendo.

— Dandara... — Tento segui-lo impulsionando o balanço. — Seja minha — desliza a mão na minha coxa até a região da minha nádega —, minha putinha gostosa.

— Caralho... Fala isso de novo!

Ele ri, me faz subir pelas paredes, adoro sua voz grossa. Sinto que estou quase lá, não vou aguentar, me sinto tonta. Algo pinga em meu ventre, noto que é o suor do corpo dele.

— Por favor deixa eu te tocar... — Esse demônio me faz implorar demais.

— Deixo, se você apertar meu pau em mais uma gozada.

Desgraçado, ele sabe que estou perto, inferno estou prestes a derramar logo agora que o ritmo que ele alcançou é perfeito.

Reviro os olhos com a boceta em chamas, emitindo sons manhosos, outros enfurecidos. Até que minha boceta se contrai, ele perde o equilíbrio, segura minha cintura e suspende meu corpo, desprende as argolas, sem usar

as mãos, mas tudo em um passe de mágica.

— Se prenda a mim. Apenas a mim.

— Mas...vo-vo-cê — Estou com dificuldade para falar alguma coisa, arfando como se o calor em volta de nós estivesse consumindo todo oxigênio... — Não vai me aguentar.

— Não me chame de fraco linda, não me ofenda.

Eu ia dizer que nenhum homem conseguiu me foder assim, mas desisto, pois ele é um demônio.

Envolvo sua cintura sentindo-o pulsar dentro de mim, consigo envolver sua nuca, o abraçando forte, me sentindo carente de ficar perto dele, sentir sua pele quente, seu cheiro de macho.

— Assim?

— Isso linda.

Ele deixa a minha bunda e segura firme minhas coxas, tenho receio de cair, mas basta encarar seu olhar confiante que isso passa. Ele investe comigo em pé, joga a cabeça para trás e aperto os olhos.

— Perfeito... Meu deus, por favor não para.

Ele continua, consigo senti-lo dentro de mim por completo, dói um pouco, mas o prazer que sinto sobrepõe qualquer dor, arranho seu ombro, com os pensamentos se evaporando, ele nos leva para junto da parede, minhas costas tocam ela, Rudá passa o braço em torno do meu pescoço, o que me faz sufocar um pouco.

— Rudá?

— Olhe para o outro lado... — Sua voz sai descontrolada e exigente.

Obedeço no calor do momento, sem conseguir segurar por mais tempo, ele range antes de se enterrar em meu pescoço, nossos espasmos vieram juntos, gozo chamando por ele, seu pau parece se expandir mais ainda dentro de mim, esticando mais minhas paredes vaginais... *Oh caralho de demônio.*

— Ah.... — grito, sentindo o seu tamanho me completando e parece querer me rasgar.

Cravo a unha em sua cintura, um som feral sai de dentro da sua garganta. Depois de um tempo ainda o sinto dentro de mim, minha boceta

está massacrada, dolorida, dormente dos orgasmos seguidos que eu tive.

Ele desvia seu rosto de mim e me coloca no chão, algo pinga em meus seios, encaro um tanto apavorada ao ver o rubro de sangue.

— Meu Deus! — Não tenho força para falar alto, agora que ele me colocou no chão me dou conta que minhas pernas estão bambas. — O que aconteceu?

Pego seu braço vejo uma mordida em seu pulso.

— Só evitei algo que considero que não é o momento para acontecer. Vou ficar bem.

Mesmo o braço cicatrizando a marca de sangue permanece.

— Por que se mordeu? É algum tipo de tara sexual se causar dor?

Ele solta uma risada grossa.

— Não, e não se preocupe com isso. Vamos tomar um banho.

O meu sinal de nascença formiga, ignorei isso enquanto ele estava dentro de mim, mas ele se escondeu em meu pescoço e provavelmente se mordeu para evitar me morder.

— Você pode me morder da próxima vez.

Ele abre a porta do boxe. Novamente rindo.

— Humm. Posso?

— É melhor do que se morder...

— Se eu fizer isso as consequências seriam muitas, algo que você com certeza não quer.

— O que eu não quero?

— Um filho. — Fica sério, me perscrutando.

— Oh... Sua raça se procria assim?

— Entra aqui e relaxa, são coisas que você não precisa esquentar a cabeça agora.

Não indago mais nada, e estou estranhando minha obediência toda, mas estou extenuada, o deixo me ensaboar, me dá banho com carinho, me enxugar. Depois que me deito na cama despida, ele vai até seu closet e pega uma das suas camisas e uma meia, me ajuda a calçar as meias.

Não demora para eu dormir sob o olhar dele que ficou apenas sentado na beirada da cama me observando.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Ele anjo - Demônios reais

Mesmo de olhos fechados sei que ela está me encarando há um bom tempo, sentada na cama ao meu lado, ouço um fraco ruído ao lado, e um vento súbito sopra em meu rosto.

— Essa não é a melhor forma de tentar me matar — digo, mantendo o travesseiro no ar, abro os olhos e ela mantém um sorriso no rosto.

— Só estava tentando acordá-lo, juro, queria saber se ia se defender de alguma forma.

— Você é algum tipo de viúva-negra que mata seu parceiro depois de acasalar?

Ela continua risonha.

Amo o seu sorriso e ela na minha camisa, ela calçando minhas meias, ela com meu cheiro em seu corpo, da gradação das cores que seus olhos tem quando está feliz, sei que ela compartilha a mesma leveza e felicidade que eu.

Ela, ela, ela... Ocupa toda a extensão finita do meu universo.

Devo parecer muito bobo agora, Reuel tem razão sobre o que disse, não estou a fim dela, estou apegado demais para dizer que estou apenas a fim dela... Não é uma noite, um momento, não quando ela ocupa toda extensão finita do meu universo. Há algo que ela está me devolvendo cada segundo que passa ao meu lado. Meu universo finito e medíocre acaba de encontrar algo — ela... a razão infinita da minha existência, está me devolvendo a vida.

— Terra chamando Rudá. No que está pensando? Eu já disse que estava brincando.

— Estou pensando, tentando definir, encontrar palavras para descrever o que sinto agora — percebo seu desconforto, ela não quer que eu diga nada que nos comprometa, que faça dessa noite algo mais sério, então falo: — Em você tentando me matar com esse travesseiro.

Coloca a língua para fora fazendo uma careta.

— Desculpa você me pegou, estava prestes a cometer um crime. Agora pode soltar meu travesseiro?

— Como quiser.

Faço o travesseiro ir de encontro ao seu rosto, ela tenta afastar, mas ele permanece afundado em seu rosto.

— Hei! — grita com a voz abafada ainda com a cara no travesseiro. — Não tem graça tira da minha cara.

— Isso é vingança. — Rio.

— Você está me sufocando, sério...

— Não estou não, e se quiser se livrar dele, basta soltá-lo.

— Ok, soltando...

Ela solta o travesseiro, mas ele permanece flutuando à sua frente, ela vai para trás e ele o persegue.

— Você prometeu!

— Não prometi, não. — Ela se aproxima mais do limite da cama e antes que ela caia, faço com que o travesseiro desabe no colchão, rapidamente ela pega o travesseiro e começa a me golpear. — Ai, ai.... você que começou com a brincadeira!

— Nunca mais brinco com você — cruza os braços —, não tem nem graça, não tenho superpoderes.

— E quem disse que não? — Seguro-a pela cintura e a joga na cama. — Tem um poder de prender um demônio na cama.

Roco minha ereção em seu ventre, seus cabelos castanhos estão esparramados na fronha, quero beijá-la e se possível fazer amor com ela o dia todo.

— Estou com fome, estou mal-acostumada com um café da manhã farto... — Ri, eu mordisco sua orelha, desço os lábios até seu pescoço, ainda sem ter o suficiente dela, nossa noite foi mais que perfeita. Ela murmura e pergunta: — Quando voltou? Você não estava na cama durante a noite.

— Eu não dormi aqui ao seu lado. Não faz tanto tempo que voltei.

Ela desce a mão até a bainha da minha camisa polo.

Eu tinha ido para minha mansão pegar algumas coisas para nosso café da manhã, retornei algumas ligações incluído a de Mathayus, meu pai insiste em uma ideia que nunca terá o meu apoio, ainda assim concordei em construir a cidade, para o bem do meu povo.

Não vou transformar a ideia de sobrevivência, em um gatilho para subjugar outra raça.

Sua ideia é perigosa demais, afronta não apenas os humanos como põe em risco nossa existência.

Toco em seu rosto, ela continua com os lábios entreabertos, como ontem à noite posso acompanhar os tremores e arrepios em seu corpo toda vez que a toco, beijo de leve seus lábios e o afasto.

— Tive que retornar uma ligação.

— Tudo bem, a noite foi boa, mas vamos voltar para nossa realidade. — Desvia o olhar. — Quando voltaremos para Santa Maria?

— Assim que anoitecer, e se importa se voltarmos no jato?

Quero voltar com o jato, eu mantenho minha rotina humana, minhas habilidades para zapar em viagens de negócios deixo para casos emergências. E também vai ser muito bom fazer a viagem de volta apenas eu e ela no jato.

— Eu não me importo.

— Quer sair para algum lugar?

— Não. Eu vou tomar um banho e descansar um pouco.

De repente o seu sorriso se desfaz.

— Eu vou preparar algo para a gente comer.

Não estou muito surpreso com a reação dela, pelo simples fato que para ela apenas transamos, e eu quase estraguei tudo quando perdi o controle, quase a marquei, as consequências seriam algo que ela jamais me perdoaria. Ela deixou claro que não quer mais um filho, ainda mais de mim.

Mesmo que ontem tenha vivido uma experiência sexual maravilhosa, previ algo a mais, cada parte do meu ser compactuou algo mais profundo com ela. Nossa conexão se torna mais profunda a cada dia e não vou apressar as coisas.

Vou para a cozinha sentindo um peso em meu coração, é desconfortável, agonizante, e essas sensações não são minhas, mas dela.

Ela está arrependida, e demonstrou isso quando tomou café em silêncio, apenas conversando o necessário comigo, ficou trancada a manhã toda e parte da tarde em seu quarto.

Não quero enfrentá-la agora, subo para a cobertura e fico no deck da piscina, faço apenas uma ligação para o meu piloto.

Refletir sobre as ações de Dandara não é o suficiente, há muitas camadas até chegar em uma resposta.

Leio os últimos e-mails do detetive, ele não me dá informação esperançosa, tudo indica que após a formatura ela pretendia retornar para a fazenda da sua tia.

Nada aponta para que ela retorne para a fazenda, me deito no sofá e admiro o céu. São tantas coisas que me esperam, decisões para serem tomadas, e desde que ela retornou tive que me adequar, afetou minhas decisões.

Depois dessa noite impossível não criar esperanças.

Não consegui dormir ao seu lado com pensamentos tão inquietantes, mas as minhas forças estão se recuperando aos poucos.

Mesmo ela não admitindo que há algo a mais acontecendo, meu corpo e

minha criatura imortal não mentem. Dandara vai ser minha.

Eu vou ter paciência e esperar até que ela me conte o que está acontecendo, seja lá o que for é o único motivo dela não me querer ao seu lado...

Há também...

Há também aquela questão...

Suspiro, pressiono os cenhos. Eu não posso perdê-la por um erro no passado, definitivamente não vou deixar que isso aconteça.

Mas o que eu faço?

Falta uma hora para o nosso voo, aguardo ela sair do quarto.

— Dandara, o carro já está nos esperando. E você não comeu nada!

Eu também não almocei, não estou com fome, mas ela é uma humana e não pode ficar sem comer.

— Desculpa, já estou indo.

Abre a porta do quarto, usa uma calça jeans e blusa de algodão estampada.

— Você está se sentindo bem?

— Sim.

— Ainda sente cólica?

— Já passou.

Fazemos o percurso até a pista de voo, assim que o jato decola ela pede para descansar na cabine. Fugindo de mim e do que aconteceu ontem.

Não me contentando com isso entro na cabine depois de ficar vinte minutos imaginando mil e uma possibilidades.

Ela está deitada de bruços, agarrada em seus travesseiros.

— Temos que conversar.

— Humm.

— Acha que vai adiantar alguma coisa ficar fugindo de mim?

— Não estou fugindo de você, o que aconteceu ontem foi perfeito estava precisando daquilo, nós dois, mas passou... — Desvia o olhar dos

meus. — E sinceramente quero que se repita, ainda quero transar com você, mas é só isso.

Me deito ao seu lado na cama, passo os braços em torno da sua cintura.

— Me diga o que está acontecendo. — Faço carinho em suas costas. — Podemos resolver isso juntos.

— Nada, não acontece nada.

— O que a motivou a voltar?

— Saudade do meu antigo lar.

— Vou estar aqui para ouvir quando quiser desabafar.

Ela toca em meu rosto, passa a mão pela minha barba, me beija.

Na mansão não foi diferente, ela se trancou no quarto, não consigo dormir, a madrugada se passa e continuo no meu piano sem tocar nenhuma nota ao invés disso me afogo em uma garrafa de whisky.

Quase amanhecendo...

Sinto a presença de duas pessoas em minha sala, meu irmão caçula e sua fêmea, pelas emoções agitadas o que o trouxe aqui é algo urgente.

Zapo até a sala tentando ser o mais apresentável possível. Embora cheire a álcool não estou nem um pouco bêbado.

— Desculpa aparecer aqui de repente, liguei várias vezes e você não atendeu. — Meu irmão mais novo diz.

Se Grace está amedrontada desse jeito, algo deve ter acontecido ao Gael, não sinto a presença do meu sobrinho.

— O Gael. O que aconteceu com ele?

— Ele sumiu, já procuramos em todos os lugares... — Prossegue minha cunhada desesperada.

— Não sinto a presença dele em nenhum lugar, já pedi para o Jandir ver se consegue encontrar, mas nada, só me restou você. — Raony leva a mão a cabeça. — Eu falei para ele parar com essa mania de esconder sua presença, maldita hora que o ensinei isso.

Me concentro, e tento senti-lo em algum lugar na fazenda, vou além e não encontro também, e duvido que ele tenha se superado e aprendido a

esconder sua presença de mim.

— Nada, não o encontro também.

— Ai meu Deus! — Grace se desespera e se coloca em prantos.

Ouçó os passos de Dandara no corredor, ela desce as escadas correndo.

— O que aconteceu? — Passa o zíper do moletom, usa um short curto.
— Grace? — Boceja.

— Oi Dandara, desculpa ter acordado você.

— Não. Tudo bem, o que aconteceu? — Dandara avança mais para perto dela.

— O Gael sumiu.

Ela me encara confusa, quando penso que de alguma forma ela não vai dá muita importância, ela passa o braço em torno do ombro da Grace consolando-a.

— Vamos procurar por ele.

— Já tentamos querida, ele não está em lugar nenhum.

Funga e Dandara lhe dá um singelo abraço.

— Ele apresentou algum comportamento estranho esses dias? — pergunto.

— Como assim? — Raony passa a me dá atenção, quando tudo o que olhava era sua fêmea e seu desespero.

— Falando sozinho por exemplo, se isolando e querendo ficar só, meditando... — explico.

— Ele começou a conversar com um amigo imaginário. Não dei muita importância, mas começou a meditar e ficar sempre distraído.

A notícia não me surpreende muito, Gael nasceu para ser supremo assim como eu, seu destino já está trilhado.

— Ele também começou a aprender algumas coisas novas que eu não o ensinei. — Raony conclui.

— Ele começou a se comunicar com o seu guardião — digo. Enquanto todos me olham confusos.

— Um tipo de anjo da guarda? — Dandara questiona e essa é a primeira

vez que a vejo interessada em meu mundo.

— Não exatamente, chamamos eles assim porque são seres indefinidos, eles monitoram as nossas linhagens e são responsáveis por instruir o Supremo, ensinando mais sobre si, contando histórias do nosso mundo e dos nossos antepassados. Também tive um, ele me ensinou tudo...

— Por isso estava sempre um passo à frente, aprendendo tudo sozinho.
— Raony me interrompe. — E ele levou o Gael?

— Impossível, nunca conheci o meu, ouvia sua voz na maioria das vezes e nos comunicamos através da meditação e do sonho. E do silêncio...

— Mas aquela criança não sou eu, Gael é um explorador, um aventureiro, nisso parece muito com o pai dele e com o Marlon quando eram mais novos.

— Tenho uma leve ideia de onde ele possa estar. Possivelmente Gael tenha ido para o nosso mundo.

— Mas que inferno! Como ele conseguiu abrir um portal?

— Façam silêncio. Vou tentar trazê-lo — embora eu não tenha mais autorização para abrir um portal para outro mundo, ninguém tem, e Gael infligiu uma lei que nem sabia da existência — *Gael, consegue me ouvir?*

Me concentro deixando minha mente atravessar as barreiras tridimensionais.

Gael não use a voz para me responder, mas sua mente.

Ecoam em minha mente várias palavras confusas, sinto sua presença, mas não entendo nada do que ele diz.

Se não consegue falar só me escute, tente abrir um portal de volta, é só seguir a minha voz.

Se concentre em sentir minha presença e abra o portal de volta...

— Se afastem da sala — digo, alcançando sua presença cada vez mais perto.

Uma fenda translúcida se materializa no meio da sala.

Meu sobrinho salta de dentro dela, apenas de pijama.

— Vai ficar um bom tempo de castigo pirralho — fala o pai dele, Grace esquece a bronca para ir abraçá-lo.

Dandara observa a cena em silêncio, porém sem esconder seu assombro.

— Dandara melhor ir descansar. — Toco em seu rosto paralisado.

— Estou bem.

Não está, acho que ela teve um choque de realidade que nossa família não é nada comum.

— Não faça mais isso Gael, por favor. — Grace diz ainda chorando.

— Desculpa mãe, não conseguia voltar.

— Quem lhe ensinou a abrir o portal? — pergunto.

— Eu não sei, só queria brincar com o Bel.

— Esse é o nome do seu guardião?

— Sim, seu nome é Belenus. O senhor o conhece?

— Não. O nome do meu era Zaki. E você foi irresponsável em ir procurá-lo, ninguém nunca invocou um guardião, eles ficam em uma dimensão entre os dois mundos, e tenho certeza que o deixou preocupado, pois você também é responsável dele.

Ele abraça a mãe dele e chora.

— Mas e se ele não quiser mais falar comigo? Ele é meu amigo e disse que vai me ajudar, fui tão idiota, tio.

— Você só é curioso demais nem eu tive coragem para ir procurar o meu, ele também foi o meu primeiro amigo. — Confesso cruzando os braços. Enquanto meus irmãos se divertiam entre eles, eu me distanciei de todos com o Zaki em minha mente e em meus sonhos. — Mas não deixe de brincar com seus primos por causa dele, não vale a pena, um dia quando souber das coisas que eles querem que você saiba, ele vai desaparecer, sua família não.

— Eu vou prestar mais atenção, desculpa por não levar muito a sério sobre seu novo amigo. — Grace beija a testa do filho.

— Vamos, melhor parar de incomodar o Rudá — fala meu irmão mais novo. — Obrigado.

Ele amadureceu.

— Pode deixá-lo ficar aqui comigo por esses dias, tem espaço de sobra nessa fazenda para ele ficar sozinho com seu guardião. É uma fase. Vai passar.

— Não está preocupado pelo fato dele ser um Supremo?

— Você quer dizer intimidado Raony? Eu não estou. Isso não é uma surpresa para mim. Mas é um peso muito grande para uma criança carregar sozinha. Eu o entendo, deixe-o aqui comigo.

Ele troca um olhar com Grace.

— Só por alguns dias, eu prometo vir aqui todos os dias vê-lo. — Grace se recompõe. — Obrigada Rudá, vamos amor, vamos filhote.

Eles zapam da minha sala, volto para a sala de piano apenas para limpar a bagunça. Pelo visto estarei bastante ocupado por esses dias.



CAPÍTULO DEZESSETE

Ele anjo - Demônios reais

Foi como ver um anjo saindo daquela fenda, ainda é difícil de acreditar que aquele garoto abriu algum tipo de portal para outro mundo. Isso por um lado me deixa um pouco amedrontada, a realidade crua é que dormir com um ser que não é como eu, Rudá não é humano.

Tentei me afastar dessa realidade me apegando a qualquer coisa, mas nada do que pense nesse momento faz com que minha mente fique adormecida para isso.

Eu preciso saber mais a fundo quem ele é.

Sei que não posso me envolver com ele, mas dormimos juntos e isso com outro cara não significaria nada, mas por que estou sentindo que com ele as coisas são diferentes?

Sim, há algo acontecendo ele esconde de mim, talvez, Grace possa saber.

Não me sinto normal, bom, embora concorde que por causa da minha situação, do meu medo, e da perda de controle do meu copo, às vezes meu corpo fica rígido, me sinto fora de mim.

Não sei há quanto tempo estou olhando para esse céu, nem sei se reparei essas nuvens ficarem escuras.

Me levanto da espreguiçadeira, mergulho deixando a água amortecer toda a perturbação, aquietar todos os ruídos da minha mente.

Fico o máximo que consigo no fundo da piscina, escuto a voz dele me chamar na beira dela, continuo tentando relaxar, controlando-me, a falta de ar nos meus pulmões começa a me desesperar um pouco, é agonizante, e ao mesmo tempo acolhedor, pois me faz esquecer de uma dor maior que está por vir.

— Dandara saia já daí ou vou mergulhar para te buscar. — Nado de volta para superfície, e trago o ar, passo a mão no rosto, escorrendo um pouco da água, sob o olhar dele analisando minha feição. — Querida venha até a beirada, bebeu? Por que isso que anda fazendo não é nada agradável.

Nado em direção a ele em silêncio, e um pouco aturdida.

— Eu estou bem, só estava tentando relaxar.

— Precisa rever esses métodos para relaxar. — Ele vai até a espreguiçadeira e pega uma toalha, percebo que está arrumado com um terno, e com sua mochila, pronto para sair. — Causar agonia e atordoamento para aplacar uma dor, não é a solução.

Saio da piscina e pego a toalha.

— Eu não estou fazendo isso.

Cerra os olhos, ele sabe que estou fazendo isso, mas apenas diz:

— Meu sobrinho vai ficar aqui por esses dias, agora tenho que ir para uma reunião. Se ele chegar não se incomode, ele vai ficar bastante ocupado com seu guardião, Grace me ligou mais cedo e vai trazer o almoço.

— Tudo bem. — Ele passeia o olhar pelo meu corpo, me lembro da nossa noite, dos seus toques, e de quanto foi perfeito, e como desejo repetir a dose. — Vou tentar fazer algo para o jantar.

— Eu ouvi direito? — Ele fica bastante surpreso. — Se quiser trago

algo do restaurante, estou voltando para Chicago, posso passar em algum restaurante. O que quer comer?

— Eu já disse que faço.

— Você não sabe cozinhar.

— Mas posso aprender, Jandir pode me ensinar, posso convidá-lo?

— Fique à vontade, tem o número dele na minha agenda. — Ele abre um sorriso, não entendo o motivo por estar tão feliz. — Eu posso ensinar você.

— Eu nunca aprenderia nada com você por perto.

— Isso quer dizer que tiro a sua concentração.

Meu rosto formiga.

— Boa viagem — digo sem jeito, voltando para dentro de casa.

— Não está esquecendo de nada?

Me viro para perguntar o que seria, entretanto, ele já está próximo a mim tocando seus lábios nos meus, toca em meu rosto, enquanto sua língua aprofunda-se em minha boca, e todas as sensações acolhedoras me envolvem, ele não se importa que eu esteja molhada, pois junta meu corpo ao seu.

Comprimi minha boca, devorando, seu toque em minha pele me faz arfar, tremer contra seus lábios sentindo meu corpo esquentar de imediato, arrepiada e sedenta pelos seus toques.

Não sei o que está acontecendo comigo, mas algo mudou. Eu não tinha previsto isso, não é só porque Rudá é um deus na cama, mas demonstrou ser alguém que não esperava.

Nos separamos depois de um tempo.

— Obrigado, se cuida.

Há algo a mais em seu olhar, algo que tenho que fugir a todo custo. Antes de desaparecer, ele deixa um beijo na ponta do meu nariz.

Vou para o meu quarto e tomo um banho, visto uma roupa, o sobrinho dele caminha pelo corredor saindo de um dos quartos de hóspedes.

— Oi, minha mãe está no quarto guardando as minhas coisas. — Ele me diz, com uma blusa vermelha que vai até os pulsos, e calça jeans. — Tudo

bem?

— Sim, ele me disse que vai ficar aqui esses dias. Você pode me ajudar ligando para seu tio Jandir, eu preciso dele para me ajudar em algo.

Estou com as mãos atadas até a equipe que trabalhará na construção do celeiro chegar.

— Eu posso ir buscar ele. Já volto.

— Hei espera, tem certeza? Sua mãe não disse que não era mais para fazer isso?

— Ah, mas isso é sobre abrir portais eu vou zapar. Me locomover de um lugar para o outro... — Me explica com olhos castanhos bem claros, espertos e doces.

— Tudo bem.

— Já volto.

Bato na porta do quarto de onde o garoto tinha saído.

— Pode entrar. — Grace grita de dentro.

— Oi — falo um pouco sem jeito.

Ela abre um sorriso enquanto dobra as roupas do filho no armário.

— Oi Dandara, pode vim aqui querida.

— Não queria incomodar, só saber se está tudo bem.

— Sim, sim... Estava parecendo uma louca da última vez, criar Gael está sendo um desafio.

— Ele é um bom garoto.

— Sim, mas muito teimoso e curioso..., mas o amo acima de qualquer coisa, e como vai você e o Rudá?

— Bem, ele é um ótimo patrão.

— Ah, deixa disso. Isso não funciona comigo querida, nem com a Desirée, já fizemos nossas apostas. Quem vai ceder primeiro.

Ela pisca.

— Não é o que está pensado...

— Humm...Rum, e eu nasci ontem, hoje é o meu primeiro dia de vida

— estala a língua no dente.

— Quem é Desirée?

— Já vai conhecer, ela é a fêmea do Marlon. Tem gêmeos lindos... Vou trazê-los para brincar com o Gael assim que possível, porque meu filho agora só quer saber desse tal de Bel.

— Vai ser um prazer, hoje convidei o Jandir para me ensinar a fazer comida.

Não quero parecer folgada e é exatamente por isso que quero aprender a cozinhar, para ser capaz de fazer minha própria refeição e não esperar pelos outros.

Quando estava na faculdade sempre comia na rua e vivia do dinheiro de garçõete e bicos que fazia, eu e Lili dividimos o apartamento, mas aqui tudo é diferente.

— Ah, que maravilha aquele ali gosta de comer e cozinhar, e é praticamente um máster chefe.

Rio, ela fecha a mochila e coloca na mesa, pega o celular no bolso da calça jeans.

— Bom, é só isso...

— Sabe eu e a Desirée estamos preparando uma comemoração do meu aniversário de casamento, vai ser na minha casa, vou amar se você for.

— Vou sim. Mas por que você disse fêmea e não mulher?

— Eles não são humanos e a espécie dele nos vê dessa forma, e não posso falar mais nada até que o Rudá me autorize...

— Tudo bem, vou descer acho que o Jandir já pode ter chegado.

Não errei, ao descer encontro Jandir na cozinha.

Gael se lambuza de iogurte.

— Tem gosto de morango, é docinho e azedinho ao mesmo tempo, e é rosa e tem lactobacilos que é muito bom para o estômago. — Gael bebe de novo, porém ele está olhando fixamente para uma cadeira vazia. — É uma pena que você não pode provar — ri —, você nunca provou isso aqui? — Eu e Jandir trocamos um olhar. — Um dia quem sabe. — Amassa o frasco e coloca sobre a mesa — Uh-huh...

— Ele está conversando com o seu guardião. — Jandir avisa.

— Mas ele está aqui entre nós? — Sussurro. — Porque isso é muito estranho.

— Eu acho que não, mas esse tal de Bel de alguma forma se comunica com ele. Gael disse que precisa da minha ajuda, para que?

Jandir usa uma jaqueta jeans por cima de uma camisa com estampa quadriculadas, calça jeans, descalço, e como sempre os cabelos soltos.

Não faço rodeios, pego ele pelo braço e o levo para trás do balcão.

— Você disse que manda bem na cozinha. Pode me ajudar? Não gosto de dá trabalho... E ser tão dependente assim do Rudá.

— Claro, mas ele sabe?

— Sim.

— Eu odiaria que minha fêmea pedisse ajuda a outro, porque eu ia amar ensinar a ela qualquer coisa.

Novamente esse termo, mas me atento há algo a mais.

— Eu não sou a fêmea dele. — Nem preciso estar frente ao espelho para imaginar que todo o sangue evaporou do meu rosto. — Oh meu deus, tem alguma coisa acontecendo, não é?

Jandir fica confuso.

— Melhor perguntar para ele.

— Não, não, não... Me diz você Jandir!

— Nada disso linda, não quero ser o pivô de alguma briga de vocês. O que quer aprender a cozinhar?

Quando vou indagar mais ainda, um ruído chama nossa atenção, Gael fita o pote de iogurte que começa a se desfazer em vários pedaços de plásticos, até restar apenas pó na mesa.

— Uouuu... Você viu isso tio? Olha o que o Bel me ensinou a fazer! — A criança está feliz por destruir algo. — Obrigada Bel. Me ensina a fazer isso com a mesa? Posso tentar...

Ele corre para longe da mesa, rindo, suas bochechas possuem covinhas lindas. E o queixo pequeno tem um desenho quadrado e levemente partido.

Eu queria ter um guardião para me distrair desse jeito...

— Não Gael, vai destruir outra coisa, seu tio ama os móveis dele — pede Jandir, ainda com delicadeza.

Ele desobedece ao tio e faz a mesa estremecer.

— Só essa, eu juro que paro, aí o Bel disse que vai me ensinar a refazer as coisas. Na semana que vem. Só será uma semana sem a mesa, ah tio deixa, vai, deixa... por favor...

— Não é não, se continuar com essa ideia, você vai ficar sem tomar café comigo por uma semana. — Jandir lança um olhar duro. — E nessa semana todos os dias eu vou fazer waffles, com aquela calda especial. — Jandir pisca para mim, acho graça em seus métodos de aplicar castigo.

— Tá, tá, tá bom!

O garoto se dá por vencido e faz uma careta.

— Vai brincar com o Bel lá fora, e por favor, não destrua muita coisa.

Ele abre a porta da cozinha, e antes que desapareça eu grito:

— Só destrua o campo de golfe do seu tio, cuidado com o celeiro e o pé de manga! — Rio. — Será que ele vai ficar bem?

— Sim, então você quer fazer um jantar para o Rudá?

Até parece que todos aqui sabem que eu e o Rudá transamos, isso não faz da gente um casal.

— Só um jantar normal ele fez um espaguete da última vez. O que sugere?

— Do jeito que o paladar do meu irmão mais velho é exigente e você não sabe cozinhar nada, melhor começar pelo mais simples, mais fácil.

— E o que seria isso?

— Arroz.

— Oh... E de proteína?

— Que tal frango? Por favor, diz que sim, porque depois do frango só resta o ovo cozido.

Rio com vontade, Jandir prende o cabelo com um prendedor que estava em seu pulso.

— Pode ser frango então.

— Vamos fazer um estrogonofe, vou separar os ingredientes. — Depois de um tempo vasculhando a dispensa do Rudá, ele volta à cozinha, abre a geladeira e declara: — Não tem batatas, amo batatas. Mas não está cedo demais para pensar no jantar quando o almoço nem ficou pronto?

— Acho que Grace vai trazer.

— Adoro a comida da cunhada Grace, já volto pequena. Pode ir ver se o Gael está aprontando?

— Tudo bem.

Jandir zapa.

Procuro por Gael ao redor da casa, e o encontro próximo ao...

— Meu deus! Por que fez isso com meu pobre pé de manga?

Corro indignada para perto do garoto e do meu pé de manga depenado, restando apenas alguns galhos.

— Desculpa, estou tentando fazer com que ele desapareça.

— Mas por que? O que ele fez para você?

— Nada pessoal tia Danda. Só quero aprender. Mas semana que vem faço voltar ao normal. Ok?

Além de alguns galhos restou o tronco e mangas no chão, algo se bate entre elas. Me abaixo e vejo um pássaro amarelo e de papo branco.

— Oh pobrezinho... eu não fiz isso. — Gael se defende.

— Acho que ele estava se alimentando enquanto você fazia os galhos desaparecerem. — Pego o pássaro com a mão, por sorte ainda está vivo. Acho que é um papo-amarelo, percebo o resto do ninho destruído mais adiante. — Veja só Gael, você destruiu a casa dele.

Ele se ajoelha ao meu lado, encarando o pássaro com os olhos marejados.

— Eu sinto muito. Posso pegar ele?

— Sim. Mas tenha cuidado acho, posso levar ao veterinário.

— Humm, e eu posso construir uma outra casa para ele — acaricia a cabeça da ave —, ou ele pode morar comigo, ahhhhh, que pena que não dá a

Lua vai querer comer ele.

— Quem é Lua?

— A gatinha da minha tia Desi. — O passarinho para de se mexer. — Ele sofre, não queria fazer isso — encara árvore com melancolia. — Não é hora para me dar lição de moral Bel, eu não fiz por querer.

— Esse tal de Bel está aqui entre nós?

Ele sorri.

— Não, ele não é um fantasma, está na minha mente. E sinto a presença dele... — Ele morde o lábio, o pássaro não se move mais. — Eu acho que ele está morrendo. O que eu faço?

Ele faz uma carinha de choro, vendo que o pássaro parece morto então peço:

— Me dá ele não há mais nada que possamos fazer.

— Não! — Se levanta com o pássaro na mão. — Você é uma humana e não entende nada.

— Gael...

— Sai. Eu fiz isso, é minha responsabilidade. — Funga com as bochechas coradas. — Bel, você pode me ensinar a desfazer as coisas que destruo? — Faz uma careta e continua. — Não seja mau. Eu sei que não é a mesma coisa... — entra em discussão com seu guardião — ah, como você é chato, eu já disse que entendi, bla, bla, bla...

E agora senhor o que eu faço? Saio de fininho...

O deixando discutir com o Bel e o destino do pássaro morto.

Ando alguns metros até ouvi-lo gritar:

— Hei tia! Consegui!

Olho para trás e ele solta o pássaro, que voa para bem longe.

Fico petrificada, com o pulso acelerado, corro até ele novamente.

— Como fez isso?

— O Bel que me ensinou..., mas tudo tem um preço — diz tristonho.

— E qual foi o preço?

— Seu pé de manga. Mas a gente pode plantar outro. — Faz uma

carinha de traquina e ri, coçando seus fios loiros. — Foi mal tia.

Meu pé de manga não tem mais vida alguma, seus galhos se tornaram secos. Fico um bom tempo olhando para ele, com minha mente parada no tempo, em algum lugar, desejando que um milagre também possa acontecer comigo.



CAPÍTULO DEZOITO

Ele anjo - Demônios reais

O problema todo de Mathayus é acreditar que eu vou acatar suas ordens cegamente, agora ele se encontra em meu escritório em Chicago para tentar coibir minha autonomia sobre o projeto ou minhas decisões pessoais.

Diferente dos meus irmãos, eu estou na linha de frente com minhas ações refletidas para meu legado, ou um legado destituído pelo destino. Quem ia imaginar que outro Supremo nasceria em nossa família antes do tempo?

O esperado seria ele ter vindo da minha linhagem.

Mas se o Gael nasceu Supremo, ele tem o direito ao trono tanto quanto eu, é lá que meu pai quer colocá-lo de maneira prematura, no intuito de manipular o que construí até agora.

Mas eu não vou permitir isso, e ele sabe disso, não vou deixar que ele destrua a vida de um garotinho por puro egoísmo e ambição.

Não viemos para esse mundo na intenção de subjugar outra raça, mas para dá continuidade à nossa.

Mathayus bate sua muleta no chão, antes de se sentar na poltrona logo a frente. Eu estou de férias e tudo o que desejo é voltar para minha fêmea.

— Você entende filho, entende que às vezes temos que tomar essas decisões difíceis. E como anda com sua fêmea, algum progresso?

— Estamos bem. — Por que ele me chamou aqui?

— Bom, andei pensando sobre nosso escudo, e já tenho a pessoa ideal para fazer.

— Não precisamos disso por agora ainda falta muito para essa cidade ser erguida.

— Eu entendo, até lá Gael já vai ter idade o suficiente para liderar o clã.

— Você não vai desistir da ideia de dar o trono para ele?

— Nada pessoal, você está abrindo caminho fazendo o papel mais difícil, deixando tudo pronto para ele, vai poder descansar com sua fêmea e quem sabe seu filhote.

Não confio em absolutamente nada do que ele fala, meu pai é um ser que não mede esforços para que as coisas sejam do seu jeito.

— Me chamou aqui para isso?

— Não apenas isso, lembra da Tris? A fêmea problemática que se encantou pelo caçula.

— Sim.

— Ela vai me ajudar a construir o escudo.

— Isso é loucura, não tinha transformado ela em humana? — Isso não é nada bom.

— Vou usá-la dessa vez, não posso desperdiçar os seus dons, ela é uma bruxa muito poderosa, e conhece outros como ela que podem ser úteis. — Ele se apoia em sua muleta. — Conversaremos sobre isso com mais calma quando for visitar vocês.

— Não na minha mansão, Dandara não sabe nada do que eu sou, será aqui.

— Na mansão, e já está na hora de conversar com ela sobre quem é, talvez assim ela se compadeça da sua situação e lhe dê logo algum herdeiro.
— Tosse por alguns segundos até ficar sem ar. — Desculpa, os efeitos da velhice estão me alcançando.

— Eu não preciso que ela se compadeça de mim — digo ríspido — e deve ser difícil viver sabendo que está sendo consumindo pelo seu próprio filho.

— Não seja arrogante.

— Eu estou tirando de você sua vitalidade, não o Gael — falo convencido, pego minha bolinha do bolso e começo apertar, ele me deixa sempre à espreita, tudo o que vem dele, cada palavra. — Vai me matar para continuar vivo e manipular aquele garoto no trono? Depois de tanto tempo vivo ainda não aceitou que um dia vamos sucumbir a morte? Não podemos enganar a morte para a eternidade.

— Não fale besteira, ainda não é o momento da ascensão e até lá não ficarei fraco, meu querido filho. Estou sendo paciente com você, mas estou chegando ao meu limite, eu ainda sou o Supremo, portanto me respeite.

Aperto com mais força a bola:

— Há algum tempo atrás eu não me importaria de ser morto por você, mas agora tenho um motivo para viver, e fique longe desse motivo. Me entendeu?

Ele ri, com esforço, nítido o quanto está debilitado, talvez pelo cansaço, pois seu corpo não está mais forte como antes.

Dizem que quando um supremo está perto da ascensão o anterior começa a jornada de sucumbir. Embora o Gael tenha nascido Supremo, eu sou o seu filho legítimo, o Supremo que sucederá ele, então nesse aspecto nada mudou, eu sou a pedra em seu sapato que ele quer exterminar.

Não sabemos ainda porque Gael nasceu Supremo, mas Mathayus está se aproveitando dessa oportunidade para continuar vivo por mais tempo, e ter um sucessor do seu sangue no trono, que não seja eu.

— Aquela fêmea já deve exercer algum tipo de controle sobre você, minhas crianças são tão vulneráveis diante de uma vagina. Lamentável. — Levanta-se. — Em breve vou visitar a futura rainha.

— Se o Gael vai suceder no trono. Por que ela será a futura Rainha?

— Bom, até o Gael estar pronto você lidera.

Todos os meus instintos apontam para ele, Mathayus está aprontando, depois de um tempo ele não vai mais precisar de mim... Na verdade. Ele não precisa mais de mim, essa é a hora perfeita para eu não existir. Cada dia que passa eu estou sugando a vitalidade dele. Se eu morrer, ele continua vivo, e com o Gael...

Tenho que ficar alerta.

Principalmente com Dandara, preciso adiantar as coisas com ela.

Dandara precisa se tornar mais forte.

Meu Oric, como posso fazer com que ela tenha uma criança...

Suspiro erradicando essa ideia da minha cabeça, não posso ser impulsivo agora e afastar Dandara, jogando responsabilidades demais em cima dela, a minha melhor alternativa é mantê-la por perto e deixar a história seguir o curso, mas atento a sua segurança.

Meu pai sabe que ela é o meu ponto fraco, que dependo inteiramente dela.

Não apenas porque ela é minha fêmea perdição, mas porque estou apaixonado.

Admitir isso me faz refletir em como as coisas serão, como ela vai reagir ao lidar com um macho apaixonado.

Melhor guardar isso para mim.

Aproveito que estou no meu escritório para ler os últimos relatórios de Paola, coisas sobre o projeto.

Me incluí em algumas conversas nos corredores, sobre como vamos esconder nossa identidade dos humanos quando a cidade ficar pronta.

Um passo, um passo de cada vez. Óbvio que já tenho isso em mente, mas são coisas que não precisam ser expostas agora.

Me convidaram para comer alguma coisa e recuso o convite, pois Dandara ficou de preparar o jantar.

Retorno ao meu escritório e só pego a minha mochila, minha muda de roupa e tomo um banho, ando pelas ruas à procura de uma floricultura.

Encontro uma no shopping.

Chego à mansão e sou surpreendido pelo cheiro da comida, vozes vindas da cozinha, cochichos.

Gael e Dandara conversando sobre meu aparecimento na sala.

Ela perguntou como ele sabia que eu tinha chegado.

Adianto os passos carregando um buquê de Rosas vermelhas.

— O cheiro é muito bom — digo ao entrar na cozinha. — Estrogonofe, eu gosto.

Prendo meu olhar nos dela, percebo a leve maquiagem em seu rosto, e seu vestido solto e florido bem casual.

Gael mantém um sorriso em suas bochechas gordinhas.

— Eu já comi, você demorou tio. Vou para o quarto, o Belenus vai me ensinar...

— Não quero saber, só não destrua minha casa — digo passando a mão em seus cabelos loiros. — Nos deixe a sós.

Ele pisca para Dandara antes de dizer:

— Não conta nada do pé de manga. E pode deixar que eu lavo os pratos ou mamãe vai me encher o saco. — Gael zapa.

— Já estão de segredinhos? — Deixo a mochila em cima da cadeira. — Trouxe para você.

Acho que ela não é acostumada a receber rosas, pois fica sem jeito, parece não saber o que fazer.

— Obrigada. — Gosto do rosado do seu rosto. — É estrogonofe sim, Jandir me ensinou... Na verdade ele fez comigo.

— E como foi sua experiência de cozinhar com o meu irmão?

Desprendo minha gravata e tiro o meu terno.

— Ele é um fofo.

— Humm quase com ciúmes. — Vou até a pia e lavo as mãos. — E sobre o pé de manga, o que o Gael aprontou dessa vez?

— Ah, nem me diga, ele só reviveu um passarinho e usou o meu pé de manga como moeda de troca. Isso é bruxaria!

— Ele é um bruxo — falo com normalidade, esquecendo que ela não faz parte do meu mundo — é difícil de acreditar...

— Eu vi, eu acredito, e me pergunto o quão forte ele é, se ele é capaz de fazer isso com um humano.

— Acho que o seu guardião ainda não o ensinou a fazer isso com humanos. — Me sento ao seu lado na mesa, passo a mão em suas costas, beijo sua bochecha. — Senti falta desse cheiro, fora o Gael ter destruído o pé de manga, aconteceu mais alguma coisa?

— Eu quase destruí sua cozinha. — Ri, doce e com algo em seus olhos que tenho medo de me iludir com meus próprios desejos. — Melhor a gente comer.

— Sim — mantenho a mão em sua bochecha, acaricio com o olhar dela seguindo os meus —, você é linda, eu queria poder te dizer outras coisas também, mas sei que ainda não quer ouvi-las.

— Você sempre deixa tudo arrumado na mesa, estava esperando para você fazer isso comigo. — Muda de assunto.

— Não se preocupe, eu arrumo. Mas antes me responde algo, preciso que seja sincera. Meu pai entrou em contato com você de alguma forma?

— O quê? Não! Do que você está falando? Eu nunca falei com seu pai. — Ela se levanta repentinamente, nervosa e não foi essa minha intenção, mas preciso que ela confie em mim para me dizer o que está acontecendo. — Melhor a gente comer — se torna um pouco mais fria.

Vai para trás do galpão e a sigo, enlaço sua cintura por trás e me enterro em seu pescoço.

— Eu confio em você, só tenho medo que algo possa acontecer com você. Que esteja confiando na pessoa errada.

— Eu realmente não sei do que está falando. — Suspira. — Mas se quer saber há algo acontecendo comigo, e não tem nada a ver com seu pai, por favor, não me peça para contar, ainda não sinto pronta para enfrentar isso. E não sei Rudá, não estava em meus planos me envolver com você, as coisas estão fugindo do meu controle, se for melhor parar agora, eu entendo...

Beijo seu ombro.

— Claro que não, quero continuar, quero você.

Muito mais do que ela imagina.

— Então vamos continuar sem perguntas, eu não pergunto sobre seu pai, sobre o que significa para o seu mundo, e você não me pergunta sobre meus assuntos.

— Sim, se é o que você quer, assim será. — Com nossos rostos colados devoro seus lábios, encosto ela no balcão e selamos nosso silêncio com um beijo, não consigo pensar em mais nada quando a tenho só para mim, ela é só minha e isso já está sendo o suficiente. Mordisco e separo os lábios, planto um beijo em sua pálpebra. — Vamos jantar querida.

Não posso definir como é agradável sua presença, seu jantar, e a sensação que ela fez isso tudo para mim, é perfeito.

Arrumo a mesa, nos sentamos para comer, conversamos, bebemos vinho. Até terminarmos abraçados no sofá da sala de estar, com ela fazendo discurso sobre suas músicas e cantores favoritos.

— Você pode ouvir suas músicas quando quiser também.

— Não é uma boa ideia, a maioria das músicas que gosto tem letras sofridas.

— Como o quê?

— Como alguém levando uma chifrada, ou indo embora, algo do tipo.

— Isso é péssimo, não dá para relaxar ouvindo algo assim.

— Na verdade a intenção é chorar, sofrer mesmo.

Ela move a cabeça em meu colo, continuo a deslizar a mão em seu cabelo, e ela não deixa a barra do seu vestido em paz.

Inquieta...

— Você gosta de chorar por amores perdidos? — Suspendo seu rosto para poder ver a verdade em seu olhar.

— Se está se referindo ao Teodoro, não mais.

— E desde quando?

Que tenha algo a ver com novos sentimentos, talvez, por mim.

— Desde o dia em que descobri que ele não se importou com nada.

— Também tenho minha parcela de culpa, e você chora pensando em

mim quando escuta essas músicas?

— Não. Não é a mesma coisa sabe? O Teodoro era importante para mim...

— Eu não sou...Isso dói. — Aperto os olhos, rio de leve para amenizar o impacto das minhas palavras, embora isso realmente me incomode.

— Não é assim, algo mudou.

Mais aliviado com a resposta, abraço mais seu corpo.

— Isso é bom, mas não quero que chore por mim.

— Isso não vai acontecer. Não há nada tão profundo acontecendo entre a gente, não quero mais, não posso mais me iludir com algum amor.

— Mas... E se não for uma ilusão? E se realmente acontecer Dandara? De você se apaixonar por mim.

Como estou apaixonado por você.

Se afasta incomodada.

— Eu queria acreditar que estou fazendo jogo duro, mas não estou. — Me fita, com as bochechas coradas e uma lágrima desce em seu rosto. — Você é um demônio irresistível, me deixa terminar esse projeto com minha razão falando mais alto pelo menos.

Ela é tão inocente em acreditar que vou deixá-la partir, mais ainda em acreditar que pode controlar isso, eu sei que ela sente algo por mim e não preciso que ela confesse isso. Quando chegar a hora eu falo por nós dois.



CAPÍTULO DEZENOVE

Ele anjo - Demônios reais

— Vamos para cama Dandara. — Cochicho em seu ouvido, ela está quase adormecendo, paramos na sala de piano depois da conversa se resumir em beber, ela bebeu além da conta mesmo com minhas reclamações, mas não ficou bêbada, só na parte que foi até seu quarto pegar travesseiros e uma manta, jogou no chão da minha sala e pediu para eu tocar alguma coisa. — Vai acabar ficando com dores deitada aí no chão.

— Eu estou bem, foi perfeita à música que você tocou. — Se refere a Garota de Ipanema que toquei para ela.

— Acabou faz um bom tempo, fiquei em silêncio enquanto você dormia. Agora vamos para cama. Não que esteja cansado de admirar você dormindo. — Me sento no chão ao seu lado.

— Vem aqui. — Ela toca em meu rosto.

— Você ficou bêbada?

— Claro que não... — Há algo em sua expressão serena pairando em seu rosto.

Me aproximo dela à procura do seu carinho, enquanto a observava dormir fez meu coração titubear, claro que Dandara deve saber que eu a quero loucamente, embora existam muitas barreiras que impedem de ficarmos juntos e uma delas é o meu segredo, eu não estou pronto para abrir mão de ficar com ela.

— Eu quero beijar você.

— Você pode fazer isso. — Estamos com os rostos quase colados, toco em seus lábios abrindo caminho para que ela me beije.

— Não aqui — desce a mão até meu abdômen, tocando entre minhas pernas —, mas aqui.

— Pode também.

Solto um fraco gemido sem desviar meu olhar dos seus, ela está irresistível, pronta para me dá prazer.

— O que eu sou para você? Eu não queria saber, tive medo de perguntar, mas não sou idiota, seu irmão falou algo sobre fêmea, as pessoas me olham e me tratam como se minha presença nesta casa fosse algo esperado, o que eu sou para você?

Mulheres...

Ela mudou de ideia, disse que não queria saber nada sobre mim. Agora já quer.

Separo seus fios castanhos do seu ombro, sem coragem de fitar seu olhar e segurar a verdade, percorro seu ombro com beijos vagarosos, desde que a vi descansando minha concentração evaporou, passei longos minutos perdido em cada parte do seu corpo em repouso.

— Você se sente curiosa e ao mesmo tempo não quer saber a verdade, porque não quer se apegar a ela, talvez no fundo minha linda, você saiba e negue o que representa para mim.

— Não, eu não faço ideia... Quer dizer tenho minhas suspeitas, mas até de imaginar é um absurdo, imagine se eu falar.

— Me deixou curioso. Diga.

Volto a encarar seu rosto, alisando sua bochecha com o polegar, ela tem a pele mais macia que já toquei.

— Que você precisa de mim, como uma mulher para algum tipo de pacto, sacrifício. — Ruboriza.

— Sacrifício? — Tento conter o riso que brota da minha garganta, porém é impossível. Tento rir e beijá-la ao mesmo tempo, o riso vence e ela me dá um empurrão, então percebo o quanto ela ficou sem graça. — Desculpa linda, você é uma graça. Sou incapaz de machucar você.

— Eu não disse isso.

— Sim, disse sacrifício isso para mim é querer você morta, ou alguém matá-la. Acredite, isso me mataria, quero você bem viva, quente e sobre meus lençóis. E quem sabe fazendo o que você disse que ia fazer antes de entrar nessa parte do sacrifício, me atitou e jogou um balde de água gelada em seguida.

Ela ri.

— Isso é mentira — mais ousada desprende o botão da minha calça —, aqui em baixo sempre fica volumoso quando nos beijamos.

— Não nego.

— Deite-se aqui.

— Não precisa fazer isso...

— Caladinho.

Me deito no chão, desce a minha calça até os joelhos em seguida a cueca, ainda bem que fechei a porta e sei que o Gael depois de lavar os pratos foi para o quarto brincar com o seu guardião e dormiu em seguida.

Dandara cobre minha ereção com a mão, nem nos meus melhores sonhos ela tomava essa atitude.

Quando cobre meu pênis com sua boca quente, faz tudo dentro de mim se revirar, estreito os olhos com o peito alterando os movimentos aos poucos, na medida que ela toma mais de mim eleva o patamar de excitação. Seus cabelos caídos em minha virilha e lábios colados no meu pau, sugando, e chupando produzindo um tímido som até que tudo se torna abstrato em minha mente.

— Isso querida...

A incentivo a continuar.

Algo que está perfeito não pode ser interrompido, seus olhos castanhos refletem a luz da lareira acesa na sala de piano, e o clima está muito quente, mas ela reclamou que sentia frio, que parecia sentir seus ossos doerem de frio, esse comentário me desesperou a ponto de acender a lareira.

Ela desce a boca tomando cada vez da extensão dele, se engasga um pouco fazendo que salive mais, lambuze mais...

Assobio, ela me masturba, suga e...

— Chega linda. Venha aqui! — A coloco por cima de mim, ela ainda está coberta na manta. — Você está bem? Tem certeza que quer fazer isso?

— Eu quero, acho que foi o efeito da bebida me sinto melhor. — Ela se atira contra meus lábios, eu retribuo os beijos. — Me faz esquecer tudo.

— Sim, vou fazer.

Mesmo querendo saber o que ela quer esquecer, beijo-a, seguro sua cintura suspendo seu vestido, ela usa um conjunto de lingerie bastante provocante, tiro seu sutiã e sou um admirador apaixonado por seus seios volumosos, gemo ao sentir que ela se senta posicionada para eu penetrá-la.

Ficamos em posição de lótus, ela não está presa em um balanço e agora sei o quanto ela gosta de tocar em meu corpo. Desço a mão em sua bunda dando um tapinha, sua íris dilata, completamente fora de si.

— Vamos foder Dandara, se é isso que você quer.

— Como se você também não quisesse.

— Quero. — Puxo um bico do seu seio e prendo entre os dentes. — Como quero — desço o dedo entre seu cu e rasgo sua calcinha — quero tudo, você vai me dá tudo.

— Sim... — Ela morde meus lábios, se esfregando em mim sem pudor.

A jogo sobre a manta, e seguro suas mãos inquietas em cima da sua cabeça, devolvo a mordida no lábio e me apresso em tirar minha calça de uma maneira rápida e atrapalhada consigo me livrar.

Ver seu corpo desnudo é como avistar um paraíso, o oásis em meio ao deserto, linda, linda e não tem como discutir sobre isso.

Desço a mão até a sua virilha sentindo a umidade da sua vagina, melada e quente, pegando fogo. Solto um fraco rugindo tentando manter o controle. Preciso estar no controle não tenho camisinhas e não posso marcá-la.

Abro mais as suas pernas e a penetro duramente, ela geme, passa as mãos em minha nuca e me conduz até seus lábios trêmulos.

— Você me deixou fora de mim — mordo seu ombro, afasto a vontade de mordê-la, tão deliciosa... — O que anda fazendo comigo?

Foco em fodê-la penetrando de maneira mais bruta, ela se perde entre gemidos, e eu em controlar minha vontade, conduzindo tudo para a força que faço ao penetrar. Espero que ela suporte, pois do jeito que estou quero foder duro, Dandara tirou toda minha ideia de romantismo.

— Oh isso, sim Rudá. — Ela me encara nos olhos. — Isso está perfeito, mais...

Ficar perto demais do seu pescoço é um perigo, então ordeno:

— Sim, mas vire-se. Fique de quatro.

Ela se contorce quando tiro o meu pau de dentro dela, ela se vira e fica de quatro de imediato virando sua bunda grande para mim.

Seguro meu pau e noto ele coberto por uma camada branca da excitação dela.

Isso me motiva a penetrar com urgência, seguro pela cintura e dou uma bruta estocada.

— Ai...

Mantenho um ritmo, sabendo que não vou durar muito tempo com ela contraindo meu pau, mas ela faz algo incrível por alguns segundos, ela rebola.

— Faz isso de novo querida. — Dou um tapa em sua bunda maleável, não canso de olhar seu balanço.

— Assim?

Ela dá outra rebolada dessa vez mais longa, me lança um olhar risonho, confiante.

— Perfeito.

Essa fêmea vai me enlouquecer. Algo ruge dentro de mim,

gritando *minha, minha*.

Mas não posso fazê-la minha da maneira que tanto desejo, contenho a rebolada dela com a mão, com a linha do suor descendo em meu peitoral, as costas dela também estão um pouco molhadas.

Sua pele, seu cheiro, tudo nela é um pecado. Envolver seus fios castanhos e puxo fazendo suas costas arquearem e ela ficar mais empinada ainda.

Golpeio mais forte e rápido, minha outra mão se aconchega em sua bunda dou um tapa mais forte.

— Ai... Eu estou quase lá, posso sentir.

Me curvo um pouco sobre seu corpo sem pausar minhas investidas e digo:

— Eu também sinto, você tragando meu pau.

Chego ao meu limite quanto ela goza chamando meu nome, como se estivesse cantando uma melodia, estendendo a nota até que tenha se libertado de todo seu orgasmo, depois que o dela cessa, golpeio mais uma vez antes de usufruir do meu, saindo desse plano e me perdendo em meus próprios gemidos roucos, fico por minutos dentro da maciez dela, até sentir que um pouco de mim conseguiu voltar.

O corpo dela cede na cama, e eu acompanho com cuidado ainda sem sair de dentro dela.

Beijo seu ombro, sem coragem de me mover, me deito ao seu lado, e puxo o seu corpo para perto de mim até que ela entende e fica exatamente onde eu quero, por cima de mim.

Amo o nosso sexo, o nosso cheiro e o reconforto que sinto.

— Rudá, eu... — fico paralisado diante do seu olhar um tanto confuso e ao mesmo tempo desesperado em dizer alguma coisa — eu...

Ela guarda as palavras, fecha os olhos e suas pesadas lágrimas descem em seu rosto, ela não sabe, mas posso sentir sua angústia, não há um dia desde que ela esteve aqui que ela esteve completamente bem. Por mais que ela tente esconder.

Acaricio seu rosto, beijo a sua testa.

— Shi... Só fale quando estiver pronta.

— Queria poder voltar atrás e ter feito outras escolhas.

— Que escolhas?

— Ter voltado antes para a fazenda e encontrar você, assim desse jeito, não aquele cara que eu achava que você era.

— Amor, eu cometi uma burrada e também queria voltar no tempo. — Envolver seu corpo, a abraço, Dandara é tudo o que posso amar, tudo que posso sonhar em ter, tudo o que mais quero proteger. — Não se culpe por nada, a culpa nunca foi sua, eu deveria ter agido de outra forma, mas a assustei e mandei você para longe.

Ela respira de maneira sôfrega, se contendo, mantendo seja lá o que for apenas para ela. Tenho urgência em aniquilar tudo aquilo que a faz sofrer. Ela fica brincando com uma mecha do meu cabelo, enquanto a observo ficar mais serena.

— Eu posso ser sincera com você? — Assinto. — Eu estou amando nós dois.

Curvo os lábios sorrindo.

E eu estou amando você.



CAPÍTULO VINTE

Ele anjo - Demônios reais

Não nos separamos durante a noite, pela madrugada tomamos um banho em meu quarto, consegui dormir muito pouco.

Pego minha pasta com o projeto do galinheiro que tinha começado a trabalhar. Desço para tomar café e o encontro sentado, bebendo um copo de vitamina de abacate.

Não tem como explicar a segurança e conforto que sinto ao vê-lo, e meu coração se perde nas batidas quando o tenho por perto, sempre fui uma mulher que chamou a atenção dos homens para uma foda sem compromisso.

Com ele sinto que isso não será possível, cada dia que passo nessa casa é como se estivesse assinando um contrato permanente de estadia, não vou conseguir me desapegar desses sentimentos facilmente.

Isso porque estou me rendendo, me apaixonando por ele e Deus sabe que nada entre a gente pode ser duradouro, mas confessar isso para mim

mesma não é o suficiente.

Eu não consigo mais lutar contra isso, eu o quero, serei a pessoa mais egoísta desse mundo, mas quero que ele me queira também.

— Bom dia linda.

A mesa está arrumada, ele passa a mão pelo meu quadril, me curvo e lhe dou um selinho.

— Bom dia.

— Eca, por favor não se beijem na minha frente. — Gael entra na cozinha, com os cabelos úmidos e segurando um copo infantil de canudo, customizado com imagens de super-heróis. — Pensei que tinha me livrado disso, mamãe e papai fazem isso todos os dias. — Revira os olhos.

— Eles devem estar aproveitando muito agora — digo rindo.

Me sento ao lado do Rudá, e abro a pasta.

— Vamos tomar café falando do celeiro?

— Aqui é a parte das galinhas, vai ser um pouco distante dos outros animais, as elas são estressadas e isso não é bom, atrapalha na produção de ovos.

— Vamos ter ovos também! — Rudá ri.

— Uauu... — Gael enche uma tigela com frutas e derrama cereais nela, mel, mas antes de começar a comer bebe um copo de iogurte — eu posso brincar com eles não é tia?

— Acho que sim.

— Quantas galinhas vamos ter? — pergunta Rudá.

— Frangos... Em média uns 200.

— Baita omelete! — fala o garoto. — Tio Jandir vai adorar.

Mostro a ele a tabela das medidas de construção.

— Os principais cuidados são com a medida sanitária, a construção será simples, mas eficiente, vai proporcionar um bom ambiente para as aves, rações, assistência técnica...

Rudá me lança um olhar indagador.

— Eu sei que está muito empolgada com seu celeiro, mas não pule uma

refeição.

— Estou sem fome.

— Vou preparar uma salada para você comer. — Me ignora, e começa a pegar algumas frutas cortadas.

— Você não dormiu?

— Não. Mas eu não sou humano e você é, precisa comer ou vai acabar ficando doente.

Não contesto quando ele pega um pedaço de mamão com o garfo e coloca em minha boca.

— Humm, bom, obrigada. — Agradeço sem jeito, ninguém nunca me mimou assim.

— Eca! — Gael fala, depois começa a beber o suco pelo canudo. — Ainda bem que você não pode ver isso Bel, nunca beije alguém, é totalmente eca...

Rio, o tio dele não dá a mínima importância para o que o garoto diz.

— Um dia todo o macho passa por isso. — Comunica Rudá.

— Não eu, e nem o Bel. — Revira os olhos e dá outra sugada fazendo barulho. — Isso Bel, beijo é coisa nojenta, troca de fluidos corporais, saliva, pense na eca...

— Não tem nada melhor para fazer do que ficar aí definido em palavras toscas sobre o que é um beijo? — Rudá fala um pouco mais rude.

— Hei. — Toco em seu ombro para ele amenizar o tom.

— Estou fazendo algo importante, tomando suco e fazendo minha lição do dia tio.

— Qual sua lição do dia? — pergunto, vendo o garotinho com um suéter que é a cópia dos que o tio dele usa, olhando-o assim tão fofo sinto até vontade de ser mãe. Mas que besteira é essa agora? Isso nunca vai acontecer. — Você estuda em casa?

— Não. Quer dizer, papai e mamãe me ensinaram a ler, o resto aprendi só, aí agora tem os gêmeos que estão aprendendo. — Ele continua a beber o suco. — Agora o Belenus é, o meu professor.

Rudá encara meu prato, ele quer que eu volte a comer, pego um pedaço

de melão.

— Tenho uma surpresa para você — diz Rudá, encara o relógio no pulso. — Já está a caminho.

— Certo.

— Tenho que me retirar, preciso ir ao banheiro. — Gael corre.

Rudá solta um riso grosso.

— O que foi?

— Ele correu e não zapou, a urgência em urinar foi tanta e sua distração com o guardião que esqueceu de apenas zapar.

— Fofo — falo derramando um pouco de mel na fruta. — O que queria me dizer?

— Termine seu café.

Isso me motiva a comer rápido, quando termino ajudo ele a lavar os pratos e guardar as coisas, ouço o som de motor cercar a mansão.

Rudá segura minha mão e juntos fomos para fora, há várias carretas com materiais de construção e algumas pessoas.

Um dos homens de capacete se aproxima de nós dois. Cumprimenta Rudá que aperta sua mão.

— Dandara esse é o Calebe, o mesmo da reunião lembra? Será responsável pela construção do seu celeiro.

— Oi, prazer. — Aperto sua mão também. — Vamos dar o nosso melhor na construção dele.

— Sim, obrigado pela confiança meus funcionários já estão preparados para levantar seu projeto — diz ele.

— Obrigado Calebe, daqui a pouco libero ela para lhe auxiliar. — Calebe acena e se afasta da gente dando ordens aos seus homens através de um *walk talk* para descarregar os materiais.

— Por que não me disse que já tinha a equipe?

— Não seria uma surpresa, eles são da cidade vizinha eu mandei pesquisar duas coisas: um abatedouro e uma equipe para levantar seu celeiro. Consegui ambas as coisas, agora só dependem de você. — Passa a mão pela

minha cintura. — O que foi? Não gostou?

— Eu amei, isso foi demais, obrigada por confiar em mim. — Abraço ele em sinal de agradecimento, repousa a mão em minha bunda mesmo com o tecido grosso da minha calça jeans, seus toques me fazem recordar das vezes que dividimos os mesmos lençóis. — Isso significa muito para mim.

— Eu sei, eu sinto isso linda, que você se sente bem quando pensa nesse celeiro. — Suas palavras soam de maneira mais profunda, como se ele fosse capaz de saber o que sinto quando não me distraio com essas coisas. — Outra coisa que quero falar, esses dias vou receber uma visita do meu pai, quando isso acontecer, por favor se mantenha longe, pode ir na cidade, ou ficar no celeiro com os funcionários.

— Tudo bem.

Eu espero que não tenha estragado nada naquele dia quando tentei defendê-lo.

Beija minha testa e se afasta:

— Tenha um bom dia de trabalho, qualquer coisa é só ligar, tenho coisas para cuidar, principalmente com o Gael.

— Bom dia como babá também.

Ele continua sério, já me acostumei com esse lado dele. Raros risos, isso não quer dizer que não esteja feliz, porque eu espero que eu esteja fazendo ele feliz.

Deus o que está acontecendo comigo?

O plano nunca foi esse, caminho de maneira vagarosa indo de encontro a Calebe sentindo cada nervo meu estranho, um tanto doloridos, mas me mantenho firme com o meu propósito.



Paola me liga e recorro a chamada, agora tenho outras coisas para dar atenção, preciso ajudar Gael e fazer com que ele entenda que há limites entre ele e seu guardião, ele vai acabar se decepcionando quando ele partir.

O encontro na minha sala recebendo orientações da Grace, que carrega uma pequena mochila e um dos bonecos dele.

— Olá Rudá, desculpe ter aparecido assim, mas eu liguei mais cedo avisando ao Gael que viria e pedi para falar com você.

— Ele não me disse nada, mas fique tranquila. — Ela se aproxima de mim e beija cada lado da minha bochecha.

— Eu esqueci... A senhora falou tanta coisa mãe, que acabei esquecendo.

— Isso é por que anda distraído com esse tal de Bel — Grace mantém um tom amigável —, não dá mais atenção para o Homem de Ferro, você adorava brincar com ele — entrega o boneco para ele — eu o trouxe caso sinta falta.

— Eu não vou sentir, mas tudo bem. — O garoto suspira, pega o boneco e a mochila. — Trouxe minha luva e bola?

— Estão aí dentro, junto com biscoitos de gomas que eu fiz — beija a bochecha do garoto —, qualquer coisa ligo para o meu celular.

— Ok... — Gael faz uma voz monótona. — Por favor mãe, não me ligo tão cego e nem antes de dormir, eu vou ficar bem.

— Vou tentar. — Grace se volta para mim, enlaça meu braço, e me arrasta consigo para longe do Gael, mesmo sabendo que o garoto pode ouvir

a conversa. — E como ele vai indo?

— Gael, me espere lá fora, já te encontro.

— Ok...

Aguardo ele sair, deixando as coisas que a mãe lhe trouxe em cima do sofá.

— É o seguinte Grace, estou começando a me preocupar com a relação dele com seu guardião. Ele não aceita o fato que ele é apenas um guardião, está criando um vínculo de amizade com ele. Gael já tem dez anos, é capaz de entender o que eu digo, o problema é que precisamos procurar outros amigos para ele.

— Ele tem os primos dele.

— É, mas talvez ele não goste de ficar com o Wilker e Elder porque ainda são novos, e apreciam outros tipos de brincadeiras.

— Seria bom trazê-los aqui, mas a fazenda agora tem muitos humanos, não é bom para eles...

— Humm, sim, podemos fazer algum programa para eles, quando não tiver humanos.

— Oh, por falar em programas convidei a Dandara para o meu aniversário de casamento. Vou esperar por você também — muda de assunto —, e como vão as coisas com ela? Bem, sei que estão bem, está estampado na sua cara que as coisas estão maravilhosas...

— Mas ela ainda não sabe de nada.

Fico constrangido em conversar esse assunto com a Grace, mas ela é uma bruxa guardiã, difícil explicar, mas há algo nela que transmite confiança e vontade de revelar, e ouvir o que ela tem a dizer.

Coisas que não posso fazer com meus irmãos mais novos e tão pouco com o Jandir, pois ele é bastante sensível quando o assunto é fêmea, pelo fato de não ter encontrado a dele ainda.

— Qualquer coisa estou aqui, e seus irmãos também.

Solto um riso amargo.

— Não espero nada do Marlon e do Raony, eles me odeiam.

— Não confiam em você, isso é algo totalmente diferente. No meu

aniversário de casamento quero paz e amor nada de guerra, aproveita e apresente Dandara.

— Tudo bem.

— Vou ligar para o Raony me buscar.

— Vou atrás do Gael.

Zapo até onde sinto a presença dele, Gael está sentado na borda da piscina, olhando fixamente para o fundo dela.

Me agacho ao seu lado e digo:

— Precisamos conversar.

— Eu sei... — Continua balançando o pé, agitando a água.

— Sobre seu guardião Bel. Ele não é seu amigo Gael, uma hora ele vai desaparecer e não se apegue a isso.

Não sei o que aconteceu, mas ele parece bastante chateado.

— Eu sei tio, mas amizade é amizade não importa quanto tempo dure — cruza os braços —, mas acho que ele não me tem como amigo mesmo, parece um robô às vezes, repetindo as instruções, eu briguei com ele e disse que queria outro guardião, ele não respondeu mais.

— Quando foi isso?

— Depois do café da manhã.

Toco em seu ombro o confortando.

— Eu sinto muito, mas eles só seguem instruções é tudo muito mecânico para eles, não emocional como você leva as coisas.

— Só queria um amigo que me entendesse, achei que seria ele. Antes era o Homem de ferro.

Sorrio e continuo:

— Mas você não pode trocar de guardião, provavelmente ele tenha dado um tempo até que você esfrie a cabeça, ele vai voltar, mas quero que me prometa que vai apenas absorver o que ele tem para lhe ensinar.

— Tá, ele não é normal, não brinca, não ri, já deveria saber. Ele não é como você, tio.

— Eu não brinco e não rio.

— Mas você é normal... — Abre o sorriso. — Para mim o senhor é normal, me ensina a fazer as coisas? Quero trazer de volta o pé de manga da tia Danda.

— Eu não sou um bruxo, mas podemos tentar.

— Ok, já volto. Vou pegar o Homem de Ferro. — Sai da piscina e corre para dentro da casa.

Espero ele retornar quase escorregando com o chinelo molhado, deve ter deixado um rastro no meu piso...

— Agora estou pronto.

Atravessamos o portão depois do deck, para ir em direção ao campo de golfe.

— E sobre os seus primos? Por que não gosta de brincar com eles?

— Não falo com o Elder, ele destruiu o meu livro, eu estava lendo uma história para eles, mas acho que ele não gostou aí destruiu ele, riscou meu livro todo. E o Wilker não fez nada, apenas continuou montando seu quebra-cabeça irritante...

Continuo a ouvi-lo, não é nada grave, nada que impeça deles terem uma amizade futura, Gael não é como eu, me afastei dos meus irmãos não porque eles eram irritantes e destrutivos. Porém alguém tinha que ter responsabilidade, alguém tinha que aturar as exigências do nosso pai.

Ainda bem que fui eu, ou Jandir seria alguém diferente, embora ele tenha puxado a sua mãe altruísta. Eles cresceram, e Gael é a prova que Raony cresceu e está fazendo um ótimo trabalho na criação dele.



CAPÍTULO VINTE E UM

Ele anjo - Demônios reais

Antes dessa mulher aparecer confesso que estava bastante empolgada com a ideia de ter o Rudá apenas para mim, e poder conhecer sua família, mas essa empolgação foi para o ralo quando Paola apareceu na mansão.

Quem a recebeu foi Rudá e aparentemente também não aguardava a visita dela, não posso me opor a sua presença não é porque transamos algumas vezes que me tornei sua "amante oficial", não aguento vê-lo tratando a sonsa com tamanha paciência.

Por isso me tranco no quarto para terminar de me arrumar, mais cedo saí para comprar algumas coisas na cidade e incluí um vestido na lista, não quero repetir vestido quando sair com ele. Mas eu nunca me preocupei com nada disso, agora pareço muito boba.

Não tenho joias além da que ele me deu, ainda bem que pensei nelas ao escolher o vestido.

Estico o vestido colado em meu corpo, delineando todo o meu quadril largo, calço as sandálias e escovo os cabelos tirando um pouco o volume e para finalizar modelo eles.

O silêncio percorre toda mansão já que Gael foi mais cedo para casa, às vezes ele pede ao tio para ir com ele ao pé de manga, acho que está tentando reverter as coisas.

Rudá me aguarda no hall, fuma um charuto e me olha em evidente admiração.

— Belíssima. — Beija meu rosto, passando a mão na minha cintura, sinto o cheiro do charuto. — Podemos ficar mais um pouco se quiser...

— Aí vamos nos atrasar...

— Odeio atraso, mas hoje faria qualquer coisa para ficar mais tempo a sós com você. — Ele me guia até a sala, deixa o charuto no cinzeiro — ainda não me acostumei com sua ausência para cuidar do projeto.

— Para de ser bobo — bagunço sua gravata, usa um sobretudo grosso, e como sempre bem vestido com roupas sob medida — não vamos fazer isso com Grace, ela estava empolgadíssima quando veio buscar o Gael, adorei o fusca rosa dela.

Ele senta no sofá, me coloca de maneira hábil sentada em seu colo, transpassa a mão pela minha cintura e é inegável que me sinto segura quando estou com ele. Toca em minha nuca, me arrepio, e o deixo me conduzir para um beijo delicado, cálido, suave, reconforta minha alma, suspiro me entregando ao beijo e a toda a plenitude que nos une nesse momento.

Amo o jeito que ele me acolhe, me toca, as coisas que ele me diz, únicas e verdadeiras, amo todo seu corpo, seu beijo perfeito, nosso sexo mais que perfeito. Eu o amo por completo.

Eu sou estúpida desde o dia em que tentei encobrir todos os meus sentimentos. Mas o que posso fazer.... Não somos destinados a ficar juntos.

Apoio minhas mãos em seus ombros, e elas acariciam a parte de trás da sua cabeça enquanto nossas línguas se enroscam.

Tenho duas escolhas para fazer, levar meu segredo adiante até que tudo termine, contar para ele e pedir desculpas, ou deixar que ele descubra. Aí as coisas se complicam para mim.

Talvez ele nunca mais me queira por perto, seria um fardo que ele não é obrigado a carregar, e não quero ser um fardo para ninguém. Se estou construindo a fazenda é porque quero me sentir útil de alguma forma.

— Dandara, Dandara... — fala meu nome enquanto mordisca meu lábio.

Um som de garganta arranhando nos separa, levanto a cabeça com naturalidade.

Já era de se esperar.

— Desculpa. Peguei vocês no flagra. Vamos?

Paola diz, bem vestida, para ir em uma festa chique. Vestido branco com bordados de flores na barra dele.

— Como assim vamos? — Saio de cima dele, contendo meu lado enciumado.

— Vou deixá-la na cidade, Paola vai retornar para Chicago. — Me explica segurando minha mão, a beija. — Vamos ou nos atrasaremos.

— Mas e as malas dela?

— Verdade! Tinha me esquecido, já volto.

Paola sobe as escadas em movimentos metódicos e sem pressa alguma.

Não digo nada, reviro os olhos e foi assim o caminho todo, eu de olho nele, e ela de olho em mim.

Dou graças a Deus quando a deixamos na rodoviária.

— É estranho ela aparecer assim tão de repente. Mais estranho ainda ela não ter aceitado ir de jato, mas viajar para a cidade vizinha para pegar um avião — comenta Rudá.

— Ah, não me diga? O que ela veio fazer aqui? Só ver se estava tudo bem com você? Realmente não faz sentido uma pessoa aparecer pela manhã e ir embora a noite, sem fazer absolutamente nada o dia todo, mas como poderia saber o que ela fez ou o que você fez, já que fiquei cuidando da obra no celeiro o dia todo! — Disparo, cruzo os braços e não escondo minha irritação.

— O que está insinuando?

— O óbvio, só não me faça de idiota. Queria acreditar que era mentira,

mas depois disso... Não. Alguma maldita coisa aconteceu. Então melhor me dizer, estamos em um relacionamento aberto?

Ele faz uma manobra brusca e estaciona o carro ao lado da pista.

— Que diabos está falando? — Enruga a testa demonstrando sua irritação. — Estamos em algum tipo de relacionamento agora? Você deixou claro para mim que não!

— Tem razão, desculpa não precisa se irritar, não devia ter confundido as coisas...Eu sinto muito.

Engulo um nó, meu rosto todo formiga e o pior de tudo é ser envolvida por esse sentimento de traição. Me tornei muito possessiva com ele. Isso é nítido, isso é ruim.

— Não estou chateado por achar que temos um relacionamento, não me entenda errado, não é isso. É por achar que estive com Paola o dia todo, quando deixei claro que não temos mais esse tipo de relacionamento — é, a sinceridade em seus olhos é real — entenda que só quero você, mas você me confunde. O que eu vejo é ciúmes.

— Não me entenda de maneira errada.

Minhas palavras são ofuscadas pelo brilho em seus olhos, e sorriso convencido.

— Tudo bem.

— E se eu disser que sim? Que senti ciúmes.

— Eu diria que não há motivos, mas podemos tornar as coisas mais fáceis oficializando um compromisso, amor.

Do que ele me chamou?

Pisco completamente desconcertada. Oh, merda. Ugh, abro a janela rapidamente para um pouco de ar entrar no ambiente.

— Só estou com calor.

— Parece que acabei de soltar gases no carro. — Arqueia a sobrancelha se divertindo da minha situação. — Agora eu te pergunto, é tão ruim a ideia de ter um compromisso comigo, amor?

— Co-cómo o quê?

Era apenas para simplificar minha resposta, mas já estou dentro dessa

ilusão. Eu me apaixonei. E ele me chamando de amor não ajuda em nada, me deixa mais nervosa ainda.

Põe uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, me desalinhado com seus toques, sou envolta em um sentimento muito primitivo. De que sou dele, quero ser só dele. E que ele tem que ser só meu.

— Como um namoro, um noivado, um casamento, algo que faça você entender que sou apenas seu.

— Acho que não precisamos ir tão longe, não é? — Solto um riso envergonhado.

— Acho que sim, podemos ir longe... — Continua a me analisar, me mantendo cativa em suas palavras. — Não negue que você quer, me quer tanto quanto te quero, então vamos usar toda a nossa sensatez: Nada nos impede de ficarmos juntos.

— Há algo que impede, mas se eu contar...

— Me conta.

— Quando voltarmos para casa teremos uma conversa.

— Tudo bem.

Ah, merda como ele é fofo.

Ele se afasta e dirige, liga o som e coloca em alguma rádio local, eu também me cerco pelos meus pensamentos, não sei como vou contar para ele que nada do que ele deseja comigo é possível, será duradouro.

Não consigo ficar muito tempo em uma posição sem ser incomodada. Meus joelhos me incomodaram o dia todo, tenho medo de ligar para aquele médico destruidor de sonhos.

Ao chegar na casa da Grace ele vai até o porta-malas, pega um embrulho de presente, e eu pego minha caixinha da minha bolsa de mão. Escolhi um pingente fofo para Grace.

— O que tem aí? — pergunto para ele.

— Um presente para o Gael.

— Hei, o combinado foi eu comprar algo para Grace e você para o marido dela, seu irmão.

— Isso é impossível, eu não consigo dá presente para meu irmão caçula,

vai entender quando presentear o Gael.

Homens, há alguns carros estacionados frente à casa.

Como o nosso ficou estacionado na fila de carros na rua andamos até a casa.

Grace está muito linda com um vestido florido, radiante. Nos recepciona ao lado do marido e do Gael.

O garoto me abraça.

— Para você, Gael. — Rudá entrega o pacote ao garoto. — Feliz aniversário de casamento para vocês dois.

Percebi sua postura mais séria, não muito diferente do marido da Grace, aparentemente desconfortável com a situação toda.

— Aqui Grace, eu comprei essa lembrancinha, parabéns. — Entrego a caixinha para ela.

Esquece toda a formalidade para me abraçar.

— Obrigada por vir. Estou feliz, não ligue para esses dois, se amam do jeito deles. E já estou feliz por ele ter vindo. Vem vou apresentar você para algumas pessoas...

— E o que faço com isso mamãe? Não é meu aniversário...

— Mas seu tio lhe deu, vá brincar com o presente. E chame seus primos.

Ela me arrasta para o meio da sala, uma outra mulher, muito linda por sinal, vestida de preto, cabelos cacheados e volumosos. Nossa, como ela é linda, nunca vi traços exóticos mais belos.

— Essa é a Desirée, cunhada do Rudá, portanto sua cunhada também assim como eu!

— Oi, já nos encontramos na loja. — Trocamos beijos timidamente. — E como anda as coisas com o Tigrão?

Ainda não entendi muito bem o motivo de chamá-lo assim.

— Não temos nada disso que vocês estão imaginando garotas.

Grace revira os olhos dizendo:

— Ah, por favor, deixa disso. Já estamos queimando os miolos com

vocês dois. Olha... — aponta para outro homem perto de Raony que estranhamente nos observa — aquele é o Marlon, marido da Desirée, e pai daqueles gêmeos lindos.

Gael e os gêmeos abrem os presentes do pai, não vejo mais Rudá, ele deve ter se isolado em algum lugar não me privando de conhecer a sua família, vendo que ele e os irmãos não se dão bem. Isso me deixa triste.

Nunca tive irmãos, acabo ficando melancólica e sentindo falta do meu pai, mas não posso vê-lo, eu desabaria...

— Ah, e esse aqui é da família também, o Ructon. Como se fosse irmão mais novo deles. — Realmente parece o caçula entre eles, o rapaz me dá um sorriso, cabelos desgrehados e camiseta cheia de manchas.

— Essa é a famosa Dandara — ele beija minha bochecha — não é que o Tigrão teve sorte, um mulherão desse bicho!

Desirée lhe dá um tapa no ombro.

— Prazer em conhecer vocês. Sério adorei — digo me sentindo mais à vontade.

— Não se preocupe, agora que Grace nos apresentou vou usar isso como um passe livre para entrar na toca do tigre — diz Ructon — e vou usar nossa mais nova amizade como desculpas, sempre quis entrar na adega do Rudá. Você já roubou algum vinho precioso dele?

— Não.

— Sabe roubar por acaso? — Ele insiste na pergunta.

— Não vai aliciar ela para seus crimes Rucinho! — Desirée passa o braço em volta do meu, ficando ao meu lado, em um gesto íntimo e inocente. — Ou vou mandar o delegado te prender.

Desirée aponta para um homem perto da lareira, bonito e distraído conversando com o Jandir.

— Ah, pelo amor de Oric, só você mesmo Grace para convidar o caçador de lobos para a festa. — Ele fala chateado.

— Mas ele é o nosso vizinho. — Grace responde com o ar inocente.

— Um vizinho que pode colocar nossa família em extinção. — Ele rebate.

— Vai lá falar com ele. — Incentiva Desirée.

— Oric me livre e guarde. Já tenho companhia. — Rucinho solta uma piscadela para um homem e reconheço ele das minhas noitadas na boate, faz parte do clube de motoqueiros. — Hoje sou a puta de um motoqueiro, não vii meu look para combinar com ele? — Rimos, ele está todo vestido de preto incluindo uma jaqueta com uma caveira atrás. — Amo me fantasiar, mas e você Dandara... além do Rudá do que gosta?

Vejo malícia nos três, Grace para um garçom e nós quatro pegamos uma taça de champanhe.

— Confesso, já transamos duas vezes e a caminho ele falou sobre compromisso, ele quer ter um compromisso. — Bebo com vontade o espumante, o tempo todo sob o olhar deles. — É estranho, algo me diz que tem algo a mais.

— E tem querida já, já você descobre — fala Ructon, passa o olhar pela sala — vejam só o novo brinquedo do Gael...

— Sim, o Rudá deu para ele, sendo que é o meu casamento, mão de vaca nem um diamante me trouxe — Grace gargalha com Desirée —, estamos brincando Dandara.

— Eu sei. — Rio.

— Eu me lembro desse trem, é bem parecido com o brinquedo preferido do Rudá que o Raony e o Marlon destruíram... — Ficamos em silêncio vendo o trem fazer voltas no chão, com os gêmeos fazendo barulho do trem.

— Então ele mandou fazer um trem parecido? — Desirée pergunta.

— Quase idêntico e pela cara dos vossos maridos devem ter se lembrado disso também. — Continua Ructon. — Acho que o Jandir que o fez. É bem a cara de Jandir.

— Mas o que Rudá quer dizer com isso? — Grace pergunta.

Já vasculhei a sala com o olhar duas vezes à procura dele, mas não o encontro.

— Isso quer dizer que ele se importa com os irmãos, que ele quer consertar a relação destruída. Assim como fez com o trem — digo com minha nuca formigando, passo a mão e coço, as garotas me olham cheias de especulações.

— Não poderia ser diferente a fêmea do Rudá, só você o entende. Se isso não é amor não sei o que é. — Rucinho abre um sorriso. — Vou ali procurar meu macho motoqueiro, até breve, garotas.

— Eu vou procurar o Rudá.

Não o encontro na casa, mas no deck, isolado nas sombras com um copo de whisky, na sua armadura de frieza falsa. Mas eu sinto sua tristeza aqui dentro de mim, isso não é coisa da minha cabeça, nossa ligação é a coisa mais real que já senti.

O abraço, ele tem o cuidado de afastar o copo, e depois o charuto da sua boca, virando o rosto para soltar a fumaça.

— O que foi isso? — Passa a me analisar logo depois que me afasto. — Já quer ir embora? Por que é um bom jeito de me convencer.

— Para com isso. Você fala tanto de mim, dizendo que finjo não me importar com o que está acontecendo entre a gente, que não levo nada a sério, pois você tem razão, eu finjo, e levo você a sério — lágrimas sorrateiras descem em meu rosto — não quero que seja mais assim, que mantenha essa frieza como barreira para expressar que não se importa com seus irmãos. Quando na verdade é o oposto.

Ele dá alguns passos para o lado deixando o copo e charuto sobre uma mesa, segura minha mão, cobre ela nas suas.

— E para dizer isso não precisa chorar...

— Por favor, se eu for sincera sobre nós dois vai me prometer algo?

— Fale.

— Promete.

— Prometo, qualquer coisa, mas me diga o que está acontecendo.

— Não se afaste de quem você se importa.

— Sim, tudo bem. Isso vai mudar um dia. Mas me diga logo, o que ia me dizer no carro? Sobre o que me impede de ter você só para mim, isso está me corroendo.

Repousa sua testa na minha, sinto o cheiro amadeirado e do whisky.

Minha respiração se perde em meio às lágrimas.

— Eu vou falar... Vamos conversar com calma em casa, mas antes de

revelar qualquer coisa quero dizer que me apaixonei por você — mantenho o olhar nos seus, quero que ele veja que estou sendo sincera — que eu te amo.

Ele fica paralisado, beija minha testa e me abraça.

— Não mais que eu, te amo com tudo de mim.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Ele anjo - Demônios reais

Minha boca cola na sua assim que alcançamos o hall, zapo com ela até o sofá, a deito no maior sofá da sala sabendo que Gael vai dormir na casa dos pais.

Ela disse que me ama e isso foi o suficiente para me deixar ensandecido, desejei adiantar os minutos apenas para trazê-la para casa.

Provar cada parte do seu corpo, ela está linda com toda a sua sensualidade nesse vestido.

Meus dedos passam pelo seu decote, desço sua alça beijo seu ombro.

E tornamos a nos entrelaçar em um beijo febril, sua pele, seu cheiro, me causa atordoamento é certo que Dandara nasceu para ser minha.

Cada vez mais estou sendo tomando por sentimentos primitivos, possessivos, eu não vou deixá-la ir à lugar nenhum.

Seu rosto está vermelho, ela revira debaixo de mim tentando me despir.

Apalpo sua costela à procura de alguma brecha no vestido que permita que remova seu sutiã, sem paciência alguma o rasgo com minhas garras, com cuidado para não causar danos em sua pele delicada, isso facilita para que eu desça mais seu vestido e tome na boca seus seios maravilhosos.

Ela geme entre respiração entrecortada, estímulo seu mamilo, mordo, deslizo a língua neles.

— Queria poder provar você por completa, mas meu desejo de estar dentro de você venceu — digo tirando o sobretudo, o casaco de couro, ela me ajuda a desabotoar minha camisa. — Considere que a noite só começou...

Completamente enrijecido, com os seus toques cálidos e ao mesmo tempo exigente, suas mãos pequenas repousam em minha cintura, ela está à minha espera, me livro de todas as roupas.

— Vem amor — diz ela notando meu volume na cueca. — Estou molhada, então se apresse em estar dentro de mim.

— Você sabe como enlouquecer um macho, me enlouquecer...

Ela abre as pernas e da mesma forma que rasguei seu vestido faço o mesmo com sua calcinha, totalmente nua, linda, solto um grunhido ao admirá-la, uma musa, amo seu corpo, suas curvas me fascinam, encham meus olhos, me apresso em penetrá-la.

— Ai... Isso. — Ela contrai meu pau.

Estamos em sintonia, na mesma fome, adoro o cheiro almiscarado da sua excitação, continuo fodendo como se a minha vida dependesse desse momento. Ela geme cada vez mais, e começa a se movimentar tornando tudo mais prazeroso e intenso para nós.

Dandara murmura o quanto me ama, me quer, e isso me deixa com mais tesão ainda, fora de controle, ela prende os dedos nos fios curtos do meu cabelo, arqueio, e não dá, é impossível resistir a vontade de morder o seu pescoço. Mas tenho que ser honesto com ela antes de qualquer decisão. Também respeito a decisão dela não querer ter filhos, mas eu quero derramar minha semente, quero que ela seja mãe de uma criança minha.

Oric como eu quero...

— Oh...Rudá... mais disso por favor.

Ela berra sabendo que alcancei um lugar estimulante, saliente, Dandara

arqueia, treme, murmura o quanto a fodo duro, com movimentos repetitivos, precisos, arranha minhas costas, numa depravação que me enlouquece.

Goza chamando meu nome.

Gozo chamando pelo seu, dizendo que também a amo, entrando em outra dimensão, enquanto meu pau pulsa derramando dentro dela, estou enrijecido querendo mais, porém ela parece cansada trabalhou no celeiro e ainda teve a festa.

Ela é humana e precisa descansar.

Beijo sua testa. Me lembrando da minha primeira vez dentro dela, foi muito difícil manter o controle e a distância do seu pescoço. Continua sendo, embora acredite que em breve a farei minha.

Continuo dentro dela, o sofá mal cabe nós dois.

— Fique por cima de mim...

Movo a minha boca para seu queixo dando uma mordida nele. Saio de cima dela, me deito no sofá e ela não deita, mas fica por cima de mim novamente envolvendo meu pau, suspiro ao sentir o aconchego quente de estar dentro dela novamente.

— Você realmente não é humano.

— Não precisa fazer, venha descansar.

— Não. Seu pau está duro, e eu quero foder até que não esteja mais.

Solto uma risada grossa e digo:

— Uma missão quase impossível.

— Duvida da minha capacidade? — Ela dá uma sucinta quicada.

Perfeita.

— Não. Pelo contrário, eu adoro sua capacidade.

Dandara ri, começa a se movimentar por cima de mim, a visão mais excitante de todas é ver meu espetáculo de fêmea me cavalgando, seguro sua cintura e me inclino para beijar a cicatriz em seu quadril, seus seios saltam ao ritmo de cada quicada, puro delírio, êxtase.

Desço a mão até seu quadril, seguro sua bunda dou uma tapa, sua pupila está dilatada, largada em seu próprio prazer, subo meu corpo e fico sentado,

com as pernas totalmente inertes no sofá.

Não reconheço minha própria voz ao soltar sons roucos.

Ela joga a cabeça para trás, seus cabelos soltos formam uma cortina, lambo a linha que separa os seus seios, me enterrando e sorvendo seu cheiro de fêmea excitada, ela está tão febril, suada, tal como eu...

— Ai meu deus... você é tão gostoso... — Pronúncia enquanto continua a saltar por cima de mim, com as mãos apoiadas em meu peitoral.

Cada movimento que ela faz me excita, foco na imagem dos seus lábios abertos, trêmulos, mordisco o lábio inferior e o puxo para mim.

— Muito linda... — Dou um tapa contra sua bunda, seguro ambas as partes com minhas mãos e invisto mais profundo nela.

— Ah...

— Gosta tanto de ser fodida assim. — Ela parece cansada, mas isso não a motiva a parar, pelo contrário continua ensandecida. — Gostosa. Muito gostosa.

Vejo sua ânsia para alcançar seu clímax, nossos corpos estão unidos e pegajosos pelo suor, essa fêmea me deixa sem estrutura alguma.

— Rudá por favor... — Está determinada a gozar, e do jeito que estamos quem vai acabar tendo um orgasmo antes sou eu.

— Eu vou fazer você gozar, linda... — O meu dedo passa a percorrer a abertura do seu cu, tomo seus seios, balbucio um gemido de pura luxúria quando o meu dedo se perde em seu rabo grande... — Quero foder seu cu, amor deixa... estou imaginando meu pau fodendo essa bunda linda, gostosa.

Ela murmura, eu mordisco sua orelha.

— Sim... quero muito.

Beijo seu pescoço, me afasto ao notar minha presa crescer.

— Nessa posição não dá, mas me diga linda já fez isso antes?

— Sim.

— Hunf.

Isso torna as coisas mais fáceis, mas não deixo de sentir ciúmes ao lembrar que outro macho a tocou. Mas agora ela é minha, só minha.

— Então topa?

— Só se gozar em meu pau de novo. Eu topo. — Dou outro tapa em sua bunda. Mordo o bico do seu seio e ordeno: — Goze para mim.

— Me beija. Estou quase lá

Fala entre arfadas potentes, seu hálito atinge meu rosto antes de tomar sua boca, sua língua pequena duela com a minha, geme, aperto mais seu corpo ao meu ao senti-la contrair meu pau e gemer contra meus lábios, tendo outro orgasmo avassalador.

— Isso... — Mordo sua boquinha, me concentro, seguro a vontade de jorrar dentro dela. Ela tombou a cabeça em meu ombro, amolecida, respirando como se estivesse emergindo depois de ficar bastante tempo em águas profundas, beijo seu ombro e falo: — Eu ainda não esqueci, quero seu cuzinho.

Pulso dentro dela para ela saber que continuo duro, ela ri, me olha, morde o lábio de maneira provocativa e diz:

— Todo seu, antes de sair, fiz uma limpeza completa.

— Então já queria me dá...

— Sou precavida.

— Diaba.

Mordisco seu lábio, perdi as contas de quantas vezes fiz isso, ela é tão gostosa de se provar, Dandara põe a mão no meu ombro para se apoiar, sai de cima de mim, me levanto um pouco aturdido, mas ainda faminto, querendo muito foder seu rabo.

Dandara vai até a ponta de uma pilastra e fica de pé, de costas para mim, mesmo sabendo que ela já fez sexo anal, não quero machucá-la. Me ajoelho lambo todo seu cu, lambuzado ele sentindo um cheiro de morango e almiscarado, meu pau está coberto pelos orgasmos dela, ela geme a cada lambida, tocando em seus seios.

— Mete lindo, está tranquilo...

— Tenho receio de machucá-la, não tenho um lubrificante aqui...

— Com lubrificante ou não vai fazer estrago de qualquer jeito.

— Fêmea louca. — Fico por trás dela e encontro o caminho da sua

abertura, ela disse que já fez sexo anal, mesmo assim é apertado, suas dobras apertam meu pau, ir aos poucos não vai amenizar sua dor. — Vou meter — mordo sua orelha e penetro de uma vez, ela grita, ofegante. — Tudo bem, aí?

— Sim. — Se engasga nas próximas palavras.

Dou outra estocada, e cada vez que afundo me perco mais, ela arqueia as costas me apoio em sua cintura, não resisto e seguro seus cabelos, continuo metendo cada vez deixando mais do meu comprimento foder mais dela. Ela geme.

— Se toca Dandara, goze comigo.

— Oh, mas estou muito sensível.

— Vai ser bom, tente.

Ela murmura antes de começar a se masturbar, é tão apertado, fico hipnotizado com sua bunda, da forma maleável da sua carne que balança cada vez que meto, a entrada do seu cuzinho é rosado...O meu chifre cresce, não consigo controlar minha transformação ao sentir tamanho tesão.

— Estou conseguindo... não para, está perfeito.

— Vamos linda, não sei se consigo segurar mais tempo, você é tão gostosa.

A cada investida fica mais difícil segurar, meu corpo esfria por completo em um arrepio que reconheço, dessa vez mais devastador, levando toda a minha coerência *minha, minha, minha...* Não consigo controlar meu desejo insano de fazê-la minha, mordo minha marca de maneira desesperada, ela treme, fica paralisada, como se estivesse sendo sufocada pela minha própria fome, meu desejo de posse.

Minha pressa perfura sua pele quente, salgada, jorro dentro dela, e ela chama meu nome, confusa, gemendo e dizendo que está gozando, dizendo que tudo isso é loucura, que nunca tinha lhe ocorrido.

— Eu sei amor, eu sei... — sussurro em seu ouvido.

Sem pensar em arrependimento por marcá-la de maneira inusitada, não planejada, tudo com ela foge do meu controle, ela não vai engravidar, mas já se tornou minha, minha por completo.

Deita-se por cima de mim no sofá, acaricio seu cabelo, fazendo com que

ela adormeça por alguns minutos.

— Estou tão quebrada.

— Vou levar você para o quarto.

— Obrigada, preciso de um banho.

Zapo diretamente para o banheiro dela, ainda bem que tem toalhas, nos banhamos sem pressa, eu tocando seu corpo e ela o meu, ela sai primeiro do banheiro.



Ao sair a encontro perto da cama, apenas de roupão, cabelos ainda úmidos. Trouxe uma toalha do banheiro para isso, já que ela não usou o secador.

— Venha secar seus cabelos. — Ela não me dá ouvidos, fica concentrada lendo alguma coisa, há uma pasta sobre suas mãos, papéis. — Amor?

Então percebo tudo ruir para o abismo, ao ver seu rostinho coberto por lágrimas recentes.

— Não me chame de amor! — Encaro de relance para os papéis, noto nomes de clínicas diferentes. — Você mentiu todo esse tempo? Manipulou todos os meus passos sobre minha gravidez, algo que nunca aconteceu...

— Dandara...

— Cale a boca! Cale a merda dessa boca, isso aqui prova tudo — grita histérica. — Toda minha vida, todos os médicos que frequentei, exceto o último.

Vermelha e com o corpo estremecido, entregue em sua própria fúria, joga os papéis no chão, ou caíram. Tento tocá-la, sem ter o que dizer, apenas que é o meu fim, pois posso sentir suas emoções agora, e não há espaço para perdão no coração dela.

Exceto o último?

O que ela quis dizer?

Dandara cai na cama, tremendo, sua pele torna-se pálida.

— Querida, por favor, me diga o que está acontecendo.

O corpo dela enrijece, contrai o rosto, carregando o peso de uma dor física.

— Fique longe de mim.

Ela não se move.

Meu coração se comprime em meu peito. Ao ver toda a decepção e sofrimento nela.

— Não me peça isso por favor...

— Eu não quero que me veja assim. Vai embora!

Seu grito foi a última coisa que ouvi, antes de zapar, antes de ir para meu apartamento em Chicago, para longe dela, tento retornar, mas não consigo.

Zonzo e perdido, sufocado, sentindo cada parte do meu corpo dolorido, pela primeira vez não sei o que fazer, não consigo ser frio, me acalmar e pensar na melhor solução, preciso dela.

Não posso deixar que tudo termine assim, ela não estava nada bem. Está doente e escondeu isso de mim, o tempo todo.

Pego o celular e ligo para Raony, imploro para ele encontrar com ela e lhe dá socorro.

E ele não desliga a chamada.

— O que está acontecendo aí? — pergunto desesperado ainda de roupão.

Estou sem controle, fazendo uma tempestade colossal em Chicago, com raios riscando o céu, eu não me lembro de ter ficado assim desde que aprendi a controlar meus poderes. Neste momento não quero ter controle nenhum, quero destruir tudo.

Marlon zapa na sala.

— Ela teve algum tipo de crise, Grace está com ela, parece estar se normalizando.

Passo a mão na cabeça.

— Tem certeza que ela está bem? Chamou a emergência? A leve para emergência!

— Ela não quer. — Marlon continua, um pouco pálido por zappar de maneira repentina para um lugar distante, ela não é como eu e o Jandir. — Não podemos obrigá-la a ir.

Marlon usa apenas um roupão de dormir, sei que por baixo está completamente despido a essa hora da noite.

— Desliga a chamada irmão, vamos nos acalmar. — Jandir também aparece na minha sala, cabelos em dois coques, o olho com estranheza. — É para não embaraçar sabe? Às vezes faço tranças...

— Vou pegar um copo de água. — Se oferece Marlon.

— Não quero, me traga uma bebida forte. Não vou dormir essa noite e mais noite nenhuma, até descobrir o que Dandara têm, até ela me querer de volta.

Como aqueles documentos foram parar lá? Paola, ela foi a única a entrar na casa, e estava muito estranha. Como ela sabia disso tudo? Já estou aqui mesmo, vou caçar aquela traidora, não tenho dúvidas que se vendeu para o meu pai.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Ele anjo - Demônios reais

— Grace ficou com ela — diz Raony com um pouco de acidez, não tiro a razão dele, pois era para ser uma noite especial para ele e para a Grace.

Raony não se sente como meus outros irmãos, isso é vergonhoso demais para mim, nunca imaginei que um dia isso aconteceria comigo.

Mas nenhum até agora atirou uma pedra.

— Pedi para Grace não revelar nada sobre quem ela é, já que reparamos a marca da sua presa no ombro dela. — Continua Raony, agora adotando uma postura mais hostil. — Não é da minha conta o que acontece entre vocês, mas me surpreende você fazer alguma coisa para ela ficar daquele jeito.

Já estava demorando, acredito que os outros também tenham suas especulações, opiniões.

— Deve ter sido grave irmão, vi o jeito que estavam na festa, ela

parecia feliz, é evidente que te ama.

Jandir enche um copo de whisky, meu copo, estica o braço na minha frente e me entrega. Como sempre amigável, nenhuma condenação em seu rosto.

— Fiz algo muito terrível no passado em relação a Dandara e agora ela descobriu.

Ouçó Marlon Bufar e dizer:

— Ela não é a única. Mas quem sou eu para lhe dá algum sermão de responsabilidade, afinal sou o seu irmão irresponsável. Como você disse? Sou incapaz de me comprometer com algo.

— Não preciso ouvi nada disso de vocês, se é para isso que estão aqui vão embora! — Bebo com raiva. — Exceto, o Jandir!

— Não irmão, por um lado entendo eles. Eu não digo nada porque a situação não foi comigo, caso o contrário, não esperaria esse tempo todo para jogar em sua cara. Já teria resolvido isso de outra forma.

Solto um riso abafado, trincando o dente na borda do copo, só Jandir para me arrancar um pouco do peso da preocupação que sinto.

— O que faria? — pergunta Raony se servindo do whisky também, ele usa uma camiseta e calção de dormir.

Aparentemente todos estavam em suas camas.

— Acho que conversaria de maneira mais direta, dizendo para ele não se envolver na minha vida, mas eu não sou como vocês...

— Nunca me deu trabalho! — Interrompo Jandir. — Nunca incomodou ninguém.

— Mas voltando ao assunto... Que diabos você fez com a Dandara? — pergunta Marlon, acho que acatou o método de Jandir em fazer uma pergunta mais direta.

— Para ser sincero com vocês, Dandara foi a primeira fêmea encontrada, ainda criança, dei aquela fazenda para seu pai, nenhum de vocês moravam em Santa Maria, nunca fomos próximos não é verdade? Só quando Raony encontrou Grace Jane... — Para não achar que estou enrolando eles, eu sou direto: — Dandara arranhou um namorado na adolescência e aos

dezoitos anos quando fui encontrá-la peguei eles em uma situação comprometedora, para me vingar, no dia, ela passou mal, por alguma situação emocional, ela achava que estava grávida levei essa ilusão adiante, e agora ela descobriu.

Todos me encaram pasmos, Jandir então, coitado, nem se fala, seu semblante é de pavor, não se arriscam em falar nada. O silêncio se estende por alguns minutos.

— Isso é horrível de se fazer irmão! Mas eu não posso julgá-lo, não sei o que faria se pegasse minha fêmea nessa situação, no mínimo matava o cara. — Ele pausa para coçar a sua barba. — Mas eu sei que isso é normal para fêmeas humanas e machos, e também fazemos isso antes das nossas fêmeas, nós nos relacionamos com outras, então não podemos condená-las por isso. Principalmente do jeito que você fez. Foi feio e errado! Mas podem ter uma segunda chance.

— Eu estava tendo uma segunda chance!

— Não! — Jandir ergue o dedo me calando. — Você ainda estava mentindo, agora sim é a segunda chance, isso depende dela.

Bagunço o meu cabelo agoniado, desde que estou sentado nesse sofá já tentei zapar até ela, mas não consigo.

— Ela nunca vai me perdoar! Olha para vocês, Marlon está completamente feliz pelo meu estado, assim como você Raony.

— Eu estou feliz sim! — declara Marlon. — Estou adorando vê-lo desse jeito.

— Piedade zero entre nós, pois também estou feliz. Um brinde para a desgraça do Rudá. — Raony ergue o copo para Marlon.

Jandir também, porém eles levam na brincadeira algo que me sufoca. São meus irmãos mais novos, não posso esperar muita coisa.

— Mas como ela descobriu? — Jandir pergunta.

— Alguém deixou um relatório sobre a cama dela, com detalhes de todos os exames que ela fez...

— Isso é terrível! — Jandir se levanta. — E quem colocou o relatório?

— Paola. Minha engenheira. E não sei porque diabos... — Me calo,

passando a mão na testa, com um zunido em meu ouvido, com tudo caindo a ficha. — Provavelmente não tenha sido a Paola. Por favor, alguém me empresta um telefone?

Raony me entrega o seu, zapo para o meu pequeno escritório na cobertura, procuro na agenda o número da residência dela, eu não gravei. Fica salvo nos meus contatos.

Faço algumas ligações de madrugada. Uma voz feminina atende, mas não é a Paola.

— Quem está falando? — pergunto.

— A mãe da Paola, seu número está salvo como chefe dela. Em que posso ajudar?

— Desculpa ter ligado tão tarde para a senhora, mas preciso falar com a sua filha!

— O senhor não sabia? — Ela abafa a voz, funga e demora um pouco para continuar. — Aconteceu um acidente, ela ainda está no hospital impossibilitada de fazer alguma coisa, a minha menina... — começa a chorar — foi acidentada.

— Mas... Quando foi isso?

— A mais ou menos dois dias!

— Impossível! Eu sinto muito, por favor me dê o endereço do hospital eu vou visitá-la assim que possível.

Anoto o endereço sabendo que a situação só piora, pois se não foi Paola que entrou naquela casa, só pode ter sido aquela maldita bruxa. Claro, claro que meu pai tem envolvimento direto nisso.

Retorno para sala e encontro os meus irmãos.

— Então? — pergunta Jandir.

— Nada. Podem ir, não precisam ficar aqui, vou tentar resolver isso. — Respiro com profundidade, tento voltar para minha racionalidade.

— Diz logo o que aconteceu! Ouvimos a conversa... — Raony persiste.

— Quer saber o que aconteceu? — questiono irritado. — Mathayus não transformou a Tris em humana, e agora ela está trabalhando para ele na intenção de acabar comigo, e a forma mais fácil de fazer isso é me deixando

sem minha fêmea!

Raony rosna, fica inquieto desde que ouviu o nome da bruxa.

— Mas que miserabilidade! Grace não pode saber disso, nunca!

— Como assim nosso pai quer matar você? — Jandir fica incrédulo.

— É assim que as coisas funcionam Jandir: Gael é um Supremo, que ele quer moldar para fazer suas vontades. Diferente de mim, que não estou mais disposto a acatar suas ordens cegamente.

— Não me diga! Ninguém vai moldar meu filhote! — Raony fala mais alto. — Ainda mais aquele maldito, não inclua Gael nisso! A culpa é toda sua, as merdas que você fez no passado, não me deixou ter dado fim na Tris, achando que estava no controle, quando na verdade quem sempre esteve foi ele! — Me encara com ódio. — Eu não vou permitir que destrua minha família trazendo esse maldito fantasma do meu passado.

— Se acalmem irmãos... — Jandir fica perdido em meio a fúria do Raony.

Adoto meu semblante inexpressivo, alguém precisa pensar com clareza.

— Não podemos lutar contra o Supremo, é contra a lei... E além do mais, ainda é o nosso pai — diz Marlon.

— Que se dane! Não vai fazer diferença se aquele velho estiver morto, não na minha vida. — Brada Raony.

— Marlon tem razão. — Pondero.

Tento acalmar o caçula trazendo-o para a razão, pois Raony está absorto com medo de alguma coisa acontecer com Grace e Gael.

— Você é um hipócrita! Até o dia em que ele matar sua fêmea. Porque não duvido que ele faça isso.

— Isso não vai acontecer Raony, se acalme — digo e recebo um soco ao tentar tocar em seu ombro.

Dou dois passos para trás segurando o queixo recém atingindo, que se deslocou um pouco e voltou para o lugar, solto um gemido de dor.

Eu que deveria revidar, eu que deveria estar fora de controle. Mas eu nunca me rebaixarei a esse ponto. Estou entorpecido na minha própria dor da ausência de Dandara e no medo de perdê-la para sempre, que cada segundo

que passa sinto que a minha criatura vai se libertar e criar algum tipo de destruição em massa, não posso machucar meus irmãos.

Eu os machuquei demais sem usar meus punhos, eles usam os punhos porque são melhores do que eu. Nunca serão capazes de me machucar de outra maneira.

— Vá para o inferno você e sua calma, seu infeliz! — Raony continua, Jandir se apressa em segurar ele. — Você tem noção na situação que me colocou? Vivi em paz todos esses anos achando que aquela vadia estava longe como uma humana, talvez até morta, sem lembrar da nossa existência, meu filhote e minha fêmea estão expostos aquela insana, por sua culpa!

Marlon se coloca na frente do meu irmão caçula e segura seu rosto demoníaco.

Eu nunca mais tinha o visto tão fora de controle, mas ele tem algo para proteger, e tem razão. Coloquei em risco sua família, tudo o que ele mais ama no mundo.

Marlon dá dois tapinhas em seu rosto, tentando trazê-lo de volta.

— Hei cara. Não vamos deixar que isso aconteça, Grace e Gael estão seguros enquanto tiver a gente por perto.

— Isso mesmo irmão, vamos resolver isso da melhor maneira possível. — Jandir solta seus braços. — Sem brigas, por favor. Vamos pensar no próximo passo.

— E qual seria? — pergunta Raony rindo em escárnio. — Eu voto a favor de matar o velho e a bruxa.

— As coisas são complexas demais para serem resolvidas assim. — Ainda tento convencê-lo. — Podemos até matar a bruxa, mas nosso pai, não. — Eu não vou deixar que eles se envolvam nisso, eu mesmo faço isso, eu mesmo vou matá-lo.

Raony continua rindo, completamente fora de si, ele sempre foi o mais intenso. O que mais se apegava às suas emoções, e se ele está assim é por medo de que sua família se machuque.

— Vamos nos acalmar, amanhã veremos o que vamos fazer. Peço que você, Jandir, cuide de Dandara, fique com ela na mansão por favor, não a deixe sozinha.

— Ela está doente? — pergunta ele.

— É o que parece, vou investigar sobre isso também.

O telefone do Raony toca, Grace Jane, ele se afasta para atender, depois de alguns minutos retorna mais calmo.

— Grace disse que Dandara não dormiu, acordou cedo para ir cuidar da obra no celeiro, e a viu arrumando as malas também.

Essa notícia me desespera.

— Ela vai embora! Não vai nem me dá chance de explicar nada.

— Nesse caso irmão não há nada para ser explicado, mas perdoado e isso não é algo fácil de perdoar, mas ela o ama, e o perdão é uma questão de tempo, seja paciente. — Jandir me dá um meio abraço. — Vamos cuidar uns dos outros e da nossa família, Raony volte para Grace e seu filho qualquer coisa estaremos aqui, o mesmo para você Marlon. Vou passar na minha casa para pegar algumas coisas antes de ir para sua mansão.

— Obrigado Jandir, por favor, faça ela comer alguma coisa, e a incentive a descansar e...

— Deixa comigo. Até breve. — Ele zapa.

Raony faz o mesmo sem se despedir, Marlon me deu uma breve boa sorte. Vou precisar muito disso.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Ele anjo - Demônios reais

Mais cedo recebi a ligação da mãe de Paola informando da sua melhora, eu estive trancado na minha cobertura, e pela manhã me olhar no espelho não foi nada agradável, meu rosto está abatido e a barba cresceu, aparei ela e fiz o melhor que pude.

Já fazem quatro dias que para mim é mais que a eternidade longe da minha fêmea, não consigo dormir direito e meu coração arde no peito, em uma ansiedade, inquietude, abafamento e solidão. E sem contar a tristeza e o medo que também deve partir dela.

E até agora Jandir disse que ela não sente mais nada, que ela afirmou que toda vez que passa por algum momento emocional seu corpo tem reações diversas.

Embora, aparentemente, ela não tenha sentindo mais nada, não sei... há alguma coisa que não se encaixa.

Por conta disso pedi uma varredura nas suas últimas consultas médicas.

Isso me assusta, me enlouquece, me sinto tão impotente, medo de que alguma coisa de ruim esteja acontecendo, ou aconteça com ela.

Mas Jandir tem razão eu preciso ser paciente com ela.

Ela disse que me ama, vou acreditar no nosso amor, vou acreditar que essa mágoa vai passar.

E por causa da maldição, não posso burlar essa parte. Preciso dela, sinto falta dela com cada pedaço do meu ser.

Estou arrependido, se eu pudesse voltar no tempo não teria a mesma atitude mesquinha, eu a cobriria de amor, a aceitaria do jeito que ela é. Porque depois que a conheci. Ela é perfeita para mim do jeito que é, não mudaria nada.

Bom, só sua teimosia...

Jandir me trouxe algumas coisas da mansão, Dandara não me atende, acho que nem toca mais no celular.

Meu maior medo é que ela se vá. Engraçado... Fui expulso da minha própria mansão que no momento ela ocupa.

Aguardo do lado de fora do quarto de Paola, com um arranjo de flores que comprei e logo após que uma enfermeira sai eu entro.

Paola está sentada na cama, me dá um sorriso desconfortável.

— Você está péssimo, eu fui acidentada, mas acho que sua situação é pior que a minha.

— Oi, trouxe essas flores. Onde posso colocá-las?

— São lindas, obrigada. Ali por favor. — Mostra uma mesa com um urso de pelúcia.

— E como você está? — pergunto, e passo a analisá-la. — O que aconteceu?

— Foi um acidente no trânsito, mas agora estou bem, não precisava ter se incomodado.

— Por favor, não é incomodo nenhum. — Coloco as mãos no bolso. — Mas, me diga, recebi uma ligação do seu celular, que faria uma visita na minha mansão...

Ela franze a testa.

— Eu nunca fiz essa ligação, meu celular foi perdido, e nem deu tempo de conseguir o outro... O acidente sabe...

— Entendo.

— Pode ter sido a pessoa que encontrou, e você não reconhece minha voz? — Bufo, e ri.

— Então me enganei, eu sinto muito por tudo isso, de coração. Desejo que melhore logo.

Eu não me enganei, era a voz da Paola.

Ela assente, passa a mão no cabelo, seus lábios estão ressecados e ainda há marcas do acidente em sua pele.

— E o motivo do seu estado é a Dandara?

— Não. Eu mesmo...

— Humm. — Morde o lábio.

— Acho que vou me ausentar do projeto, preciso ficar um tempo com minha família.

— Não se preocupe com isso, não vai haver mais projeto. Não vou construir mais cidade alguma.

— Mas como assim? — Sorri. — Rudá? Você não pode estar falando sério.

Sim, estou.... Aquele maldito vai se arrepender por ter tirado Dandara de mim.

— Eu preciso ir agora, qualquer coisa estou à disposição.

Beijo sua testa antes de sair, agora tenho certeza absoluta que Paola não tem envolvimento algum nisso, mas meu pai e a bruxa.

Dirijo de volta e ao chegar na minha cobertura encontro Jandir deitado no meu sofá.

— Irmão bem na hora! — Ele se levanta, um tanto empolgado. — Vamos.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não fique preocupado, só vamos passear um pouco. Você não pode deixar se abater, aquela fêmea teimosa precisa de você, mas não desse jeito,

ok?

— Humm. Ok Jandir. —Deixo-o me conduzir pela sala.

— Vamos para um lugar legal. Um programa de irmãos. — Toca em meu ombro e juntos zapamos para o lugar que ele tanto quer me levar, sua casa, nas montanhas.

— Mas aqui não é Santa Maria? Achei que não podia ficar na cidade... Então quer dizer que já posso vê-la?

— Não se empolga irmão. Aqui, nesse lugar é a fronteira entre cidades, então você está próximo à Santa Maria, mas não nela.

Fico na sua varanda observando a floresta, o desfiladeiro, e o vento voraz sacudindo as árvores, e ao mesmo tempo tudo é tão calmo.

— Por que me trouxe aqui?

— Vamos passear! — diz empolgado. — Quanto tempo faz que você não fica na sua forma? Que não caçamos, corremos pela floresta... E depois mergulhamos em um rio.

Tigres e ursos são bons nadadores, e antes... nossa, isso já faz um bom tempo... Eu e ele fazíamos isso juntos, embora nossa relação seja muito básica, diálogos mais diretos. Nos damos bem da nossa forma, com a nossa distância.

— Vai ser um prazer, estou precisando espairecer um pouco.

Acompanho ele para o lado de fora, indo em direção à floresta. Ele mora em uma casa bem construída por ele mesmo, pois é... Jandir tem um lado muito habilidoso, ele é dedicado e foi escolha dele se afastar do mundo e viver de modo mais simples.

Tiro o meu suéter em seguida a calça, fico totalmente despido.

— Não se preocupe não há ninguém por aqui, as pessoas das casas abaixo da montanha têm medo de vir aqui. Eu assustei muitos deles para manter eles longe. Arranhei as suas portas e janelas, mijeí nelas, e fazia barulhos para assustar.

— Deixou claro que não quer ninguém por aqui.

— Ainda tenho hábitos incivilizados.

Jandir se curva no chão se transformando em sua forma, um urso

branco, espaçoso, grandalhão.

E eu faço o mesmo, fico na minha forma de tigre, minha criatura de pelos claros, solto um rugido do mais profundo da minha garganta, liberando toda a minha tensão.

— *Vamos irmão, mais para frente tem um rio. Gosto de me banhar lá às vezes.*

Ele salta entre o terreno íngreme, tinha esquecido de como é ficar um pouco fora do controle, ser guiado pelos instintos, cheiros, sensações...

Dandara...

Afasto ela do meu pensamento, chegamos no nosso destino e Jandir pula no rio, me sento observando a cena, lambo minha pata...É, não posso me privar de certos hábitos.

— *Seu tigre metido! Não fique aí tomando banho com sua saliva, venha aqui, medroso.*

— *Eu não estou fazendo isso Jandir, só tirei uma sujeira no meu pelo, e não... você já é acostumado, mas sei que a água está gelada.*

— *Covarde. Aposto que nunca mais afiou suas garras.*

Jandir manipula a água do rio, criando uma tromba d'água, joga em minha direção, tento me desviar, mas fico completamente ensopado.

— *Jandir... Ainda sou seu irmão mais velho.* — Sacudo meu corpo fazendo a água saltar de mim em várias gotículas. — *Mas a propósito vou afiar minhas garras.*

Me direciono para uma árvore com tronco largo.

— *Não use essa daí é meu coçador. Uso para coçar minhas costas irmão.*

Me direciono a um tronco jogado no chão, perto do coçador de costas do Jandir.

— *Esse aí é meu assento e onde tomo banho de sol.*

— *Pelo amor de Oric! Qual é a árvore que você não usa nessa floresta Jandir? Preciso afiar minhas garras!*

— *Calma, calma, sem stress, sem stress.... pode usar essa aí do lado.*

— *Ótimo, é boa o suficiente para afiar minhas garras.* — Estico meu corpo no tronco, ficando apoiado apenas nas patas traseiras.

Começo a arranhar o tronco. Humm isso é bom, relaxante.

— *Esse é o meu mictório, meu mijador.*

— *Ah, que merda.* — Pulo para bem longe do tronco.

Jandir solta uma profunda gargalhada.

— *Estou brincando irmão, estou brincando. Não mijo aí.*

— *Você é um abusado como todos os outros.*

Fico inquieto olhando na direção que sei que me levará para a fazenda, algum quilômetro me separa dela, posso ir zapando.

Ainda posso senti-la. Quero minha fêmea de volta.

— *Jandir, eu preciso ir...*

— *Volte aqui irmão, não vá...*

Zapo sabendo que ele simplesmente pode seguir minha presença, salto no chão correndo, estou alguns quilômetros do campo de golfe, sim, reconheço minhas terras.

Avanço cada vez mais veloz, esperançoso, sinto a presença de Jandir perto de mim.

— *Não vá irmão! Sabe que não pode, não agora!*

— *Ela vai me ouvir, ela vai...* — Paro de correr para perguntar.
— *Espera. Já estamos em Santa Maria, eu consegui Zapar! Jandir, eu consegui, estou aqui... Isso quer dizer que ela não está mais com ódio de mim.*

Sou mais ousado e zapo para minha mansão, salto a piscina, me teleportando como um fantasma.

Estou fora de mim, assim que entro em casa sinto o seu cheiro, quase gemo, o meu coração vacila, ainda ponho em dúvida minha sanidade quando minhas patas grandes deslizam no tapete, subo as escadas.

— *Volta aqui Rudá!*

Não entendo o porquê Jandir não me quer aqui, chego ao seu quarto e avanço na porta com minhas garras, nós estamos em nossas formas, arranho,

e não quero acreditar que ela não está.

— *Ela se foi. Por isso consegui voltar para a mansão. Ela se foi!*

— *Eu sinto muito, eu não podia deixá-la aqui contra a vontade dela. Eu tentei argumentar, mas ela se foi.*

— *Tudo bem Jandir, obrigado. Você pode me deixar sozinho agora.*

— *Certo. Eu trago suas roupas depois. Por favor, se cuida.*

Ele zapa.

Jandir pode até tentar me proteger do sofrimento, mas ele é inevitável, zapo até o seu quarto, salto em sua cama que afunda um pouco com o meu peso. Estico meu corpo grande nela, aqui ainda posso sentir o cheiro dela de maneira mais intensa.

Acho que tigres não choram, mas ficam tristes, e minha tristeza não pode ser descrita.

Eu perdi tudo, perdi ela.

Da janela do quarto observo amanhecer, escurecer, amanhecer, escurecer... Até que não faço mais questão de contar.

Às vezes saio para ir no pé de manga, um dia desses assustei os trabalhadores, a obra no celeiro não parou e nem quero que pare.

Embora não possa fazer muita coisa em forma de tigre.

— *Ora, se não é o tigre depressivo que todos comentam...* — Reuel diz do outro lado da cerca, no meu campo de golfe. Em sua forma de pantera negra, com uma sacola que cheira a carne.

A sacola está suspensa pela sua boca.

Ignoro ele e continuo meu trajeto de volta para a mansão.

— *Vá embora Reuel.*

— *Eu trouxe carne. Da boa, deve estar com fome.*

Só de sentir o cheiro meu estômago se anima, realmente não lembro qual foi a última vez que comi, melhor comer alguma coisa ou vou incluir esses humanos em meu cardápio.

— *Tigre mal-humorado, vamos comer juntos.* — Ele joga a sacola no chão.

Abre a sacola com a boca.

— *Fresca, succulenta, crua...*

— *Eu não sou cego!* — digo para ele.

— *Fome deixa você com mau humor.*

— *Não zombe da minha situação.*

— *Não estou zombando primo* — abocanha um pedaço, mastiga sem modos algum. Bom, acabo de esquecer que estou na minha forma de tigre. — *Vai comer ou quer um garfo? Uma faca para cortar também?*

Rujo na cara dele.

— *Afs, não anda escovando suas presas, não é? Assim sua fêmea nunca vai voltar.*

— *Mas que conversa mais besta, ainda sou eu. Cale a boca!*

Pego um pedaço de carne, e como isso é bom, devoro em uma abocanhada.

— *Ufa. Que bom que está comendo, não vou correr o risco de ser sua preferência.*

— *Cala boca Reuel, não estou com humor.*

— *E ficar na forma de tigre ajuda?*

— *Me ajuda a não enlouquecer.*

— *Seus irmãos estão preocupados.*

— *Eles mandaram você vir?*

— *Há duas semanas.*

— *Estou assim a esse tempo todo?*

— *Percebe? É ruim ficar assim, vai acabar perdendo a noção do tempo... Mais ainda.* — Ele corta um pedaço da carne com sua garra. — *Quer esse ossinho da corcunda?*

— *Não. E que carne é essa que me trouxe? Tem um gosto diferente.*

— *Exótico, não é?*

— *Sim...*

— *É da minha criação de camelo.*

— *Imbecil.*

Ainda assim termino de comer.

— *Eu pensei... Rudá agora é criador de gado, não posso levar carne bovina, vai que fique viciado de alguma forma e destrua a fazenda da sua fêmea comendo todo o gado dela na sua forma de tigre.*

Novamente grunho, como ele é irritante.

— *Mas o que você quer?*

— *Que você pare de se fazer de vítima e vá à luta.*

— *Isso não é da sua conta. Obrigado, mas é melhor você ir...*

— *Quanto mais tempo ficar longe dela, pior...*

Enraivecido ergo a pata, acerto ele. Não consigo nem raciocinar direito.

— *Vá embora!*

— *Você me agrediu! Ainda somos civilizados!*

Não deixo que ele conclua, ataco ele com a boca e ele tenta se defender, mas para isso me ataca também, entre patadas e mordidas nossos corpos rolam no gramado, se atracando, causando destruição por onde passa, ele acaba ficando com raiva também e acaba me acertando para ferir.

Consigo imobiliza-lo, lançando meu peso por cima dele, cravando minha mandíbula em seu pescoço.

— *Eu avisei para ir embora!*

— *Vá se ferrar.* — Deixo um raio cair perto da gente, estou com tanta raiva, quero destruir, aniquilar... — *É isso aí, destrua tudo... Tudo o que construiu.*

O liberto das minhas presas, me afasto dele.

— *Eu já tentei inúmeras vezes ir até ela e não consegui, e não sei... Não sei como ela está.*

Ele salta do chão, e fica entre quatro patas, como se nada tivesse acontecido Reuel se espreguiça. Fingido. Não lutou comigo como devia, a intenção era me provocar.

— *Você precisa voltar ao normal, ou as coisas só vão piorar. Se não voltar ao normal, trarei carne de camelo para você comer todo dia!*

Ele anda até o meio do campo e desaparece. Não adianta voltar ao normal, pois tudo o que quero não vai estar mais lá.

Me concentro, fazendo uma nova tentativa para ir até ela. E não consigo.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

Ele anjo - Demônios reais

Retorno para casa, meu telefone toca, zapo até a cozinha e aguardo cair na caixa postal.

— Senhor Chandler, se está me ouvindo isso preciso que me retorne, é sobre minha filha, a Dandara, eu não sei... Desde que ela voltou ela não está nada...

Não o deixo completar, pois salto no balcão.

Por Oric!

Tinha até me esquecido que ainda estou na forma de um tigre, me transformo imediatamente, voltando para minha forma humanoide. Ainda bem que tomo banho na piscina todo dia, se não o meu cheiro não seria nada agradável.

— Oi Agenor.

— Graças a deus! Não queria incomodá-lo...

— Não é incomodo, o que aconteceu?

— Ela agora está trancada no quarto depois de deixar uma panela de água fervendo cair... Correu e se trancou no quarto.

— Por favor, vá até o quarto e coloque no viva voz. Deixe-me falar com ela.

Começo a andar no meio da cozinha, ansioso, nunca estive tão desesperado na minha vida.

— Já fiz isso.

— Agora o senhor pode sair por favor. Ela vai me ouvir?

— Sim, a casa é silenciosa, ela vai ouvir. Estou saindo.

Depois de alguns minutos em silêncio, tenho coragem para falar, sentindo imenso alívio dela ter ido ficar com o pai.

— Amor me escuta, você não precisa me perdoar, mas por favor me deixa ficar perto de você, cuidar de você. Dandara, eu sei que errei e eu sinto muito, preciso que me perdoe, eu sinto tanto sua falta...

O silêncio prolongado do outro lado da linha desfalece minha feição, até que ouvi um som arranhado. Eu preciso ouvir sua voz. Não vou desistir, ainda tem muita tenacidade dentro de mim.

— Dandara? Sei que está aí. Eu posso ouvir sua respiração. — Engulo em seco. — Fala alguma coisa... Você me disse que não era para me manter afastado das pessoas que considero importante. Você é importante para mim.

— Eu não quero falar com você. — Ouço sua voz fraca.

Levo a mão na cabeça, é tão bom poder ouvir sua voz novamente.

— Você já está falando comigo linda, e se pegou nesse telefone é porque quer falar comigo. Não me torture, esses dias todos já foram uma grande tortura.

— Eu sinto muito, não foi nada fácil para mim também, mas... — Pausa e ouço um fraco lamurio. — Às vezes me perguntava porque não zapou em nenhum momento.

— Dandara, escuta, eu preciso que você permita, preciso que me queira por perto.

— Você mentiu... — Sua voz saiu chorosa. — Por que você fez isso

Rudá? Se divertiu fazendo isso comigo? Como posso querer você por perto? Eu não consigo... Não apenas por isso é que...

Seus soluços se tornam mais evidentes.

— Você sabe que não. Substitua tudo pela parte que te amo, que você me ama, pelas coisas que vivemos, faz isso por nós, vou até você, eu vou agora até você.

— Não sei se consigo. É por isso que você não veio?

— Não posso ficar perto de você, quando você quer o oposto.

Zapo até meu quarto com o telefone.

Continua em silêncio do outro lado da linha, corro para o banho bem demorado, escovo os dentes, me atento ao telefone, mas ela ainda não diz nada, só deu tempo de vestir a calça jeans.

Chamo por ela, mas continua sem responder.

Tento zapar ao seu encontro e finalmente eu consigo.

Dandara deixa o telefone cair na cama, atordoada, desfalecida, perdeu um pouco de peso, e ela está sentada, noto sua perna com uma mancha vermelha, provavelmente da água quente que caiu. Nítido seu sofrimento, até mesmo falta de disposição para tentar me afastar dela, gritar, me xingar...

— Minha linda... — Me ajoelho, envolvo sua cintura, beijo seu ventre encontro um bom refúgio em seu calor e perfume. — Dê fim a esse sofrimento, me diga o que está acontecendo.

— Não tem como dar fim ao meu sofrimento, só está começando. Não queria que você soubesse. Na verdade, eu não queria que me visse assim, achei que demoraria mais, que teria mais tempo com você.

Ela continua chorando e isso está arruinando com a minha sanidade, ergo a cabeça e suas lágrimas caem até em meu peitoral, vejo minha fêmea, enfim, como ela estava por dentro.

— Vamos passar por isso juntos. É sobre sua saúde, não é?

— Esclerose lateral amiotrófica.

Por Oric!

A aperto mais contra mim, esfregando meu rosto em seu ventre, me levanto e sento-me ao seu lado, ainda muito próximo dela, ela usa um dos

seus shorts curtos e uma das suas camisetas folgadas.

— Me perdoa, preciso do seu perdão.

— Eu já te perdoei... os médicos disseram até três anos, achei que teria tempo... Não posso odiá-lo, não faria sentido algum, entre meu passado e futuro, quero viver um futuro livre de qualquer mágoa, ou peso. E também eu te amo, antes de qualquer coisa, meu sentimento é verdadeiro.

— Foi por isso que voltou para a fazenda?

— Eu tinha acabado de descobrir, queria voltar para o único lugar que tive como lar de verdade. Foi ridículo, eu sei... Pois lá sempre foi seu lar, não o meu.

— É nosso...

— É um tipo raro, que nenhum médico consegue me dizer com clareza o que vai acontecer comigo. Três anos foi o que eles disseram, mas sinto que as coisas estão indo rápido demais. Não estava em meus planos me apaixonar, quando comecei a projetar o celeiro encontrei um último objetivo de vida. Depois eu me apaixonei, e então queria que o meu projeto paraíso fosse perfeito, para quando eu partir de alguma forma você possa se lembrar de mim.

Envolvo seu rosto de maneira delicada, massagueio sua bochecha corada.

— Você não vai morrer. Isso não vai acontecer, acredite em mim, e tão pouco vou deixar você com essa doença.

— Não me iluda Rudá, por favor... — Sua voz está rouca, olhos inchados e ainda jorrando lágrimas. — Ela vai me consumir aos poucos.

Claro que não vou aceitar isso. Ela não vai desistir, nós não vamos desistir.

— Tem coisas que você ainda não sabe, mas passou da hora de saber.
— Toco em seus lábios de leve, me arrependo de não ter sido mais transparente com ela, porém tive medo dela não aceitar os termos, para ser livre de qualquer enfermidade. Um filho esse é o preço. — Volta para casa comigo, deixa eu cuidar de você.

Ouçõ passos do lado de fora, sinto a presença do pai dela.

— Quero ficar com você, e se fui embora... Se o mantive longe não foi

por raiva, só me apeguei a oportunidade de colocar um fim no meu sonho, você se tornou isso para mim, um sonho. Estava cada vez mais difícil esconder... Às vezes acontece. E sei que vai piorar.

Como pude não pensar nessa possibilidade? As cólicas, as dores no corpo, a perda da coordenação, câibras musculares. Dandara deixavas as coisas cair com frequência, mínimas, ela sabia disfarçar. Sempre disfarçava seus desconfortos.

— Não vai se livrar de mim. — A beijo, suspirando, venerando a maciez dos seus lábios, seu gosto. — Eu sentia que havia algo de errado, mas a partir de agora não vamos esconder mais nada um do outro. Vou levar você para casa.

— Mas e minhas coisas?

— Não vai precisar disso, lhe dou tudo novo.

Ela ri.

— Você às vezes é excêntrico, não pode me mimar assim. Eu vou pegar o conjunto de joias que você me deu.

— Tudo bem, mas seja rápida.

Ela vai até seu armário e pega a caixa com o conjunto de joias.

— Papai vai desconfiar do meu sumiço.

— Deixa que eu resolvo isso.

Pego sua mão a beijo, zapo com ela até a mansão, diretamente para o meu quarto, ela nunca entrou aqui. Acomodo ela na cama debaixo das suas reclamações.

— Vamos cuidar dessa perna primeiro. Já volto.

Nada diz, seu semblante é muito tristonho eu sei o quanto ela odeia ficar parada, principalmente sendo cuidada por mim. Ligo para o Marlon me ajudar com o pai de Dandara, ela disse que zaparia na mansão daqui a quinze minutos tempo o suficiente para tratar a perna dela.

Zapo de volta para o quarto, e ela está bisbilhotando.

— E então?

— Não há bolhas na sua perna, venha aqui, vamos colocar em água corrente por alguns minutos. — A guio até o banheiro e ligo o chuveiro,

deixo a água com a temperatura ambiente cair.

— Coloque a perna aqui.

Entrego a toalha para ela.

— Obrigada.

— Eu vou resolver alguns assuntos já volto. Descanse até eu voltar.

Me mantenho firme perto dela, mas minha situação também não é nada boa, Marlon zapa na minha mansão. Absorve tudo o que eu digo com um ar de desconfiado, mas me ajuda a consertar as coisas com o pai de Dandara, fazê-lo acreditar em uma realidade diferente, que ela simplesmente voltou comigo, saímos pela porta da frente. Só tinha Agenor em casa e isso foi o suficiente.

— Ele está bem? — pergunta Marlon.

— Vai ficar.

Quando volto a encontro deitada ainda na minha cama, agora vestida apenas com sua camiseta e calcinha.

— Sente alguma coisa agora?

— No meu corpo nada além da queimadura, mas minha mente não para.

— Precisamos conversar — tiro meus sapatos, ficando apenas de meia, me deito ao seu lado na cama, afago suas costas — sobre a maneira mais fácil de você ficar curada.

— Seu povo encontrou a cura para essa doença? — Ela se vira na cama, nossos rostos estão próximos um do outro.

— Não linda, não ficamos doentes. Não somos como os humanos, mas é sobre eu e você. Não quero que sinta pressionada sobre o que eu contar. — Ela assente. — Cada um de nós temos uma predestinada, chamamos de fêmea perdição, sabe a Grace? Ela é a fêmea perdição do meu irmão caçula, assim como Desirée é do Marlon...

— Interessante. Um tipo de alma gêmea? E você também tem a sua? — Desvia o olhar dos meus por alguns momentos. — Quer dizer que não vamos ficar juntos?

— Impossível isso amor, as fêmeas nascem destinadas a serem nossa, precisamos dela para manter nossa linhagem, nosso povo tem um número

reduzido de fêmeas, sua raça é importante para nossa existência. — Ela permanece imóvel, serena, ainda sem saber onde quero chegar, acho que a possibilidade de ela ser minha ainda não passou pela cabeça dela, então sou mais direto. — Você é minha Dandara, a minha destinada. A fêmea que ficará ao meu lado para sempre, minha rainha.

Ela ri, ainda sem acreditar diz:

— Mas isso é loucura, eu não tenho cara de rainha. — Continuo sério, aguardando ela entender que não estou brincando. — Céus! Nunca ia imaginar isso. Não entendo porque logo a sua veio com defeitos. — Passa a perna em torno da minha. — Tem certeza que sou eu, lindo?

— Você não é defeituosa. E sim, tenho certeza absoluta linda, e me surpreende não sentir nada da nossa ligação.

— O que quer dizer?

— Nada de diferente depois que mordi você?

— Está falando da nossa última noite juntos? Aquela mordida gostosa? — sussurra no meu ouvido. — Antes disso o lugar que você deixou essa marca estranha vivia formigando perto de você. Tem algo a ver?

— Sim.

— Então... Foi agonizante ficar longe de você, podia sentir sua falta de maneira intensa.

— Hummm.... Conte mais.

Envolvo sua cintura, seu corpo fica colado no meu, roço o nariz em sua testa.

— E tem também a parte dos sonhos quentes... Da necessidade de tocar em você, às vezes o sonho era tão real. Mas isso quer dizer que eu serei curada de alguma forma?

— Você precisa se tornar como eu, para isso precisa renunciar sua vida. Com o tempo as pessoas próximas a você vão desconfiar que não envelhece, e também tem...

— O que?

— Minha forma original, não sou humano.

— E qual é?

— Sou híbrido, meio demônio e meio tigre.

— Uau... eu quero ver! Me mostra, por favor?

Não parece ter medo. Pelo contrário, ficou extasiada com a ideia.

— Agora não..., mas tem outra coisa também... Para você se tornar imortal precisa gerar uma criatura mística.

Ela franze a testa.

— Você quer dizer um filho?

— Sim amor, precisa ter um filho, tenho certeza que isso vai dá certo, e isso tem que acontecer antes que sua doença avance. Há muitas coisas para serem explicadas, mas por agora a prioridade é livrar você dessa doença.

Ela se afasta, um pouco perdida sei que é muita coisa na cabeça dela.

— Eu sinto muito, isso não envolve apenas minha cura, mas ter uma criança com você. Eu te amo, mas ainda assim... Não quero que você esteja antecipando uma etapa da sua vida por mim.

— Eu já vivi bastante tempo, acredite, não estou antecipando nada, na verdade esse é o momento perfeito para mim. É um sonho ser pai, ainda mais você sendo a mãe.

— Vamos tentar.

Encosto minha testa na sua, sabendo que ela não vai mais carregar nenhum sofrimento sozinha, que é capaz de ter esperança. Nosso filho vai ser isso. Nossa esperança.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

Ele anjo - Demônios reais

Quando me formei pretendia voltar para a fazenda da minha tia, e lá usar todo o conhecimento na minha área, claro que as coisas iam demorar mais, pois minha tia não é tão rica como Rudá.

Uma queda repentina, e alguns outros sintomas, me fez querer fazer alguns exames antes de voltar para a fazenda.

Fiz exames e a notícia de ter uma doença degenerativa e progressiva me deixou fora de mim. Saí daquele médico como se todos os esforços de anos naquela faculdade, para tentar dá uma vida melhor para o meu pai, e até mesmo para mim, foram inúteis.

Esforços depositados inutilmente, pois ELA é uma doença cruel que destruiu todos os meus planos, tirando cada gota de esperança, pois quanto mais pesquisava, via os casos, nada! Nem uma gota sequer de esperança.

Não podia retornar para casa e ser um peso morto para meu pai. Logo ele que torceu tanto por mim, eu amo meu pai pela liberdade que ele me deu.

Pela confiança. Uma pessoa que sempre acreditou em mim, mesmo sendo do jeito dele.

Não merece ver sua filha sofrer, definhar antes de morrer paralisada em algum leito, me senti sozinha e com muito medo.

E o único lugar que queria estar sempre foi essa fazenda. É muito difícil de explicar o momento em que pensei em voltar para cá, uma sensação confortável de proteção. De que aqui teria tudo para passar o restante da minha vida.

Eu não esperei muito, comprei as passagens de avião, sem dizer adeus a ninguém. Pois nenhum deles me entenderia, e meu pavor de que eles soubessem que a Dandara fanfarrona estava com uma doença que não tem cura, me fez esmorecer.

Rudá, ainda tem ele, não pensei em me apaixonar, cheguei aqui com a lembrança de um demônio que fodeu com minha vida no passado, e acabei encontrando um amor que eu nunca tive.

E sem contar que ele me devolveu a esperança.

Me acomodo na cadeira vendo-o cortar uma melancia, com o telefone no viva voz conversando com alguma estilista. Inventou que eu preciso de roupas novas, eu disse que seria mais fácil comprá-las.

Mas vou deixá-lo...

Não quero mais brigas entre a gente, desde que me apaixonei tive a necessidade de ficar em paz com ele, e meu maior medo era contar a verdade, me tornar um peso em sua vida.

Agora tudo mudou.

Ainda há esperança.

Nem acredito que daqui há alguns meses serei mãe...

É...

Muita coisa para absorver.

— Está docinha. Vou cortar um pedaço para você. — Ele diz, franzo o meu nariz.

— Obrigada.

— Vai precisar de mais alguma coisa? Já encomendei novas roupas,

coisas de higiene e se quiser é só pedir.

— Ou eu mesma posso comprar.

— Não vai sair sozinha. — Reviro os olhos, ele morde um pedaço da melancia. — Pedi para alguém ficar aqui cuidando das coisas. Ajudando você no que precisar, às vezes vou precisar sair.

— E quem? Não é arriscado manter outros humanos na mansão?

— Não linda. Ele não é humano, o Ructon aceitou porque disse que gostou muito de você.

— A raposa?

— Sim.

— Eu também gostei dele.

— Sem boates, se comportem.

Cruzo os dedos prometendo.

— Quando ele virá?

— Em breve.

— Obrigada por não interditar as obras no celeiro. E vou amar a companhia da raposa, mas por favor não comece a me tratar como uma inválida.

— Não farei isso, mas temos que tomar certos cuidados até ficar curada — traz um pedaço de melancia em um prato —, até termos o nosso filhote.
— Beija minha testa. — Hoje eu tenho uma reunião.

— Eu tenho que monitorar as obras no celeiro.

— Sabe que não precisa ficar indo lá direto. Eles estão conseguindo fazer o trabalho deles.

Rudá senta-se ao meu lado, corta um pedaço da melancia com a faca e me oferece. Abro a boca e provo.

— Realmente está docinha.

— Sabe eu pensei sobre o galpão, sobre o abatedouro, podemos ir além. Podemos abrir uma franquia de açougues, não apenas com carnes, mas com vinhos sugestivos que combinem, molhos...

— Isso seria incrível. Porém muito trabalhoso.

— Teremos muito tempo para fazer isso com calma.

— Mas e o seu projeto? — Passo a mão em seus cabelos. — Você vai ficar sobrecarregado...

Fita meus olhos.

— Não vai mais haver projeto — fala adotando um tom mais ríspido.

— E por que não?

— Porque a pessoa que colocou aqueles papéis para você ver, precisa pagar de alguma forma.

— E essa pessoa é seu pai? — Isso é óbvio, desde que aquele homem esbofeteou ele, não gosto dele.

Imagino que ele seja a única pessoa que quer prejudicá-lo.

Na época não dei muita atenção devido a nossa briga, no entanto, as coisas mudaram. Eu tenho que ficar ao seu lado, tenho que apoiá-lo.

— Sim amor, há coisas que você precisa entender, eu preciso explicar que no nosso mundo cada raça fica responsável pelo seu clã, mas algumas se sobrepõe às outras, a minha é uma delas. Minha família, nossa linhagem, precisa de um Supremo, nesse caso eu nasci um. Não apenas por ter sido o primeiro filho, mas por ser o mais forte entre os meus irmãos.

— Acho que entendi. Mas não entendi porque vai desistir de tudo, se você é um rei ou futuro rei esse projeto beneficiaria seu povo, certo?

Rudá se levanta da cadeira, vai até atrás do balcão e eu permaneço aguardando sua resposta.

— Meu projeto sim, mas meu pai tem outros planos para ele. Enquanto penso em dá mais conforto, colocando nossa raça em um lugar separado, isolado e tendo um pouco de liberdade. Embora eles ainda vão continuar transitando como humanos, nas cidades dos humanos... Meu pai quer criar uma cidade para subjugar outras, a humanidade. Se revelando e até mesmo criar uma guerra.

— Isso seria péssimo.

— Sim. Eu não concordo com isso, portanto, não sou mais seu favorito ao trono ele quer o Gael.

— Mas ele é só uma criança!

— Isso é mais complicado do que imagina. Se os humanos descobrirem que algumas humanas nascem nossa predestinada, alguns deles podem fazer mal para elas.

— Algum grupo religioso, algum cientista louco... vocês seriam perseguidos.

Ele lava as mãos. Com o rosto sereno, embora saiba que está escondendo suas reais emoções.

— Mas não se preocupe com isso. Agora eu tenho que ir, Ructon vai ajudar você com o almoço e com o que precisa.

— Tudo bem. Posso usar algumas roupas suas? — pergunto, me levanto para dar um abraço antes dele partir.

— Use o que precisar. — Afaga meu cabelo. — Qualquer coisa venho até você, não abuse do seu corpo Dandara.

— Certo.

Ele desaparece.

Vou até o celeiro ver como estão as coisas, os funcionários estão trabalhando normalmente. Antes de ir embora expliquei várias coisas, não é algo que preciso me envolver diretamente, os alicerces estão sendo erguidos, há várias máquinas em torno da fazenda, matérias, uma zona de construção.

Sorrio para Calebe o responsável pela obra, não quero ficar enchendo o saco dele todos os dias.

Ele não é amador e não é o primeiro galpão que ele constrói.

Volto para mansão tendo em mente que preciso comprar os animais, mas isso não pode ser agora, preciso de uma grade para os funcionários trabalharem cuidando do celeiro.

Hoje acordei sem dores, não contei nada para o Rudá, mas sinto que a cada dia as coisas não ficam nada bem.

Ructon desce de um fusca rosa, Grace Jane acena do carro para mim.

— Cheguei! — Ele suspende uma sacola. — Trouxe o nosso almoço, Grace que preparou.

— Valeu!

Ele usa uma bermuda e camiseta com estampa floral.

— E o tigrão está em casa? — Prende os lábios, travesso e ansioso pela resposta.

— Não, ele saiu.

— E não vai voltar tão cedo?

— Sim!

— Então vamos assaltar sua adega — rimos —, mas se der merda a culpa vai ser sua, duvido que ele fique bravo ok?

— Hei, não! — Dou uma tapinha em seu ombro. — Mas duvido que ele volte agora, então vamos escolher um vinho que combine com a comida da Grace.

— É lasanha... — Ele diz.

Entramos na mansão, ele deixa as sacolas em cima da mesa na sala de jantar.

Descemos até a adega que fica no porão, paramos diante da porta com senha.

— Eu sei a senha — digito a data do meu aniversário.

— Seu aniversário está perto. — Ele diz antes de entrar na adega.

— E como sabe que é meu aniversário?

— Porque sei, e também sei que os três machos que conheço idolatram suas fêmeas e família, portanto é fácil saber a senha deles. A data de aniversário dos filhos e da fêmea.

Sorrio.

— Então o que acha que combina com lasanha?

— Eu poderia dizer que qualquer um desses vinhos caros me faz feliz. Sabia que tem vinhos que custam mais de vinte mil reais, aqui mesmo nessa adega?

— Uau...

— Mas serei bonzinho, vou pegar o mais barato, um tinto mais encorpado. — Traça o dedo nas garrafas nas prateleiras. Assobia e diz: — Esse aqui, é mais velho que sua avó. Se ela estivesse viva, claro.

— Conheceu minha avó?

— Não bobinha... — Pega o vinho, saímos da adega, fecho a porta. — Ele vai saber que estivemos aqui. Vamos almoçar?

— Tudo bem.

— Depois tomar banho na piscina?

— Ok.

— Ah estou adorando bagunçar a toca do tigre. Mas ele vai se vingar de você querida, se prepare.

Rio, ele esquentou a lasanha no micro-ondas, o cheiro inunda a cozinha.

A lasanha está uma delícia, depois fomos para a piscina, ficamos na espreguiçadeira tomando sol, mesmo estando de roupas.

— Não tem biquíni ou Rudá jogou todos eles fora?

— Eu deixei na casa da minha tia.

Liguei para papai assim que acordei, disse que estava tudo bem e Rudá o convidou para me visitar quando quisesse, mas sinceramente odeio ficar presa em algum lugar, sem poder sair para onde eu quero.

— Por que não pega uma sunga do tigrão?

— O que? Isso seria péssimo, terrível até para mim. Não me dê essas ideias...

— Então toma banho pelada, está calor.

— Quer me ver pelada por acaso?

— Não! Acredite, te acho linda, gostosa, mas minha atração por mulheres é só depois de seis meses, agora só macho.

Estico minhas pernas, sentindo um pouco de câibra.

— Então você só fica com mulheres metade do ano.

— Isso. Então vai tomar seu banho em paz. Olha vou até sair, vi alguns operários lindos ali, suados e musculosos... — Morde o lábio. Se levanta da espreguiçadeira. — Daqui a pouco volto.

Sai rebolando, fico a sós na piscina, com vontade de tomar um banho, não há ninguém, leva uns quinze minutos até que finalmente tomo coragem para começar a me despir.

Me jogo na piscina pelada do jeito que vim ao mundo, mergulho o mais

fundo, fico um tempo sentada dentro dela. Gosto do silêncio, nado de uma borda até a outra.

E na última vez que tento fazer isso meu corpo estremece, uma câibra potente trava meu corpo, eu não entendo que diabos está acontecendo, não consigo nem me debater, meu corpo inteiro atrofia, afundo de maneira gradativa, tentando manter pelo menos meu sistema respiratório sob controle por alguns minutos até que consiga retornar ao controle do meu corpo.

Mas estou muito apavorada o que dificulta, solto o ar dos pulmões tentando gritar em desespero, mas tudo piora ao beber mais água, choro e continuo tentando me mover.

Não tenho controle sobre meu corpo, isso é desesperador, coberta por um medo avassalador, de morrer aqui, de maneira estúpida, tomando um banho na piscina pelada.

Meus olhos ficam turvos, mas vejo a sombra rente a piscina que pula nela, outra pessoa também. Não consigo olhar na outra direção, mas Reuel nada até meu encontro.

Ele é veloz, tanto quanto a pessoa que me segura por trás, esse toque tão familiar me leva para a superfície.

Solto um grito de dor, angústia, respiro com desespero.

— Estou aqui... vou fazer isso da forma menos dolorosa possível. — Rudá, me abraça antes de morder meu ombro, sua presa afiada perfurar minha pele, meu corpo que antes estava inerte desperta algumas reações, poucas, agradáveis, lembro a última vez que ele fez isso fiquei tão excitada que gozei fazendo sexo anal. — Estou tentando amenizar sua dor, linda. — Ele lambe onde mordeu. — Reuel saia, ela está despida.

— Eu não sabia.

É tudo o que escuto antes dele envolver meu corpo em seu colo, zapar para a fora da piscina.

— Está com dificuldade de falar?

Respiro antes de responder.

— Não.

Beija minha testa antes de zapar, novamente, voltamos para o mesmo

lugar, o quarto dele.

Olho o teto com moldura de madeira, cama grande, lareira... E choro, já tendo esse lugar como um confinamento, pois a situação se agravou de maneira muito rápida.

— O quão raro a sua doença é. Eu andei pesquisando tanto. — Passa a mão no cabelo, estou molhada, mas ele não se atenta a isso, pois me cobre com os lençóis.

— Não a nada que possa ser feito, temos que esperar, vai passar. — Consigo mover minha mão e tocar levemente na sua.

— Sim, eu vou ficar aqui. — Se deita ao meu lado, molhado também, começo a bater os meus lábios. — Que história é essa de nadar pelada? — Pode fazer uma pergunta boba para me distrair, mas não consegue esconder sua preocupação.

— Tudo começou com um vinho... O vinho da sua adega.

Ele enxuga minhas lágrimas esperando que eu continue a falar, começo a narrar, tomando novamente o controle do meu corpo aos poucos.



CAPÍTULO VINTE E SETE

Ele anjo - Demônios reais

Vou sentir um prazer inenarrável quando arrancar a cabeça da maldita bruxa, eu observo os operários arrumarem suas coisas, guardando equipamentos, dando fim a mais um dia de trabalho.

Reuel partiu, pedi para Ructon cuidar dela, porém não disse que Dandara está doente e o conhecendo, ele não deve ter levado muito a sério o pedido de ficar ao lado dela.

Sibilo, passo a mão nos meus cabelos que necessitam de um corte, encaro o céu, zapo para o quarto novamente para ver como ela se encontra, vestida com um suéter, sua silhueta curvilínea, voluptuosa, coberta nos lençóis.

Zapo para o hall, abro a porta e saio à procura dele, atravesso o campo de golfe, passo pelo lago ladeado de pedras, indo para o fim da área usada da fazenda, para a cortina florestal que cerca a fazenda. É onde seu cheiro fica mais forte.

O primeiro a sair da trilha é um humano, vestindo sua camisa, depois Ructon com o sorriso mais cínico diz:

— Me achou! — Cobre o rosto. — Estou morrendo de vergonha por ser pego trepando no meio do mato, por você, se fosse pelo meu senhor nem tanto, mas por você, o severo tigre. — Zomba— Não me olhe assim! Só foi uma trepadinha...

— Me poupe dos detalhes. Não quero saber o que faz da sua vida — empertigo o cenho —, mas disse que não era para deixar Dandara sozinha.

— Certo, sinto muito, mas ela é bem grandinha e não precisa de babá. E não vai te trair, macho ciumento.

Bufo, o encaro zangado, ele recua e fica confuso.

— Ela está doente, Esclerose Lateral...

— Meu Oric! Como eu ia saber?

— Quero que me ajude com isso, você que estudou medicina, sei que isso não a impede de ter um filho...

— Mas isso tem que ser antes da doença avançar, de qualquer forma, assim que ela engravidar fica curada — fica pensante —, mas isso que dá, humanos ficam doentes, Oric não pensou muito nisso em deixar seus filhos destinados a criaturas frágeis, mas enfim...

Caminhamos de volta para a mansão:

— Há outra coisa também, a bruxa Tris voltou, meu pai a colocou dentro da minha casa fazendo uma armação, pode aprontar mais coisas, preciso encontrar aquela bruxa antes disso. — Continuo a andar rápido e com passos firmes.

— O meu senhor deve ter ficado puto.

Ele contorce o lábio formando um bico, tem a aparência bem jovem. É o mais novo, mas assim como nós também tem seu tempo de vida, mais longo que os humanos, mas envelhecemos. Mathayus é um grande exemplo disso.

— Eu posso tentar rastrear a bruxa, mas não posso ficar com Dandara e fazer isso....

— Tudo bem, esses dias ficarei aqui, mas seja rápido, tenho que

resolver muita coisa. — Me esquivo do lago.

— Primeiro ir para a Rússia, meus parceiros estão lá. Vai ser mais fácil com a ajuda deles.

— Meu jato está a sua disposição.

— Eu vou saber aproveitar.

— É sério Ructon. — Grasno, fazendo com que ele abra um sorriso.

— Eu sei, e sinto muito pela sua fêmea. Gosto dela, minha parceira. — Pisca. — Vou ligar para meu senhor vir me buscar. Fui.

Reviro os olhos e zapo.

Chego ao meu escritório, faço uma ligação para confirmar a chegada das roupas dela para amanhã, ligo para meu sogro informando que ela se encontra bem. Disse que ia nos visitar assim que possível.

Em breve será seu aniversário, vou lançar a proposta a ela de fazer um jantar para comemorar. Será bom ver seu pai.

Gael zapa do lado de fora no corredor, ouço o som de um guinchar, depois do bater na porta, não na porta do meu escritório, mas no meu quarto. Antes de zapar até ele para avisar que a tia dele está descansando, Dandara abre a porta deixando ele, e os gêmeos entrarem.

— Oi tia viemos te visitar. Esse aqui é o Wilker e esse Elder. — Apresenta os primos mais novos.

Além do meu suéter ela usa o meu calção, lança um sutil sorriso para os meus sobrinhos, numa tentativa falha de esconder seu desconforto por usar minhas roupas.

— Oi, sejam bem-vindos. — Arruma o cabelo. — Me sinto honrada em receber a visita de três príncipes.

Levanta o olhar para mim, com o ar de que não sabe o que fazer.

Os gêmeos estão com macacão jeans, combinando.

— Oi — Elder diz.

— A gente vai visitar o tio Jandir, e não é aqui Gael. — Wilker protesta puxando a barra da camiseta do primo.

— Fique quieto seu chato. Depois a gente vai — Gael afasta as mãos do

Wilker — eles não curtem sair por aí.

— Eu não. Eu gosto — Elder protesta — Wilker que não, porque é feioso.

— Cala a boca Elder! — Wilker empurra o irmão, com as emoções oscilando, dificultando de controlar suas habilidades e de manter sua forma oculta.

— Para Wilker, está virando demônio de novo — zomba Elder, fazendo uma careta — vai assustar tia Danda.

Elder se afasta, dá um giro repentino, aparvalhado, e se bate em mim, que até agora estava ocultando minha presença deles.

Elder esbugalha os olhos e se apegando ao primo mais velho.

Lanço um olhar duro para os três.

— Não podem aparecer sem avisar, sua tia precisa descansar.

— Eu estou bem Rudá... — se volta para os filhotes — querem comer alguma coisa? Acordei morrendo de fome.

E possivelmente com desconfortos, seu rostinho está muito abatido.

— Não. Não, obrigado. — Recusa Wilker. — Tio Jandir já chamou a gente para lanchar na casa dele.

— Vamos antes que a comida acabe pessoal — Elder diz.

O garoto tem um ar maldoso, áurea bem mais obscura que a do Wilker, embora Wilker seja o demônio não o lobo, mas as personalidades parecem ter nascidos em corpos opostos, Wilker é o descontrolado, mas ele é mais compassível que o irmão.

— Digam adeus pirralhos, vamos para casa do tio. — Gael segura as mãos dos dois, os gêmeos ainda não sabem zapar, nessa idade Gael já fazia muita coisa.

Todos se despedem, antes de desaparecer do quarto.

— Isso que é ser filhote de criatura mística, não deve ser fácil ser pais deles — comenta Dandara.

— Não se preocupe amor, tigres são mais fáceis de lidar.

— Não um tigre meio demônio. Mas vendo eles, deu vontade de

enfrentar esse desafio.

— Podemos começar... Agora, se quiser. — Brinco segurando sua mão, a beijo. — Você quer comer algo, vamos.

Zapo com ela até a cozinha, procurando alguma coisa para fazer.

— Eu ajudo — diz.

— Não, senta aí.

— Vou começar a organizar algumas coisas que faltam no celeiro...

— Pode fazer isso depois de comer. — Pego o pão integral, começo a preparar um sanduíche para ela. — Quer algo mais elaborado?

— Isso vai ser ótimo, deixa eu te ajudar. — Lava as mãos, pega a faca para cortar o queijo. — Eu sei fazer estrogonofe sabia?

Corta o queijo e fazemos dois sanduiches, sentados à mesa. Momentos como esses me faz querê-la para sempre ao meu lado, como um bom macho protetor quero garantir sua segurança, também não formalizamos nenhum relacionamento, abro o meu sanduíche e derramo mais molho.

— Quer namorar comigo? — pergunto.

— Que romântico. Pedido de namoro com sanduíche de queijo — fala entre risinhos. — Sim.

— Então estamos namorando, isso quer dizer que a noite posso pedir você em casamento, certo?

Ela se balança em um riso, quase se engasga, peço para ir com calma. Que só estava brincando, entretanto, muito em breve colocarei uma aliança em seu dedo.

— Se vamos ter um filho juntos, casar para mim não será tão assustador como pensava.

— Pois é, a ideia é maravilhosa.

— Mas preciso terminar o celeiro e a ideia de preparar uma cerimônia de casamento, não me agrada muito, majestade. Imagino que por ser um rei a festa tem que ter todas aquelas presepadas, certo?

Limpo o molho ketchup na borda da minha boca com a língua.

— Terá todas as regalias, um casamento de contos de fadas, rainha.

Rimos.

Dandara suspira esperançosa, esse momento para mim é o melhor de todos, o amor dela me preenche de várias maneiras possíveis.

Não posso imaginar uma esposa melhor, uma mãe melhor que ela, com o tempo ela vai pegar o jeito sobre muitas coisas, ela não precisa se preocupar com nada, dinheiro, lar, amor, estou aqui para suprir tudo isso. Mesmo acreditando que ela vai continuar trabalhando na fazenda, porém não mais como funcionária, mas como dona disso tudo.

Comemos, lavamos os pratos, e ficamos na sala assistindo algum filme aleatório, não me lembro de ter usado essa TV da sala para assistir algum filme, ela escolhe um filme de terror. E acaba sendo engraçado em várias partes, enquanto ficava apreensiva, ou xingava com os sustos.

— Isso não me assusta nenhum um pouco, amor. É engraçado uma mulher que escala pés de manga, escala a casa até o segundo andar, ameaça uma fera com uma enxada tenha medo de algo assim.

— Hei! Nunca ameacei você com uma enxada.

— Sei...

Toco em seu rosto, a beijo de leve nos lábios, meu celular começar a tocar, depois de mais de uma hora e meia de filme.

Dandara dá uma espiada na tela, eu apenas ignoro a ligação.

— É a Paola.

— Ela sofreu um acidente, deve ter ligado para avisar que já saiu do hospital. Depois retorno.

— Ela está bem?

— Sim. Fui visitá-la, uma única vez enquanto você me dava um... Como vocês dizem? Um gelo.

— Foi frio o suficiente? Aprendeu? Superou? — Ela ri.

— Tenho um lado vingativo linda e já planejei minha vingança.

Franze o nariz, rindo, nos beijamos. Já é fim de tarde, uma perfeita tarde.



CAPÍTULO VINTE E OITO

Ele anjo - Demônios reais

Quatro dias foi o suficiente para Ructon encontrar o possível local onde a bruxa vive, não muito longe, mas na cidade vizinha, em uma casa comprada alguns meses por um proprietário desconhecido.

Por conta disso deixei Dandara na fazenda, pedi para Jandir fazer companhia a ela, já que Dandara se recusa ficar em repouso, mas inquieta, em constante movimento pela fazenda.

Mas isso era de se esperar, e essa doença cruel a faz sofrer, sei o quanto fica aflita pensando na possibilidade de não se mover mais.

Dirijo ansioso com Ructon no banco ao lado, com a janela aberta, e fumando um cigarro.

Chegamos à propriedade, em uma área mais distante do pequeno vilarejo.

É daqui que ela anda observando os meus passos?

Não vai escapar de mim tão facilmente, estou pagando pelos meus erros, eu sei, devia ter escutado Raony e matado a bruxa. Nada que eu não possa fazer agora.

Com paciência espero Ructon bater na porta, ela não fugiu, sinto sua presença dentro da casa.

Abre a porta, quase escancarando, me direciona um sorriso presunçoso.

— Podem entrar, estava aguardando vocês. — Ela pisca. — Oi Rucinho... sentiu minha falta?

— Oi garota maldosa, que não cansa de ser o centro do tumulto. — Ructon joga a bituca do cigarro na varanda. — Tive que viajar para Rússia para encontrar você aqui.

Ele é o primeiro a entrar, a casa é simples, pequena, com uma sala com a cozinha dividindo o mesmo ambiente, e mais duas portas que imagino ser o quarto e o banheiro. Ao contrário do Ructon que se senta de imediato, eu não me sento.

Fico em pé com uma postura rígida.

— Olá, majestade — faz uma reverência patética — a que devo a honra da sua presença?

Continua com um tom de zombador, conservo toda a minha paciência, solto uma respiração áspera, eu não sou Raony, não vai me fazer perder o controle.

— Você e meu pai trabalham juntos, isso eu sei, sei que ele está tentando me matar e a melhor forma de chegar até mim é através de Dandara...

— Isso mesmo! — Me corta.

— E sei que ela não ficou doente. Então seja lá o que tenha feito com ela, resolva logo isso.

— Eu bem que queria, mas estou trabalhando para o seu pai. E ele já me paga muito bem.

Não a deixo concluir, paraliso seu corpo, ela me encara chocada, Ructon pula do sofá e se esgueira perto da porta, escondendo seu corpo nela e

espiando com um sorriso travesso no rosto.

— Melhor não matar ela antes dela abrir o bico — diz ele.

— Você não pode fazer isso!

— Posso. — Ela tenta se soltar. — Eu não sou bruxo, mas sabe que qualquer artimanha que tentar não funcionara comigo.

Contudo, deixo apenas o corpo dela imóvel, seus olhos me encaram um pouco perplexos.

— Vocês lordes são tão covardes, eu odeio vocês! Odeio! Me mata logo de uma vez, eu não vou falar nada, não vou!

Pego um dos seus braços suspensos, seguro sua mão com suavidade pegando o dedo mindinho.

— Não vou matá-la até me dizer o que eu quero, até lá vou quebrar cada osso seu.

Em débeis esforços ela tenta se libertar do meu controle. Contorço seu dedo, ela grita, logo após o outro, mais outro, por fim quebro sua mão, o suor escorre no rosto dela, sem fôlego e com todos os indícios que está odiando a tortura e sofrendo com ela.

O que a faz poderosa é a sua magia, se não a usar, ela é uma loba qualquer.

— Não... Não posso! — Usa seu fôlego para gritar mais alto.

— Eu não quero ter que torturar uma fêmea, mas você não é mais importante que Dandara.

— Abre logo a boca maluca! — Fala Ructon mordendo os lábios.

Lanço um olhar duro, o que menos quero é alguém tirando meu controle nesse momento.

Fico atrás dela, desço a mão até a envergadura da sua espinha.

— Diga, o que fizeram com ela?

Ela cerra a boca, assobio um tanto possesso, fico fora de mim. Cada segundo que passo é fatal para Dandara.

Há um cheiro azedo na casa, e de ervas medicinais, vejo um altar com pedras, cristais e velas, e em meio a tanta bagunça meu olhar encontra uma

faca de serra, de aço inox. Isso vai servir.

Faço com que ela venha em minha direção, observo o metal que é resistente o suficiente para penetrar a camada da sua pele, espero alguns segundos antes dela entrar de vez, rasgando rente a sua espinha. A bruxa se contorce em dor, nada agradável devo admitir, mas é necessário.

— Eu vou... Eu falo.

A deixo cair no chão, vendo a funda ferida cicatrizar aos poucos, pego o lenço do meu bolso e limpo as mãos. Consciente que a toquei, que a torturei.

— Então? — Curvo a sobrancelha.

— Não está comigo, seu pai levou o objeto.

— Que objeto?

— O que contém a maldição, uma pequena adaga, com gotas do sangue dela. Eu amaldiçoei.

Isso me faz lembrar a cicatriz em seu quadril, da mulher misteriosa que a atacou.

— Não tente me enganar, você lançou a maldição, pode quebrar a qualquer momento.

Ela tira a blusa ensanguentada na parte das costas, ficando apenas de sutiã na minha frente, não me sinto desconfortável, ou perturbado por ela, embora seja uma fêmea bastante atraente, saber quem ele é me causa repulsa.

— Não. Não posso, há uma única forma da maldição ser quebrada que é destruindo o objeto, enquanto ele existir ela vai perder o controle dos seus músculos de maneira gradativa, uma versão minha de *ELA*. Tive que fazê-la acreditar que tinha essa doença, mas nem eu e nem seu pai imaginamos que ela voltaria para a fazenda!

— Impossível driblar o destino, bruxinha perversa. — Ructon sai de trás da porta. — Agora que a sessão de tortura acabou, temos que tratar isso com seu pai.

— Eu ainda não desisti da ideia de matá-la — digo.

— Não vamos matá-la até sabermos que o que ela fala é verdade. — Ructon continua. — Ela não pode fugir de mim. Mas se fugir vou caçar de novo, eu gosto disso.

Pisca para ela, a bruxa revira os olhos.

— Mas ainda vai morrer, viva o pouco tempo que tem sabendo que vai morrer. Pelas minhas mãos ou do Raony.

Zapo até frente ao meu carro no meio da estrada, aguardo Ructon vir correndo, de maneira destrambelhada, fico por alguns segundos pensando nas formas de lidar com essa situação.

E a única que me ocorre é matar Mathayus. Sei de todas as leis que vou infligir ao matar um Supremo, mas nesse caso é ele ou a Dandara, se ela morrer, obviamente, meu destino também estará selado.

E morrer sabendo que tudo aquilo que construir, que os nossos mundos ficarão em ruínas nas mãos de Mathayus é algo ruim, péssimo.

Não apenas para o nosso povo, como para os humanos. Nossas fêmeas.

Ele é egoísta e inescrupuloso, vai pagar caro por ter tocado nela, Dandara é inocente nisso tudo e em pensar que ela sofre, sofreu todo esse tempo acreditando que tem uma doença que nunca teve.

Preciso me livrar dos dois.

Garantir um futuro para minha espécie e minha família, pois todos serão afetados, incluindo Raony, Gael, Grace...

— Quer que eu dirija, meu senhor?

— Melhor Ructon, obrigado.

Dou a volta no carro, deixo que ele dirija estou com os pensamentos tão absortos que não me importei dele ouvir suas músicas barulhentas.

Quando chego na mansão, Dandara e Jandir fazem a janta, toca uma música baixa de *MPB*, *Palavras ao vento*, ela cantarola descascando algumas batatas, ao me ver abre um sorriso amistoso.

Beijo sua testa.

— Oi irmão.

— Olá Jandir, obrigado por ficar aqui com ela. — Vou para trás do balcão tentar descobrir o cardápio. — Cozido de carne.

— Bom, vou tomar um banho e desço para ajudar vocês.

Zapo até meu quarto, vendo o meu closet aberto com roupas ainda

embaladas em sacos, de Dandara. Inclusive ela veste seu shortinho curto na cozinha.

Se ela se sente bem ficando assim, que seja...

Tomo um banho, me cubro com uma toalha e zapo até a área de serviço, jogo a roupa na máquina de lavar.

Ao lado há um cesto com as minhas roupas sujas que o serviço de limpeza leva para a lavanderia.

Vejo algumas roupas de Dandara do lado de fora no quintal, em um varal improvisado, até mesmo algumas roupas minhas estão estendidas.

Ela lavou? Por que ela lavou minhas roupas?

— Dandara! — Chamo antes de zapar até a cozinha. — Amor, você não pode lavar minhas roupas e nem as suas quando se tem alguém para fazer isso.

Ela dá um risinho ao me ver apenas de toalha na cozinha.

— Desculpe, não há muitas tarefas domésticas para fazer aqui. E cozinhar... Não é ainda algo que eu saiba fazer direito.

— Não se preocupe com isso.

Jandir continua assobiando enquanto corta os temperos, mais focado na música que toca do que em nossa conversa.

— Eu tenho que me preocupar, vou ser mãe.

Não se eu quebrar a maldição antes. Não quero que torne algo que ela faça por obrigação, para garantir sua sobrevivência. Portanto, mais um motivo de quebrar logo essa maldição.

— Vai ficar tudo bem. Não se canse à toa. — Me acalmo, ela baixa o olhar e continua a descascar as batatas. — Hei, que carinha triste é essa?

— Nada. Você esconde algo de mim?

— Por que acha isso?

— Acho que sei quando tem algo errado.

— Humm, já está me conhecendo a esse ponto. Estou gostando. — Pego uma mecha do seu cabelo.

— É sério...

— Muito em breve teremos uma conversa, mas fique tranquila.

Volto para o quarto, visto minhas roupas e quando desço Jandir se foi, porém deixou o cozido de carne com arroz no fogo.

Dandara disse que vai tomar um banho, foi um dia cheio, minha mente se encontra exausta, novamente estou lhe causando algum sofrimento, se ela não fosse minha fêmea estaria vivendo saudável.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

Ele anjo - Demônios reais

Rudá disse que precisava conversar comigo, mas esses dias ele anda saindo com frequência, e eu acabo me distraindo com os afazeres no galpão, meu telefone vibra, leio e é uma mensagem dele me dizendo que vai almoçar em casa hoje e que vai trazer o almoço.

Não falta muito para a hora do almoço, estou aqui pensando no que fazer caso engravidar não dê certo, claro que já tentamos, tivemos relação depois disso, mas até agora nada.

Acho que ainda está cedo demais para isso, para saber se estou grávida.

Retorno para a mansão, vou para o nosso quarto e tomo um banho, Rudá e eu dividimos um closet, ele disse que isso tudo é temporário, até a gente ter um quarto de casal não mais um de solteiro que ele adaptou, e sinceramente estou achando tudo ótimo.

Escolho uma calça *jogger* cintura alta e uma camiseta bem colada no

corpo, essas roupas eu comprei pela internet. Me maquiei tentando camuflar essa cara abatida, não consegui dormir direito e tentei fingir que estava tudo bem embora Rudá me perguntou algumas vezes se estava tudo bem. Menti.

Separo os nossos pratos e talheres para o almoço, ligo o som deixando tocar algumas músicas aleatórias.

Rudá zapa na cozinha.

— Cheguei na hora. — Ele coloca as sacolas em cima do balcão, seus cabelos estão desalinhados, e um pouco úmidos com o cheiro fresco de um recente banho. — Culinária italiana, pode ser?

— Amo.

Beija meus lábios. Ajudo ele a colocar a comida em cima da mesa, ele trouxe um risoto, a aparência não me atraiu muito e só me fez lembrar do Jandir, com certeza ele diria que isso parece um vômito, mas o gosto não é ruim.

— Gostou?

— É uma delícia. Mas estou muito curiosa sobre o que queria conversar comigo.

— Sobre eu sair quase sempre, eu estou à procura de alguém, meu pai — diz servindo mais vinho em minha taça. — Eu descobri que você não está doente, eu fiquei um tempo tentando achar uma forma de lhe contar e seria melhor quando estivesse encontrado ele e terminado de vez com seu sofrimento.

Esses dias peguei-o muito triste pelos cantos, tocando piano, sempre quando voltava de algum lugar.

— Como assim não estou doente?

— Você está sob um feitiço, meu pai fez isso com você.

— Mais isso é impossível! — Fico pasma, bebo mais vinho. — Deus, isso é terrível!

— Eu sinto muito Dandara, sinto muito porque boa parte disso é culpa minha, você é a última pessoa que merecia pagar por algum erro que cometi.

Meu amor está vencido e sem conseguir olhar nos meus olhos.

— Não é culpa sua — pego sua mão em cima da mesa —, sei que não é.

Você é a última pessoa no mundo que penso que um dia vai me machucar.

— Estou tentando reverter essa situação. Estou procurando por ele todos os dias, estou disposto a fazer qualquer coisa para quebrar esse feitiço.

— Beija minha mão com carinho passa sobre seu rosto, pela sua barba. — Não consigo dormir direito e sei que você também não, está sofrendo, sente dores, e nenhuma medicação vai amenizar isso.

Há uma raiva contida em suas palavras.

— Eu fico feliz em saber que não tenho *ELA*. — Suspiro. — Mais feliz ainda em saber que há esperança para mim. Portanto vamos lutar. Me diz, o que preciso fazer?

— Só descansar!

Bufo em protesto.

— Não. Eu tenho certeza que posso fazer mais alguma coisa.

— Eu vou matá-lo Dandara, essa é a única forma de conseguir sua cura, ele não vai me dá, pois ele quer que eu morra, e sabe que você é tudo o que me mantém vivo.

Isso é triste, saber que ele vai matar seu próprio pai, não sei como funciona as regras do seu mundo que passou a ser o meu mundo também desde que estamos juntos.

— E caso você o mate quais as complicações?

— Não se preocupe com isso. Só quero deixar você a parte das minhas decisões.

— Tudo bem. As garotas estão vindo aqui hoje.

— Então vocês estão amigas... Fico feliz por isso, pelo menos vocês são as unidas na família.

Estico a bochecha dele e ele sorrir.

— Você vai se entender com seus irmãos também.

— Hoje também vamos nos encontrar, acho que juntos será mais fácil encontrar meu pai. — Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Você está linda, mas não gostou das roupas que encomendei?

— Eu gostei sim, mas vou usá-las em uma ocasião especial, gosto de ficar assim em casa.

— Ok. Vou verificar algumas coisas no meu escritório. — Se levanta.
— Você cuida dos pratos?

— Pode ir tranquilo.

Ele zapa, lava os pratos e ligo para Grace, apenas para confirmar que elas vão realmente vir, estou um pouco nervosa, já entendi que a família é bastante original e com problemas fora do comum, quero me adaptar o quanto antes.



Não vou deixar que eles se safem disso, a bruxa já está detida, e ela não faz ideia de onde o meu pai tenha ido, eu presumo que realmente ela não saiba. Ele não confia em ninguém.

Zapo até a casa de Jandir onde marquei uma reunião com os meus irmãos mais novos, agora Dandara já sabe o que aconteceu de fato com ela, não vou esconder mais nada dela.

A lareira está acesa, a casa de Jandir tem um toque muito rústico, a lareira com lenha é uma delas, ele atíça o fogo criando faíscas, aqui nas montanhas faz muito frio e a lareira deixa o ambiente mais aconchegante.

— Oi Rudá, você é o primeiro a chegar, sempre pontual — fala Jandir se levantando. — Quer um copo de conhaque?

— Não obrigado.

Ele vai até uma mesa e enche mais seu copo, Marlon e Raony aparecem um pouco depois. Ambos com seus filhotes.

— Tivemos que trazê-los, pois Grace e Desi foram visitar Dandara e disseram que não queriam os meninos por lá — explica Raony.

— Em outras palavras elas não podem participar da conversa, mas mandaram seus espões — fala Marlon.

Gael solta um riso em cumplicidade com os gêmeos.

— Vão passear garotos — ordena Jandir — de preferência se percam, depois encontramos vocês.

Saltitam para fora da casa, o sol ainda desce as colinas, me aproximo da janela e vejo os garotos correrem em direção à floresta.

— Se estou aqui é porque quero a bruxa morta — fala Raony. — Se quiser eu mesmo a mato.

— Temos que atrair nosso pai — digo. — Ele não vai sair do esconderijo, e sabemos que ele não se esconde por medo, mas para não entregar aquilo que eu quero.

Pelo menos hoje não aconteceu nenhuma briga ainda, e não acredito que eles estão aqui nesse intuito.

— E eu estou aqui pela Desi, ela tem uma ótima forma de me convencer. — Marlon se joga no sofá — Ructon não vai participar da reunião?

— Ele ficou de olho na bruxa — falo me sentando na poltrona no centro da sala. Cruzo as pernas.

— E como vamos atrair nosso pai? — Indaga Jandir.

— Usando o Gael — falo de maneira direta.

— Nem fodendo. — Raony rosna, só sei que ele ficou com raiva.

— Não vai haver planos futuros sem o Gael. — Continuo com o meu argumento.

— E o que pensa que vai fazer com o meu filho?

— Sabe quando o Gael abriu um portal para outro mundo e não sentimos a sua presença? — Lembro a ele.

— Não me lembre disso...

— É exatamente isso que vamos fazer, daí você vai culpar a mim, fazer com que o desaparecimento dele seja real — prossigo — então, pode matar a bruxa depois, ele vai saber do desaparecimento do Gael e virá me procurar, o único Supremo que restou, vou fazer um acordo.

— Vai parecer que você matou Gael... Isso é triste — fala Jandir.

— Seria mais fácil se Raony e a Grace não soubessem do seu plano... Sofreria mais, ia parecer real — Marlon diz.

— Daí Raony tentaria me matar, assim como Grace, seria um inferno contornar a situação, teria que lidar com meu pai e vocês ao mesmo tempo.

Me sirvo de um pouco de conhaque também, meus irmãos ficam em silêncio analisando meu plano, sei que é muito difícil confiar em mim. Essa é

a prova de confiança que preciso e ao mesmo tempo a forma mais eficaz para conseguir quebrar o feitiço de Dandara.

— Vamos tentar dessa forma então — Raony fala —, mas se alguma coisa der errado e Gael sair machucado, não preciso nem falar o que vou fazer.

— Quando isso tudo vai acabar? Desde a primeira fêmea nossas vidas é um constante tumulto, pelo menos vocês têm suas fêmeas. — Jandir fica mais sério. — Adoraria um tumulto desses, contanto que estivesse ao lado da minha fêmea.

— Eu prometo que depois que tudo isso acabar volto a procurar sua fêmea, Jandir — falo com firmeza. — Então depois de amanhã começaremos com o nosso plano, avisem as suas fêmeas, eu vou levar Gael comigo.

— E para onde? — Raony pergunta.

— Para o nosso mundo.

— E quebrar as regras? — Marlon diz.

— Sim. Há um lugar esquecido por nós, nossa antiga casa, o castelo onde crescemos. Está em ruínas, mas é seguro para ele ficar. — Garanto.

— E se o nosso pai estiver lá? — Marlon se levanta do sofá. Pega o celular, e ri para o que vê. — As garotas.

Mostra uma imagem na tela do aparelho, as três e ao fundo um espantalho em chamas.

— Nosso pai não vai estar lá. São minhas roupas nesse espantalho?

— É para você ir se preparando caso aconteça alguma coisa com Gael.
— Raony avisa, com um sorriso de satisfação na cara.

— A propósito, hora de buscar os filhotes — fala Marlon.

— Já estão voltando... — digo.

Da janela observamos eles correrem de volta, Elder empurrando Wilker, e Wilker retribuindo o empurrão. Assim que Gael zapa na sala, corre até a janela onde fica mais uma poltrona encostada, atrás de uma almofada pega um celular e diz:

— Oi mãe. Já posso desligar a chamada?

— Shi... Garoto saia de perto dos seus tios, agora eles já sabem de tudo.

— A voz risonha da Grace, eu escuto a gargalhadas das outras garotas. — E Raony precisamos conversar.

Grace desliga a chamada, Gael coloca o celular no bolso e diz:

— Ops. Foi mal pai.

— Gael estragou tudo papai — Elder reclama.

— Agora não vamos comer a torta. Afs. — Wilker faz um bico.

— É, elas sabem de tudo, não precisam contar nada... — Jandir pisca para nós.

— Deixe que resolvo as coisas com Grace — Raony diz, segura a mão do filhote dele, e zapam.

— Até, vamos filhotes, digam tchau para os seus tios.

— Tchau... — Os gêmeos falam em uníssono.

Restando apenas eu e Jandir, dou um tempo para eles buscarem suas fêmeas na mansão, depois me despeço de Jandir e volto para casa, encontrando a minha do lado de fora ainda, vendo o restante do espantalho de almofadas e minhas roupas queimar.

— Espero que isso não seja um tipo de feitiço que Grace lançou em mim — falo, envolvendo sua cintura por trás. Ela ri, distribuo beijos em seu rosto. — Vamos entrar.



CAPÍTULO TRINTA

Ele anjo - Demônios reais

Grace fez tudo parecer cruel quando segurei a mão de seu filho, ela relutou com o plano, mas sabe que é essencial, Dandara tomou um tombo debaixo do chuveiro ontem, e o corte na lateral da sua testa que não cicatrizou indica que ela ainda não ficou grávida.

Seguro a maçaneta desgastada da porta do meu antigo quarto, não há mais vestígio que alguém um dia habitou aqui, um lugar esquecido no tempo e em ruínas degradantes, o ar denso com poeiras e cinzas do mundo lá fora que vive em constante destruição, não é mais um mundo capaz de se recuperar, um lugar para se chamar de lar.

Deixo o portal aberto e Gael seguro no centro do cômodo vazio, as paredes estão rachadas incrustada com um tapete verde deixando em evidência o único sinal de vida, as janelas estão cobertas por plantas trepadeiras, essas estão sobrevivendo ao tempo, se regenerando, usando as últimas energias que provêm da terra.

Gael ajusta sua mochila, tem um saco de dormir, um livro, e seu cobertor de super-heróis.

— Você vai ficar seguro aqui, e venho te buscar assim que possível.

Me ajoelho e toco em seus ombros, confortando-o, mesmo se mantendo firme seus olhos ficam marejados, ele vai ficar longe da família por alguns dias e sempre que possível virei vê-lo, isso é cruel demais para um garoto. Entretanto, se eu morrer esse será seu destino, ser levado para um lugar qualquer e ser criado por seu avô, longe dos seus pais e de quem ama.

— Eu vou confiar em você tio, e outra coisa também, eu não vou estar sozinho, mas com o Bel e não contei do nosso plano para ele, não se preocupe. — Suas bochechas criam duas covas sorridentes.

— Fico feliz que seu amigo tenha voltado.

— Você disse amigo, não guardião. — Abre mais o sorriso. — Pois ele é meu amigo, e qualquer coisa peço ajuda a ele.

— Não Gael, qualquer coisa peça ajuda a mim, ou um dos seus tios, me entendeu?

— Combinado.

Bate continência, dá meia volta e escolhe um canto, ergue as mãos e usa suas habilidades para espantar a poeira do lugar, joga suas coisas em descaso no chão.

Seus olhos ficam em um tom avermelhado quando usa alguma das suas habilidades, fica na ponta do pé e toca na planta trepadeira na janela fazendo os galhos se moverem até o centro do quarto, que se unem a outra parede e a planta que antes não tinha quase vida alguma, criam algumas folhas, os galhos se tornam mais fortes, se abrindo e multiplicando até criar uma forma perfeita de um retângulo atravessando o cômodo.

— Você vai ficar bem — digo, com orgulho.

— Acho que vou dormir aqui em cima.

— Quero que prometa para mim que não vai sair desse castelo, pode brincar por ele, onde achar seguro, use seus instintos de lobo para isso. E use isso.

Pego a pulseira do bolso que Grace Jane fez, a mesma que fez para

esconder a presença dos machos, só que agora será o seu filho, ninguém será capaz de senti-lo aqui.

Ajudo ele a cobrir a sua cama com o saco de dormir.

— Pode deixar tio, eu prometo. Só vou redecorar o lugar, e aprender coisas novas com o Bel, tudo que eu preciso é...

— De um lugar longe dos humanos para poder fazer suas travessuras.
— Completo.

— Isso.

Ele salta em cima da cama, bate na testa em desgosto e diz:

— Ah, esqueci meus óculos! Da próxima vez traz eles por favor, mamãe vai saber.

— Você não precisa de óculos.

— É da hora, óculos escuros... — Revira os olhos. — Já pode ir tio, obrigado, daqui a pouco é hora do meu cochilo.

— Tudo bem, se cuide. — Solto um fraco sorriso para ele.

Atravesso o portal.

Sinto um peso em meu coração, pois não sinto mais ele ao retornar para meu escritório na mansão, fecho o portal por fim. Passo a mão na cabeça em um gesto desesperado, sinto o mesmo sentimento de perda que meus irmãos sentem, que os pais dele devem sentir agora.

É um vazio que sentimos quando perdemos quem a gente ama. Não imagino como vou me sentir se Dandara morrer. Isso não vai acontecer.

Eu posso não ser o pai dele, mas ainda temos uma ligação. Somos uma família e acredito que o Mathayus deve sentir isso também, a princípio vai acreditar na ideia que Gael aprendeu a esconder sua presença dele até a ausência do garoto persistir e ele virá até mim, ou até Raony para saber o que aconteceu.

Estamos esperando por isso.

Zapo até o quarto onde Dandara fica a maior parte do tempo, nesses últimos três dias a situação dela se agravou, Ructon disse que a bruxa mencionou apenas mais um mês, ainda tem essa maldita bruxa.

Passo a mão no rostinho adormecido dela, e sua expressão está

debilitada, pálida e sei que sente dor, ela tomou algum remédio para dormir, pego a caixa ao lado da cama junto com um copo de água vazio.

— Amor, você não pode tomar esses remédios fortes para dormir.

Sei que ela não quer sentir dor de alguma forma, é doloroso até para mim.

Não me conformo em vê-la assim. Beijo sua bochecha, sinto seu cheiro, tento manter minha mente e meu coração forte por Dandara.

Vou até o piano em meu quarto, fecho as janelas, acendo a lareira. Zapo até minha adega e pego o melhor vinho que possuo.

Valeria uma fortuna se eu tivesse algum interesse em vender.

Coloco duas taças sobre o piano e tiro a caixa com o anel do bolso, não há o melhor momento para pedir Dandara em casamento.

Não sei o que vai acontecer no futuro e por mais que eu seja otimista, vou continuar sem saber o que acontece no meu futuro.

Quero que ela saiba que tem a mim, ela me proibiu de falar com o seu pai, da mesma forma que não quer nenhuma comemoração em seu aniversário.

Toco a mesma música que tocava enquanto dançávamos no meu apartamento em Chicago, depois faço uma transição para *Garota de Ipanema*.

Quero que ela desperte do sono, quero tirar toda a sua dor.

— Esse é o melhor jeito de me acordar.

— Então vou acordar você assim todos os dias.

— O que são essas taças e romance todo? — Ela se senta na cama, ainda coberta com os lençóis.

Pego a aliança escondida atrás da garrafa de vinho para que ela não veja.

Ando até ela, me sento ao lado da cama, sabendo que não é o momento mais romântico do mundo, porém o mais especial de todos para mim.

— Dandara... — Pego a caixa e abro, com um anel de Diamante, há duas pedras nas laterais com diamantes também, e se assemelham com gotas.
— Casa comigo?

Ela fica completamente atônita, encara o anel depois a mim, ri e diz:

— Sim, eu aceito sim!

Pego sua mão um pouco fria, coloco o anel em seu dedo, deixo um beijo.

— Essa situação vai mudar, não se preocupe, eu te amo.

Ela me disse que estava triste com tudo isso, se sentindo culpada por mudar a rotina da minha família desse jeito, mas ela não tem culpa nenhuma.

— Eu também te amo.

Ficamos em silêncio nos abraçando, esse é um dos momentos que quero lembrar, entre outros mais que quero viver ao lado dela.



CAPÍTULO TRINTA E UM

Ele anjo - Demônios reais

Uma semana sem sentir a presença do Gael, e aquele infame ainda não se pronunciou.

Hoje o dia é de tempestade, riscam relâmpagos no céu, minhas emoções estão descontroladas, Dandara não dorme e não se alimenta direito, não consegue mais sair da cama, e olhá-la assim tão debilitada me deixa devastado, tento me manter firme ao seu lado, Ructon e Desirée a ajudam com o banho e os sintomas tem progredido de maneira rápida.

A maquete do meu projeto não passa de estilhaços no chão do meu escritório, a tempestade lá fora é reflexo do que sinto, quero tanto encontrá-lo e fazer ele pagar por todo sofrimento que está causando a Dandara e a minha família.

Zapo até a cozinha e esquento no micro-ondas uma sopa que Grace Jane nos trouxe, arrumo uma bandeja para ela.

Entro no quarto depois dela ter me mandado sair, pois ela tinha se

urinado, não conseguiu segurar a tempo de levá-la até o banheiro.

Ela está vestindo uma camisola, relaxo os ombros, me sento ao seu lado na cama, coloco a bandeja em uma mesinha redonda que peguei da minha sala de estar.

— Eu sinto muito por ter gritado com você mais cedo. — Envolver sua mão fria na minha, depois de ter gritado Dandara ficou taciturna, é um alívio que tenha falado alguma coisa agora. — Eu só não queria que me visse naquele estado.

— Não se preocupe com isso. Tente comer alguma coisa.

Odeio me sentir incapaz de tirar seu sofrimento.

— Eu ainda não vi você na sua forma, as meninas me perguntaram se eu tinha visto.

— Só se você comer sua comida, aí eu vou pensar. — Beijo sua mão, esfrego seu dorso com carinho.

— Vou comer tudo, passa para cá.

A ajudo ficar sentada na cama apoiando seu corpo, ainda não perdeu os movimentos das mãos, porém ela disse que não tem mais condições de andar.

— Eu ajudo você a comer.

— Não, por favor, me deixe tentar comer sozinha, acho que consigo. Eu não entendo como as coisas podem acontecer de maneira tão rápida, até um dia desses estava andando, agora... — Se esforça e engole o choro.

Observo ela comer com algo dentro de mim crescendo, uma raiva descomunal. Come de maneira lenta e ao terminar de comer, olha para mim esperando algo.

— Eu vou mostrar Dandara...

Tiro a bandeja de cima do corpo dela na cama, minha camisa em seguida minha calça, ela esboça um sorriso de pura satisfação e diz:

— Continua estou adorando.

Rio, mas fico de costas para ela para terminar de me despir, coloco as mãos no chão que começam a crescer e se transformar em patas, não sinto muito os efeitos da transformação, com o tempo a gente acaba se acostumando, mas imagino que os meus irmãos mais novos sintam algum

tipo de desconforto.

Ela arregala os olhos ao ver um tigre com chifres ao seu lado na cama.

Coloco as duas patas da frente sobre o colchão e controlo o peso ao deitar minha cabeça em seu ventre.

— *Você me deve um cafuné* — falo por telepatia com ela.

Ela ri e afaga bem perto da minha orelha.

— Mas como você é lindo, poderia se transformar em tigre e me deixar fazer carinho em você.

— *Ainda sou eu linda, não me trate como bicho de estimação.*

Me ignora ao pedir:

— Ronrona para mim.

— *Tigres não são ronronam...*

— Jura?

— *Sim...* — Me esfrego em sua mão, o carinho é muito bom, e causa uma sonolência agradável, podia ficar aqui o dia todo... — *Mas eu sei lambar.*

Minha língua grande e áspera passa a lambar seu braço, ela ri sem controle algum e é tão bom ouvir o som do seu riso.

— Eu vou amar ter uma tigresa ou um tigre.

— *Só podemos ter machos.*

— Pois eu vou ter uma fêmea, ou os dois. Não duvide disso tigrão.

Cheiro seu ventre sabendo que ela ainda não está grávida, se estivesse ela já estaria curada, feliz cuidando do seu projeto. Subindo em alguma árvore, cavando o meu campo de golfe...

— *Descanse amor.*

— Fique aqui ao meu lado, cabe nós dois nessa cama imensa.



Acordo durante a madrugada não sentindo mais meu tigre perto de mim, seu corpo peludo e quente tomando quase todo o espaço da cama, com olhos hipnotizantes me encarando até dormir.

Faz tempo que não dormia assim, não diria que foi o melhor sono de todos, mas conseguir dormir e ter um sonho bom.

Ele deixou minha cadeira de rodas próxima à cama.

Mas para onde ele foi?

Rudá não me deixa sozinha, quando não fica por perto pede para alguém ficar.

Eu o amo tanto, só Deus sabe. Ainda tenho fé que vou sair dessa, jamais vou me esquecer do que ele está fazendo por mim.

Ele é minha segurança, minha fortaleza.

— Rudá! — Chamo por ele, lá fora cai uma tempestade terrível, os sons de trovões me causam arrepios, algo não está certo.

Choveu sem parar o dia todo, estalo os lábios com o calafrio que me dá, minhas costelas estão doloridas, tiro forças não sei de onde para me apoiar na cadeira, ainda bem que meus braços ainda não paralisaram, quando não conseguir mais ficar de pé fiquei desesperada, é uma triste realidade, mas muitas pessoas estão se sacrificando por mim e não posso ficar me lamuriando pelos cantos.

Não.

Preciso ser forte por eles até o fim.

Eu sei que eles deixam claro para mim todos os dias que estão comigo.

E isso é algo que não tem preço, eu ainda não tive coragem de falar para meu pai que estou doente. Eu não...Não sei se ele vai aguentar, além do mais terei que envolver meu noivo e toda sua família, principalmente quando eu ficar curada.

Vão me questionar, e papai é muito alarmante.

O que menos preciso agora são de pessoas fazendo perguntas sobre nossa família.

Consigo me sentar na cadeira, mordo o lábio suportando as pontadas que se estende em várias partes do meu corpo.

Sinto falta da Grace Jane, sei que ela não quer me ver devido ao seu estado, pois sofre com Gael longe dela como qualquer mãe sofreria.

— Rudá!

Ele não responde e não zapa até mim, abro a porta do quarto, vou até o escritório e ele não está, apenas a bagunça no chão da sua maquete destruída.

Santo Deus.

Dou meia volta, vendo as escadas, meu grande desafio, choramingo.

Sinto aperto no peito, volto para o nosso quarto, já é tarde e eu sei, mesmo assim pego o celular dele, desbloqueio e procuro seus contatos, meus dedos deslizam até encontrar o contato de Grace Jane, quando estou prestes a fazer a ligação, de uma maneira estranha sinto sua presença por perto.

— Rudá?

— *Você acordou, não saia da cama.*

— Mas o que está acontecendo?

Ele não me responde, e isso me deixa mais aflita ainda, essa tempestade é estranha e repentina que não estava na previsão do tempo de ontem.

Agora assisto a previsão do tempo entre outras coisas, Rudá até tentou me ensinar xadrez, mas o professor é muito gato para prestar atenção em um tabuleiro sem graça.

Guio a cadeira de rodas até a janela do quarto, abro, deixando meu acesso livre até a sacada.

A chuva é torrencial, observo o movimento da fazenda, não sei o porquê estou fazendo isso. Entretanto, algo em mim se tornou diferente.

Posso sentir algo que não tem apenas a ver comigo, uma sensação de desconforto, perigo iminente.

Na frente da casa, há duas sombras uma eu consigo identificar de imediato, um tigre se sacudindo e em posição de ataque.

.

— Hei seu tigre mentiroso! Não pense em esconder as coisas de mim!
— Berro da sacada, chamando a atenção de ambos.

— *Entre Dandara.*

Pode está escuro e um pouco distante, mas imagino que essa outra pessoa seja o pai dele.

Isso é ruim!

Retorno para o quarto deixando um rastro no chão, estou completamente molhada, lábios trêmulos do frio.

Pego o telefone. Ligo para o contato do Jandir salvo no aparelho.

Ele demora para atender.

— Oi irmão, aconteceu alguma coisa? — Boceja. — Estou sem conseguir dormir direito...

— Sou eu Jandir. Acho que seu pai já está aqui, e Rudá e ele...

— Eu sei, eu sei. Se acalme. — A linha cai, resta apenas um barulho estranho, arranhado. — Já estou aqui.

Jandir zapa em meu quarto apenas de bermuda e um casaco grosso.

— Lá fora — digo agitada — ele não pode se machucar. Por favor não deixe ele se machucar.

— Não se preocupe, deixa que eles se resolvam, ou outros logo virão.

— Me leve lá para fora, por favor.

— Rudá me mataria... — Ele diz, não entendo porque essa confiança toda, não estou duvidando da capacidade do Rudá ou da sua força, mas ainda assim o pai dele é o Supremo. — Sabe essa tempestade toda é ele que está causando, Rudá vai conseguir lidar com isso.



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Ele anjo - Demônios reais

Salto, firmando minhas patas grandes na terra para não escorregar, a chuva não passa assim como minha raiva e a vontade de me vingar, rujo alto mostrando minhas presas afiadas para ele. Mathayus permanece se apoiando em seu cajado.

Eu estou com todos os meus sentidos alertados, sabia que ele viria, agora é a minha chance de pegar a adaga. Minha chance de libertar minha fêmea desse sofrimento.

— Você teve o atrevimento de matar o meu neto? Não sinto a sua presença em lugar nenhum...

— *Eu quero a adaga amaldiçoada Mathayus.*

Vou direto ao ponto, fazendo com que alguns raios caiam de maneira repetitivas na floresta ao nosso redor, a vegetação está completamente molhada, pois choveu o dia todo isso vai impedir que a floresta seja incendiada por eles. Meus olhos se tornam um clarão, meu corpo grande

de tigre é cercado por uma aura, um tipo de escudo translúcido em tons azuis.

Deixo evidente toda minha força através da minha aura sombria, mantenho o controle do meu lado demoníaco, pois a intenção é matar ele, apenas ele.

— Então foi por vingança — ele fala. — Mantenha seus raios e sua fúria longe de mim. Estou aqui para falarmos de negócios.

— *Não há mais negócio entre a gente. Me dê a adaga.*

— Darei a adaga, mas como você matou meu neto, só restou você para o trono. Darei a adaga se tomar o seu posto novamente, mas dessa vez fará as coisas da forma que eu desejar.

Continuo cercando-o e controlando a vontade de perfurar sua pele com as minhas garras afiadas.

— *Você é tolo, mesmo se isso fosse possível eu me tornando Supremo, você morrerá com minha ascensão ao trono, seu tempo no poder já passou, aceite isso.*

— Eu aceitei. Por isso você tem que ser o meu sucessor. Que fará as coisas de acordo com o que eu planejei.

Impaciente eu solto um novo rugindo mais alto:

— *Não, se não quer me dá a adaga eu arrancarei de você.*

Me posiciono para saltar sobre ele, e faço isso, salto alguns metros para perto dele, Mathayus zapa, e eu também, mesmo antes de aterrissar no chão, sigo sua presença, assim que ele toca os pés no chão enlameado minhas patas param perto do seu corpo, consigo atingir sua perna, e sinto um enorme prazer quando minhas garras rasgaram sua pele.

— *Velho decrépito, louco! Eu vou matar você e fazer pagar por todo sofrimento dela!*

Mathayus zapa novamente e quando reaparece já está na sua aparência demoníaca, o corpo mais raquítico, chifres curvos até a altura da sua orelha um pouco pontiaguda, enegrecidos e com algumas rachaduras e delas sai uma aura negra, poderia encurralar qualquer um com a dimensão do poder de um demônio velho, mas eu não recuo, pelo contrário avanço sobre ele.

— Não que isso vá acontecer, mas se me matar aqui jamais quebrará o

feitiço.

Seu cajado transforma-se em uma lança afiada, até crescer mais três pontas, como um tridente. Uma arma dos nossos ancestrais, eu particularmente nunca tinha visto, mas já ouvi falar, abaixo das três pontas está entalhado uma caveira.

Percebo Dandara e Jandir ficarem na entrada da casa, ela está encharcada, prestando atenção em mim e chorando...

— *Leve ela daqui Jandir!*

— Ela não quer irmão.

Continua a bater os lábios dizendo com um olhar desesperador para que eu não continue, mas isso não vai acontecer. Eu quero que Dandara viva, saudável e feliz, e o único jeito para isso é eliminando esse maldito.

Meus outros irmãos mais novos zapam na minha mansão também, porém Raony trouxe algo em suas mãos, a cabeça da bruxa, ele joga a cabeça no chão que sai rolando, usando a telecinese faz com que ela se mova até onde Mathayus está, parando perto dos seus pés.

— Você sempre foi um depravado Raony — diz ele, Raony continua com a satisfação pairando em seu rosto. — Deveria ter cuidado do Gael, a propósito que tipo de complô é esse?

— *Os seus filhos estão aqui para assistir sua morte.*

— Não me surpreende. Vocês também vão tentar me matar?

— Essa briga não é nossa — diz Marlon cruzando os braços.

Ructon saí das sombras e fica ao lado de Dandara, tira seu casaco grosso e cobre ela. Agradeço por isso.

Acho que todos estão de acordo que preciso matar o velho. Mesmo que isso tenha consequências severas para mim.

Eu preciso da adaga, e já sei onde ela está, Raony soprou algo em meu ouvido, sobre o que descobriu torturando a bruxa.

O alvo é o tridente.

Aproveito a distração dele e jogo o meu peso de tigre, e para impedir que ele zape mantenho um escudo de fixação, uma habilidade que eu e Jandir herdamos para mantermos o nosso alvo no mesmo lugar.

Rolamos no chão, com ele tentando me acertar com o tridente, até que consegue, a lança perfurou perto da minha caixa torácica, solto um bramido com furor, pois estou em um frenesi incontrollável.

Os raios caem cada vez mais próximos da mansão, o som do trovão chega a ser ensurdecedor, mantenho Mathayus no chão sob meu peso, afundando seus ombros na lama, minhas garras já deixaram vários riscos em sua pele que fez sua camisa ficar manchada de sangue e lama.

— *Eu quero a lança.*

— Tente tirar de mim!

Seus olhos se tornam em um tom mais negros, sinal que alguma habilidade vai usar, o chão estremece e de alguma forma ele se livra do meu escudo, me dá um soco tão forte a ponto do meu corpo ser lançado a alguns metros de distância, aterrisso, derrapando no chão, mas não caio.

Não posso desistir.

Zapo retornando, mas ele some, persigo sua presença e novamente o alcanço, abocanho seu braço o qual ele segura o tridente, fico satisfeito com o meu desempenho. Entretanto, a lança começa a flutuar para longe de mim.

— Seu insolente. Nunca vai conseguir me vencer.

Ouçõ Dandara gritar por mim, mas ignoro, tento me concentrar, tenho duas escolhas correr atrás da lança e fazer o que ele quer, ou simplesmente aproveitar sua confiança para cravar minhas garras em seu peito, penso rápido e em questão de segundos solto seu braço, e faço que vou zapar atrás da lança, porém mudo o rumo das coisas ao dar um giro repentino, usando meus reflexos atinjo o seu peito com força, os olhos dele esbugalham totalmente surpreso ao ser atingido.

De maneira eficiente alcanço seu coração.

— *Eu posso te matar, pois sou um Supremo. Eu sempre fiz tudo o que você queria ela era a única coisa que eu desejei, a única coisa!*

Ele alinha os lábios, sei que sente dor, minhas garras são grandes o suficiente para causar sofrimento a ele.

— Você não entende, a profecia não mente, são dois reis no trono, não um...

São suas últimas palavras antes de eu afundar mais minha pata em seu peito, rugindo na cara dele.

Dois reis?

Ele se iludiu que Gael ia reinar ao lado dele, nunca ouvi falar dessa tal profecia.

Não tenho tempo para comemoração, faço o tridente caído ao chão vir até onde estou.

Me concentro no corpo inerte dele mais dando os últimos suspiros, só para garantir faço cair um raio, depois outro, e vários outros seguidos destroem o cadáver.

Me agito, vibro meu corpo tentando me livrar dos pelos úmidos. Mas é ineficaz, a chuva não passa.

Coloco a pata sobre a lança, cheiro à procura de algum indício do feitiço na lança.

Meus irmãos zapam até onde estou.

— Eu analiso o artefato — diz Ructon.

Mas onde está Dandara? Não vou retornar até ela, até saber que tudo acabou.

Ructon acha uma trava na caveira e uma das três pontas do tridente se solta, há um cabo com uma joia em tom rubro, entendemos que é a adaga amaldiçoada contendo o sangue da minha fêmea.

— *Vou destruí-la.*

Ructon lança ela no ar, mas não consigo destruir a adaga deixo-a cair no chão.

— *Não consigo.... Eu não consigo.*

— Deixa a gente tentar irmão. — Jandir também tenta.

Não consegue também, logo em seguida os outros também tentam.

— *Não, não, não! Tudo é inútil!*

Me desespero, ando de um lado para o outro. Não faz sentido algum, só então tenho coragem para olhar para minha fêmea, ela está desmaiada na cadeira de rodas, porém viva, sinto sua energia vital muito fraca.

O tempo está acabando.

E eu não...

Meus irmãos se dão por vencido, sinto a tensão nos seus corpos, estão preocupados.



Meu esforço não pode ter sido em vão, minha preciosa não pode me deixar. Zapo até ela, com cuidado lambo sua mão caída, implorando para ela não me deixar. Seu corpo não demonstra nenhum tipo de reação.

Não...

Ela está morrendo.

Um clarão se estende no meu campo de golfe, sinto a energia do meu mundo, e outra que não consigo identificar, pois um portal foi aberto.

E sei que Gael aprendeu a retornar para casa, meu sobrinho sai do círculo ao lado de dois seres, eles se teleportam até minha varanda.

Meus irmãos mantêm a distância.

Ambos vestem branco, um tipo de túnica até os joelhos, não há nenhum traço de áurea maligna neles, pelo contrário tudo o que sinto é pureza e inocência.

Os únicos seres que ouvi falar com tamanha pureza são os guardiões.

Mas como?

Como Gael conseguiu entrar em contato com eles dessa forma?

— Oi tio, esse é o Bel. — Ele segura na mão do Guardiã de cabelos longos até os ombros, loiros e traços finos, olhos azuis e cristalinos, magro e não muito alto, na aparência de um jovem de dezoito anos, porém eu sei o quanto são velhos, mas não tem maldade, se assemelham a mentalidade de uma criança quando o assunto não esteja envolvido a protocolos e leis do nosso mundo... — E esse é o Zaki.

O outro...

Então esse é o Zaki, meu antigo guardião. Zaki tem cabelos longos também, porém castanhos escuros assim como seus olhos, se vestem igualmente e tem quase o mesmo tamanho.

— *Por que estão aqui?* — pergunto.

— Porque você violou as nossas leis, matando um Supremo — diz Zaki. — E a caminho encontramos o próximo Supremo, violando a lei no seu antigo mundo.

— Eu só estava brincando no castelo. — Gael revira os olhos.

— Não foi apenas isso Gael, e você sabe. — Belenus diz, sua voz é baixa. — Não podem retornar para os seus mundos, e por ter matado o Supremo você será destituído, não será mais o sucessor.

Bufo, tremendo a minha boca grande. Não tenho interesse nenhum no trono, ignoro eles e deito a cabeça no colo da minha fêmea.

A chuva passa restando apenas a ventania.

— *Vão embora, estou em um momento difícil agora como podem ver.*

— Nosso plano falhou? Tia Danda está morrendo?

Gael faz uma voz chorosa.

— Venha aqui filhote. — Chama seu pai.

— Não. Eu não quero que ela morra, e nem você, tio. — Ele segura firme na túnica do seu guardião. — Bel faz alguma coisa!

— Eu não posso. Não podemos interferir no destino de vocês. Somos conselheiros e observadores, aplicamos a lei. — O guardião ergue a mão e desliza no ar, criando um painel com vários caracteres antigos aparecendo na sua frente. — Mas não há morte de nenhuma fêmea do Supremo aqui.

— Deixe isso Bel. Vamos retornar — Zaki diz.

— Mas e se isso interferir de alguma forma? Mathayus pode ter alterado as coisas de certa forma... Não há morte aqui. — Bel insiste.

— Por favor, Bel — Gael esconde seu rosto no manto do seu guardião — ou me ensine como fez com o passarinho, eu aprendo rápido.

— Você viu qual foi o preço Gael, não podemos alterar o destino de alguém sem estar disposto a pagar um preço. — Belenus se afasta do garoto.

— Seu covarde! — Gael o empurra e corre até o pai, Raony o abraça, confortando-o.

— Você quer ver sua mãe, Gael? — pergunta Ructon.

— Não!

Belenus retorna até o portal, caminha lado a lado com Zaki, até seus passos vagarosos parar antes de entrar no portal.

— O que está fazendo? — pergunta Zaki. Belenus não responde, ergue as mãos e faz com que a adaga voe em sua direção, e ela fica parada há alguns centímetros da própria mão. — Não faça isso Belenus!

A adaga fica coberta por um fogo azulado, e as cinzas dela voam ao vento.

— Está feito — diz Belenus.

Ele quebrou o feitiço!

Gael abre a boca tão surpreso com a alegria irradiando em seus olhos, sinto a energia vital de Dandara voltar.

Meu sobrinho corre em direção ao campo, para encontrar o guardião.

Belenus se curva com a mão no pescoço como se estivesse acabado de receber um golpe. Seu amigo guardião preocupado pergunta:

— Você está bem?

— Sim, Rudá ficará responsável por instruir o novo Supremo, não nos decepcione.

— Uau... Obrigado Bel, obrigado! — Gael grita sem entender ou dá atenção ao que seu guardião disse, Belenus não olha para trás, apenas desaparece quando o portal se fecha.

Lambo minha fêmea eufórico, feliz por ela recobrar os sentidos, ela reage aos meus toques se movimentando aos poucos.

— *Vou levá-la para dentro, ela precisa descansar.*

— Fico feliz que tudo deu certo. Vamos filhote, sua mãe está morrendo de saudades de você.

— Ok. Ok! — Gael grita ainda empolgado. — Não vamos mais falar de morte senhores, essa palavra não existe na nossa família. Escutem o seu

Supremo, oh, oh, oh!

Os meus irmãos riem.

Embora saiba que depois disso ele nunca mais venha ter contato com o seu guardião. E provavelmente Belenus receberá alguma punição por ter interferido em nossas vidas.



EPÍLOGO

Ele anjo - Demônios reais

Algumas semanas depois...

Meus sobrinhos brincam em volta da piscina, hoje é um dia especial eu e Dandara decidimos nos casar. Ainda está cedo para o início da cerimônia, mesmo o quarto ao lado estando agitado com as garotas, e vai ser assim o dia todo, pois tanto a Grace como Desirée ajudam Dandara a se arrumar.

Zapo até a cozinha, e espio para o lado de fora, Wilker empurrou Elder na piscina e ri de maneira perversa, assim como Gael.

Acho que ele se acostumou com a ideia que não vai mais voltar a falar com o seu guardião, depende de mim ensinar as coisas para ele, há muita bondade e inteligência nele, Gael será um bom Supremo.

E a ideia dele ser meu superior um dia não me causa desconforto algum,

eu serei eternamente grato porque se não fosse por ele, Dandara estaria morta.

— Meu tio não pode saber é surpresa para lua de mel Elder! — diz Wilker.

— Tá, mas o que é lua de mel? — pergunta Elder saltando para fora da piscina, todos estão apenas de bermudas.

— Não sei, mas deve ser algo muito doce — responde Wilker.

— E brilhante como a lua. — Continua Gael.

Eles dizem um "*Humm*" em conjunto.

Mas o que eu não posso saber?

Ao me notarem na cozinha os garotos me encaram constrangidos.

— Vamos correr na floresta! — Elder diz. — Quem chegar por último cheira a meia do tio Ructon!

— Eca! — Wilker grita correndo também.

Gael segue os dois ultrapassando-os com facilidade, bem mais para frente no meio da floresta dois lobos correm deixando Wilker para trás.

Já é quase fim de tarde e a cerimônia vai acontecer aqui mesmo, algo em família. Não há humanos ao redor, eles virão mais tarde no horário da festa inclusive o pai de Dandara, sua tia e uma amiga humana que ela tem.

Dandara anda muito ansiosa esses dias, não apenas isso como ruim do estômago, zapo até seu quarto querendo confirmar algo que suspeito e acho que ela também, ou já sabe.

Grace está com o cabelo cheio de grampos rosas, maquiada e de roupão assim como Desirée, as três com o mesmo roupão de banho.

Minha fêmea está maquiada e ainda não se vestiu com o seu vestido de noiva, porém está perfeita, muito linda e casaria com ela do jeito que se encontra, ela usa o mesmo conjunto de joias que lhe presenteei. E me disse que vai usá-los em todas as datas especiais.

— Meninas, vocês podem me dar licença?

— Claro, vou pegar algumas coisas lá em casa. — Grace passa o braço em torno do ombro de Desi. — Vamos comigo!

Depois que elas saem, me aproximo da minha futura esposa, seguro sua

mão e beijo.

— Tem algo para me contar?

Ela ri.

— E como sabe?

— Os garotos.

Ela revira os olhos.

— Não dá para esconder nada deles.

Deixo minhas unhas crescerem, arranho a palma da mão dela, e não demora muito para o arranhão cicatrizar:

— Você está grávida.

— As meninas me contaram desse ritual também, de arranhar a mão e tal... — Não a deixo completar, abraço fortemente, suspendo seu corpo um pouco do chão, ela ri, rodopio. — Era para ser uma surpresa!

— Esse foi o momento mais perfeito para saber disso. — Seus olhos estão iluminados. — Eu te amo, acredite darei o meu melhor para ser um bom esposo para você e um bom pai para o nosso filhote.

— Eu sei! — Ela toca em meu rosto. — Também me contaram de outro ritual, e esse até agora você não fez...

Franzo o cenho com dúvidas, mas conhecendo minha fêmea e seu cheiro de excitação, deixo a minha verdadeira forma aparecer. Meus chifres crescem, ela não fica assombrada, tiro a minha camisa branca, e noto que ficou um pouco manchada da sua maquiagem.

— Eu amei. — Com carinho passa a mão em minha testa, segura meu chifre. — Eu amo você.

Tomo seus lábios, nos beijamos fervorosamente, fizemos amor até anoitecer, odeio atrasos, mas hoje quero quebrar as regras, Dandara disse que o noivo não pode atrasar, mas ela me deixou com mais desejo da lua de mel ainda, depois de uma cavalgada enquanto segurava meu chifre. Me deixando com gostinho de quero mais.

Todas as pessoas que considero importantes na minha vida fizeram parte desse dia especial. Não precisamos de ninguém para guiar a cerimônia, fizemos nossos votos para nós mesmos, e colocamos a aliança.

A celebração continuou o restante da noite, Dandara trocou um vestido e mesmo sabendo que ainda é muito cedo para ela ter barriga me vejo olhando para ela, tocando nela. Ainda sem acreditar que um ser que tem toda a minha devoção cresce em seu ventre.

Meses depois...

Meses se passaram, o quarto da criança foi decorado, um macho, e hoje minha fêmea começou a ter as contrações. A ajuda ir até o nosso quarto, meu filhote tem uma energia diferente, mais delicada e ao mesmo tempo marcante, demonstrou o quanto é forte causando alvoroço e desconforto na mãe.

Dandara controla a respiração.

Lá fora cai uma tempestade, a ajuda a se sentar na cama, sentindo a presença dos meus outros irmãos na casa.

— Amor fique aqui por alguns minutos, eu já volto — digo para ela.

— Tudo bem.

Ela parece plena, embora às vezes seu rosto se contorça em algumas caretas de dor, zapo até a sala e meus irmãos estão fazendo uma algazarra, servindo-se de vinho, suas mulheres estão mais apreensivas e os filhotes curiosos.

— Está na hora. Vamos Ructon?

— Certo, certo, vamos Grace. — Ructon passa por mim.

— Onde pensa que vai Rudá? — Grace pergunta.

— Ajudar no parto...

— Não mesmo! Deixa com a gente, você fez o parto dos seus sobrinhos, chegou a nossa vez de retribuir, fica aí sentadinho... — Grace empurra meu peitoral.

Meus irmãos riem.

— Eu quero ver o filhote nascer! — Gael pede.

— Não, fique aí pestinha daqui a pouco eu volto. — Grace arrasta Ructon.

Isso não é bom, não que eu duvide da capacidade deles, mas é meu filhote quero ter certeza que ele vai ficar bem.

Zapo para a porta de entrada do quarto chegando antes que eles, Grace quase revira os olhos para mim antes de entrar no quarto e fechar a porta na minha cara.

Fico rodando na frente do quarto de um lado para o outro, logo a plateia se multiplica quando todos zapam para frente do quarto também, algumas horas de contração e chegou o momento do filhote nascer.

Minha fêmea grita de dentro do quarto tento zapar para ficar ao lado dela, mas Jandir me segura. Espero eles se distraírem e consigo entrar no quarto.

— Ah, mas você é um teimoso — fala Grace.

— Quero ficar com ela.

Dandara faz esforço, seguro sua mão com força, ela não presta atenção em mim, mas persistentemente encara Grace Jane e Ructon entre suas pernas.

— Só mais um pouquinho querida, já estamos vendo — diz Grace.

— Vamos lá amor!

Ela faz que sim, coberta de suor e determinação ela faz mais um esforço, sinto o quanto coloca força, e consegue, ouvimos o som da voz do nosso filhote pela primeira vez, berrando como um filhote saudável.

— Oh minha nossa! — Grace segura o meu filhote, meu coração parou por um momento, atordoadado.

— Algum problema?

Ructon se afasta e bate palmas, depois de cortar o cordão umbilical cobre ele com uma toalha de algodão limpa.

— Saia Rudá, vamos limpar a Danda! — fala Ructon. — Está tudo bem.

— Quero vê-lo...

— Sai amor, daqui a pouco você volta.

— Não faz sentido nenhum — digo irritado, antes de sair.

Zapo para fora do quarto, depois de meia hora abrem a porta do quarto, finalmente!

— Só o pai por favor... — Grace cantarola.

Ructon sai do quarto em seguida, entro às pressas para ver meu filhote, Dandara está limpa e com ele nos braços, suspiro aliviado por ter dado tudo certo.

Com tantas emoções agradáveis dentro de mim.

Me sentindo o homem mais completo do mundo, beijo a testa da minha fêmea, e descubro mais o rostinho dele da manta.

Não dá para ver a cor dos seus olhos, pois eles estão fechados, alertei Dandara que tigres nascem cegos, e ficam completamente cegos na sua primeira semana de vida.

Os cabelos são bem ralinhos, pele rosada, e com dobrinhas. Ele nasceu com o peso ideal, maior que os meus sobrinhos.

Ele é um tigre afinal de contas.

— Quer segurar? — pergunta Dandara.

— Sim. Precisamos decidir o nome da lista...

— Acho que os nomes que escolhemos não vão servir... — Ela abre mais o sorriso.

Sem entender o motivo dela ter falado isso, seguro sua mão pequena, pele tão macia e meus olhos se enchem de lágrimas. Ele segura meu dedo e estica a perninha reagindo ao meu toque.

Então percebo que não se trata de um macho, mas de uma pequena fêmea.

Troco um olhar com Dandara, com a emoção crescendo dentro de mim.

Uma lágrima brota, e desce em meu rosto.

Acho que nunca chorei, eu vivi muito, e senti inúmeras amarguras. Entretanto, estou chorando, pois eu nunca vivi algo tão grandioso e sublime. Nunca experimentei tamanha felicidade.

— Ela é um milagre — falo com a voz baixa, temendo assustá-la de alguma forma.

— Nossa tigresa.

Não se ouviu falar do nascimento de uma filhote fêmea há muito tempo, minha filhote é a esperança de um novo mundo, não vejo marca alguma de que ela será predestinada de alguém, isso só pode significar que um humano,

ou até mesmo alguém da nossa espécie seja o predestinado dela.

E as coisas só melhoram, talvez um dia possamos retornar para o nosso mundo com o nascimento de mais fêmeas.

— Qual será o seu nome? — Me sento na cama ainda com minha filha em meus braços, ela tem uma boca pequena, quase não se vê.

— Eu pensei em Aurora, era o nome da minha avó e o segundo nome da minha mãe.

— Achei perfeito. A deusa do amanhecer, anuncia a chegada do sol, uma luz para o novo mundo. Esperança.

— Sim, você está feliz, não é? Não vai haver nenhum problema para o seu povo já que ela é fêmea...

— Não amor, ela é perfeita. — Coloco minha filhota na cama ao lado da mãe. — Vamos redecorar seu quarto, na verdade, vamos fazer um novo quarto para ela. Com tudo que tem direito.

— Estou ansiosa para que ela abra logo os olhos, quero tanto ver a cor deles.

Beijo Dandara em seus lábios, e me deito na cama deixando nossa criança no meio.

— Ela vai abrir, mas ela pode nos sentir, ela nos ouve, é importante ter cuidado com nossas emoções perto dela, ela é mais sensível do que o normal.

Fico ao lado delas na cama, Dandara tira um cochilo e Aurora quase não faz barulho. E eu me deleito da paz e felicidade que é ter as duas.



CAPÍTULO EXTRA

Ele anjo - Demônios reais

Minha linda filhota hoje faz cinco anos de vida, o tempo passou tão rápido, mas ainda tenho na minha memória a primeira vez que Aurora abriu os olhos, ela herdou a cor dos meus olhos, porém ela tem muito de Dandara e isso me alegra.

Ela me pediu um passeio de cavalo, temos uma égua chamada Santinha e um cavalo chamado Perigo, comprei depois que me casei com Dandara, foi um dos meus presentes de aniversário de casamento, ela que os batizou com esses nomes.

Seguro Aurora pela cintura, a deixando em minha frente, damos uma volta em torno da fazenda, guio o cavalo com cuidado.

— Está gostando do passeio?

— Sim papai.

Beijo sua cabeça, ela tem o meu tom de cabelos também, castanhos bem

escuros.

Sua voz é meiga, amo tanto minha filha não poderia ter sido melhor, o melhor presente do mundo é ser pai de Aurora, acompanhei de perto cada passo que ela deu, me encantando cada dia por tudo que ela é.

Dandara nos aguarda no jardim, que antes era o campo de Golfe, ela se dedica cuidando da administração do celeiro, embora tenha muitos funcionários humanos.

Estamos de mudança, essa é a nossa última semana nesta casa, pedimos para construir uma casa na vizinhança dos meus irmãos, e tão grande quanto essa com um espaço livre para minha filhota crescer ao lado dos primos.

O jardim está decorado para a festa, balões, algumas mesas e cadeiras, brinquedos, bolo e salgados que Grace fez embora seja uma festa mais íntima, apenas para minha família.

Aurora chega de cavalo comigo com um sorriso inocente em seu rostinho, Dandara carrega ela, o vestido rosa dela fica preso em minha perna.

— Ora papai, tenha cuidado!

Salto do Perigo segurando sua cela.

— Até agora estava gostando do passeio.

— Mas tenho que ficar bonita é o meu aniversário.

— Você sempre é linda Princesa.

Grace se aproxima da gente, dá um meio abraço em Dandara, pois ela agora tem um barrigão. Isso mesmo, grávida de novo.

Gael já é um adolescente, que corre das fêmeas humanas até mesmo bem mais velha que ele.

— Feliz aniversário minha linda. — Desirée se curva e beija Aurora no colo da mãe.

Aurora é tão pequena, delicada... Entretanto, consegue se transformar em tigresa e sair por aí aterrorizando os humanos na fazenda.

Eu não me preocupo tanto com o trabalho, nada além de continuar zelando pelo tesouro da família e fazendo se multiplicar para a futura geração. Sabendo que minha maior riqueza é a minha família.

Ah... Não desisti da construção de Valhala, ela começou há dois anos,

mesmo com planejamento de anos, sempre acontece imprevisto, porém daqui da fazenda conseguimos enxergar uma cidade se erguendo.

Aos poucos vamos tomar nosso lugar. Nunca perdendo a esperança.

Todos seguem para a festa, Dandara coloca Aurora no chão, arruma seu cabelo.

— Eu amo vocês dois. — Minha fêmea passa o braço em torno da minha cintura.

— Eu também querida. — Retribuo o carinho deslizando as mãos em suas costas. — Vocês duas são tudo de mais precioso que tenho.

Trocamos um olhar, parece que vivemos em uma eterna lua de mel, sempre querendo mais um do outro, às vezes tenho que me ausentar da fazenda por alguns dias, e quando volto a melhor coisa é ter as duas esperando por mim.

— Vamos, vamos hoje é o meu parabéns!

Seguramos a mão da nossa filhota e caminhamos para mais perto da família, o sol está se pondo.



Ao final da festa minha filha gastou toda energia, e olhe que ela tem muita, dormiu em meus braços a levo para a cama em seu quarto, Rudá zapa no quarto também, com duas sacolas enormes na mão com os presentes que ela ganhou no aniversário.

— Vou deixar aqui para quando ela acordar abri-los.

Fizemos um quarto de brinquedos para ela, adaptamos para ela poder brincar com seu lado tigresa, escalar as coisas e morder. As primeiras semanas de transformação Aurora mordeu e destruiu boa parte dos móveis do pai.

Era engraçado ver o Rudá tentando explicar para ela que aquilo era uma relíquia, contando a história de cada um, no final ele teve que mandar muitos deles para recuperação.

Meu marido desprende a gravata, desabotoa alguns botões da camisa.

— Vamos para o quarto, você precisa descansar, essa semana de mudança vai ser corrida.

— E quem disse que eu quero descansar?

— Estava contando com isso.

Rimos, ele segura minha mão e zapamos para o nosso quarto, se for falar em palavras como minha vida segue atualmente, segue de maneira perfeita. Mesmo com todos os nossos desentendimentos de casal que ocorre com mais frequência do que um casal normal, aprendemos, nos adequamos um ao outro. E para mim nossa relação e nossa família é linda. É perfeita.



F I L M

**SIGA A AUTORA PARA SABER AS NOVIDADES DOS PRÓXIMOS LIVROS DA
SERIE *DEMÔNIOS REIAS*:**

WATTPAD: <https://www.wattpad.com/user/ElieAnjo>

INSTAGRAM: <https://www.instagram.com/elie—anjo/?hl=pt—br>